

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

MARA REGINA THOAZI

HOSTEL: TERRITÓRIO DE HOSPEDAGEM
MARCA DO PELA TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL

CAXIAS DO SUL
2019

MARA REGINA THOMAZI

HOSTEL: TERRITÓRIO DE HOSPEDAGEM
MARCADO PELA TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora Prof^ª Dr^ª Maria Luiza Cardinale Baptista

CAXIAS DO SUL
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

T465h Thomazi, Mara Regina

Hostel : território de hospedagem marcado pela trama turístico-
comunicacional / Mara Regina Thomazi. – 2019.

197 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2019.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

1. Turismo. 2. Hotéis. 3. Comunicação. I. Baptista, Maria Luiza Cardinale,
orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.488.2

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional

Mara Regina Thomazi

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 03 de maio de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Luciane Todeschini Ferreira
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Marutschka Martini Moesch
Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por toda luz recebida durante essa viagem. Aos meus pais, por todo o suporte. Ao meu irmão, que sempre foi exemplo de dedicação. Ao meu esposo, por todo o apoio e por compreender as ausências. Ao Matteo, que está a caminho, e já me dá tanta motivação para seguir em frente. Aos meus amigos, por entenderem o “Não posso, tenho que escrever”. À minha orientadora, Maria Luiza Cardinale Baptista, pelos ensinamentos e instruções, para que eu conseguisse fazer um bom trabalho, durante todo o processo no mestrado e nesta dissertação. Aos professores do PPGTURH, em especial, às professoras Márcia Maria Cappellano dos Santos e Susana de Araújo Gastal, que participaram da minha banca de qualificação e contribuíram muito para esta pesquisa. À Bruna, Carin, Gabriel, Iara, Lisele, Luana e Natália, turma 17 do Mestrado, que foram apoio e mostraram empenho conjunto durante essa caminhada. À Regina de Azevedo Mantesso, por sempre auxiliar com um sorriso no rosto. Aos entrevistados desta pesquisa, por se mostrarem tão dispostos a contribuir com a mesma. À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro, durante o percurso do mestrado.

*“O que eu sou
Eu sou em par”*

Não cheguei

Não cheguei sozinho, não não”

(Carlos Posada e Oswaldo Lenine Macedo Pimentel)

Já me arrependi de carros ou
imóveis que comprei, de
relacionamentos amorosos, de
comidas que experimentei, de
pessoas com quem conversei,
mas nunca me arrependi de
uma viagem que fiz.

*Luiz Gonzaga Godoi Trigo
(América e outras viagens)*

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral apresentar sinalizadores da relação do *hostel*, como território de hospedagem, com a trama turístico-comunicacional. Em termos teóricos, tem abordagem transdisciplinar, englobando o Turismo e a Comunicação, numa perspectiva complexo-ecossistêmica. A estratégia metodológica utilizada é a Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014), envolvendo uma trama de trilhas a serem percorridas para a efetivação da pesquisa: saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção, com definição de aproximações e ações investigativas e dimensão intuitiva da pesquisa. Como aproximações, foi realizado, o resgate de saberes pessoais, com registro em diário de pesquisa, cartografia bibliográfica, rodas de conversa com o grupo de pesquisa, aproximações com o campo, com conversas informais com proprietários e hóspedes de *hostels*. A usina de produção envolveu também o processamento desses registros de visitas a *hostels* e a produção de 18 relatos de experiência da pesquisadora. Além disso, foram feitas 47 entrevistas, sistematizadas em coerência com os objetivos. Com base no referencial teórico e nos dados de campo, a pesquisa demonstra que o *hostel* se constitui como meio de hospedagem, em alinhamento às tendências de transformação do turismo e do setor de hospedagem. Os sinalizadores, que indicam as singularidades desse meio, remetem à busca de adequação às condições contemporâneas, bem como ao resgate de valores e ao aproveitamento de dispositivos da trama comunicacional, desde a interação direta até a utilização de recursos tecnológicos da trama midiática. Esta pesquisa vincula-se ao Amorcomtur! – Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese!, e também ao projeto “Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores Teórico-Metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Brasil). A pesquisa teve o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Palavras-chave: *Hostel*. Turismo. Comunicação-Trama. Turismo-Trama.

ABSTRACT

This master's thesis has the general aim of presenting signs of the hostel's relations, as territory of lodging, with the tourist-communicational weave. In theoretical terms, it has a transdisciplinary approach, encompassing Tourism and Communication, in a complex-ecosystemic perspective. The methodological strategy used is the *Cartografia de Saberes*, proposed by Baptista (2014), involving a weave of ways to be covered for the research effectiveness: personal knowledge, theoretical knowledge, production, with approximations and investigative actions and research's intuitive dimension. As an approximation, the personal knowledge comes up, with bibliographic search, conversation with the research group, approximations with the field, informal conversations with owners and guests of hostels. The research also involved the processing of these visits to hostels and the production of 18 experience's narratives. In addition, 47 interviews were done, systematized in accordance with the objectives. Based on the theoretical knowledge and the empirical data, the research shows that the hostel constitutes a type of lodging, in alignment with the transformation trends of tourism and the lodging sector. Signals, which indicate the singularities of this type of lodging, refer to the search for adequacy to contemporary conditions, as well as the recovery of values and the use of means in the communication weave, since the direct interaction and also the use of technological resources. This survey is linked to Amorcomtur! - Group of Studies in Communication, Tourism, Lovingness and Autopoiesis!, and also to the project "Tourist-Communication-Subjective Ecosystems: Theoretical-Methodological Flags, in the study of tourist-communicational-subjective ecosystems, considered from their characteristic ecosystem, chaotomic and autopoietic, "developed in the Post-Graduation Program in Tourism and Hospitality of the University of Caxias do Sul (Brazil). The research was supported by the Coordination of Improvement of Higher Education Personnel (CAPES).

Keywords: Hostel. Tourism. Communication-Weave. Tourism-Weave.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo	25
Figura 2 – Sinalizadores de Comunicação-Trama 1	26
Figura 3 – Sinalizadores de Turismo-Trama 1	26
Figura 4 – Matrizes Rizomáticas	27
Figura 5 – Sinalizadores de Comunicação-Trama 2	28
Figura 6 – Sinalizadores de Comunicação-Trama 3	29
Figura 7 – Sinalizadores de Turismo-Trama 2	30
Figura 8 – Tríade da comunicação.....	73
Figura 9 – Comunicação impossível e possível	74
Figura 10 – Trama subjetiva direta.....	78
Figura 11 – Trama rede-midiática	82
Figura 12 – Nova Iorque.....	84
Figura 13 – Nova Iorque: cenas	85
Figura 14 - Martha's Vineyard	86
Figura 15 – Martha's Vineyard: <i>hostel</i> e panquecas	87
Figura 16 - Washington D.C.....	88
Figura 17 – Vancouver	90
Figura 18 – Vancouver: cenas.....	92
Figura 19 – Seattle	92
Figura 20 – Mount Rainier e Seattle: cenas	94
Figura 21 – Washington D.C.	94
Figura 22 – Cusco	95
Figura 23 – Porto Alegre	97
Figura 24 – Buenos Aires	98
Figura 25 – São Paulo.....	100
Figura 26 – Rio de Janeiro	101
Figura 27 – Rio de Janeiro: cenas e registros no <i>hostel</i>	103
Figura 28 – Balneário Camboriú.....	106
Figura 29 – Balneário Camboriú: cenas no <i>hostel</i>	107
Figura 30 – Canela.....	108
Figura 31 – Canela: cenas no <i>hostel</i>	109
Figura 32 – Brumadinho.....	111

Figura 33 – Brumadinho: cenas no <i>hostel</i>	112
Figura 34 – Capitólio	114
Figura 35 – Capitólio: cenas no <i>hostel</i>	115
Figura 36 – Tiradentes	116
Figura 37 – Tiradentes: cenas no <i>hostel</i>	117
Figura 38 – Ouro Preto.....	118
Figura 39 – Ouro Preto: bilhetes no <i>hostel</i>	119
Figura 40 – Praia do Rosa.....	121
Figura 41 – Trama-síntese: análise dos relatos	128
Figura 42 – Faixa etária dos entrevistados	129
Figura 43 – País de origem dos entrevistados	131
Figura 44 – Onde nasceu e onde vive atualmente	131
Figura 45 – Brasileiros e locais de hospedagem.....	132
Figura 46 – Trama-síntese: análise das entrevistas.....	139
Figura 47 – Trama-síntese: análise geral.....	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ocorrências e sinais de transcrição.....	36
Quadro 2 – Períodos Históricos no Turismo.....	40
Quadro 3 – Proto-História do Turismo.....	40
Quadro 4 – Viagens Obrigatórias.....	41
Quadro 5 – Baixa Idade Média.....	41
Quadro 6 – Antecedentes do Turismo Moderno.....	42
Quadro 7 – Turismo Moderno.....	43
Quadro 8 – Turismo Contemporâneo.....	44
Quadro 9 – Turismo Recente.....	44
Quadro 10 – Características <i>hotel-hostel</i>	48
Quadro 11 – Profissão atual dos entrevistados.....	130

SUMÁRIO

1 BEM-VINDO! SINTA-SE EM CASA! (INTRODUÇÃO)	13
2 VAMOS FAZER O CHECK-IN? (ESTRATÉGIA METODOLÓGICA)	17
2.1 A CARTOGRAFIA DE SABERES	17
2.2 SABERES PESSOAIS	20
2.3 SABERES TEÓRICOS.....	22
2.4 USINA DE PRODUÇÃO.....	23
2.4.1 Episódios	24
2.4.2 Entrevistas	31
3 QUE LUGAR É ESSE? (Hostels)	38
3.1 HOSPEDAGEM.....	38
3.2 SURGIMENTO E EXPANSÃO DOS HOSTELS.....	45
3.3 CARACTERÍSTICAS.....	48
4 E ESSA REDE... (TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL)	55
4.1 DIMENSÃO TRAMA.....	55
4.2 TURISMO-TRAMA	57
4.2.1 Aspectos Contemporâneos do Turismo	57
4.2.2 Espaço, Território e Desterritorialização	61
4.2.3 O Sujeito Turista do (e no) Hostel	64
4.3 COMUNICAÇÃO-TRAMA	71
4.3.1 Pressupostos conceituais	72
4.3.2 Trama subjetiva direta	75
4.3.3 Trama rede-midiática	78
5 VAMOS PREPARAR UM CALDO? (APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS)	83
5.1 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	83
5.1.1 Episódio Um: Nova Iorque (Estados Unidos), abril de 2013.	83
5.1.2 Episódio Dois: Martha's Vineyard (Estados Unidos), maio de 2013...	86
5.1.3 Episódio Três: Washington D.C. (Estados Unidos), maio de 2013.....	88
5.1.4 Episódio Quatro: Vancouver (Canadá), agosto de 2013.....	90
5.1.5 Episódio Cinco: Seattle (Estados Unidos), agosto de 2013.	92
5.1.6 Episódio Seis: Washington D.C. (Estados Unidos), agosto de 2013..	94

5.1.7 Episódio Sete: Cusco (Peru), janeiro de 2015	95
5.1.8 Episódio Oito: Porto Alegre (Brasil), janeiro de 2016	96
5.1.9 Episódio Nove: Buenos Aires (Argentina), fevereiro de 2016.....	98
5.1.10 Episódio Dez: São Paulo (Brasil), setembro/outubro de 2016.	99
5.1.11 Episódio Onze: Rio de Janeiro (Brasil), julho de 2017.....	101
5.1.12 Episódio 12: Balneário Camboriú (Brasil), setembro de 2017.....	106
5.1.13 Episódio 13: Canela RS (Brasil), novembro de 2017.....	107
5.1.14 Episódio 14: Brumadinho (Brasil), dezembro de 2017.....	110
5.1.15 Episódio 15: Capitólio (Brasil), dezembro 2017, janeiro 2018.....	113
5.1.16 Episódio 16: Tiradentes (Brasil), janeiro de 2018.....	116
5.1.17 Episódio 17: Ouro Preto (Brasil), janeiro de 2018	117
5.1.18 Episódio 18: Praia do Rosa, (Brasil), março de 2018	120
5.2 ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA.....	122
5.3 ENTREVISTAS	129
5.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	129
5.5 ANÁLISE GERAL	139
HORA DO CHECK-OUT (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	145
REFERÊNCIAS.....	148

1 BEM-VINDO! SINTA-SE EM CASA! (INTRODUÇÃO)

A presente dissertação tem como proposta apresentar sinalizadores da relação do *hostel*, como território de hospedagem, com a trama turístico-comunicacional. Surge a partir de experiências e aprendizados, relacionados ao turismo, à comunicação e à hospedagem, em um cenário de grandes transformações. Tem-se percebido que essas mudanças vinculam-se às demandas do contemporâneo, no sentido de direcionamento para o coletivo, em detrimento da lógica individualista, que predominou no final do século passado. De modo geral, podem ser citados exemplos, como o *co-working*, espaço compartilhado de trabalho e o próprio Uber, aplicativo de transporte. Já na hospedagem turística, o *AirBnB*, hospedagem paga em residência, o *couchsurfing*, acomodação gratuita em moradia, são exemplos do que vem sendo chamado de economia colaborativa ou compartilhada.

Nesse sentido, também se percebe a emergência da demanda de experiências diferenciadas no turismo, com sujeitos buscando, hoje, muito mais do que um turismo comercial, restrito a aspectos materiais concretos. Evidencia-se a necessidade de ampliação de serviços, em situação de expressiva troca de cultura e boa prática de diversos valores, na trama complexa de relacionamentos que os sujeitos vivem no turismo.

No turismo de massa, o sistema de hospedagem tradicional – que também predomina em grande parte da produção teórica – possui algumas características específicas, como uma organização rígida em contexto geral, os serviços organizados segundo uma determinada lógica e a própria estrutura física. No caso da hospedagem, a avaliação por estrelas é feita de acordo com critérios como conforto, luxo e serviços oferecidos. Pode-se dizer, entanto, que tudo isso implica em custo para o hóspede. A questão preço, então, alia-se às tendências de questionamento de modelos hiperestruturados, impessoais, seguindo uma lógica industrial aplicada ao setor do turismo e, mais especificamente, de hospedagem.

Apesar de o *hostel* ser um estabelecimento que faz parte desse sistema turístico, ele se diferencia desse modelo, em alguns aspectos, e se configura como um meio alternativo de hospedagem. O *hostel*, além de ser uma acomodação de baixo custo, é um local que promove uma experiência diferenciada de hospedagem,

com ambientes compartilhados, onde é possível conhecer e conviver com diferentes sujeitos, vivendo, é claro, também os desafios do que isso significa.

Apesar do uso também do termo albergue, na academia e no mercado, utiliza-se, nesta pesquisa, *hostel*, em função de o termo ser mais difundido internacionalmente e não haver ambiguidade no nome, como o caso de albergue – vocábulo também utilizado para abrigo de pessoas sem moradia. Atualmente, *hostel* – ou ainda *hostal*, em espanhol – em linguagem universal, vem sendo compreendido como a acomodação em que há, em sua maioria, o compartilhamento dos quartos, com preço da diária mais barata. Por se tratar de um termo em inglês e não constar no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), usa-se a palavra *hostel* sempre em itálico.

Vale destacar que este estudo aborda uma área em expansão, no que diz respeito ao setor de hospedagens turísticas. Existem poucas produções científicas, no Brasil, diretamente ligadas ao assunto, especialmente com abordagem qualitativa – o que pôde ser percebido através do levantamento bibliográfico.

Assim, acredita-se que é importante entender o cenário contemporâneo em transformação e o *hostel*, como parte desse contexto, que pode ser pensado pelo viés econômico, social e cultural do turismo, mais especificamente da hospedagem.

Entende-se, nesta pesquisa, o turismo e o *hostel*, segundo uma lógica de trama complexo-ecossistêmica, tendo como base estudos desenvolvidos no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, no Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). O direcionamento de consideração do turismo, nessa perspectiva, se verifica, porque se entende que o caráter multifacetado do turismo se entrelaça à mutação das demandas dos sujeitos envolvidos com as práticas desterritorializantes, bem como a diversos fios sinalizadores que compõe a trama comunicacional, em sintonia com ecossistemas mais amplos.

Desse modo, busca-se compreender, também, neste estudo, aspectos do entrelaçamento da trama comunicacional à trama turística. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada para encontrar sinalizadores da Trama Turístico-Comunicacional, que envolve o sujeito viajante, em vários momentos durante a sua viagem.

Assim, a partir do objeto de estudo: **Hostel, como território de hospedagem, e sua relação com a trama turístico-comunicacional**, esta pesquisa pretendeu responder à seguinte questão-problema: **Quais são os sinalizadores da relação do hostel, como território de hospedagem, com a trama turístico-comunicacional?**

Tem, portanto, como objetivo geral: **Apresentar sinalizadores da relação do hostel, como território de hospedagem, com a trama turístico-comunicacional**. O desdobramento nos objetivos específicos ficou assim configurado:

1. Apresentar o hostel como território de hospedagem.
2. Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo, à Comunicação e ao *hostel*.
3. Identificar sinalizadores da Trama Turístico-Comunicacional em hostels, a partir de aproximações e ações investigativas.
4. Discutir a relação do hostel com a Trama Turístico-Comunicacional.

Para isso, na reflexão sobre as possíveis metodologias adequadas para a pesquisa, optou-se por utilizar a estratégica metodológica Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014), por se tratar de orientação pertinente à pesquisa qualitativa e ao pensamento complexo-sistêmico. A Cartografia envolve, em síntese, saberes pessoais, saberes teóricos e a usina de produção, com definição das aproximações e ações investigativas, e a dimensão intuitiva da pesquisa. Como usina de produção, são apresentados 18 relatos de experiência da pesquisadora e 47 entrevistas. A maior parte do texto é escrita utilizando a forma impessoal de linguagem. Em trechos muito específicos, com proposições de cunho estritamente pessoal, utiliza-se a primeira pessoa do singular.

Esta pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade, Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, na linha de pesquisa Turismo, Cultura e Educação. Está vinculada ao *AMORCOMTUR! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiése* e à uma pesquisa mais ampla chamada *ETC - ECOSSISTEMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS-SUBJETIVOS: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoiética*. A pesquisa teve o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. Depois da introdução, apresenta-se a estratégia metodológica; o terceiro capítulo abrange os *hostels* como território de hospedagem e suas características; o capítulo quatro trata da trama turístico-comunicacional; o quinto capítulo traz as aproximações e ações investigativas da pesquisa, com os relatos de experiência, as entrevistas e as análises. O uso de títulos duplos tem relação com o objeto de estudo, buscando fazer referência às suas singularidades, mas, ao mesmo tempo, mantendo títulos tradicionais, para facilitar a associação, ao leitor, que está apenas no início da 'hospedagem' nesta dissertação.

Seja bem-vindo!

2 VAMOS FAZER O *CHECK-IN*? (ESTRATÉGIA METODOLÓGICA)

Pelas peculiaridades do objeto de estudo e do lócus de pesquisa, é um grande desafio pensar a metodologia para este trabalho. As singularidades do *hostel* convocam à descoberta, porque se percebe diferentes práticas, nesse universo, se comparado ao meio tradicional de hospedagem. Isso também transforma o modo de pesquisar o Turismo e a Comunicação. Por isso, os próprios aspectos inerentes ao objeto de estudo desta pesquisa conduzem à escolha de uma abordagem metodológica qualitativa complexo-ecossistêmica (BAPTISTA, 2018b).

Em relação à pesquisa qualitativa, Flick (2009, p. 8) explica que “Esse tipo de pesquisa visa a abordar o mundo ‘lá fora’ [...] e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes”. Demo (2000, p. 152) diz que esse tipo de pesquisa “[...] quer fazer jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário, como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes”.

Os métodos de pesquisa ditos como convencionais certamente têm sua relevância; entretanto, na contemporaneidade, verifica-se a necessidade de reinvenção dos modos de investigar. Assim, buscou-se uma forma mais flexível de conduzir esta pesquisa, para auxiliar o encontro dos sinalizadores que estavam sendo buscados.

Para explicar como esta pesquisa foi produzida, considerou-se pertinente organizar este capítulo da seguinte maneira: apresenta-se a estratégia metodológica utilizada, a Cartografia de Saberes, e depois, abre-se para as trilhas que compõem a própria Cartografia, que são: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa, explicando, assim, como todo o processo se desenvolveu.

2.1 A CARTOGRAFIA DE SABERES

Nesta pesquisa, considera-se a dimensão de trama complexa do fenômeno, conforme estudos que vêm sendo desenvolvidos no Amorcomtur!, em sintonia com autores da Ciência Contemporânea (MORIN, 2003; CAPRA, 2003). Nesse sentido, a estratégia metodológica utilizada, como base, é a Cartografia de Saberes (Baptista, 2014), que se alinha aos pressupostos epistemológico-teóricos já citados, além de

Suely Rolnik (2011). Para entender, primeiramente, o conceito de cartografia, inicia-se com o pensamento de Rolnik (2011), o qual descreve que a cartografia é como um desenho, que se faz e se transforma, ao mesmo tempo em que se acionam certos afetos.

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos (ROLNIK, 2011, p. 23).

Segundo Rolnik (2011), o cartógrafo está sempre investigando, de diversas maneiras, na tentativa de encontrar dados que sejam úteis para sua pesquisa. Dessa forma, não existe um método a ser seguido, mas fundamentos que podem orientar e, assim, construir o conhecimento, pouco a pouco.

Desses fundamentos que orientam o cartógrafo, decorre o que Baptista vem chamando de “trama de trilhas”. “São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando” (BAPTISTA, 2014, p. 3). Segundo a autora, essa trama vai se construindo através de saberes pessoais, saberes dos outros (especialmente teóricos, que decorre de levantamento bibliográfico) e a vivência do pesquisador na área da pesquisa a ser realizada, com a definição de aproximações e ações investigativas.

O meu primeiro contato com a Cartografia foi no Amorcomtur!, em 2015, onde recorde ter sido bastante discutida a questão das metodologias de pesquisa e a Cartografia de Saberes, tanto suas questões teóricas como sua aplicação efetiva em pesquisas, principalmente nas áreas da Comunicação e do Turismo. Inicialmente, lembro que li o texto da Cartografia e entendi que era uma maneira mais flexível de pesquisar e, naquele momento, eu já estava começando a construir minhas próprias pistas de pesquisa.

Mais tarde, busquei aprofundamento dos aspectos teóricos e mais específicos da Cartografia e de outras estratégias e métodos. Nesse sentido, havia alguns conceitos que me causavam dúvida, em relação a como a Cartografia de Saberes se aproximava ou se diferenciava deles, principalmente a Etnografia e o Metáporo.

O primeiro deles, da antropologia, Angrosino (2009) explica que tenta entender um grupo de pessoas, seus comportamentos, costumes e crenças. É um

método que envolve observação participante, mas pode abranger uma combinação de técnicas para coleta de dados. Possui, assim, similaridades, mas também diferenças com a Cartografia, pois embora tenha sido feita, nesta pesquisa, a observação de um grupo, em alguns *hostels*, as entrevistas, em si, foram feitas individualmente, em ambientes diferentes. Outra questão que é proposta, nesta pesquisa, é não observar apenas os sujeitos, fato que explico mais adiante.

Ainda sobre a Etnografia, Angrosino (2009) descreve um conceito que pode ter relevância para esta pesquisa, no momento em que são relatadas as minhas experiências em *hostels*. Segundo o autor: “Autoetnografia, ou a ‘narrativa do self’, é uma forma literária híbrida e que o pesquisador usa a sua própria experiência pessoal como base de análise [...] para convidar o leitor a reviver as emoções experimentadas pelo autor” (ANGROSINO, 2009, p. 104).

Quanto ao segundo conceito, o Metáporo, é um procedimento de pesquisa descrito por Marcondes Filho (2013), que tem similaridades com a Etnografia, como o fato de ambos trabalharem com descrição. Além disso, a narrativa dos episódios que faço nesta pesquisa tem relação com o que o autor chama de “relato metapórico”: “[...] transportar para o registro não apenas o Acontecimento como também tudo o que o envolveu, material e imaterialmente, tentando repassar para o leitor a força, o ânimo, a vitalidade; em suma, *a vida* do evento comunicacional” (MARCONDES FILHO, 2013, p. 62). O Metáporo, porém, tem enfoque na ocorrência da comunicação e como ela repercute nos sujeitos e, nesta pesquisa, além da trama comunicacional, considera-se também a trama turística que envolve os *hostels*.

Existem, portanto, semelhanças entre a Etnografia, o Metáporo e a Cartografia de Saberes, como a ida a campo, a observação dos sujeitos, a lógica processual e o fato de saber que não existe controle do rumo dos acontecimentos e o resgate da autoria/subjetividade na investigação. O que a Cartografia sugere, então, é um olhar ecossistêmico complexo-processual, pois busca compreender os sujeitos, mas também o ambiente, em sentido amplo e conectado. Há foco no encontro de diferentes humanos – e não humanos também –, o que não é visível, intuições, sentimentos, etc. É algo que ultrapassa o universo do sujeito e, neste caso, o *hostel* também pode ser sujeito. A noção de subjetividade é relacionada à de produção, de algo que se produz na relação, no entrelaçamento. Assim, foi possível entender que essa estratégia metodológica propõe outra sensibilidade para o

conhecimento, um mundo de caminhos e de aproximações, e que ainda considera a subjetividade em todo o processo de pesquisa.

É importante dizer, também, que a Cartografia, além de não excluir outros métodos, não propõe uma ordem hierárquica ou sequencial, já que o acionamento e percurso nas trilhas podem acontecer de forma simultânea. Isso remete ao que Baptista (2017) vem chamando de matrizes rizomáticas, que significa, no âmbito da pesquisa, que as brotações são irregulares, às vezes autônomas, desafiando o pensamento e as práticas do pesquisador. Sua produção, portanto, segue a lógica do rizoma, que é definido por Guattari e Rolnik (2000) como o sistema de caules subterrâneos de plantas flexíveis, que podem fazer conexões transversais.

Ao encontro disso, tem-se o conceito de sinalizadores:

[...] não são apenas pontos, mas pontos de bifurcação, de geração de outros mundos, de outras trilhas. Nas matrizes rizomáticas, os pontos de bifurcação são os pontos de passagens e, também, de confluência, em que se tem as múltiplas possibilidades em potência (BAPTISTA, 2018b).

Embora esta dissertação tenha orientação qualitativa, é importante dizer que, nesta pesquisa, também são apresentados alguns elementos da quantificação, nas análises. Não fica limitado, no entanto, a exposição dos números em si. Considera-se, portanto, relevante sua apresentação, tendo em vista que são elementos de materialidade que ajudam a refletir sobre questões importantes da pesquisa.

Com isso, apresento, a seguir, uma das brotações do meu rizoma de pesquisa – que também é parte da Cartografia de Saberes – os Saberes Pessoais.

2.2 SABERES PESSOAIS

Uma das trilhas da Cartografia de Saberes, descrita por Baptista (2014), são os Saberes Pessoais, que são, em síntese, os saberes que cada pesquisador tem sobre o assunto que vai pesquisar. Isso também está em coerência com o termo *autopoiese*, que vem sendo abordado no grupo de pesquisa e tem coerência com o que alguns autores vêm discutindo, como forma de construir a pesquisa.

Auto, naturalmente, significa “si mesmo” e se refere à autonomia dos sistemas auto-organizadores, e *poiese* – que compartilha da mesma raiz grega com a palavra “poesia” – significa “criação”, “construção”. Portanto, *autopoiese* significa “autocriação” (CAPRA, 2004, p. 88).

Nesse sentido, é importante contar um pouco sobre a minha trajetória pessoal e profissional, bem como algumas inquietações e intuições que me levaram ao objeto de estudo proposto.

Entre as diversas opções de primeiro emprego que poderiam surgir para mim, aos 16 anos, houve a oferta em uma gráfica. Interessei-me pela área e, a partir disso, decidi que iria cursar Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, curso que iniciei no ano de 2006. De gráficas para agências de publicidade, logo cheguei ao final da graduação, em 2011.

No final de 2012, decidi fazer intercâmbio e foi em Boston, nos Estados Unidos, onde passei um ano de aprendizado intenso. No final de 2013, quando retornei a Caxias do Sul, a mesma agência, onde eu antes trabalhava, também estava de portas abertas. Nessa mesma semana de readaptações, fui convidada, pela diretora da escola onde eu estudava inglês, para lecionar inglês na escola. Foi tudo muito rápido e, no início de 2014, eu já estava em frente a uma turma, humildemente, auxiliando-os no processo de aprendizagem da Língua Inglesa.

Desde o término da graduação, eu já sabia que queria fazer mestrado, pois me interessava pela sala de aula, por pesquisa e sempre me senti muito bem no ambiente acadêmico. Iniciei, então, a reviver algumas situações do intercâmbio e as viagens que fiz, na busca por um assunto com o qual eu me identificasse. Assim, começaram a surgir lembranças dos *hostels*, nos quais eu estive hospedada. Falei da ideia da pesquisa no Amorcomtur!, que me ajudou a pensá-la como objeto de estudo, propriamente dito, para que eu pudesse me inscrever para o mestrado em Turismo e Hospitalidade.

No primeiro processo seletivo, não fui contemplada com bolsa de estudos e, por isso, optei por cursar disciplinas como aluna não regular, durante o ano de 2016, para, então, tentar novamente no ano seguinte. Nesse ano, com as disciplinas cursadas, me aproximei mais do Turismo, apresentei trabalhos em congressos, fiz aproximações com outras pesquisas e professores do curso, o que agregou muito para o meu estudo e para meu crescimento como mestranda

Em 2017, entrei oficialmente no programa de mestrado, como bolsista CAPES. No final do mesmo ano, apresentei a qualificação. As contribuições feitas pela banca – que foram de grande importância – deixo para relatar na próxima parte, em que apresento os Saberes Teóricos.

2.3 SABERES TEÓRICOS

A trilha dos Saberes Teóricos, de acordo com Baptista (2014), envolve a busca da “fala do outro”, expressa em pressupostos teórico-conceituais, que tragam mais informações para o tema pesquisado. Isso auxilia tanto para a procura pelos conceitos mais amplos, como para as subtemáticas. Assim, o pesquisador tem referências que vão orientá-lo para a realização da pesquisa. Köche (2010, p. 126) relata que “O objetivo fundamental de uma pesquisa exploratória é o de descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer”. Este é, portanto, um ponto de partida da viagem investigativa, necessário para ajudar a definir direções da pesquisa.

A busca bibliográfica desta pesquisa decorreu de procura em periódicos Qualis, banco de teses e dissertações da CAPES e livros, a partir das palavras-chave *turismo, comunicação, território, desterritorialização, hospedagem, hospitalidade, hostel, albergue, backpacker, flashpacker* entre outros. Especificamente sobre o tema *hostels*, constatou-se que as pesquisas nessa área no Brasil são escassas e, por isso, foi utilizada também a busca livre no Google, para localizar estudos sobre o tema. A ação gerou um processo em desdobramentos, já que algumas pesquisas encontradas possibilitaram a localização de outras, a partir das referências.

No exame de qualificação, ocorreram diversas percepções que auxiliaram no andamento desta pesquisa. Uma delas foi que, com a fala da professora Susana Gastal, percebi que *território* era algo importante nesta pesquisa e que merecia mais ênfase. Fui desafiada, também, a pesquisar sobre *hostels* na literatura internacional. Como muitos desses materiais requerem pagamento para *download*, o acesso foi limitado, mas, mesmo assim, tive acesso a muitos estudos relevantes.

Outra questão apontada na qualificação foi: “tirar o *hostel* do pedestal”. Com isso, entendi que não estava enxergando o *hostel* com total olhar de pesquisadora, mas, sim, como usuária. Russell (1996), citado por Mlodinov (2009), escreveu: “Todos começamos com o ‘realismo ingênuo’, isto é, a doutrina de que as coisas são aquilo que parecem ser”. Desse modo, percebi que deveria ter uma visão mais crítica, em relação ao meu objeto de estudo, e assim o conduzi dali por diante.

É importante contar também que, para a qualificação, foram levados, ambos como temas centrais, hospitalidade-amorosidade e comunicação-trama. Depois da

banca, foi feita uma retrospectiva de todo o processo da pesquisa, analisando objetivos e o que tinha sido produzido até aquele momento. Foi constatado que havia questões muito amplas e que não haveria tempo hábil para abranger tudo. Seria mais apropriado, portanto, focar na questão da Comunicação, enquanto os outros dois aspectos poderiam aparecer depois, como sinalizadores.

Nesse período – da banca de qualificação até a banca final – escrevi artigos, apresentei trabalhos para congressos, o que foi, naturalmente, auxiliando na reflexão sobre o tema que estava sendo estudando. Além disso, fiz mais imersões em *hostels* e conversei com mais pessoas sobre o assunto, o que é descrito com mais detalhes na parte que segue.

2.4 USINA DE PRODUÇÃO

Na pesquisa empírica relativa aos *hostels*, há uma trama sendo construída, em relação à hospedagem em *hostel*, no cenário do turismo contemporâneo. As aproximações e ações investigativas são o que Baptista (2014) chama de “usina de produção”, onde são acionadas práticas e técnicas de pesquisa, aplicadas em conjunto. Com isso, além dos Saberes Pessoais e Teóricos, entende-se que, por meio de uma série de aproximações e ações investigativas, é possível ter melhor compreensão, neste caso, dos sinalizadores da trama turístico-comunicacional que envolve a hospedagem em *hostels*.

É importante explicar, aqui, a diferença entre aproximações e ações investigativas, que está no nível do planejamento. No caso das aproximações, o pesquisador vai desenvolvendo algumas atividades iniciais, que possibilitam aproximar-se do campo de pesquisa, sentir, acionar a escuta sensível¹ do que o fenômeno pode oferecer. Entre essas atividades estão observação participante, conversas informais, produção de diário de pesquisa, levantamento preliminar de dados em diversos suportes, como internet, revistas, livros e, mesmo, em registros pessoais, como fotografias, ou produções midiáticas, como *flyers*, cartazes, etc.

No momento da banca de qualificação do mestrado, algumas aproximações em *hostels*, eu já havia feito. Também já havia utilizado outras formas de

¹ A escuta sensível é um conceito apresentado por Baptista (2016), tendo por base Carl Rogers e Reni Barbieri. Segundo Baptista, a escuta sensível deve transversalizar toda a pesquisa, no sentido de que é preciso ter sensibilidade para captar os mais variados sinais.

acomodação. Quando fui questionada, porém, sobre que experiências eu tinha em outros meios de acomodação, na hora, não soube responder. Depois do exame, comecei a listar essas hospedagens, com a ajuda de fotografias, entendendo que essas aproximações também eram importantes para a pesquisa. Foram, portanto, 17 experiências em hotéis, quatro em casas de amigos, três em pousadas, duas em *campings*, duas em casa alugada, duas com *hostfamilies* (em intercâmbios) e uma pelo AirBnb.

Durante as hospedagens em *hostels*, em diversos locais, conversei, informalmente, com alguns proprietários e/ou funcionários dos estabelecimentos. Além disso, também dialoguei com proprietário de *hostel* em Caxias do Sul, momento em que fui ao *hostel* unicamente para conhecer e conversar com ele. Como este último caso aconteceu no final de 2018, já com planejamento é, portanto, ação investigativa.

Logo, as ações investigativas são escolhidas e planejadas, em função dos dados preliminares dessas aproximações, como, por exemplo, o que já foi encontrado no material bibliográfico. Para isso, como sequência do campo, foi feito aprofundamento teórico, buscando compreender os diferenciais das trilhas teóricas, dos autores; foi discutido, novamente, em roda de conversa com o grupo de pesquisa; foram realizadas novas imersões em *hostels*, já considerados os sinalizadores que emergiram nas aproximações, para observações sistemáticas e realização de entrevistas. Os itens que seguem são divididos em episódios e entrevistas.

2.4.1 Episódios

Para a escrita dos primeiros relatos de experiências, foi feito, inicialmente, um resgate das lembranças do que havia sido vivido. No caso desses primeiros episódios, que aconteceram durante meu período de intercâmbio nos Estados Unidos, eu já havia escrito o relato, a princípio, de acordo com o que eu lembrava. Depois recordei, que durante esse período, eu mantinha um diário, que era um arquivo de *Word* onde eu registrava tudo o que acontecia. Então quando comecei a ler o que estava escrito, a respeito das viagens e dos *hostels*. Percebi muitos outros detalhes, que não tinham sido incluídos. Importante relatar que todo esse processo

envolveu, também, rever as fotografias das viagens, para que mais memórias pudessem vir à tona.

Já os episódios que aconteceram em 2015 eram mais recentes. Então foi possível escrever com mais detalhamento. A partir de 2016, as imersões começaram a ser feitas, já como pesquisadora. Nesse momento, as vivências eram registradas em diário de pesquisa e, nos dias subsequentes, quando retornava para casa, escrevia tudo em forma de relato.

A partir disso, foi feita a organização dos textos e criada discussão sobre as diferentes experiências, bem como a relação com a teoria e a decupagem das diversas cenas de situações vividas. Essas discussões aconteceram tanto em reuniões de orientação, como em conversa com o grupo de pesquisa. Além disso, alguns dos episódios foram apresentados em congresso (THOMAZI, 2017c), relatados em artigo científico (THOMAZI, 2017a), e discutidos nas próprias disciplinas do mestrado. Os 11 primeiros episódios foram levados para o exame de qualificação (THOMAZI, 2017b) e também discutidos pela banca, o que me gerou mais reflexão crítica sobre eles. Todos os relatos são apresentados na íntegra, em fonte itálica.

Depois de ter os relatos e análises escritos, discutidos e revisados, iniciei um processo de síntese. Para isso, inicialmente, a fim de auxiliar na verificação de questões comunicacionais, busquei Bardin (2004) em que, voltada à análise de conteúdo, apresenta um quadro em que são apontados códigos e suportes, referentes ao número de pessoas implicadas na comunicação.

Figura 1 – Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo

<i>Código e Suporte</i>	<i>Número de pessoas implicadas na comunicação</i>			
	<i>Uma pessoa (Monólogo)</i>	<i>Comunicação Dual (Diálogo)</i>	<i>Grupo Restrito</i>	<i>Comunicação de massa</i>
LINGÜÍSTICO Escrito	Agendas, maus pensamentos, congeminções, diários íntimos.	Cartas, respostas a questionários, a testes projectivos, trabalhos escolares.	Ordens de serviço numa empresa, todas as comunicações escritas trocadas dentro de um grupo.	Jornais, livros, anúncios publicitários, cartazes, literatura, textos jurídicos, panfletos.
Oral	Delírio do doente mental, sonhos.	Entrevistas e conversas de qualquer espécie.	Discussões, entrevistas, conversas de grupo de qualquer natureza.	Exposições, discursos, rádio, televisão, cinema, publicidade, discos.
ICÓNICO (sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes, etc)	Garatuñas mais ou menos automáticas, grafitos, sonhos.	Respostas aos testes projectivos, comunicação entre duas pessoas através da imagem.	Toda a comunicação icónica num pequeno grupo (p.ex.: símbolos icónicos numa sociedade secreta, numa casta...)	Sinais de trânsito, cinema, publicidade, pintura, cartazes, televisão.
OUTROS CÓDIGOS SEMIÓTICOS (tudo o que não sendo linguístico pode ser portador de significados. Ex.: música, código olfactivo, objectos diversos, comportamentos, espaço, tempo, sinais patológicos, etc).	Manifestações histéricas da doença mental, posturas, gestos, tiques, dança, colecções de objectos.	Comunicação não verbal com destino a outrem (posturas, gestos, distância espacial, sinais olfactivos, manifestações emocionais, objectos quotidianos, vestuário, alojamento...), comportamentos diversos, tais como os ritos e as regras de cortesia.		Meios físico e simbólico: sinalização urbana, monumentos, arte...; mitos, estereótipos, instituições, elementos de cultura.

Fonte: Bardin (2004, p. 30)

Vale ressaltar que o quadro foi utilizado, como orientação, para pensar a sistematização, sendo necessárias adaptações, em função de algumas questões teórico-conceituais. O item *Comunicação de Massa*, por exemplo, considerou-se apropriado mudar para *Rede Midiática*, para abranger a comunicação de maneira mais ampla. A partir disso, iniciei mais uma reflexão dos episódios, em que comecei a relacionar cada situação com um dos códigos e suportes propostos por Bardin, que é apresentada na figura 2.

Figura 2 – Sinalizadores de Comunicação-Trama 1

SINALIZADORES DE COMUNICAÇÃO-TRAMA				
	<i>Monólogo</i>	<i>Diálogo</i>	<i>Grupo</i>	<i>Rede Midiática</i>
ORAL	Espécie de diálogo interior na busca da solução na sensação e condição de estar perdida.	Conversas iniciadas a partir de anotações sobre como chegar ao <i>hostel</i> . Pedido de informações para outras pessoas e agradecimento. Informações no <i>check-in</i> do <i>hostel</i> . Conversa com outros hóspedes. Compra de tour próximo ao ônibus turístico, com vendedores, na rua. Pedido de informação para o motorista do ônibus.	Pedido de informação para pessoas que estavam dentro do metrô. Conversa com grupo de hóspedes. Muitos vendedores de passeio turístico nas ruas.	Tentativa de ligação telefônica da empresa do <i>tour</i> para mim.
ESCRITO	Anotações para chegar à hospedagem. Anotações para locomoção pela cidade.	Anotações sobre como chegar ao <i>hostel</i> foram apresentadas às pessoas, para iniciar a conversa.	Identificação (nomes dos hóspedes) nos alimentos que ficam na cozinha. Biscoitos identificados foram deixados na cozinha. Cartaz na cozinha indicando que cada um deveria lavar sua louça.	Pesquisa e compra de <i>tour</i> pela internet. Reserva da acomodação pela internet.
ICÔNICO	Encontro com cenas da cidade: passarela escura à noite, cemitério, homens de preto com chapéus (<i>judeus</i>). Fotografias produzidas pela viajante.			Placas de rua, placas no metrô. Mapa da cidade.
OUTROS	Medo de estar perdida. Bloqueio para não atender o celular.	Atenção quanto às atitudes das pessoas no metrô e no ônibus. Observação de apenas uma mesa longa na cozinha do <i>hostel</i> e espaços de uso compartilhado (TV, jogos, espaço leitura).		Celular sem internet.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2018), com base em Bardin (2004).

Foi feito também, outro quadro, para os Sinalizadores de Turismo-Trama. Para a sua elaboração, pensou-se nas atividades e serviços relacionados à prática turística, que são pistas para entender o processo do turismo e das viagens. Esse quadro abrange, portanto, motivo da viagem, transporte, hospedagem, alimentação, lazer e convivência, como apresentado na figura 3.

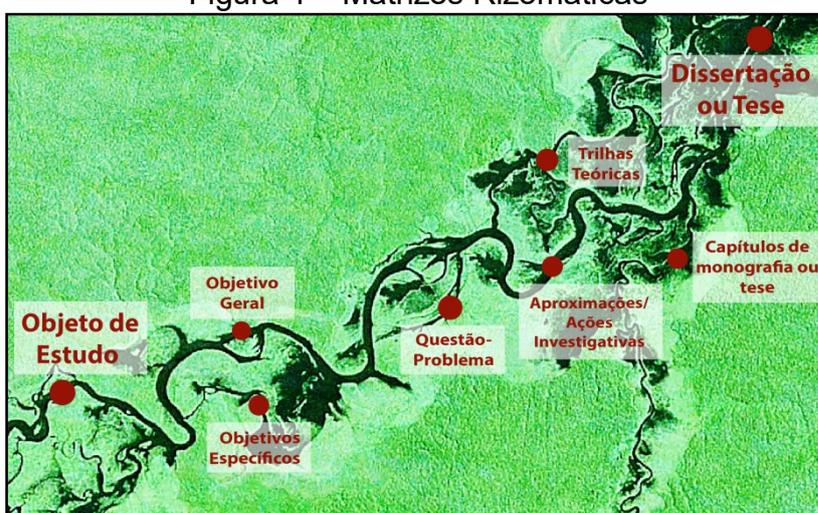
Figura 3 – Sinalizadores de Turismo-Trama 1

SINALIZADORES DE TURISMO-TRAMA					
<i>Motivo da viagem</i>	<i>Transporte</i>	<i>Hospedagem</i>	<i>Alimentação</i>	<i>Lazer</i>	<i>Convivência</i>
Viagem a lazer.	Alternativo: ônibus e metrô tanto para locomoção na cidade. Utilização de táxi, no momento em que estava perdida.	Dormitório compartilhado. Cozinha. Espaços compartilhados.	Café da manhã no <i>hostel</i> . Lugares próximos de onde estava ou de baixo custo para almoço. Jantar na cozinha do <i>hostel</i> .	<i>Tour</i> pela cidade.	Conversa com outros hóspedes. Contato com moradores locais. Percepção de diferença cultural.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2018).

Depois de desenvolver os quadros referentes aos dois primeiros episódios, percebeu-se que, talvez, não fosse a maneira mais apropriada apresentar aquelas informações, devido, primeiramente, à própria estratégia metodológica proposta nesta pesquisa. Com base nisso, se começou a pensar qual forma poderia ser utilizada para demonstrar essa mesma síntese. Para tal fim, foi utilizada, como suporte, a imagem das matrizes rizomáticas, presente em texto de Baptista (2017), que apresenta o traçado dos rios amazônicos, para sinalizar o fluxo de pesquisa.

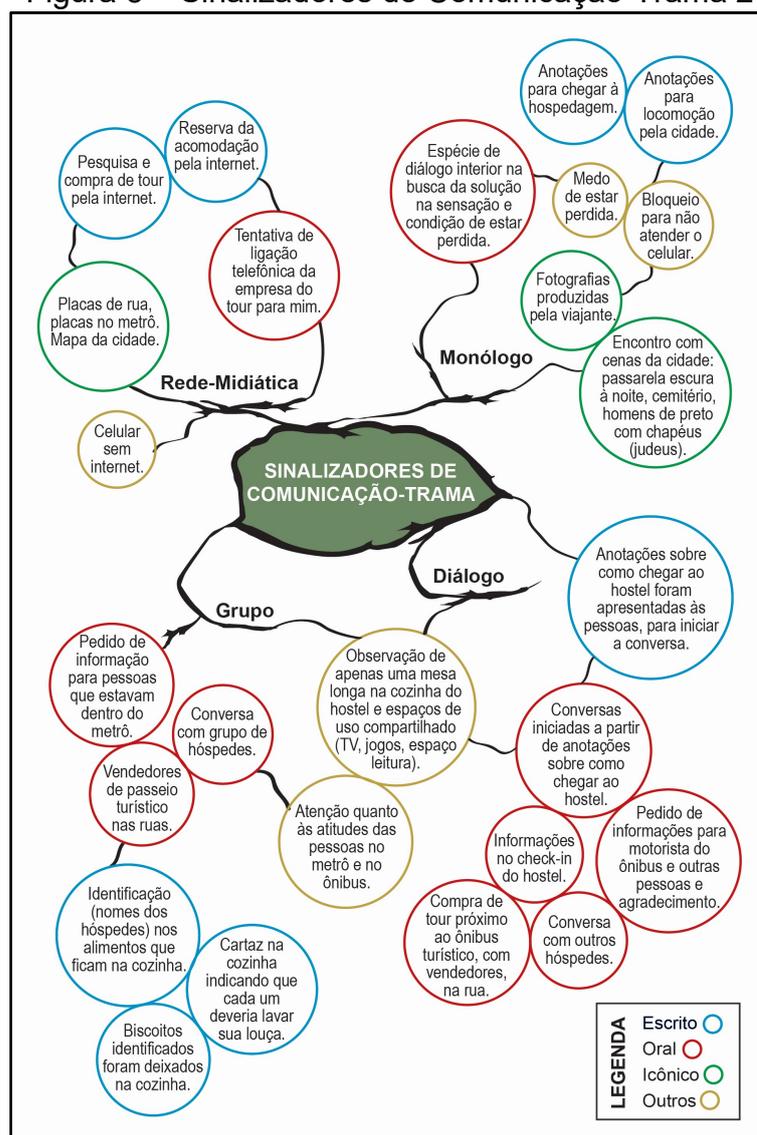
Figura 4 – Matrizes Rizomáticas



Fonte: Desenvolvido por Baptista (2017).

A partir dessas matrizes e também com a representação de um rizoma em mente, desenvolvi o primeiro *layout*, apresentado na figura 5.

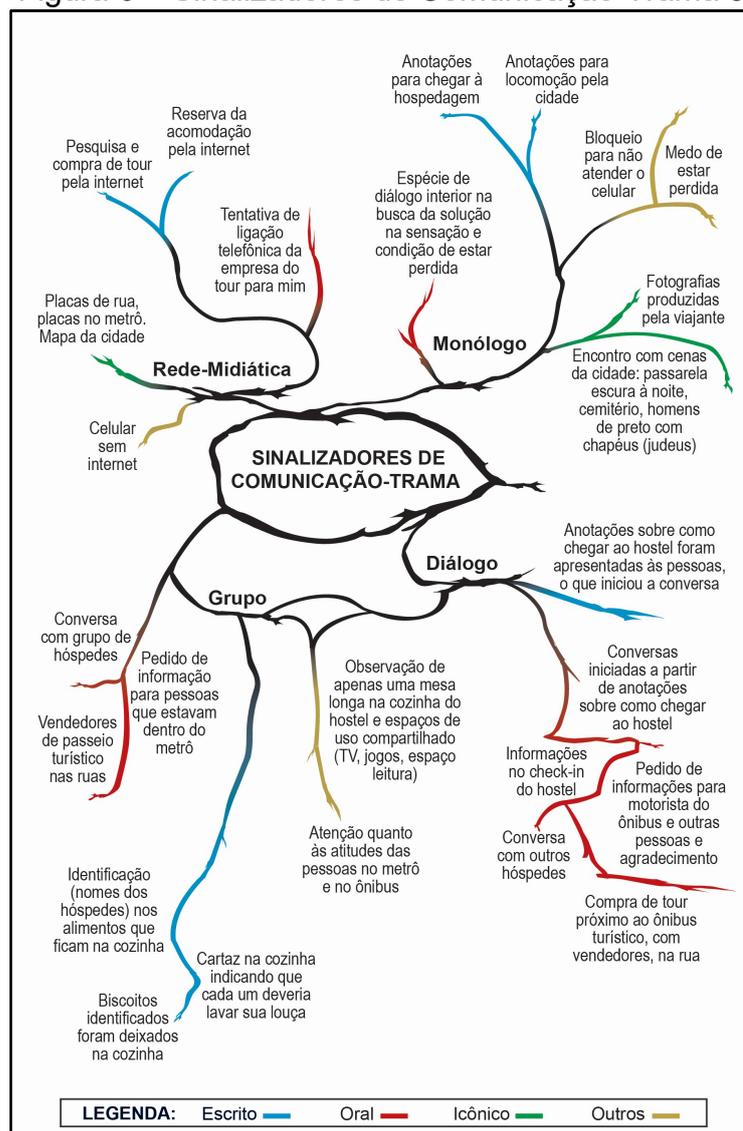
Figura 5 – Sinalizadores de Comunicação-Trama 2



Fonte: Desenvolvido pela autora (2018).

Depois de um processo de incubação dessas ideias, considerou-se pertinente, então, desenvolver duas ilustrações, já melhoradas em seu *layout*. Para a primeira, relativa à Comunicação-Trama, foi mantida a proposta de Bardin (2004), para análise da trama comunicacional. Abrange, portanto, número de pessoas implicadas na comunicação: monólogo, diálogo, grupos de pessoas e comunicação de massa. Essa última, como já mencionado, foi substituída por *rede-midiática*. A imagem apresenta legenda explicativa, que distingue, por cores, o que é escrito, oral, icônico e, ainda, outros códigos. Esta trama comunicacional se dá em diferentes momentos do processo de viagem e da hospedagem e se encontram entrelaçadas na figura 6.

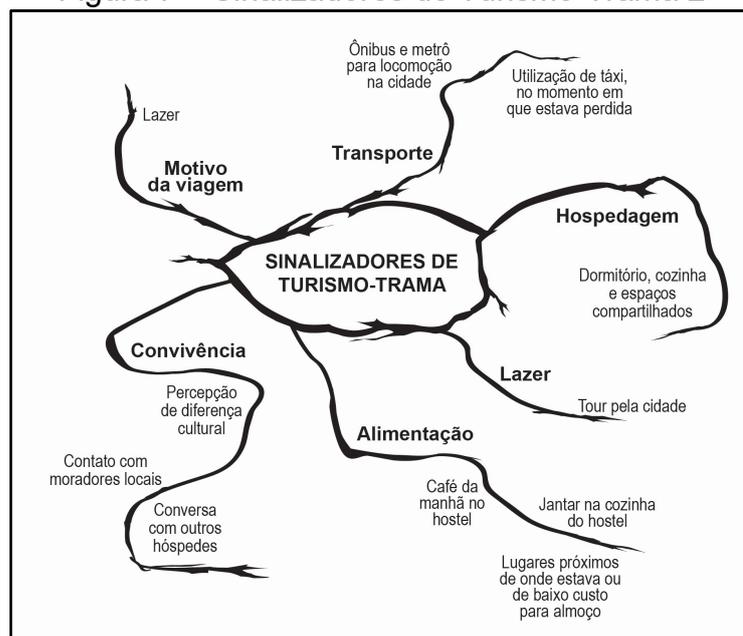
Figura 6 – Sinalizadores de Comunicação-Trama 3



Fonte: Desenvolvido pela autora (2018).

A segunda ilustração, figura 7, relativa ao Turismo-Trama, envolve os itens já citados anteriormente, e é apresentada com *layout* similar, não contendo cores para não confundir com a outra imagem.

Figura 7 – Sinalizadores de Turismo-Trama 2



Fonte: Desenvolvido pela autora (2018).

Depois de todo esse processo, considerou-se mais adequado – e não repetitivo – elaborar uma única trama-síntese para representar toda a Trama Turístico-Comunicacional dos episódios, uma das entrevistas e, por fim, uma para apresentar os principais sinalizadores encontrados em ambos.

Nessas tramas-síntese, cada sinalizador é representado por uma “raiz” de cores distintas. Os sinalizadores principais aparecem em negrito. Os outros elementos, partes de cada sinalizador, são apresentados da seguinte forma: os mais relevantes ficam mais perto da palavra em negrito e, os que são menos mencionados ficam mais longe e em fonte menor.

No capítulo 4, nos itens Trama subjetiva direta e Trama rede-midiática, também são apresentadas duas ilustrações, seguindo o mesmo princípio. Nesse mesmo capítulo, há a reflexão sobre quatro momentos (dobras) que o sujeito vive. Na análise, entretanto, por opção, a quarta dobra (período pós viagem) não foi trabalhada, embora as entrevistas tenham sido realizadas depois da viagem do sujeito.

Em parte da análise das entrevistas foram utilizadas, ao invés de gráficos, ilustrações em forma de rizomas – também inspirados na imagem das matrizes rizomáticas.

Acredita-se que, dessa forma, há o que se pode chamar de análise rizomática, sustentada pelos conceitos de sinalizadores e de rizoma, já

apresentados. Na parte que segue, é relatado como foram realizadas as entrevistas desta pesquisa.

2.4.2 Entrevistas

Foram realizadas, no total, 47 entrevistas, em outubro e novembro de 2018, sendo 10 delas através de contato direto presencial e 37 mediadas por ferramenta *online* de troca de mensagens. Em relação ao país de origem, 40 dos entrevistados são brasileiros, três de El Salvador, dois da Alemanha, um da Colômbia e um da Espanha.

Como as entrevistas foram transcritas na íntegra, optou-se por não revelar os nomes dos entrevistados e, sim, utilizar nomes de viajantes e exploradores. Esses nomes, que marcaram a história do mundo de alguma forma, foram feitos por meio de busca pela internet, em diversos *websites*. Foi levado em consideração o sexo dos entrevistados, para escolha dos nomes dos viajantes ou das viajantes. Para o caso das mulheres, não foi identificado número suficiente de nomes, de acordo com o número de mulheres entrevistadas – o que, por sinal, já sinaliza certa mudança. Para essas, portanto, foi feita uma busca por filmes sobre viagens (EGALI INTERCÂMBIO, 2016) e, então, retirados nomes de personagens mulheres. Todas as entrevistas constam no apêndice, em ordem alfabética, de acordo com esses nomes.

Há, também, informações sobre *hostels* e algumas características bem peculiares de cada um. Por isso, optou-se, utilizar “X” quando algum nome pessoal, de estabelecimento ou rede foi citado. Por outro lado, mantiveram-se nomes de países e municípios, bem como as nacionalidades dos sujeitos, para que o leitor entenda o contexto apresentado.

Das entrevistas feitas em contato presencial, uma delas foi feita com hóspede, em um *hostel* em que eu estava hospedada, quatro entrevistas foram feitas em um *hostel* de Caxias do Sul e, no caso das demais, foi solicitado o encontro com os sujeitos para realização da entrevista.

A maioria das entrevistas, entretanto, foi realizada de forma virtual. Busquei, para este texto, referência bibliográfica para esse tipo de entrevista (SALMONS, 2012; DUARTE, 2004; RODRIGUES; CHAGAS; CORRÊA, 2015). Salmons (2012) apresenta uma estrutura multidimensional, que inclui oito categorias, para auxiliar os

estudos, utilizando entrevistas online. Apresento, assim, as oito categorias, ao mesmo tempo em que explico como foram realizadas as entrevistas desta pesquisa.

A **primeira categoria**, descrita pela autora como *Alinhar Projeto e Propósito*, instiga a verificar se a proposta da pesquisa, teorias, epistemologias, metodologias e métodos estão alinhados. No caso desta pesquisa, entendeu-se que somente os relatos de experiência da pesquisadora não seriam o bastante para este estudo. Por isso, realizaram-se as entrevistas. O intuito da pesquisa, como um todo, e das entrevistas, é explorar mais o assunto – ainda pouco pesquisado no Brasil – gerando, possivelmente, novos sinalizadores para o campo.

Para realizar a coleta de dados, optou-se por realizar entrevistas individuais, semiestruturadas. Segundo Thiollent (1987), esse tipo de entrevista é uma estratégia para aproximar o pesquisador do entrevistado. Dessa forma, embora se tivesse um roteiro de questões previamente estabelecidas, ficou livre para que o entrevistador acrescentasse ou modificasse qualquer questão, no decorrer da entrevista, se considerasse necessário.

Assim, o roteiro de questões utilizado nas entrevistas foi elaborado, discutido em orientação e em reuniões do grupo de pesquisa. Depois, foi feito um exercício de tentativa de previsão de respostas, para pensar se as perguntas estavam adequadas e coerentes. Após isso, foi realizada uma entrevista piloto, de forma pessoal, e verificou-se que estava pronto para ser aplicado.

O roteiro da entrevista foi dividido em blocos: identificação do entrevistado, vínculo do entrevistado com *hostels*, Comunicação-Trama e Trama Turístico-Comunicacional. Foi realizado com perguntas abertas, em português, espanhol e inglês, de acordo com a língua que o entrevistado se sentia mais à vontade.

A **segunda categoria** que Salmons (2012) apresenta é *Escolher Entrevistas Online como Método de Coleta de Dados para o Estudo*. A autora comenta que o pesquisador pode escolher as entrevistas dessa forma, quando os entrevistados estão geograficamente dispersos. Relativo a isso, Rodrigues, Chagas e Corrêa (2015) relatam que a entrevista mediada pela internet também reduz os custos, pois o deslocamento do pesquisador é reduzido; há a baixa também do tempo de coleta de dados; maior facilidade do registro dos dados e também é possível aumentar o tamanho da amostra e sua abrangência territorial. Assim, muitos dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa residem em cidades e, até mesmo, países diferentes de onde reside a pesquisadora.

A escolha da ferramenta *WhatsApp* foi por verificar que era o aplicativo mais utilizado, no momento, para envio de mensagens instantâneas. Além disso, seria rápido e fácil de contatar os potenciais entrevistados. Aproveitou-se, assim, o recurso de áudios, disponível pelo aplicativo. Quatro dos entrevistados, porém, preferiram responder por escrito.

É importante ressaltar que a utilização de entrevista mediada não é uma prática já convencional de pesquisa e que:

[...] por ser uma prática emergente, grande parte das soluções estão sendo criadas a partir dos problemas e contextos de pesquisa, não havendo um modelo padrão. Cada pesquisa impõe desafios próprios e por vezes inéditos, exigindo flexibilidade e criatividade dos pesquisadores (ROGRIGUES; CHAGAS; CORRÊA, 2015, p. 73)

Depois do contato inicial feito com os potenciais entrevistados – que é descrito na categoria seguinte – muitos dos entrevistados me responderam rapidamente, porém dizendo que no momento não poderiam responder. Algumas das respostas iniciais: “Conforme tiver tempo vou respondendo”, “Te respondo hoje a noite”, “Me manda as perguntas que te respondo”, “Só não consigo te responder agora porque estou na rua e a bateria no fim”, “Te respondo quando estiver livre, tá?”. Nesses casos, enviei os oito áudios (oito perguntas) e orientei que precisava das respostas por meio de áudio também, quando fosse possível.

Ao término das entrevistas online, depois que os entrevistados haviam enviado suas respostas, perguntei idade, profissão, cidade natal e onde vivem atualmente.

A **terceira categoria** é *Recrutamento e Processamento de Amostragem*. Para o recrutamento dos entrevistados, foi feita, inicialmente, uma lista de pessoas conhecidas ou, do meu convívio, que, pelo seu perfil, pensei que haviam se hospedado pelo menos uma vez em hostel. Para minha surpresa, já com a primeira pessoa que pedi para entrevistar, aconteceu de ela, depois de responder a entrevista, perguntar se eu precisava de mais pessoas que haviam se hospedado em hostels. Respondi que sim, e ela me enviou o contato de outras seis pessoas. E assim, aconteceu com diversos outros entrevistados.

Para solicitar a entrevista, enviei uma mensagem curta, identificando-me como aluna de mestrado em Turismo e Hospitalidade da UCS e informando que minha pesquisa era sobre *hostels*. Nos casos em que houve indicação, escrevi o nome da pessoa que indicou e perguntei se poderia realizar a entrevista. Sendo a

resposta positiva (todos os casos), expliquei como seria realizada a entrevista e, dessa parte em diante, já foi descrito na categoria anterior como foi o desenrolar.

A **quarta categoria** descrita por Salmons (2012) é *Posicionar o Pesquisador*, de modo que ele pode ser *insider* (pesquisador também é ator) *outsider* (está de fora) ou ambos. Pode-se dizer que, nesta pesquisa, eu, pesquisadora, seja *insider*, pois também já me hospedei em *hostels*. Isso facilitou identificar perfis de pessoas conhecidas que pudessem ser entrevistadas. Embora tenha me identificado como mestranda em Turismo e Hospitalidade e dito que minha pesquisa era sobre *hostels*, nas entrevistas, a maioria não sabia das minhas experiências. Minha posição, para as entrevistas, porém, foi de *outsider*, pois eu questionei as pessoas, sem interferir nas respostas. Estava aberta a responder, caso perguntassem algo, mas, apenas um dos entrevistados, depois de responder às perguntas, me questionou sobre alguns detalhes da minha pesquisa. Ainda assim, ele não perguntou sobre minhas vivências em *hostels*.

Duarte (2004) diz que os entrevistadores podem sentir desconfortáveis, durante as entrevistas, pelo fato de não oferecerem nada em troca, enquanto o outro está oferecendo algo precioso. Acredita, porém, que:

[...] o pesquisador oferece ao seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, de refazer seu percurso biográfico, pensar sobre sua cultura, seus valores, a história e as marcas que constituem o grupo social ao qual pertence, as tradições de sua comunidade e de seu povo. Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio [...] (DUARTE, 2004, p. 220).

No caso desta pesquisa, realizar as entrevistas foi uma das partes mais prazerosas, por me deparar com tantas pessoas abertas, dispostas não somente a responder às perguntas, mas também que se mostraram alegres e empolgadas, contando suas histórias de vida.

A **quinta categoria** que a autora descreve é *Determinar o(s) Estilo(s) da Entrevista Online*. Neste caso, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, que pareciam melhor atender à proposta da pesquisa. Havia um roteiro de questões pronto e as perguntas foram feitas na mesma sequência para todos.

Tanto nas entrevistas pessoais como online, havia flexibilidade para mudança das perguntas, caso fosse necessário. Isso foi percebido, por exemplo, quando uma das pesquisadas disse que chegou ao *hostel* de “tuc-tuc” e, foi

questionado: “O que é tuc-tuc?” e ela respondeu. Essas perguntas, que foram feitas diferentemente das demais, foram destacadas em negrito, na transcrição.

A **sexta categoria** que Salmons (2012) descreve é *Selecionar Tecnologia da Informação e Comunicação e o Meio*, o que, parcialmente, já está descrito na segunda e terceira categoria. A autora descreve também, nessa categoria, duas formas de entrevistas online: a sincrônica, que é definida como comunicação em tempo real – forma como foram realizadas as entrevistas presenciais nesta pesquisa; e a assincrônica, quando há lapso de tempo entre pergunta e resposta – maneira como foram feitas as entrevistas online. Hunt e McHale (2007), mencionados por Salmons (2012), dizem que, da forma assincrônica, os entrevistados têm a chance de pensar sobre a resposta ou obter novas experiências com o tópico da pesquisa. Não há como dizer se os entrevistados, nesta pesquisa, pensaram ou não nas perguntas, antes de responder. Dois deles, porém, disseram: “Vou pegar meu diário de viagem, antes de te responder, porque tenho a memória fraca” e “Vou olhar nas minhas anotações e te respondo”.

A **sétima categoria** é *Conduzindo a Entrevista*, etapa em que a autora questiona se o pesquisador tem um plano de abertura, questionamento e orientação, fechamento e acompanhamento e, ainda, se está preparado para possíveis problemas técnicos. No caso desta pesquisa, a abertura, questionamento e orientação já foram descritas nas outras categorias. O fechamento foi feito agradecendo a atenção e as respostas dos entrevistados. A maioria deles se colocou à disposição, caso eu precisasse de algo mais.

É interessante relatar que houve pessoas que, após a abertura, questionamento e orientação, disseram que participariam da entrevista, enviei os áudios, mas não obtive resposta. Três deles, que eram meus conhecidos e com os quais tinha mais intimidade, enviei um lembrete e realmente disseram ter esquecido e, depois, enviaram as respostas. Outros, porém, não responderam e eu não insisti.

Não houve problemas técnicos com as entrevistas. As entrevistas presenciais foram gravadas em meu celular e, posteriormente, também salvas em outro dispositivo. Os áudios do *WhatsApp* também passaram por esse processo.

A **oitava** e última categoria é *Abordando questões éticas*, em que a autora questiona se o pesquisador tem consentimento dos entrevistados para realizar as entrevistas. No caso desta pesquisa, foi enviado um termo de consentimento,

também via *WhatsApp*, para que os mesmos respondessem. Aos que realizaram a entrevista de forma presencial, foi solicitado que assinassem o termo impresso.

Depois de explicar como as entrevistas foram realizadas, é importante relatar como foi feita a transcrição das mesmas. A transcrição foi feita na íntegra, com todas as verbalizações e todas em português, mesmo quando a entrevista foi realizada em outra língua. Foi feito mim, de forma manual, com auxílio em bibliografia sobre transcrição de entrevistas (MARUSCHI, 2007; KOWAL; O'CONNELL, 2014; DUARTE, 2004; BAILEY, 2008; AZEVEDO et al., 2017).

Quanto à transcrição de entrevistas, elas podem ser editadas (DUARTE, 2004) se quem está fazendo isso considerar conveniente, como, por exemplo, no caso de repetição de palavras (a a casa), variações referentes ao discurso espontâneo (então, assim, ...) ou se houver falha ao ouvir (KOWAL e C'ONNELL, 2014). Não houve casos de falhas ao ouvir. As repetições de palavras foram cortadas. Formas reduzidas de linguagem, como “tá”, “tô”, “tava”, “pra”, “cê”, foram mantidas, mas grifadas em itálico.

Foi feita, então, uma busca por sinais de transcrição, nas obras dos autores já citados e, a partir disso, optou-se por utilizar certas ocorrências, da maneira como constam no quadro 1.

Quadro 1 – Ocorrências e sinais de transcrição

Ocorrência	Sinal de transcrição
Pausa	+
Alongamento de vogal	::
Descida leve de entonação	Vírgula
Conclusão de ideia	Ponto final
Interjeições	Em itálico. Exemplos: <i>né, tá, aí, daí, ah, vixe, bah, sabe, num, vê.</i>
Risada	(risos)
Palavras em outro idioma	Em itálico. Exemplos: <i>hostel, host mother, background.</i>
Sinais com as mãos	Descreve-se o sinal entre parênteses. Exemplo: (Fez sinal de aspas com as mãos).

Fonte: Desenvolvida pela autora (2019).

Por fim, pode-se dizer que a Cartografia de Saberes foi de extrema importância para a realização dessa pesquisa, uma vez que tornou mais flexível o processo de pesquisa e de aprendizagem da pesquisadora durante o processo.

Relatar todo esse andamento desta pesquisa, Saberes Pessoais, Saberes Teóricos e Usina de Produção, também fez reviver um processo longo e árduo, mas que foi construído, de pouco em pouco, progredindo e realizando, afinal, uma pesquisa que cumpriu os objetivos propostos. Além disso, é importante pensar que: “O conhecimento é visto como algo que está sendo continuamente revisto, reconstruído. Não há resultado pronto, acabado. Não há verdades inquestionáveis. Não há procedimentos de investigação indiscutíveis” (KÖCHE, 2010, p. 15).

3 QUE LUGAR É ESSE? (HOSTELS)

Neste item, disserta-se sobre o meio de hospedagem *hostel*. Para isso, na primeira parte deste capítulo, apresenta-se um resgate histórico do setor de acomodações turísticas, em nível mundial e nacional, a fim de compreender como o setor surgiu, cresceu e se transformou, no decorrer do tempo. Na segunda parte, apresenta-se o *hostel*, com aspectos relevantes sobre a história do surgimento, bem como o seu crescimento no mundo e no Brasil. Depois disso, apontam-se algumas características do meio de hospedagem convencional, o hotel, para que se possa entender melhor que particularidades tem o meio de acomodação *hostel*.

3.1 HOSPEDAGEM

O deslocamento para um novo território, mesmo que temporário, quando ultrapassa o tempo de 24 horas, envolve a hospedagem em algum local, sendo esse, portanto, um serviço fundamental para o turista. Desde os tempos remotos, é percebida sua importância, conforme demonstra o relato de Maria Graham, estimado em meados de 1800, (apud PIRES, 2002, p. 146): “Mas é delicioso, depois de uma longa viagem a cavalo sob a chuva, numa noite escura e tempestuosa, chegar a um sítio de repouso [...]”.

Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016, aponta que a hospedagem é um dos serviços mais importantes no turismo:

Os serviços de hospedagem encontram-se no último elo da cadeia dos serviços turísticos e configuram-se como um dos mais importantes, pois representam a base de permanência temporária do turista, que [...] busca encontrar uma extensão de sua residência [...]. (IBGE, 2016, p. 10)

Historicamente, há fatos que implicaram na expansão do turismo e, conseqüentemente, do setor de hospedagens, ao longo dos tempos, como o aumento da mobilidade, as férias remuneradas, crescimento do número e ampliação de ofertas de lugares turísticos, serviços que podem ser facilmente comprados pela internet e ter seu pagamento facilitado, como descrevem Barretto (2008), Boyer (2003), Pereira e Coutinho (2007) e Rejowski (2005).

As linhas do tempo, apresentadas a seguir, mostram como os espaços de hospedagens surgiram, como o setor se expandiu e se modificou.² O primeiro

² Uma versão parcial desta estruturação está publicada em Thomazi e Baptista (2018).

quadro apresenta apenas a divisão por períodos históricos e, depois, abre-se para fatos que marcaram cada um dos momentos.

O resgate histórico tem por base os seguintes textos: História do turismo de massa, de Marc Boyer (2003); Raízes do turismo no Brasil, de Mário Jorge Pires (2002); Turismo no percurso do tempo, de Mirian Rejowski (2005); Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo, de Margarita Barretto (2008); História das Viagens e do Turismo, de Ycarim Melgaço Barbosa (2002); Hotelaria: da era antiga aos dias atuais, de Francisca Félix Pereira e Helen Rita M. Coutinho (2007) e o relatório da Confederação Nacional do Comércio (2005), intitulado Breve História do Turismo e da Hotelaria.

Importante ressaltar que a maioria desses autores não subdivide a história do turismo em períodos específicos. Barretto (2008) classifica em cinco momentos: proto-história do turismo, viagens obrigatórias, antecedentes do turismo moderno, turismo moderno e turismo contemporâneo. Considera-se essa divisão importante e, pertinente, a nomenclatura da autora. Há três períodos, porém, que Barretto não nomina. O período do século X a XV, que, por razão da própria denominação do período histórico, chama-se, neste texto, de Baixa Idade Média. Entre 1901 e 1944, que, na adaptação para esta linha do tempo, inclui-se no denominado Turismo Contemporâneo. Outro período que não consta na classificação da autora é o século XXI, que se considera apropriado denominar Turismo Recente.

Barretto (2008) subdivide, ainda, o turismo na América Latina e Brasil e, de forma bem sintetizada, aborda alguns tópicos. Em Pires (2002), há apenas a história do Turismo no Brasil. Os demais autores utilizados como suporte, em geral, fazem um panorama mundial e englobam alguns aspectos nacionais. Preferiu-se, aqui, incluir Brasil, para que essas linhas do tempo possam demonstrar o cenário mundial como um todo e que também seja possível visualizar o contraste de tempo em que os fatos acontecem em ordem mundial e Brasil.

Segue a apresentação dos períodos históricos, no quadro 2:

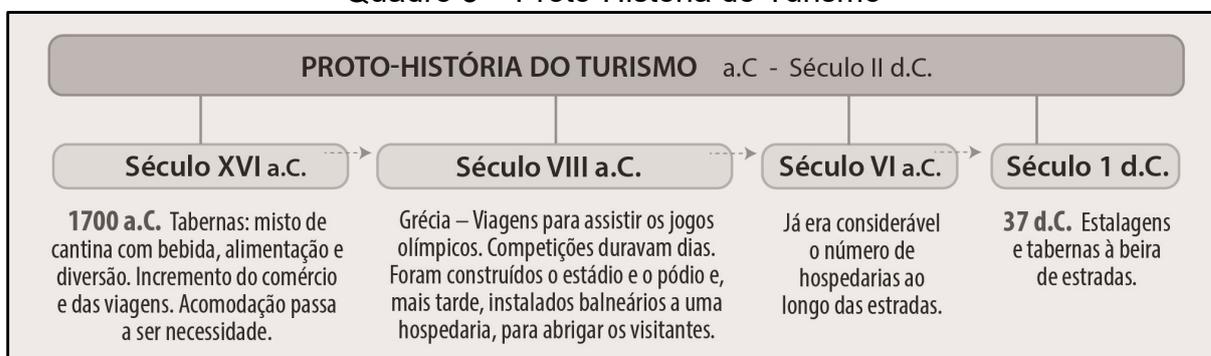
Quadro 2 – Períodos Históricos no Turismo



Fonte: Elaborado a partir de Boyer (2003), Pires (2002), Rejowski (2005), Barretto (2008), Barbosa (2002), Pereira e Coutinho (2007) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

O primeiro período denominado Proto-História do Turismo, apresentado no quadro 3, é importante para a história da hospedagem, porque foi o início do sistema de acomodações turísticas, com as tabernas, hospedarias e estalagens.

Quadro 3 – Proto-História do Turismo



Fonte: Elaborado a partir de Boyer (2003), Barretto (2008), Barbosa (2002) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

As viagens, que até então eram feitas apenas a lazer, foram ganhando traços de aventura e, principalmente, demonstração de fé, como mostra o quadro 4:

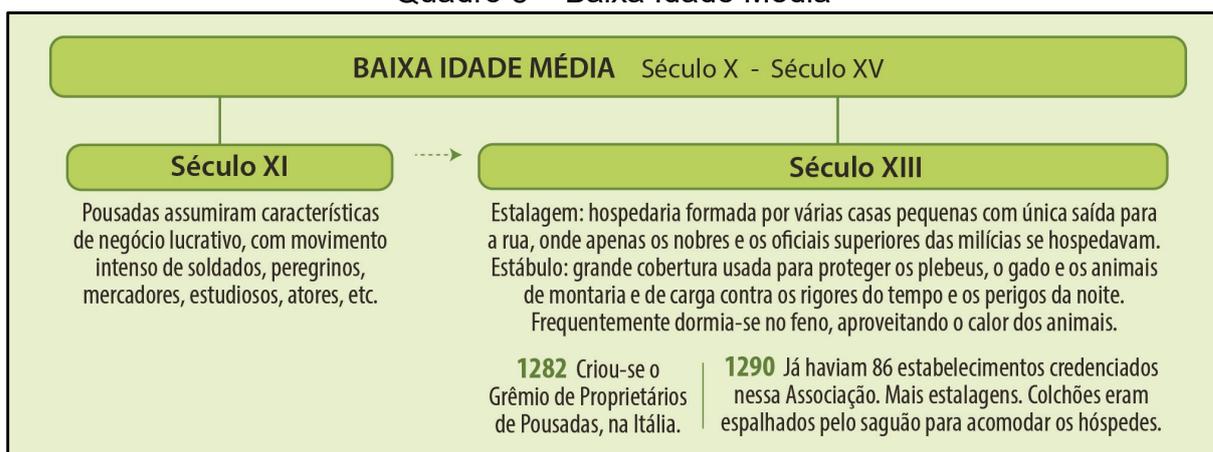
Quadro 4 – Viagens Obrigatórias



Fonte: Elaborado a partir de Boyer (2003), Pires (2002), Rejowski (2005), Barretto (2008), Barbosa (2002), Pereira e Coutinho (2007) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

No quadro 5, que apresenta o século X até o século XV, percebe-se que o sistema de hospedagens começa a se caracterizar como negócio. Um marco bem importante no período que segue, denominado Baixa Idade Média, é a criação do Grêmio de Proprietários de Pousadas, na Itália.

Quadro 5 – Baixa Idade Média



Fonte: Elaborado a partir de Boyer (2003), Pires (2002), Rejowski (2005), Barretto (2008), Barbosa (2002), Pereira e Coutinho (2007) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

O quadro 6 mostra quando os jovens europeus, principalmente os de classe média-alta, começaram a fazer uma tradicional viagem pela Europa, depois denominada *Grand Tour*. Também indica o crescimento hoteleiro Pós-Revolução Industrial e quando os estabelecimentos começaram a ser reconhecidos com o nome de hotéis, nas grandes cidades da Europa.

Quadro 6 – Antecedentes do Turismo Moderno



Fonte: Elaborado a partir de Boyer (2003), Pires (2002), Rejowski (2005), Barretto (2008), Barbosa (2002), Pereira e Coutinho (2007) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

No século XIX, há um marco importante que é a vinda da Família Real para o Brasil, quando se identificou falta de hospedagem para as 15 mil pessoas que os acompanhavam. Com o tempo, é possível perceber muitas transformações e um crescimento significativo do Turismo e também do setor hoteleiro, no Brasil, que é possível visualizar no quadro 7.

Quadro 7 – Turismo Moderno



Fonte: Elaborado a partir de Boyer (2003), Pires (2002), Rejowski (2005), Barretto (2008), Barbosa (2002), Pereira e Coutinho (2007) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

No século XX, a Segunda Guerra Mundial fez com que o setor de hospedagens – bem como diversos outros campos – estagnasse por um tempo. No período pós-guerra, há a reconstrução e o crescimento econômico. Surgem estímulos e a criação de novas necessidades. São realizados estudos de motivação para induzir as pessoas a viajar, e, então, cresce o anseio por sair de férias e as viagens a lazer. Com isso, além dos hotéis, surgem outros meios de acomodação como motéis, chalés, cabanas, casas de campo. Ademais, cria-se o primeiro *hostel* no mundo, para atender a demanda dos jovens viajantes. Esses jovens, antes eram representados pelos europeus do *Grand Tour* e, a partir desse período, com a maior facilidade em viajar – marcado também pelo aumento da mobilidade – começam a se multiplicar. Tudo isso está representado no quadro 8.

Quadro 8 – Turismo Contemporâneo



Fonte: Elaborado a partir de Boyer (2003), Pires (2002), Rejowski (2005), Barretto (2008), Barbosa (2002), Pereira e Coutinho (2007) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

No quadro 9, foram colocados apenas os meios de hospedagens mais consolidados no século XXI, como o AirBnB (plataforma para pessoas anunciarem ou reservarem acomodações pagas, que pode ser residência ou apenas um quarto) e o *Couchsurfing* (canal online utilizado para encontrar e oferecer um “sofá” para dormir gratuitamente), sem considerar outras formas já existentes de acomodação turística. Percebe-se, em 2014, uma grande expansão dos *hostels* no Brasil, a qual acontece mais de 100 anos depois que o primeiro estabelecimento desse modelo surgiu na Alemanha, e acontece – grande parte, pode-se dizer – devido a Copa do Mundo, que trouxe muitos estrangeiros para o Brasil.

Quadro 9 – Turismo Recente



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O resgate histórico apresentado é importante para entender como o setor de hospedagens turísticas surgiu, quais foram os primeiros estabelecimentos e que demandas estes supriam; também para verificar como o campo cresceu, se expandiu com o passar dos anos e que fatores foram essenciais para que esse

crescimento acontecesse; além, é claro, para o entendimento de que mudanças significativas continuam acontecendo.

O desenvolvimento dos quadros auxiliou na visualização, por períodos históricos, dessas mudanças. Embora hotéis e pousadas continuem sendo os meios de acomodação com maior número de registros (BRASIL, 2015), devido ao turismo de massa, pode-se dizer que as transformações ocorridas nos últimos anos – socioculturais e econômicas, novos hábitos e opiniões e o avanço da tecnologia – sugerem um novo sujeito turista e, conseqüentemente, novos tipos de acomodações que vem surgindo na contemporaneidade, para suprir essa demanda.

3.2 SURGIMENTO E EXPANSÃO DOS *HOSTELS*

É possível encontrar alguns relatos de como foi o surgimento do primeiro *hostel* no mundo, a partir do seu idealizador, Richard Schirrmann, em 1909. Simpson (2015), em seu livro sobre a história de vida de Schirrmann, conta que ele era professor e acreditava que as crianças poderiam aprender melhor em meio à natureza. Por isso, levava os alunos para saídas a campo, até que começou a organizar pequenas viagens de estudo.

Em 26 de agosto de 1909, durante um passeio com estudantes, não tendo sucesso na acomodação que havia arranjado, precisou levar seu grupo para uma pequena cidade próxima, onde outro professor deixou que usassem uma sala de aula, como abrigo, para ficar durante a noite. Schirrmann passou a noite em claro, refletindo: “Eu pensei comigo que escolas em toda a Alemanha poderiam muito bem ser usadas para fornecer acomodação durante as férias [...]” (SIMPSON, 2015, p. 155, tradução nossa³).

Já em casa, ele amadureceu a ideia e pensou que jovens adultos e viajantes, como ele mesmo, poderiam dormir em campos, na floresta ou celeiros, mas jovens crianças precisariam de um lugar mais confiável para dormir e preparar refeições. Eles também precisariam de um lugar mais ‘público’, onde poderiam fazer amigos e se divertir juntos. A ideia seria prática e barata. As acomodações teriam o nome de *Youth Hostel* (Albergue da Juventude), e seriam salas de aula, uma para

³ Do original: “I thought to myself that the schools throughout Germany could very well be used to provide accommodation during the holidays [...]”.

meninos e outra para meninas, e cada jovem teria que manter seu local de dormir limpo e arrumado.

Assim, um jornal diário publicou a novidade e as pessoas entenderam a importância daquela ideia. Schirrmann, sua mulher e a zeladora da escola organizavam a hospedagem, no final de cada dia, na escola, e limpavam tudo, antes de as aulas começarem na manhã seguinte. Sua ideia logo demandou um prédio aberto o ano todo e empregados para tal função. Com isso, em 1912, ele transferiu seu *hostel* para um castelo na mesma cidade (Altena), sendo esse o registro que se tem do primeiro *hostel* no mundo, e que funciona até hoje.

Paralelo a isso, segundo Giaretta (2003), ocorreram outros movimentos na Europa, envolvendo também jovens, como as caminhadas, os passeios aos Alpes e os escoteiros. A autora, verificando a filosofia dessas organizações, percebeu que elas estavam relacionadas ao espírito de comunidade, ao fazer o bem, a conhecer e respeitar as diferenças. Isso nos dá pistas para compreender o próprio conceito dos *hostels*, que será abordado mais adiante.

A ideia dos *hostels* se expandiu rapidamente. Em 1913, já havia hospedagens em 301 cidades e vilas. O número cresceu para 535, no ano seguinte. Em 1924, 2.000 *Youth Hostels* estavam abertos. Em 1932, foi criada a Associação Internacional de Albergues da Juventude (*Hostelling International* – HI).

No Brasil, os *hostels* chegaram somente depois de 1950, quando o casal de brasileiros Yone e Joaquim Trotta, que tinha morado na Europa e levado brasileiros para fazer excursões por lá e se hospedado em albergues, resolveu divulgar essa ideia pelo Brasil. (GIARETTA, 2003). Em 1971, criou-se a Federação Brasileira dos Albergues da Juventude. Hoje em dia, os *hostels* podem ser associados à HI ou a outras redes, como, por exemplo, a Che Lagarto, na América Latina ou a Generator Hostels, na Europa. Existem, ainda, estabelecimentos independentes, que não são filiados a nenhuma rede.

Não há dados oficiais sobre o número total de *hostels* no mundo, mas, pelo *website* da HostelWorld, com busca feita em março de 2019, foi possível encontrar cerca de 36 mil. Desses, quatro mil são filiados a HI. No Brasil, foram identificados 507 estabelecimentos cadastrados, sendo que são 81 na cidade do Rio de Janeiro.

Há números que mostram crescimento do mercado dos *hostels* em nível mundial. De acordo com a matéria da Hotel Management, de 2017, o crescimento maior foi percebido em algumas regiões, como no sul e sudeste da Ásia (13%),

Oriente Médio (11%), Europa Oriental (11%) e norte da Ásia (10%) (HOTEL MANAGEMENT, 2017). Além do crescimento, a mudança na demanda tem gerado transformações em alguns *hostels*, aspecto que será tratado posteriormente.

No Brasil, pode-se dizer que é um conceito que se expandiu e que a demanda pela acomodação aumentou somente depois do ano 2000. Em busca pela internet, foram localizadas algumas reportagens jornalísticas que apontam o crescimento do mercado dos *hostels* no Brasil. Em São Paulo, por exemplo, de acordo com o Diário do Turismo (2015), o número de *hostels* cresceu de 12, em 2010, para 32, em 2012. Em 2013, aumentou para 60, e, próximo à Copa do Mundo, em 2014, para 100 estabelecimentos. No Rio de Janeiro, em 2011, havia 64 *hostels* e em 2015 já havia mais de 200 (GLOBO NOTÍCIAS, 2015). Uma pesquisa realizada pela Phocuswright – empresa que realiza pesquisas de viagens, turismo e hospitalidade – e divulgada pela HostelWorld revelou que, de 2011 a 2016, o crescimento dos *hostels*, no Brasil foi de 533% (DIÁRIO DO NORDESTE, 2016).

Para a Copa do Mundo de 2014, o Grupo Executivo Gestor da Copa do Mundo FIFA de Futebol no Brasil, determinou que os *hostels* seriam tratados como oferta de hospedagem (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2012). E isso pode ser considerado um avanço, tendo em vista que foi compreendido que o público estrangeiro que viria ao Brasil já estaria mais familiarizado com esse meio de hospedagem e o procuraria em terras brasileiras.

Percebe-se, portanto, dois cenários: mundial e nacional. Em nível mundial, o *hostel* como um meio de hospedagem com mais de 100 anos de existência, que se expandiu rapidamente na Europa e depois por outros continentes. No Brasil, tem-se outro panorama, com pouco mais de 50 anos desde o primeiro estabelecimento, crescimento do mercado apenas depois dos anos 2000 e, muito impulsionado pela Copa do Mundo de 2014, em razão do fluxo intenso de estrangeiros no país, muitos *hostels* surgiram para suprir essa demanda.

Nesse sentido, verifica-se que o mercado é relativamente novo no Brasil, o que pode explicar o baixo número, ainda, de estabelecimentos, o conhecimento restrito ou errôneo da população sobre esse meio e o fato de ser pouco explorado em pesquisas acadêmicas.

3.3 CARACTERÍSTICAS

Embora os números mostrem um negócio em expansão, principalmente no Brasil, pode-se dizer – devido à própria experiência da pesquisadora em viagens – que muitas pessoas, mesmo hoje, nunca ouviram falar e nem sabem o que é um *hostel*. Outras sabem o que é, mas nunca se hospedaram em um. Há, ainda, aquelas que têm uma visão errônea do que é este tipo de estabelecimento. Neste ponto, deste texto, são apresentadas particularidades que fazem do *hostel* um tipo de acomodação diferenciada, principalmente, se comparada ao sistema tradicional de hospedagem – e que ainda predomina também em grande parte da produção teórica –, o hotel. Essas particularidades foram percebidas por meio de levantamento bibliográfico associado às aproximações e ações investigativas.

Para isso, apresenta-se, a seguir, o quadro 10, em que se identifica diferenças e similaridades dos meios de hospedagem hotel e *hostel*. O quadro foi elaborado a partir de experiências em ambos os tipos de hospedagem e com base na perspectiva de Kotler (2000). Esse autor considera como elementos básicos para qualquer estratégia de marketing, o que chama de 4 P's do marketing: produto, promoção, preço e praça. Dessa forma, considera-se, neste quadro, o produto, como o próprio serviço da hospedagem; o preço que é o valor monetário que a hospedagem cobra do consumidor; a promoção, que envolve todas as estratégias de divulgação e comunicação do serviço para o público; e praça, que, aqui, é tratado como a localização geográfica. Vale ressaltar que as características elencadas são as que predominam nos dois tipos de estabelecimento, o que significa que, eventualmente, podem não existir em um ou outro estabelecimento.

Quadro 10 – Características hotel-*hostel*

4 P's	HOTEL	HOSTEL
Produto / Serviço	Mais conforto, mais luxo.	Menos conforto, menos luxo.
	Sistema de classificação por estrelas, feito de acordo com conforto, luxo e serviços oferecidos. Sistema de nota em relação a diversos aspectos, que pode ser visualizada nos <i>websites</i> de reserva.	Sistema de nota em relação a diversos aspectos, que pode ser visualizada nos <i>websites</i> de reserva.

(continua)

(continuação)

Produto / Serviço	Recepção: protocolo padrão de chegada.	Recepção: protocolo padrão de chegada, geralmente com atendimento mais pessoal, mais íntimo.
	Café da manhã: servido geralmente em ambientes com mesas pequenas, individualizando o serviço.	Café da manhã: servido geralmente em ambientes com mesas grandes (se o <i>hostel</i> for pequeno, apenas uma mesa), propondo experiência mais compartilhada.
	Mais segurança.	Menos segurança.
	Mais privacidade.	Menos privacidade.
	Outras áreas: prioridade para espaços exclusivos. Às vezes oferecem sala de TV, piscina, sala de jogos, bar, etc.	Outras áreas: prioridade para espaços coletivos. Geralmente há diversos ambientes (internos e externos) destinados ao uso comum dos hóspedes.
	Dormitórios: em sua maioria, para uma ou duas pessoas.	Dormitórios: maior parte das camas em dormitórios compartilhados. Geralmente há opção de quarto privativo (poucas vagas), com valor mais elevado.
	Banheiro individual em cada quarto.	Banheiro compartilhado, para os dormitórios coletivos, e individual, em caso de quarto privativo.
	Alimentação: na maioria dos casos, há frigobar no quarto; em grande parte dos estabelecimentos, há serviço de quarto.	Alimentação: cozinha disponível para uso dos hóspedes, com geladeira de uso compartilhado. É possível deixar alimentos na cozinha, identificados com o nome.
	<i>Tours/Passeios</i> : geralmente há agências parceiras.	<i>Tours/Passeios</i> : pode haver agências parceiras; <i>tours</i> organizados pelo <i>hostel</i> , com guias “voluntários”.
	Em alguns casos, há serviço de lavanderia que, neste caso, é pago.	Possibilidade de acesso a espaços e equipamentos para lavagem das próprias roupas. O serviço pode ser gratuito ou pago.
	Geralmente não há horário limite para fazer <i>check-in</i> , é 24h.	Horário limite para fazer <i>check-in</i> , em alguns casos, até no máximo 22h ou 23h.

(continuação)

Produto / Serviço	Ambientes mais formais.	Ambientes descontraídos, geralmente bem coloridos, informais.
	Garagem: geralmente tem. Serviço pago.	Garagem: geralmente não tem
	Arquitetura: na maioria, prédios construídos para serem hotéis.	Arquitetura: na maioria prédios ou casas adaptadas para serem <i>hostels</i> .
	Fachada e interior: ambiente com aparência de serviço profissional de hospedagem. Geralmente mais formal e discreto.	Fachada e interior: ambiente com aparência de casa – característica que não corresponde apenas a estabelecimentos de grandes redes. Geralmente o ambiente é colorido e informal.
Preço	Diária mais cara.	Diária mais barata.
	Acesso a diversas formas de pagamento. Às vezes, pode solicitar número de cartão de crédito com antecedência, condição que nem todos os hóspedes possuem.	Proximidade de negociação com os donos, como por exemplo, depósito em conta para reserva. Às vezes, em caso de estabelecimentos pequenos, pagamento somente em dinheiro.
Praça	Localização: opções variadas, não necessariamente vinculadas às proximidades de acesso a transporte coletivo. Muitos oferecem opção de <i>transfer</i> e/ou proximidade a pontos de taxi ou contato com serviços de transporte dos passageiros.	Localização: geralmente próximo a estações de metrô e/ou paradas de ônibus.
Promoção	Parceria do hotel com agências de viagens (hotel paga porcentagem para agência, quando esta vende a hospedagem).	Agência de viagem raramente indica o <i>hostel</i> .
	<i>Website</i> próprio.	<i>Website</i> próprio.
	<i>Website</i> de reservas, como Booking, Trivago e outros.	<i>Website</i> de reservas, como Booking, Trivago e outros. <i>Websites</i> especializados para reserva em <i>hostel</i> , como HostelWorld, HostelBookers, HI, etc.

(conclusão)

Promoção	Anúncios de hotéis em brochuras, mapas, guias de viagem, etc.	É rara a presença de anúncio publicitário de <i>hostel</i> .
	Mala-direta pacote viagem + hospedagem.	
	<i>Flyer/Folder</i> de divulgação.	
	Presença na mídia de massa TV, mesmo que indiretamente, pela veiculação de comerciais de <i>website</i> de busca/reserva de hotéis.	
		Indicação de <i>hostel</i> por blogueiros (em <i>blogs</i>) e <i>youtubers</i> (em vídeos).
	Outras formas de divulgação como e-mail marketing ou mensagens via Whatsapp ou Messenger (Facebook).	Outras formas de divulgação como e-mail marketing ou mensagens via Whatsapp ou Messenger (Facebook).
	Uso de redes sociais como Facebook e Instagram, para postagens.	Uso de redes sociais como Facebook e Instagram para postagens.
	Cupons de desconto impresso ou digital.	Cupons de desconto impresso ou digital.
	Reserva: pode ser <i>online</i> , diretamente no estabelecimento ou por telefone.	Reserva: pode ser <i>online</i> , diretamente no estabelecimento ou por telefone.
Programa fidelidade, mais frequente.	Programa fidelidade, em alguns casos, principalmente referente a grandes redes de <i>hostels</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A partir desse quadro, verificam-se algumas das igualdades e diferenças entre essas acomodações. Por exemplo, o hotel possui algumas características específicas, como uma organização rígida em contexto geral, os serviços organizados segundo uma determinada lógica e a própria estrutura física. O sistema de avaliação por estrelas, que é feito de acordo com conforto, luxo e serviços oferecidos. E, pode-se dizer, tudo isso implica custo para o hóspede.

Já o *hostel* tem um conceito distinto, pois oferece menor conforto, como, por exemplo, o fato de não haver serviço de quarto. Oferece, porém, mais espaços de

convivência – incluindo cozinha – para que haja interação entre os hóspedes. Assim, o *hostel* atende à demanda de um sujeito que pode não se encaixar no turismo de massa.

Nota-se, também, diferença nas formas de divulgação. O hotel utiliza mais a mídia de massa, e o *hostel* se volta a meios relacionados a segmentos específicos de turismo. Além disso, há distinção quanto às agências de viagens, que têm parceria com hotéis. Por isso, quando essas vendem um pacote, que inclui acomodação, recebem um valor percentual pré-combinado. Nesse caso, o *hostel*, que tem uma política de baixo custo, acaba não tendo interesse nesse tipo de parceria, pois precisaria destinar um valor para a agência de viagens. A venda de acomodação *hostel* por agências de viagem acontece em casos raros, quando é identificada a necessidade pelo perfil do cliente⁴.

Observa-se que os *hostels* têm algumas características similares, como a boa localização na cidade e algumas particularidades arquitetônicas. Apesar de, atualmente, ser possível encontrar estabelecimentos que são prédios construídos especificamente para esse fim, muitos ainda são alocados em construções já existentes. Simpson (2016) afirma que é possível encontrar esse tipo de acomodação em todos os formatos, tamanhos e tipos, e podem estar em cidades grandes, pequenas, no meio de floresta, em castelos, mansões, moinhos e até mesmo em prédios antigos de hotéis, que foram, posteriormente, convertidos em *hostels*.

Uma forte característica dos *hostels* é que oferecem preço da diária mais barato, se comparado a outros meios. O preço das diárias varia bastante, de acordo com a região e a época do ano. No Brasil, as diárias em quarto coletivo custam, em média, de R\$ 40 a R\$ 55, com café da manhã (GLOBO NOTÍCIAS, 2015).

De acordo com Martínez (2016), em seu livro que abrange um pouco da arquitetura em *hostels*, e também por meio de observações apontadas nos relatos da pesquisadora, as instalações oferecidas por esse meio de hospedagem podem ser: entrada/recepção, lavanderia, cozinha, sala de jantar, terraço, dormitórios, banheiros dentro dos quartos e/ou nos corredores, armários individuais nos quartos, armários pagos ou sala para guardar bagagem antes do *check-in* ou depois do *check-out*, bar/cantina/cafeteria, máquinas automáticas de lanches e bebidas,

⁴ Informação verbal da proprietária da agência Vix Viagens, Samara Gobato, no dia 26 de junho de 2018, via *WhatsApp*.

biblioteca e/ou espaço para troca de livros, sala com televisão (e filmes, às vezes), sala ou mesa de jogos, piscina, auditório e outros ambientes de descanso, normalmente com cadeiras, sofás, *puffs*, etc.

Para os quartos, cerca de 90% dos *hostels* possuem opção de quarto privativo (DIÁRIO DO NORDESTE, 2016), embora a maior oferta seja de quartos compartilhados, sendo essa, com quatro camas, 10/12 ou, até mesmo, mais. Os banheiros também são compartilhados, dentro do quarto ou no corredor. Também é de uso comum a cozinha, onde cada um pode preparar a sua comida. Normalmente, possuem áreas de lazer, como já dito, que podem ser bem diferenciadas.

O *hostel* recebe, em geral, pessoas de diferentes nacionalidades, culturas e condições sociais, em um ambiente informal. Esses hóspedes precisam demonstrar alguns valores pessoais para a boa convivência, já que praticamente todos os espaços são compartilhados. Com isso, verifica-se que há uma importante característica dos *hostels* que é a socialização, a interação e troca de cultura entre os hóspedes. Essas interações são, segundo Hory et al. (2017), facilitadas, por meio desses espaços de uso comum que são oferecidos aos hóspedes.

A pesquisa de Murphy (2001) revelou comentários positivos dos hóspedes relativos à atmosfera do lugar, como, por exemplo, ambiente amigável e descontraído, facilidade de conhecer e interagir com os outros, equipe agradável e simpática. Esses locais de interação, além de permitirem que os hóspedes socializem, reforçam o espírito de comunidade e contribuem para a produção de identidades individuais e de grupo. (O'REGAN, 2010).

Verifica-se que os albergues, geralmente, oferecem também cozinha de uso compartilhado. Em alguns, há uma cozinha especialmente para uso dos funcionários do estabelecimento e outra para os hóspedes. Em outros albergues o mesmo espaço é utilizado por ambos. Pode-se dizer que grande parte da interação citada anteriormente acontece na cozinha, pois esse é um espaço onde os hóspedes permanecem bastante tempo, quando preparam sua própria refeição. Por meio da pesquisa de Hory et al. (2017, p. 161, tradução nossa), pode-se dizer que “[...] a cozinha é o ponto de encontro mais frequentado no *hostel*”⁵. Assim, conversas iniciam, grupos se formam, interações acontecem, amizades se criam.

⁵ Do original: “[...] the kitchen is the most frequented meeting point in the hostel” (HORY et al., 2017, p. 161).

Ao encontro da importância dos espaços comuns no *hostel* e, especialmente, da cozinha, Murphy (2001) com estudo que envolveu 59 entrevistas de profundidade, em 17 *hostels* diferentes na Austrália, revelou lugares (ou situações) em que a interação com outros hóspedes mais ocorre. O que vale destacar dos resultados obtidos nessa pesquisa é que, como locais de maior interação, apareceram em primeiro lugar a cozinha ou área de alimentação, seguido de área comum, espaço com TV e bares ou clubes noturnos.

Outra questão que vale mencionar aqui é a emergência das discussões sobre sustentabilidade e a descoberta de formas de proteção ao meio ambiente, aspecto que vem sendo reconhecido como de grande relevância, tanto por empresas, como pela comunidade em geral. Importante mencionar que não se pretende aprofundar, aqui, a discussão sobre sustentabilidade, apenas apresentar como ponto para reflexão, por sua relevância.

Assim, com simples observação, enquanto no hotel cada quarto tem seu ar condicionado, frigobar, luzes e televisão, na acomodação compartilhada, cada quarto comunitário tem (ou não) ar condicionado, uma lâmpada para todos; na sala de lazer, há uma televisão; e, ainda, na cozinha, uma geladeira para todos. Além disso, os quartos e os banheiros que, naturalmente, são limpos todos os dias, comportam mais hóspedes. Há também o compartilhamento de alimentos, quando estas precisam ser compradas em grande quantidade, como sal, açúcar, óleo, ou ainda, quando há o repasse de comidas entre os hóspedes, quando os que estão indo embora e colocam seus alimentos no local de uso comum.

Verificou-se, assim, em síntese, que, geralmente, os *hostels* ficam bem localizados, têm preço mais acessível da diária, possuem peculiaridades arquitetônicas, similaridade nos espaços, ambientes de uso compartilhado, atendimento mais personalizado. Há também a emergência de aspectos de compartilhamento e colaboração por parte dos sujeitos, presentes também em outras áreas, na contemporaneidade. Pode-se dizer, assim, que o sujeito que busca pelo *hostel* tenta gastar menos na acomodação, mas também busca outros valores, como interação com outros viajantes. Busca, afinal, uma experiência diferenciada de turismo que a proporcionada pela hospedagem tradicional. Essas são percepções que decorrem do trabalho teórico e que se verificam no trabalho de campo, a ser apresentado posteriormente.

4 E ESSA REDE... (TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL)

4.1 DIMENSÃO TRAMA

O texto que segue tem como base uma perspectiva teórica que busca compreender os fenômenos como redes complexas, ou, então, como tem sido chamada por Baptista (2000, 2018b), como tramas ecossistêmicas, ou seja, como “[...] uma espécie de teia complexa de sistema da vida” (BAPTISTA, 2018b). O próprio universo é um sistema complexo e, assim também são os organismos que fazem parte dele, que o constituem como um sistema de vida. Esse pensamento leva à reflexão de que somos seres, parte de um sistema muito maior, e que estamos todos interconectados de alguma maneira.

É também o que pensa o físico e astrônomo brasileiro Marcelo Gleiser que, em março de 2019, ganhou o prêmio Templeton - um dos principais prêmios científicos do mundo. Ele acredita que as respostas para a origem da vida não estão limitadas ao que se descobre em laboratório, mas que ciência e espiritualidade andam juntas e, por isso, defende a existência de uma conexão maior (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019). É a partir dessa concepção, que, se busca, aqui, compreender melhor essa rede da vida.

Para isso, parte-se do pensamento de que qualquer fenômeno pode ser composto de atravessamentos. Assim, os diversos fenômenos que envolvem esta pesquisa – como a comunicação, o turismo, a hospedagem, o *hostel*, as relações humanas – são constituídos por redes transversalizadas. Esses atravessamentos são a própria trama. Isso quer dizer que se tem como dado o fato de que tudo está conectado de alguma forma. Nesse caso, a referência vale tanto para a dimensão trama do universo, dos próprios seres vivos, como das teorias, sendo elas econômicas, sociais, relacionais, etc. A trama é, portanto, multifacetada, rizomática e processual, o que se alinha aos pressupostos da visão sistêmica.

Nessa perspectiva, que tem estudos de Bertalanffy (1975) reconhecidos, entende-se que os próprios objetos são redes de relações, dentro de sistemas maiores. As ideias de sistemas complexos são ampliadas, posteriormente, por Capra (2003, 2004), Morin (2003), Maturana e Varela (2011), entre outros autores. Santos, B. (2004, pp. 55-56) também faz sua contribuição a esse pensamento, evidenciando que as fronteiras estão sofrendo transformações e reconhecendo a noção de trama,

também para os objetos:

Os factos observados tem vindo a escapar ao regime de isolamento prisional a que a ciência os sujeita. Os objectos tem fronteiras cada vez menos definidas; são constituídos por anéis que se entrecruzam em teias complexas com os dos restantes objectos, a tal ponto que os objetos em si são menos reais que as relações entre eles.

Se existe a concepção de trama para com os objetos, evidencia-se conexão também entre os seres vivos e, especialmente, neste texto, pensando nas relações humanas. Nesse sentido, os pensamentos de Fritjof Capra têm vinculação com o ponto de vista da trama, quando, nos estudos da Física, esse autor afirma que o universo deixou de ser visto como uma máquina e agora seria algo como “uma rede interligada de relações” (CAPRA, 2003, p. 82). Assim, o autor considera o mundo como sendo de relações e de integração entre todos os fenômenos, sejam eles físicos, biológicos, psicológicos, sociais ou culturais.

Essa perspectiva também vai ao encontro do pensamento de Humberto Maturana, que, na Biologia, se refere a um padrão de rede com organização circular, em que “[...] a função de cada componente é ajudar a produzir e a transformar outros componentes enquanto mantém a circularidade global da rede [...]”. (MATURANA, 1970, apud CAPRA, 2004, p. 87). Em coerência, noutro estudo, Maturana e Varela (2011, pp. 268-269) dizem que a Biologia mostra que “[...] como seres humanos só temos o mundo que criamos com os outros” e, além disso, que “a aceitação do outro junto a nós na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno social”.

Assim, é possível perceber a sociedade contemporânea como complexa, repleta de atravessamentos e interações e, principalmente, compreender que não somos seres individuais, mas que um ser depende do outro, para a sobrevivência, como um todo. Trazendo a concepção de trama, para reflexão a respeito do objeto de estudo *hostel*, observa-se que as relações humanas também devem ser vistas como fenômeno sistêmico e complexo, bem como o Turismo e a Comunicação. Assim, existe uma trama indissociável de relações no *hostel*, em que, para o bom funcionamento do todo, a coletividade e a colaboração devem prevalecer.

Por meio da concepção de trama, portanto, é que se modela este capítulo que engloba o turismo e a comunicação como fenômenos interligados. A trama do turismo é constituída, nesta pesquisa, como estruturação de escrita, por aspectos contemporâneos, conceitos de território e desterritorialização e tentativa de caracterização do turista que busca o *hostel* como hospedagem. A trama da

comunicação é pensada nas suas dimensões subjetiva direta e rede-midiática.

4.2 TURISMO-TRAMA

Fenômeno em mutação. Antigo e, ao mesmo tempo, contemporâneo, o turismo está em transformação constante, assim como o universo que nos cerca e os próprios sujeitos que dele fazem parte. É importante estudá-lo como tal, para entendê-lo, em toda sua complexidade.

A seguir são discutidos conceitos de turismo, apresentando aspectos do cenário de transformações, levando em consideração o crescimento do turismo, sua massificação e globalização. Além disso, verifica-se certa segmentação do mercado para atender às diferentes demandas por parte dos sujeitos do turismo. É possível refletir, também, o *hostel* como território, no sentido de espaço que se modifica e também é transformado pelos sujeitos, refletindo também sobre o processo de desterritorialização. Busca-se entender, ainda, quem é o sujeito turista que busca o *hostel* como meio de acomodação nas suas viagens. Assim, são destacados traços desse sujeito turista, que também tem passado por transformações ao longo do tempo.

4.2.1 Aspectos Contemporâneos do Turismo

Na discussão sobre o sentido de turismo, busca-se refletir sobre os desafios contemporâneos para a área, no que diz respeito às múltiplas possibilidades de prática, processos e teorias. Vale destacar, como ponto de partida, o conceito apresentado por Dias (2005), que conceitua turismo como uma teoria e prática de viajar, por motivo de lazer. No mesmo sentido, com mais amplitude, Andrade (2000, p. 18), define: “[...] deslocamento realizado por prazer a locais que despertem algum tipo de interesse objetivo ou subjetivo”.

Diante dessa visão, é pertinente mencionar que, nesta pesquisa, entende-se turismo, como fenômeno complexo e mutante, considerando também como fator significativo, as relações entre os sujeitos (MOESCH, 2002; BENI; MOESCH, 2017), o que é diferente da abordagem como indústria, apesar de se reconhecer sua importância para a economia.

Nesse sentido, Panosso Netto e Trigo (2009, pp. 49-50) conceituam o turismo como um negócio global, mas já compreendendo que é mais do que isso: “É um convite à convivência entre as pessoas, etnias e culturas diferentes”. Castrogiovanni e Pimentel (2015, p. 454) descrevem: “[...] um ponto de contato para a diversidade, estimulando o diálogo e valorizando cada fio de uma trama cuja tessitura pode resultar em produtos variados e inovadores”. Assim, vale destacar o pensamento de Moesch (2002, p. 9), que enfatiza as relações entre os sujeitos do turismo:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

O turismo contemporâneo pode ser considerado um fenômeno complexo em virtude da trama de particularidades desse sistema composto por fatores ambientais, culturais, espaciais, envolvendo as múltiplas relações entre os sujeitos. Há autores alinhados com essa perspectiva, como Barretto (2008), quando se refere ao turismo como “[...] fenômeno social complexo e diversificado”. Em sintonia, Romero (2004, p. 64) menciona: “O Turismo é um dos fenômenos do momento contemporâneo que melhor obedece à definição de sistemas complexos, integrados e incertos”.

Há, portanto, multiplicidade e transversalização de elementos, bem como a incerteza em relação ao rumo do mercado, das demandas e dos próprios desejos dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, para Barretto (2001, p. 20), o turismo pode ser mais bem entendido se considerado como rizomático, pois as características do rizoma concordam melhor com esse fenômeno do que modelos estruturais. “O turismo é um fenômeno que cresce e se espalha no tempo e no espaço de forma bastante incontrolável e imprevisível”. Percebe-se, assim, conceituações de turismo muito além da prática comercial, no sentido econômico.

Além disso, o turismo vem sendo estudado como fenômeno ecossistêmico, a partir da complexidade dos processos turísticos, culturais, comunicacionais, sociais e subjetivos (BENI; MOESCH, 2017) e que, ademais, deve ser amoroso, entendido a partir da ética da relação, do respeito mútuo entre todos os sujeitos desse sistema turístico (BAPTISTA, 2016).

Analisado o turismo como fenômeno transdisciplinar, rizomático e ecossistêmico, percebe-se que demanda certo esforço para entender o quão

complexo é esse sistema, tanto na academia, quanto nas atividades que o envolvem e no processo das viagens. Como disse Mário Quintana (2017): “Viajar é mudar a roupa da alma”. Quer dizer, viajar é sinônimo de renovação, é busca por algo diferente, novo. Ao longo do tempo, é possível perceber diversas transformações, que foram (e vêm) ocorrendo em relação às viagens.

Sabe-se que as viagens a lazer acontecem há muito tempo, mas essa prática foi avançando, de acordo com a necessidade humana, apresentando diversas mudanças. Por exemplo, enquanto fazer turismo era apenas para a elite, como no *Grand Tour*, hoje, há indícios que nos levam a crer que está mais acessível viajar e que o turismo se massificou. O relatório do World Travel & Tourism Council (WTTC), por exemplo, indica que o turismo cresce há cinco anos consecutivos mais do que a economia global (REVISTA SUPERINTERESSANTE, 2016).

Vale ressaltar, entretanto, que, ao mesmo tempo em que as viagens ficam mais acessíveis para grande parte da população, percebe-se a segmentação de alguns mercados, para atender demandas específicas no turismo. Estudos feitos pela *Economics Research Associate*, em 2000, citados por Carvalho (2009), já afirmavam que havia grandes mudanças acontecendo no turismo, incluindo o distanciamento dos mercados de massa – o que Kotler (2000, p. 668), de maneira geral, chama de “desmassificação do mercado”.

Assim, o turismo foi (e vem) se ramificando e recebendo nomenclaturas diversas, pelos autores da área, como, por exemplo, turismo de negócios, turismo rural, de sol e praia, de aventura, etc. (DIAS, 2005). Da mesma forma, também os tipos de hospedagem vêm sendo divididos em categorias. Uma delas – que especificamente tem relevância para este estudo, por envolver os *hostels* – indica, já na denominação, que se difere do modelo tradicional de hospedagem. É a que está sendo chamada de hospedagem alternativa, não convencional, ou ainda, extra-hoteleira. Uma das definições contempla:

Meio de hospedagem não-convencional que complementa a oferta de leitos nos destinos turísticos, e tem como característica ser mais econômica que a hospedagem convencional, apresentando grande variação quanto a sua prestação de serviços (GIARETTA, 2003, p. 64).

Quanto aos meios de acomodação que fazem parte dessa hospedagem não-convencional, pode-se considerar os albergues, campings, acampamentos, residências estudantis, alojamentos esportivos, quartos em residência da população

local, pousadas, ônibus-leito, estabelecimentos religiosos, colônia de férias, propriedades rurais, etc. (BENI, 1998; GIARETTA, 2003).

Além dessa segmentação do mercado turístico, evidencia-se o surgimento de novas modalidades de serviços, frequentemente associadas com as transformações tecnológicas. Há certas mudanças que vêm de outras áreas, mas, algumas acabam influenciando, de alguma forma, o segmento turístico.

Há, por exemplo, um movimento que alguns autores vêm chamando de economia compartilhada ou colaborativa e que tem impactado diversas áreas. É o caso do *co-working*, com a utilização compartilhada de espaços de trabalho, com a divisão de custos; o *Uber*, que é uma forma alternativa de transporte e, em algumas cidades, é possível dividir o mesmo veículo com outros passageiros e pagar ainda menos; o aplicativo *Tem açúcar?*, que funciona para facilitar o empréstimo de itens entre vizinhos e, conseqüentemente, a colaboração nas vizinhanças.

No turismo, Beni (2017, p. 5) diz que “A economia compartilhada vem ganhando força e destaque ao redor do mundo e às grandes corporações resta fazer parte ou serem atropeladas e superadas inapelavelmente”. E ao encontro dessa tendência, os meios de acomodação também vêm sofrendo transformações, como é o caso do *AirBnB* e *Couchsurfing*, o primeiro oferecendo compartilhamento da residência ou espaço para hóspede(s), e o segundo ofertando gratuitamente um local para o viajante dormir.

Em estudo na Europa, Tran e Vo (2014) elencam algumas das mudanças significativas dos últimos anos, na área do turismo, como, por exemplo, redes de hotéis mais baratos que estão se expandindo, *hostels* que têm melhorado sua oferta de hospedagem, *AirBnB* e *Couchsurfing* tem aumentado seu número de reservas e, ainda, outras formas de acomodações privadas tem surgido.

Essas mudanças continuam ocorrendo, e, por isso, é difícil prever como esse setor se desenvolverá e o que irá acontecer nos próximos anos. Existem, no entanto, sinalizações no sentido de repensar as relações de troca, as prestações de serviço e a trama ecossistêmica. É preciso entender o turismo e a hospedagem como fenômeno, em perspectiva micro e macro, acompanhando essas alterações, com a sensibilidade de entender o sistema e o sujeito turista em suas múltiplas dimensões.

4.2.2 Espaço, Território e Desterritorialização

O fenômeno do turismo é bastante complexo, como visto no texto anterior. Assim também é o sujeito, na condição de turista, que passa por um processo de desterritorialização, que pode ser definido, a priori, como o processo de saída do seu território de origem. Para entender a importância do espaço, ou território – aqui tratado como sinônimos – da hospedagem, inicia-se este texto com alguns conceitos, buscando aprofundar a reflexão, para ajudar a pensar o *hostel*, como território de hospedagem marcado pela trama turismo-comunicação.

É importante dizer que se entende, aqui, o *hostel* como: **território**, uma vez que a organização do espaço, a sua estrutura física e os aspectos materiais são relevantes para os acontecimentos naquele ambiente; e, ao mesmo tempo, como próprio **sujeito**, pois é espaço de sensibilidade, que transforma os outros sujeitos envolvidos, que provoca mudança, que influencia e condiciona as interações sociais.

Para iniciar a reflexão, Costa (2005) menciona que o termo território tem dupla conotação, material e simbólica. Em estudo mais recente, o autor afirma que: “[...] o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades” (COSTA, 2011, p. 35). O entendimento de território, por Guattari e Rolnik (2000, p. 232), leva a pensar, tanto em relação ao espaço físico, quanto representando o local em que o sujeito se sente “em casa”:

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Haesbaert e Bruce (2002, p. 9), que fazem análise da perspectiva de Deleuze e Guattari sobre desterritorialização, entendem que pensar também é desterritorializar: “[...] o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro”. Um sujeito pode, portanto, estar em movimento, mesmo que, fisicamente, estático.

Deleuze (1988, p. 17) menciona Leibniz e a ideia de que

[...] um corpo flexível e elástico tem ainda partes coerentes que formam uma dobra, de modo que elas não se separam em partes de partes, mas dividem-se até o infinito em dobras cada vez menores, dobras que sempre guardam certa coesão.

Dessa forma, pode-se dizer que existem muitas etapas ou, no dizer deleuziano, muitas **dobras** em relação à desterritorialização, neste caso, pensado

para o âmbito da viagem. De forma contínua, algumas dobras são maiores – e tem mais importância – e, outras, são menores.

Uma dobra significativa em relação ao processo da viagem acontece quando o sujeito tranca a porta de sua residência, e sai em busca do novo território. Vale refletir, porém, que o processo de desterritorialização inicia desde muito antes, por exemplo, quando o sujeito olha para imagens do destino turístico; pensa a respeito; busca informações na internet; pede informações para outro sujeito e este descreve um local ou relata experiências de viagem. Tal fenômeno também pode acontecer quando o sujeito arruma a sua bagagem e, decidindo o que levar, naturalmente, se coloca, no seu imaginário, no destino da viagem.

Além disso, com o avanço da internet, há deslocamento virtual, que ultrapassa, de certa forma, o visualizar ou o pensar. É o que Costa (2005) chama de mobilidade virtual. Pode-se pensar, por exemplo, com o uso do *Google Maps*, o sujeito pode caminhar virtualmente na rua de um município que está em seu plano de viagem, pode realizar trajetos que futuramente irá percorrer, de fato, fisicamente.

Os conceitos de territorialização e reterritorialização estão intrinsecamente vinculados ao de desterritorialização. Trata-se de processos interligados, essenciais para entender as práticas e as relações humanas no turismo e no *hostel*. Assim, “[...] não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, 2002, p. 1). Evidencia-se, desse modo, a saída do território para a posterior inserção desse sujeito – no caso, turista – no novo ambiente, seja este o país, município ou o meio de hospedagem. Existe, portanto, esforço para sair do seu território de origem e, ao mesmo tempo, empenho para se territorializar no outro.

Pensando nesse processo, no caso da hospedagem turística, o hóspede pode vivenciar o espaço da hospedagem como sua residência temporária e, por isso, a acomodação tem tamanha importância, na experiência desse turista. Ele encontra, na hospedagem, um local onde pode vir a se sentir em casa. Além disso, toda vez que esse sujeito sair para visitar o município, pontos turísticos, etc., ele terá para onde retornar. Tem, portanto, uma base territorial-existencial para onde voltar.

Para o melhor entendimento da dimensão da desterritorialização, vale refletir sobre alguns conceitos de espaço e território, para, assim, considerar o *hostel* nas suas dimensões materiais, territoriais, sensoriais, abstratas. Nesse sentido, é

possível pensar a acomodação, considerando como a própria estrutura e organização dos *hostels* têm relação com o conceito desse tipo de estabelecimento, as características e atitudes dos sujeitos que lá se hospedam.

Os termos espaço e território, apesar de serem mais estudados na área da Geografia, também são pensados em outras áreas, ainda que com diferentes enfoques. Há texto de Santos, M. (1994, p. 111), em que explana: “O espaço é formado por um conjunto indissociável [...] entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente [...]”. O autor explica que esses sistemas de objetos e de ações interagem e que um condiciona o outro: “De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes” (SANTOS, M., 1994, p. 111). Em coerência, Cruz (2002, p. 16) diz que “O espaço não constitui apenas um suporte para as relações sociais que sobre ele se dão. Ele é condicionado, mas também é condicionante”.

Tem-se, aqui, algumas pistas que levam a pensar na transversalização entre espaço e sujeitos no *hostel*, bem como o fato de que essa trama é resultado de atravessamentos constantes. Assim, os espaços de uso comum, no *hostel*, têm aspectos estruturais e materiais, moldados de forma a proporcionar, ao hóspede, ambiente mais descontraído, que é pensado especialmente para que o sujeito se sinta à vontade para socializar. Os espaços são, portanto, meios de encontros, onde diversos sujeitos se reúnem e interagem de diversas formas. É o sistema de objetos, em interação com o sistema de ações, dito por Santos, M. (1994), sendo que o sistema de objetos influencia aquele determinado sistema de ações.

Nesse sentido, Gastal (2006, pp. 81-82), referindo-se à cidade, diz que “[...] viver o espaço é uma construção de sentido que condiciona a sensibilidade, mas que também é condicionada por ela.”, o que é válido também para pensar o viés espaço-hospedagem. Assim, a hospedagem se constitui de tal forma que o sujeito, habitante temporário daquele local, pode mudar, para se adequar ao que aquele espaço requer. Por exemplo, se o sujeito está em um espaço compartilhado no *hostel* e se depara com um ambiente informal, vê pessoas conversando, interagindo, naturalmente pode se sentir acolhido naquele ambiente e, estar à vontade para interagir também – aspecto que será mais detalhado posteriormente. Igualmente, se pensarmos o hóspede que não está familiarizado com as regras do *hostel*, como, por

exemplo, que ele deve lavar sua própria louça suja, quando este perceber que é algo praticado por todos, também há tendência que ele passe a fazer o mesmo.

Por conseguinte, o espaço de hospedagem também pode se adequar às características dos hóspedes. Algumas das aproximações investigativas permitem exemplificar essas alterações. É o que se verificou, por exemplo, em conversa com proprietários de *hostel* em Ouro Preto, Minas Gerais. Eles viram a necessidade de construção de um bar, na parte exterior do *hostel*, para atender melhor à demanda dos hóspedes. No mesmo sentido, em hospedagem em Canela, Rio Grande do Sul, as proprietárias estavam pensando em fazer um espaço *kids*, devido ao grande número de famílias com crianças que se hospedam no local.

Assim, Castells (1999, p. 500) explica que o espaço é o apoio material para práticas sociais de tempo compartilhado, ou seja, “[...] o espaço reúne essas práticas que são simultâneas no tempo”. Pode-se entender, com isso, que o turista, em sua viagem, está compartilhando o mesmo espaço e o mesmo tempo, com outros determinados viajantes. Espaço este que pode ser o país, o município ou, no entendimento desta pesquisa, o meio de hospedagem.

Tem-se, no *hostel*, um ambiente em que deve existir coletividade e colaboração entre os sujeitos. Assim, para o sujeito turista, há construção de sentido diante do novo território, dos novos sistemas, das novas condições climáticas, dos novos laços sociais. Com o entendimento do *hostel* como território, percebe-se a trama que se constitui nesse espaço, que é constituinte das relações humanas que lá se estabelecem. Nesse sentido, o texto a seguir busca possibilitar o melhor entendimento do viajante que opta pela hospedagem *hostel* nas suas viagens.

4.2.3 O Sujeito Turista do (e no) *Hostel*

Em termos de cenário geral, é possível observar algumas transformações que vêm ocorrendo no mundo que se manifestam no turismo e nos sujeitos na condição de turistas. Por isso, é desafiador tentar compreender que aspectos o sujeito está buscando quando escolhe o *hostel* como meio de acomodação em suas viagens. O que se sabe é que esse turista tem um estilo diferenciado de viagem e está em busca de algo que o meio tradicional de hospedagem não contempla da mesma forma. Buscou-se, assim, conceitos de turista, fatores que o motivam a viajar, para depois, identificar pistas que ajudam a compreender melhor esse sujeito.

Há uma caracterização do turista, por Dias (2005), como o sujeito que viaja por prazer e cultura, aquele que conhece outros lugares, por seus motivos de interesse. Nessa perspectiva, Panosso Netto e Trigo (2009, p. 50) explicam: “Turismo é, acima de tudo, prazer, e prazer é o mais alto grau de satisfação do ser humano”.

Quanto à necessidade que o sujeito sente de viajar, Andrade (2000) explica que o cotidiano do indivíduo pode ser bom, mas é também cansativo e estressante. Por isso, percebe-se que uma das razões pelas quais o ser humano busca o turismo seja para sair, temporariamente, de sua rotina e descansar. É interessante citar os estudos sobre comportamento turístico de Sarah Bacal (1984), mencionados por Ruschmann (2004, p. 71), em que classifica os motivos das viagens turísticas como: motivos de deficiência, sendo esses fugir dos problemas, sair da rotina, descansar, etc.; e motivos de excesso, que seriam diversão, interesses culturais, conhecer novos lugares e/ou pessoas, busca por aventuras, etc. Nesse sentido, Beltrão (2001, p. 25) refere-se ao espírito de aventura do turista, também como um elemento motivador do turismo. Nesse caso, o turista não se preocupa muito com o planejamento minucioso e, por isso, às vezes, encontra certas dificuldades. Moreira e Schwartz (2006, p. 115) relatam:

A ousadia e a aventura mobilizam os indivíduos, não só para o consumo da máquina turística, mas, também, para a “compra” de outras emoções: o prazer do contato com a natureza e com o grupo social que se encontra no local, a segurança proporcionada pelo ‘risco calculado’, o relaxamento, as impressões relacionadas às experiências sensoriais, as vivências conscientes extero e proprioceptivas da corporeidade, a recreação e o status produzido por este estilo de vida.

A partir do entendimento sobre alguns dos motivos que levam o sujeito a realizar uma viagem, é preciso também ter consciência de que existem tipos diferentes de turistas, ou seja, características singulares, que os fazem ter certas preferências nas suas experiências turísticas.

Por isso, é relevante exemplificar algumas classificações de turistas, realizadas por pesquisadores importantes. Plog (1972), citado por Ross (2002, p. 47), mostra, pelo viés da Psicologia, dimensões fundamentais para personalidade, das quais podem ser destacadas: o alocentrismo e o psicocentrismo. O autor relata que os viajantes psicocêntricos são os que preferem os pacotes turísticos, locais e áreas familiares. Já os alocêntricos são os que não optam por pacotes de viagens,

mas por férias desestruturadas, vão à procura de lugares novos e de ter contato maior com a população local.

Parece também bastante pertinente o modelo criado por Smith (1977), mencionado por Barretto (2008, p. 28), que divide em sete grupos. Esse modelo o turista como explorador, sendo aquele que deseja novas experiências e o contato com os grupos locais; o turista de elite, aquele que procura áreas raras, mas que tenha infra-estrutura; o alternativo, que procura se afastar das multidões; inusual, o qual viaja pouco, mas busca atividades diferentes, em regiões mais isoladas; o turista de massa incipiente, que passeia sozinho ou em pequenos grupos; o turista de massa, da classe média, viaja para lugares conhecidos, que lhe darão mais segurança; e o charter, que prefere grupos pequenos e procura relaxar com tranquilidade em ambientes diferentes do cotidiano.

Na classificação de Plog (1972), pode-se dizer que os aloccêntricos são sujeitos mais semelhantes ao que busca o *hostel* como meio de acomodação. Já pela denominação dos grupos, de Smith (1977), não seria possível classificar o sujeito do (e no) *hostel* em apenas um dos grupos, pois esse sujeito pode ter aspectos de mais de um deles, sendo mais complexo e estando em constante transformação. Compatível com esse pensamento, tem-se Baptista (2016), que considera, pela visão esquizoanalítica, que o sujeito vive múltiplas transposições e o denomina “sujeito-trama”, para representar a complexidade das relações nos campos subjetivos da contemporaneidade, também aplicadas ao turismo.

Avança-se, contudo, com o questionamento: será que há uma forma de classificar o sujeito do (ou no) *hostel*? Apesar de existir um grupo de turistas com características específicas que, pode-se dizer, é a maior parte dos hóspedes dos *hostels*, percebe-se que não há um perfil fechado. Assim, foram trabalhadas duas questões principais: Quem é o sujeito do (e no) *hostel*? e Que elementos ele busca na hospedagem? A partir disso, foram identificadas quatro pistas, por meio de estudos já desenvolvidos em diversas partes do mundo e, também, através das aproximações e ações investigativas. Esse material também está disponível em Thomazi e Baptista (2019).

A **primeira pista** importante traz a palavra *backpacker*, termo que foi incluído nos estudos do Turismo pelo australiano Philip L. Pearce (1990). Pouco mais tarde, em parceria com Loker-Murphy (1995), os pesquisadores desenvolveram estudo em que caracterizaram esses turistas como os que preferem ficar em

hospedagens mais baratas, passam mais tempo viajando, interagem com outras pessoas e têm um estilo mais independente de organizar suas viagens. A tradução do termo para a Língua Portuguesa foi feita para “mochileiro”. No Brasil, o professor Rui José de Oliveira definiu-os como: “[...] turistas que organizam suas viagens de forma independente, flexível e econômica, por períodos longos em que buscam conhecer vários destinos”. (OLIVEIRA, 2008, p. 2).

Isso vai ao encontro do pensamento de Ross (2002, p. 90), que analisa o segmento mochileiro, relativo ao local de destino. Ele pondera: “[...] preferência por uma acomodação ao orçamento, uma ênfase em conhecer outros viajantes, um plano de viagem organizado de forma independente e flexível [...] atividades de lazer informais e desestruturadas [...]”.

Oliveira (2003) descreve o típico dia do *backpacker* e relata que o sujeito tipicamente toma seu café da manhã na acomodação e logo depois sai para “turistar”, retornando apenas à noite para a acomodação. Isso se corrobora também com as aproximações investigativas desta pesquisa e também por Hory et. al (2017), que sustentam a informação, quando relatam que o *hostel* é mais populoso pela manhã e noite e que, durante o dia, os hóspedes saem pela cidade, e a instalação fica praticamente vazia.

Economicamente falando, não é pelo fato de o *backpacker* gastar menos na diária da acomodação que vai levar menos lucro para o destino turístico. Na verdade, estudos apontam que o menor gasto diariamente, se comparado aos outros turistas, é compensado pela estada mais longa (SCHEYVENS, 2002; LOKER-MURPHY; PEARCE, 1995). Isso está em coerência com a fala de José Francisco Salles Lopes, diretor do Departamento de Estudos e Pesquisas do MTur, em entrevista ao Ministério do Turismo:

[...] os hostels representam uma oferta de hospedagem diversificada e especializada, que atende um público que tem prazer em viajar, e que não limita a sua atividade turística ao quesito financeiro. Em viagens de longa duração, o gasto médio praticamente se equipara ao dos demais viajantes (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2012).

Em nível nacional, Oliveira (2008) obteve dados estatísticos de turistas estrangeiros e, em comparação com seus estudos sobre o turista *backpacker*, revelou que o gasto médio individual dos *backpackers* é ainda maior que dos turistas convencionais.

A **segunda pista** busca entender que fatores esse sujeito leva em consideração para escolher onde vai ficar hospedado durante sua viagem. Diversas pesquisas, em nível mundial e nacional, revelam que preço é um fator importante, mas não determinante na escolha pela acomodação. Voko (2015) conta que pessoas que se hospedam em *hostel* querem preço baixo, agilidade e facilidade. Os hóspedes buscam também situações de interação social e oportunidades de conhecer pessoas novas. (BOROVSKAYA; DEDOVA, 2014; MURPHY, 2001).

Em coerência com esses pensamentos, segundo pesquisa divulgada pela HostelWorld, no Brasil, o intenso desenvolvimento desse negócio aconteceu porque os hóspedes estão em busca de preços mais baixos (44%), localizações convenientes (44%), boa qualidade/preço (43%) e oportunidades para conhecer outros viajantes (31%) (O ESTADÃO, 2017). Rezende (2008), que fez estudo em um *hostel* na cidade do Rio de Janeiro, questionou porque o turista tinha optado pelo albergue e obteve as seguintes respostas: preço (48%), conhecer pessoas e fazer amizades (34%), ser um local divertido e com público jovem (18%), local acolhedor e com funcionários atenciosos (13%).

Essa interação entre os hóspedes geralmente parte do mesmo ponto. A pesquisa de Murphy (2001), em 1995, em 17 *hostels* diferentes na Austrália, mostrou que, geralmente, a conversa entre os hóspedes inicia com perguntas relativas a onde as pessoas estiveram e/ou para onde vão e de onde elas são. Segundo a autora, essa conversa inicial serve para decidir se o sujeito gostaria de continuar a interação com o outro. Se sim, então a prosa parte para mais detalhes sobre experiências turísticas e informações pessoais de cada um.

Hory et al. (2017, p. 159, tradução nossa⁶) revelam que, hoje em dia, “[...] *hostels* tem se tornado um dos tipos dominantes de acomodação entre jovens viajantes”. A **terceira pista**, portanto, é que os *hostels* atraem, principalmente, o público jovem. Essa é a nomenclatura que será utilizada aqui, devido a faixa etária que ainda predomina nos *hostels*, mesmo que pareça estar se transformando e que sejam reconhecidas aberturas para públicos de outras faixas etárias.

Alguns dados merecem destaque. Segundo a FBAJ, os hóspedes do *hostel* são jovens entre 21 e 28 anos (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2012). De acordo com a pesquisa mencionada pela HostelWorld (REVISTA EXAME, 2016), mais de 70% dos

⁶ Do original: “[...] hostels have become one of the dominant types of accommodation among young travelers”.

hóspedes dos *hostels* são da geração chamada “Y” (nascidos entre os anos 1980 e 1990). Segundo a pesquisa de Oliveira (2003, p. 194), os turistas estrangeiros entrevistados, que estavam visitando o Brasil, tinham idades: em sua maioria (45,1%) entre 19 e 24 anos; um número também expressivo (28,7%) entre 25 e 29 anos; e 11,9% entre 30 e 34 anos. Steves (2014), citado por Tran e Vo (2014), diz que a idade média do público que frequenta o *hostel* está entre 18 e 24 anos.

Bourget (2012), entretanto, apresenta um gráfico que mostra a distribuição de idade do público dos *hostels*, em diferentes regiões do mundo, em 2010. Nessa imagem, as regiões estão divididas em Europa Ocidental, Europa Oriental, América do Norte, América do Sul, Oceania, Ásia e África. As idades estão divididas em: 15-18 anos; 19-24; 25-34 e 35+. A faixa etária 25 a 34 anos é a que aparece em maior número em todas as regiões, exceto na Oceania. As idades 19 a 24 anos aparecem em segundo lugar em quase todos os lugares. Há também um número expressivo na faixa etária com mais de 35 anos, enquanto 15 a 18 anos aparece no gráfico em baixo número e apenas em três das regiões citadas.

Com isso, percebe-se que a faixa etária desse turista parece estar aumentando, passando dos vinte e poucos anos para, agora, trinta e poucos. Esse turista está sendo chamado pelos pesquisadores de *flashpacker*. Hannam e Diekmann (2010) dizem que *flashpacking* poderia ser definido como “traveling in style” (viajando em grande estilo). O termo *flashpacker* – que tenha sido localizado – não foi traduzido, ainda, para a língua portuguesa. Pesquisas em nível mundial tentam caracterizar esse turista. Bourget (2012) diz que os *flashpackers* seriam os antigos *backpackers*, que agora estão mais velhos e não se importam em pagar um pouco mais pela acomodação para ter mais qualidade e/ou privacidade, mas que ainda gostam da atmosfera e interações sociais dos *hostels*. Hecht e Martin (2006, p. 69) relatam que assim como a idade aumentou, cresceu o desejo e vontade de pagar pela privacidade. Outras pesquisas mostram que além do *flashpacker* viajar com mais condições financeiras, esse viajante também está utilizando mais tecnologia de comunicação e dispositivos tecnológicos. (VAN VAALS, 2012; HORY et al., 2017; PARIS, 2012; HANNAM; DIEKMANN, 2010).

O termo *backpacker* ainda é utilizado em pesquisas, estudos acadêmicos e também pelo mercado, mas fica evidente a grande transformação que está ocorrendo. Aoqui (2005) propõe uma definição de *backpacker*, que seria mais adequada em coerência com os estudos sobre o *flashpacker* – e também na

tentativa de caracterizar o principal público do *hostel*. Esse conceito é relevante pois não abrange faixa etária em sua descrição e, sim, outras ideias importantes:

Jovens de qualquer idade, que realizam, fundamentalmente, viagens independentes e econômicas – evitam o turismo de massa e de luxo, hospedam-se em acomodações baratas, costumam barganhar preços quando possível e utilizam a infra-estrutura de serviços (restaurantes, comunicação, transportes e facilidades) local, o que lhes permite, muitas vezes, um contato mais próximo com a população visitada e o estilo de vida da região. (AOQUI, 2005, p. 96).

A **quarta pista** é que, embora o público jovem continue sendo o principal hóspede nos *hostels*, apesar da transformação, pode estar havendo mudança em relação a companhia desse sujeito na viagem. Essa mudança pode interferir no segmento hoteleiro, pois deixa de ser pensado apenas para atender um único público jovem, solteiro, se transformando e, abrindo portas para outras demandas.

Na Europa, por exemplo, o estudo de Douglass (2013) aponta que famílias e grupos corporativos estão em ascensão no mercado de *hostels* da Europa. Seu estudo aponta grupos jovens com 45%, turista solteiro com 20%, famílias com 18%, casais 12%, e grupos corporativos com 5%. Já em pesquisa similar, de 2010, também na Europa, Bourget (2012) mostra que casais aparecem com 30%, grupos organizados (22%), solteiros (15%), amigos (14%), outros (11%) e os *backpackers* aparecem em último, com 8%.

Tem-se, assim, pistas que ajudam na reflexão sobre a respeito desse sujeito. Há o antigo *backpacker*, que vem se modificando para o *flashpacker*, o que mostra transformação não somente na questão da nomenclatura, mas também na elevação da faixa etária que, de acordo com as pesquisas apresentadas, foi verificado grande representação na faixa dos 30 e poucos anos. Esse turista, um pouco mais velho, tem também apresentado mudança em relação a com quem ele viaja, podendo ser sozinho, mas também com o(a) companheiro(a), com filhos, etc. Outra característica importante é que esse sujeito continua buscando os mesmos atributos na acomodação, como preço baixo, boa localização, conhecer novos viajantes, interagir com eles e ter contato com a cultura local.

Com essas mudanças em estudo, percebe-se o perfil do turista em transição, bem como o *hostel*, que não se limita mais a pensar nos hóspedes apenas como jovens adultos-solteiros. É importante que esse viajante, seja ele de qualquer sexo, nacionalidade e idade, entenda os valores praticados no *hostel*, esteja

disposto a conviver em comunidade, a compartilhar os espaços e suas experiências com os outros viajantes.

Há, portanto, a crescente demanda por um turismo mais flexível e para perceber que o sujeito turista vive experiências diversificadas em suas viagens. Assim, o *hostel* parece ser mais do que uma acomodação de preço baixo. Corresponde a um conceito mais amplo, em relação à colaboração e ao compartilhamento, tendências que parecem estar crescendo e refletindo em diversas áreas⁷.

4.3 COMUNICAÇÃO-TRAMA

Complexas redes comunicacionais, a trama de fluxos de informações e as implicações para o turismo. Essa é a temática deste texto, que também se alinha à reflexão de que o mundo está em complexa e constante transformação, aqui, no caso, considerando o avanço dos meios de comunicação, da tecnologia e, conseqüentemente, das formas de relação interpessoal, aspectos que merecem ser mais bem estudados. Assim, pode-se compreender melhor como essas mudanças, que aconteceram nos últimos anos, vêm interferindo no turismo e nos produtos e serviços turísticos, bem como na relação dos sujeitos com o *hostel*.

Busca-se, assim, entender a comunicação, de maneira geral, partindo do seu significado literal, associando-o a algumas abordagens conceituais que prevaleceram durante muito tempo. Por meio de estudos mais recentes, pretende-se demonstrar a possibilidade de reflexão a respeito de novas realidades, compreendendo a comunicação de forma mais ampla e complexa.

Nesse sentido, também se busca refletir sobre a dimensão da comunicação direta, que acontece de sujeito para sujeito, durante todo o processo de desterritorialização do turista, antes, durante e depois da hospedagem no *hostel*. Já a última parte, refere-se à questão rede-midiática da comunicação associada aos *hostels*, envolvendo meios de comunicação, tecnologia e a maneira como o turista se relaciona com esses meios.

⁷ É o que pode ser depreendido, por exemplo, no documentário Encruzilhadas: Dores de Parto de Uma Nova Visão Mundial.

4.3.1 Pressupostos conceituais

Entende-se, por comunicação, algo que vai além do mero fluxo de informações, ou de mensagens, entre sujeitos e que ultrapassa o campo da subjetividade, para atingir uma dimensão ecossistêmica. A comunicação acontece no todo (BAPTISTA, 2018a). Tem-se, assim, o conceito de comunicação-trama, uma abordagem complexa, que engloba uma série de fatores que interferem, conduzem e transversalizam formas comunicacionais nas mais diversas áreas. O termo foi cunhado por Maria Luiza Cardinale Baptista, nos estudos da Comunicação, e, posteriormente, levado à área do Turismo, com os conceitos Sujeito-Trama e Turismo-Trama.

Para esta pesquisa, portanto, considera-se o seguinte conceito de comunicação:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos. (BAPTISTA, 2000, pp. 33-34).

Em coerência com esse pensamento, estudos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM-UFAM⁸) trazem reflexões sobre a expressão Ecossistemas Comunicacionais, termo que remete à indissociabilidade entre natureza, sociedade e tecnologia. Na visão de Pereira (2011), para ver a comunicação do ponto de vista ecossistêmico, é preciso entender que a comunicação não é um fenômeno isolado, que está em um espaço. Este espaço, por sua vez, é composto por uma rede de diferentes sistemas, que dependem um do outro para existir.

Tem-se, assim, uma visão ampla, complexa, ecossistêmica, que resulta na dimensão trama. É importante mencionar, no entanto, que a compreensão desse conceito resulta de um processo. Isso se dá desde sua etimologia – do sentido literal da palavra –, e de seu conceito – como das próprias teorias da comunicação e do modo como estas foram avançando, conforme estudos de pensadores da área.

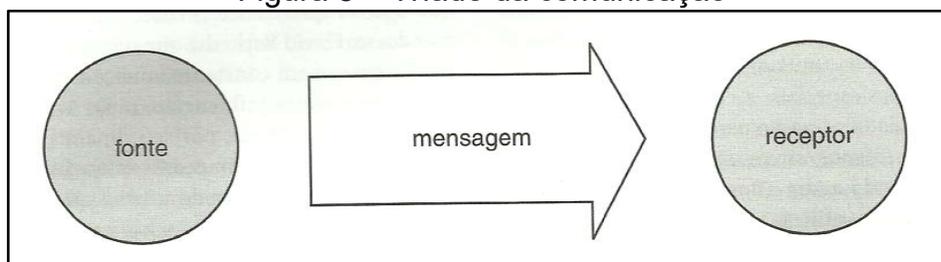
⁸ Ecossistemas Comunicacionais é a área de concentração do PPGCCOM-UFAM. Esse conceito vem sendo estudado por Mirna Feitoza Pereira, Gilson Vieira Monteiro, entre outros pesquisadores.

Sendo assim, para compreender melhor o sentido de comunicação, partiu-se, primeiramente, do sentido literal. Por exemplo, no Dicionário online Michaelis, encontrou-se: “Ato ou efeito de comunicar(-se)”, e “Ato que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre o transmissor e o receptor, através da linguagem oral, escrita ou gestual, por meio de sistemas convencionados de signos e símbolos”.

Essas definições são similares às de Rabaça e Barbosa (2001, pp. 155-156), onde a palavra comunicação está assim definida: “[...] derivada do latim *communicare*, significa tornar comum, partilhar, repartir, associar, trocar opiniões, conferenciar”. Avançando um pouco, no sentido de compreender o termo, resgata-se a fala de Sodré (2001, p.11), no momento em que ele caracteriza a comunica o como “[...] a o de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente, não deve permanecer isolado”.

Nas primeiras teorias desse campo do conhecimento, percebe-se que o sentido de comunica o era bem restrito, tratado como informa o, ou mensagem, que sai de um sujeito emissor e chega até um receptor. A figura 8 representa essa tríade, que ainda compõe esquema que   bastante conhecido.

Figura 8 – Tríade da comunica o



Fonte: Rabaça e Barbosa (2001, p. 160)

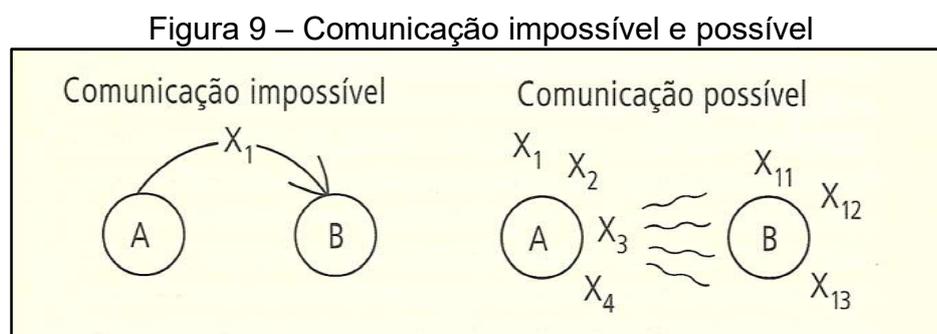
Os autores apresentam também outros esquemas para representar o processo comunicacional (RABAÇA; BARBOSA, 2001).   interessante observar como essas representa es foram avançando, conforme os pesquisadores acreditavam e verificavam elementos diferentes no processo. Mesmo assim, quase todas as ilustra es envolvem esquemas rígidos, a maioria com setas ou traços lineares, para demonstrar o movimento.

Além do sentido etimológico da palavra e de algumas representa es para o conceito,   interessante observar como algumas das chamadas teorias da comunica o também foram avançando, com estudos e pesquisas e, assim,

ampliando a compreensão desse fenômeno das Ciências Sociais. Algumas das teorias são: a Funcionalista, que verifica o papel (ou função) da mídia na sociedade; a Teoria Hipodérmica, em que toda mensagem veiculada pela mídia é aceita pelo receptor que, neste caso, é passivo; a Teoria da Persuasão, em que um grupo de pessoas reage diferentemente a cada mensagem; Teoria Culturológica, que estuda a cultura das massas, determinando seus aspectos antropológicos mais relevantes; a Teoria Crítica, com análise do sistema da economia de troca e da mídia como instrumento de influência social. Dessa última teoria, destaca-se o conceito de indústria cultura que, entre outros aspectos, critica o fato de que a arte passa a ser reproduzida tecnicamente, como produto de consumo de massa. (MATTELART; MATTELART, 2009; SOUSA, 1995; WOLF, 2008;).

A partir de 1980, parece que há certa abertura para outras visões, ampliação do desenvolvimento de trabalhos com análises sobre a interação entre recepção e comunicação, busca por novas maneiras de compreender o social e também a “singularidade-indivíduo” (SOUSA, 1995, p. 26), conduzindo, assim, para novos conceitos.

Mais recentemente, são interessantes os estudos do professor Marcondes Filho (2004, 2013), que trazem ideias relevantes em relação à comunicação e também quanto à representação do processo comunicacional. Enquanto alguns autores se referem ao modelo da figura 8 como simplista e mecânico (FIORIN, 2014; MARTÍN-BARBERO,1995), Marcondes Filho (2013, p.31) o descreve como algo “impossível”. O autor explica que a emissão não supõe necessariamente uma recepção, de maneira que o outro sujeito pode ignorar os sinais emitidos ou, ainda, que o outro nunca receberá uma informação de forma igual como foi emitida, como representa a figura 9.



Fonte: Marcondes Filho (2013, p. 31)

Assim,

Comunicação não tem nada a ver com transmissão, transferência, transporte, trânsito, repasse ou similares [...]. Não existe essa materialidade, porque o que sai de mim, como fala, expressão, obra, música, toque, chega ao outro como coisa diversa, que eu jamais poderei saber o que é (MARCONDES FILHO, 2013, p. 30).

Marcondes Filho (2004, p. 15) descreve, ainda: “Comunicação é antes um processo, um acontecimento, um encontro feliz, o momento mágico entre duas intencionalidades [...]”. Relata depois, que os dois lados participam de algo novo, e que, quando isso acontece, ambos mudam seu estado passado, e que, somente assim, realiza-se a comunicação.

Avançando na ideia de trama, acredita-se que a comunicação pode ser muito mais do que a simples transmissão de informação – mediada ou não por tecnologia – pois pode existir e acontecer através de diversos elementos. Além disso, para que a comunicação ocorra, o processo deve resultar também em mudança dos sujeitos.

O termo Comunicação-Trama, portanto, parece adequado para esta pesquisa, buscando entender como esse processo ocorre antes, durante e depois da hospedagem no *hostel*. Esse processo se dá de forma processual, ecossistêmico e complexo e que pode, também, ser entendido pela lógica do rizoma, de dimensões ou dobras. Assim, os textos a seguir estão divididos em Trama subjetiva direta, que envolve tudo o que for comunicação direta e Trama rede-midiática que abrange os meios de comunicação e tecnologia que rodeiam os estabelecimentos e os sujeitos.

Considerou-se pertinente também, nessas dessas duas dimensões, subdividir em quatro dobras, caracterizando quatro momentos que o turista vive, no processo de desterritorialização, em relação à comunicação. Ressalta-se aqui que dimensões e dobras são abordados como resultados de um esforço de descrição de processos, fluxos e trama de interações. Não se trata, portanto, das tradicionais classificações e tipologias das abordagens funcionalistas.

4.3.2 Trama subjetiva direta

A partir dos conceitos apresentados e do pensamento de que a comunicação é mais do que simples transmissão de dados entre sujeitos, busca-se refletir sobre os aspectos de comunicação direta, que acontece entre os diversos sujeitos envolvidos, na experiência turística, em relação ao *hostel*. Há, portanto, o

acionamento da trama comunicacional na forma interpessoal. Além das diversas maneiras dessa comunicação se manifestar, ela acontece em um processo de desdobramentos. Daí considera-se pertinente chamar, dobras, na linguagem de Deleuze, já mencionado anteriormente. Pensou-se, então, em quatro dobras que o sujeito vive no seu processo de desterritorialização.

A **primeira dobra** acontece no momento em que o sujeito, interessado em viajar, busca indicações e referências, seja por local, hospedagem, passeios ou outras informações. Alguns autores dizem que a indicação (ou boca-a-boca) ainda é a melhor divulgação de um produto turístico (KOTLER, 2000; RUSCHMANN, 2001).

Um estudo realizado por Hahn e Hartmann (1973), citado por Ruschmann (2001), mostra as fases que antecedem a decisão de viagem: a primeira fase é composta pelos primeiros estímulos, nos quais a fonte de informação mais influente é a indicação de amigos e parentes (54%); na segunda fase, ocorre a busca por informações específicas sobre destinos, com a busca de orientações em agentes de viagens (44%) e amigos e parentes (32%); a fase três é quando o turista toma a decisão sobre o destino, e, neste momento, a informação de amigos e parentes ainda influencia (27%); e a quarta e última fase é a preparação da viagem, em que o folheto predomina como fonte de informação. Percebe-se, assim, que a indicação de outros sujeitos tem grande relevância na tomada de decisão do turista.

Especificamente em relação ao turista *backpacker*, a pesquisa de Murphy (2001) também mostra destaque quanto à influência do boca-a-boca como fonte de informação turística, nesse caso, principalmente entre os mochileiros. Nesse caso, a troca pode acontecer tanto antes da hospedagem como enquanto esse hóspede está em interação com demais sujeitos no *hostel*, que faz parte da dobra três e será abordado posteriormente.

Para a **segunda dobra**, considera-se, o percurso do sujeito até chegar ao *hostel*. Nesse caso, o sujeito faz a viagem a sua maneira, buscando pelas formas de transporte que mais lhe agradam. No caminho que o sujeito percorre para chegar até o destino e/ou para chegar até a acomodação, ele tem contato com outros sujeitos que pode ser a população local ou mesmo, outros turistas. Essa comunicação pode ser verbal, na forma linguística, ou não-verbal, no caso de gestos, expressões, comportamento, etc. No caso dele se perder, pode perguntar para outras pessoas questões referentes à localização, ou mesmo, se direcionar a uma central de informações turísticas, onde alguém irá auxiliá-lo.

A **terceira dobra** inicia no momento que o sujeito entra no *hostel*, geralmente no momento do *check-in*, na recepção, e, a partir de então, há o envolvimento dele com outros sujeitos que estão naquele ambiente, que podem ser outros hóspedes, funcionários ou proprietários do *hostel*.

Nas relações contemporâneas, com o uso de tantas tecnologias que caracterizam um cenário mais individual globalmente, a disposição relacional direta parece permanecer no *hostel*. Pode-se notar um ou outro hóspede que parece preferir mais privacidade, como, por exemplo, quando faz o uso do celular, centrando-se a isso, tanto no quarto, como nas dependências de uso comum. Percebe-se, por outro lado, número significativo de hóspedes que estão dispostos a socialização e fazem daquele estabelecimento um espaço mais coletivo.

Nessas interações do sujeito com outros viajantes e/ou funcionários e proprietários do *hostel*, pode haver simples e curtas conversas ou outras mais longas e intensas. Além disso, o sujeito pode, também, buscar informações turísticas, como menciona Oliveira (2005, p. 416):

Os mochileiros sabem que seu plano original é apenas uma diretriz e será alterado substancialmente ao longo da viagem, pois reconhecem que, ao chegarem no país de destino, obterão informações mais apuradas, interagirão com outros viajantes que lhe passarão informes de localidades que mereçam ou não uma visita e se interessarão em conhecer outros locais até então desconhecidos e de pequena importância.

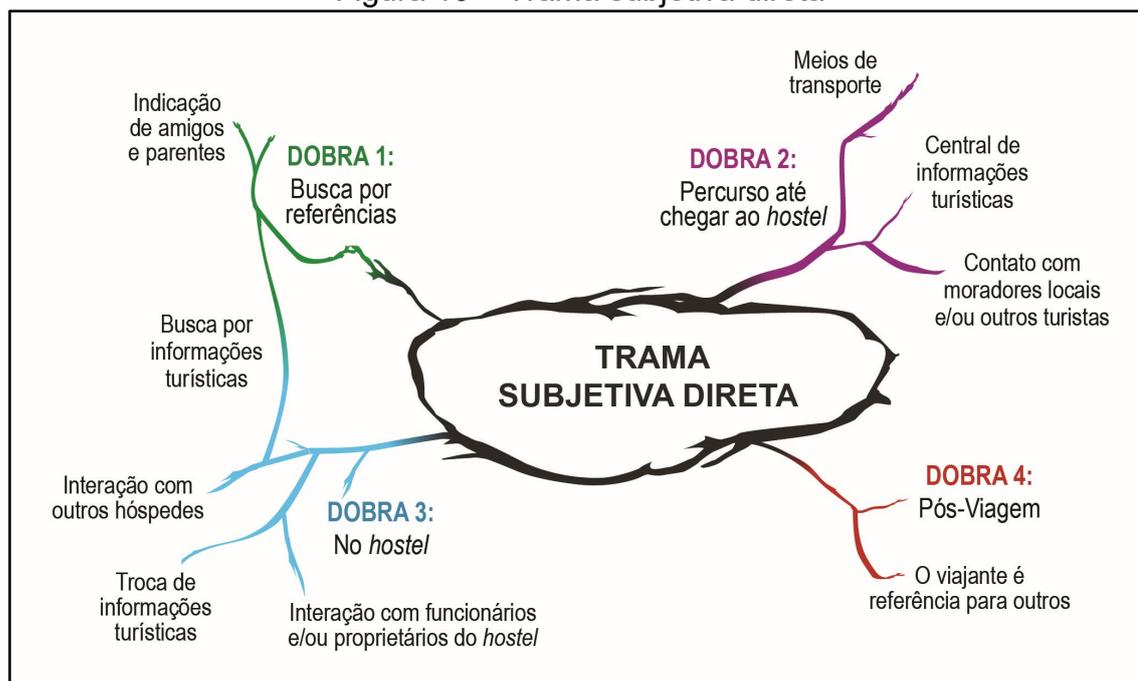
Aquele boca-a-boca, citado como primeira dobra, se transversaliza aqui também, uma vez que o hóspede pode estar se preparando para passeios, visitar locais específicos e, neste caso, também busca indicações com funcionários do *hostel* ou outros viajantes.

Há aspectos que podem facilitar a comunicação entre os sujeitos no *hostel*. Um deles é o fato de que esse ambiente tem seu próprio conceito e tem a premissa de provocar e incentivar a interação entre os hóspedes. Por exemplo, o fato de que praticamente todos os espaços desse alojamento são compartilhados, já sugere que o hóspede não fique no seu quarto, mas, sim, que saia, participe e interaja com os outros sujeitos.

Para encerrar a reflexão das dobras envolvendo comunicação direta, há, ainda, a **quarta dobra**, que seria o pós viagem. O turista, nesse momento, se coloca no lugar daqueles que o auxiliaram com indicações, na fase de preparação da sua viagem e, agora, passa a ser referência e indicar para outras pessoas.

Percebe-se, portanto, a comunicação interpessoal como elemento importante do processo comunicacional em relação ao *hostel*. Envolve, assim, indicações de outros sujeitos, contato com pessoas no caminho que percorre para chegar à acomodação e, de forma intensa, a interação com outros sujeitos dentro do *hostel*. A figura 10 representa, em síntese, esse processo da trama subjetiva direta.

Figura 10 – Trama subjetiva direta



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

4.3.3 Trama rede-midiática

Vistas as formas diretas de comunicação, outra forma que faz parte da dimensão da comunicação aqui proposta é a dos meios de comunicação, considerando a grande importância, na contemporaneidade, da tecnologia. Neste texto, propõe-se discutir os meios de comunicação, utilizados antes, durante e depois da hospedagem em *hostel*, com o objetivo de verificar como interferem nesse processo e como esse turista se relaciona com os meios disponíveis.

Pode-se perceber avanços na questão comunicacional e de transformações tecnológicas, que têm impactado direta e indiretamente no Turismo. Essas mudanças envolvem transporte, gastronomia, sistema de reserva e compras e, até mesmo, novas formas de hospedagem e hospitalidade. De acordo com Beni (2017), o avanço da Internet fez surgir diversas ferramentas, assim como benefícios e

desafios para as empresas. Verifica-se que, com as mudanças tecnológicas, além da inserção de novas ferramentas, elas também ficaram disponíveis a cidadãos e empresas que antes não tinham acesso.

A tecnologia é algo que, hoje, pode influenciar nas decisões dos consumidores, e isso pode acontecer por diversas razões, que serão comentadas neste texto. Beltrão (2001) afirma que as mudanças transparecem também no comportamento dos indivíduos, e que isso se dá devido aos avanços tecnológicos. Quando se refere ao turismo, “[...] a interação social e a tecnologia cada vez mais presentes em todos os setores, envolvendo comunicação, sentimentos, culturas, dedicação, economia, colaboraram cada vez mais para o sucesso desse setor”. (BELTRÃO, 2001, p.73). A tecnologia tem facilitado todo o processo do sujeito na sua experiência turística e, por isso, está cada vez sendo mais utilizada.

Em relação à **primeira dobra**, que se refere ao período que antecede a viagem, quando o sujeito busca por informação, ele pode utilizar os mais variados meios de comunicação para isso, como por exemplo, televisão, rádio, folhetos, internet. Embora todos tenham sua importância, a internet parece ser, na contemporaneidade, algo que, de forma rápida, auxilia na obtenção de informações. Pode ser feita busca livre em sites de procura, *websites* específicos ou aplicativos, tanto em relação ao local de destino como para hospedagem e outros serviços.

No *website* TripAdvisor, é possível ler comentários de outros viajantes e encontrar serviços para a viagem. Além disso, pode-se comparar preços e fazer reservas, mas neste caso, o internauta é direcionado para o *booking*, outra plataforma que é utilizada para fazer reserva ou compra de serviços turísticos. Existe também o Decolar.com, que oferece serviços diversos, e o Trivago, *website* específico para reserva de hospedagem, e que, apesar de localizar também pousadas, *hostels*, AirBnb, divulga seu serviço na mídia de massa utilizando o *slogan* “Encontre o seu hotel ideal”.

Essas possibilidades de busca, reserva e compra online podem ser comparadas com uma agência de viagens, em que o turista faz tudo por conta própria, de forma virtual. Em alguns dos exemplos citados, é possível fazer a compra de passagem aérea também, o que facilita mais ainda o planejamento do turista independente. Para o caso específico de *hostels*, pode-se utilizar o *hostels.com*, *hostelworld.com*, *hostelbookers.com*, *hihostels.com.*, ou ainda, diretamente com a acomodação através do *website* ou redes sociais, quando houver.

Por meio dessas ferramentas tecnológicas para reserva online, tipicamente, é possível visualizar imagens do *hostel*. É perceptível que, geralmente, o *hostel* procura colocar diversas fotos, para mostrar características específicas dos espaços, organização e limpeza. Ao mesmo tempo, busca divulgar imagens com pessoas, para mostrar quão importante é essa interação no ambiente.

Outra forma que pode ser utilizada pelo viajante para obter informações online são os *blogs*, que trazem textos, geralmente, bastante descritivos em relação as experiências de viagem. Ou ainda, há quem publique vídeos sobre sua experiência, em relação ao destino, ou hospedagem e outros serviços turísticos.

De forma similar, as redes sociais também têm influência na decisão de viagem do turista. O sujeito que está buscando informações para viagem futura pode ver fotografias ou vídeos de um amigo ou conhecido, em rede social, e sentir vontade de conhecer aquele lugar.

A indicação, feita por outras pessoas – que tem peso importante, como já foi mencionado – pode ocorrer também por meio de comentários online. Esses comentários, que são deixados pelos viajantes, tanto no *website* próprio da acomodação como nas redes sociais do estabelecimento são controláveis, pois pode-se pensar que há um controle por parte do estabelecimento e este irá publicar apenas o que achar conveniente. Já em relação aos sites de reserva, é algo incontrollável, pois tudo é publicado, independente do conteúdo. Castells (1999) menciona que a comunicação online estimula discussões desenvoltas, com mais sinceridade. Além dos comentários, os hóspedes avaliam todo o serviço prestado pela acomodação, e isso gera uma nota média para o estabelecimento, posteriormente visível para todos.

Verifica-se, assim, as tecnologias, como aliadas do turista na sua busca, compra, reserva de produtos ou serviços turísticos. No entanto, essa tecnologia mostra-se ainda mais ‘esperta’. Por exemplo, quando o internauta faz alguma pesquisa na internet, posteriormente, aparecem anúncios para o usuário, relacionados com aquela pesquisa feita. Eles aparecem em forma de mensagem publicitária tanto em outros *websites* que serão acessados como nas redes sociais desse sujeito. Essa ação é chamada de remarketing (UOL NOTÍCIAS, 2014). Por exemplo, se o sujeito faz uma pesquisa sobre um *hostel* no Rio de Janeiro, logo depois começam a aparecer, em outras páginas que ele acessa, anúncios do Rio de Janeiro, de hospedagens da cidade, de passeios turísticos, etc.

Ainda nessa dobra, parte inicial do processo de desterritorialização, é importante mencionar também o contato prévio com a hospedagem que, no caso do *hostel* parece ser mais personalizado. Dentre as diversas maneiras, muitas vezes, na contemporaneidade, é possível contatar via *WhatsApp*, recebendo informações, fotos e viabilizando fazer depósito em conta de valor parcial da hospedagem, quando necessário, diretamente para os proprietários.

Nessa perspectiva do apoio tecnológico ao turista, é interessante pensar como a pesquisadora fazia as reservas dos *hostels*, em 2013, e como esse processo passou por algumas mudanças, até 2019. Fazia-se, antes, por meio de *website* de reserva ou diretamente no *website* da acomodação. Quando havia contato prévio com o estabelecimento, era feito via e-mail. Hoje, embora utilize os mesmos serviços, algumas vezes, faço a confirmação da reserva via rede social ou, na maioria das vezes, via *WhatsApp*, com funcionário ou diretamente com o proprietário do *hostel*. Quando há o pedido de pagamento parcial, eles geralmente enviam número de conta bancária e, eu, o comprovante de depósito, posteriormente.

A **segunda dobra** é o percurso que o sujeito percorre até chegar ao *hostel*. Esse viajante que, muitas vezes, está sozinho, utiliza meios de localização online - Google Maps, por exemplo - para se localizar no novo destino, bem como encontrar a acomodação. Nesse caminho, o turista pode precisar de mais informações, ou então, se perder e encontrar, na internet, o auxílio necessário. Além disso, ele pode se localizar por meio de placas ou mapas que encontra na cidade. Por meio dessas placas, ou então, cartazes, outdoors, ou outros meios visuais, esse turista tem contato com a cidade. Nesse momento, ele pode utilizar da tecnologia também para contatar parentes e amigos.

A **terceira dobra** é quando o sujeito está no ambiente *hostel* e ali, utiliza formas de comunicação para, por exemplo, planejar o restante da sua viagem, ou apenas o dia seguinte. Na recepção do *hostel*, geralmente há folhetos de serviços turísticos, cartões de visita para contato com agências e/ou guias, etc. Os recepcionistas geralmente oferecem mapas do local também.

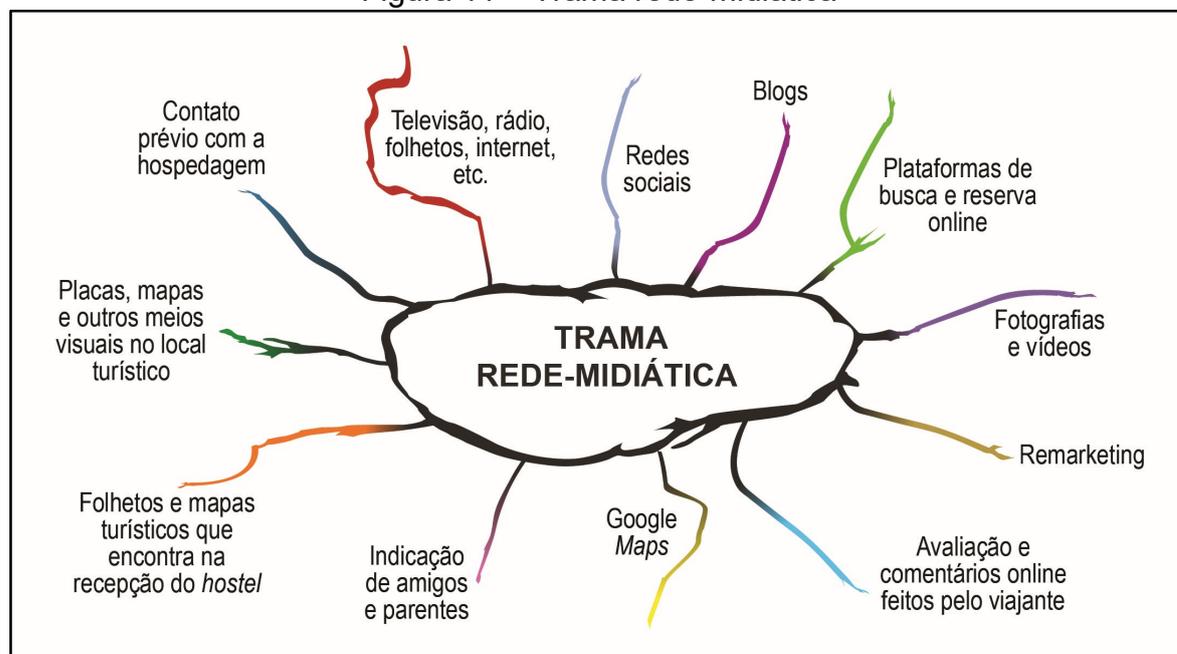
Os *flashpackers*, como já mencionado, continuam utilizando bastante a tecnologia e, por isso, geralmente os *hostels* oferecem computadores, em uma das áreas comuns, pois entendem essa necessidade. É notável, principalmente no final do dia, ou à noite, hóspedes utilizando esses computadores, ou então, estão na área comum, com seus próprios dispositivos eletrônicos. Nesse momento, podem estar

em contato direto com outros viajantes, recebendo informações e indicações e, ao mesmo tempo, procurando na internet algo relacionado. O viajante pode utilizar a tecnologia, também, para atualizar suas redes sociais e postar fotos ou vídeos feitos durante o dia, alimentando, assim, a rede de informações da qual se nutriu, produzindo efeito recorrente de entrelaçamento de narrativas.

A **quarta dobra** é em relação ao pós viagem, momento em que esse viajante irá fazer seus próprios comentários a respeito do destino, dos passeios, da acomodação, vai postar mais fotos e vídeos em suas redes sociais, etc.

Assim, percebe-se que a expansão e a ascensão da tecnologia teve interferência em algumas áreas e, de forma bastante intensa, no turismo. Neste texto, verificou-se que o turista busca informações e indicações online, o que torna importante os comentários, avaliações, blogs, websites, aplicativos, vídeos, etc. O viajante que procura o *hostel*, como meio de hospedagem, e que geralmente planeja sua viagem de maneira independente, é um público que utiliza bastante a internet na sua experiência turística. Com isso, depreende-se que a tecnologia é uma aliada do turismo e dos meios de hospedagem, pois o turista tem sua experiência facilitada por meio dela. A figura 11 representa a trama rede-midiática, aqui discutida.

Figura 11 – Trama rede-midiática



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5 VAMOS PREPARAR UM CALDO? (APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS)

Este capítulo envolve a questão empírica, propriamente dita, desta pesquisa, que são as aproximações e ações investigativas. Na primeira parte, estão os relatos de viagem da pesquisadora. Cada episódio, como é denominado, é descrito em fonte itálica, em primeira pessoa do singular. Após os episódios, é feita a análise dos mesmos. Já a segunda parte envolve as entrevistas realizadas. Essas entrevistas constam, na íntegra, no apêndice desta dissertação. No corpo do texto, está a análise a partir de sistematização. A última parte abrange uma análise geral, com os principais sinalizadores da Trama Turístico-Comunicacional, que aparecem tanto nos relatos de experiência como nas entrevistas.

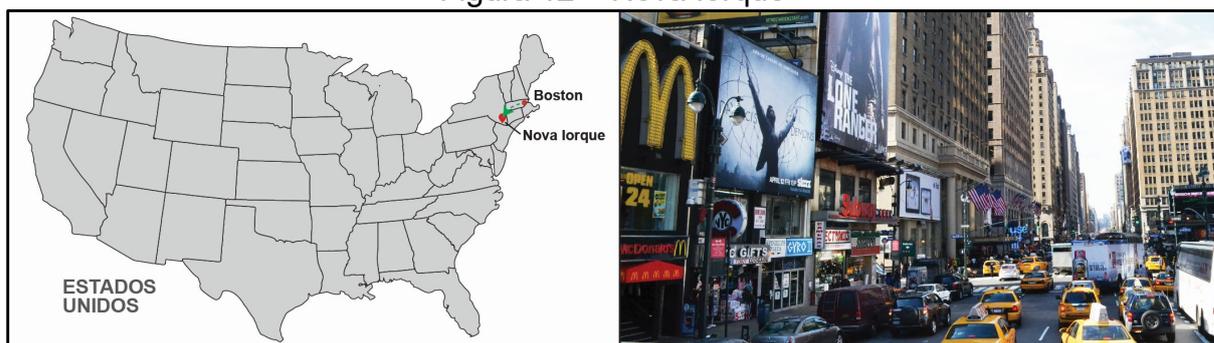
5.1 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Os relatos de viagem da pesquisadora foram feitos com base em observação direta, com registros em diário de pesquisa, nos *hostels* em que já estive hospedada. No total são 18 observações diretas, com conversas informais com os hóspedes, funcionários e/ou proprietários, análise do ambiente e dos modos de convivência. Essas imersões foram realizadas no período de abril 2013 a março de 2018, em cinco países: Estados Unidos, Canadá, Peru, Argentina e Brasil.

5.1.1 Episódio Um: Nova Iorque (Estados Unidos), abril de 2013.

Nova Iorque é conhecida como a cidade que nunca dorme. É a cidade mais populosa dos Estados Unidos, com mais de oito milhões de habitantes e também é um dos destinos turísticos mais populares do mundo. Há cinco distritos que compõem Nova Iorque: Manhattan, Staten Island, Brooklyn, Queens e Bronx (NYC TOURIST, 2019).

Figura 12 – Nova Iorque



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2013).

Primeira viagem sozinha e eu estava na grande cidade. Estava eu com um celular velho e sem acesso a internet. Os recursos que eu tinha eram um mapa impresso e um papel em que eu havia anotado os números e nomes de metrô e ônibus, que eu precisava para chegar ao hostel. Assim fui, perguntando informações para algumas pessoas e, confirmando, com outras, se estava no caminho certo. No total, da rodoviária para o hostel, utilizei um metrô e mais um ônibus.

O motorista do ônibus me auxiliou quanto à parada que eu deveria descer. Quando desci, avistei o hostel do outro lado da rua, que alívio! Era uma rua movimentada. Então percebi que teria que atravessar a rua por uma passarela escura. Já eram 10 da noite. Comecei a subir na passarela e, com o canto do olho, avistei que, no meu lado direito, estava completamente escuro. A curiosidade não me impediu, e olhei para minha direita: um cemitério. Não há como não ter medo numa situação dessas! Sem outra alternativa, continuei subindo e atravessei a passarela, muito rapidamente, cheia de medo, até chegar ao hostel.

Esta foi minha primeira experiência em hostel e foi quando descobri muitas coisas que não sabia. Foi ali que aprendi como funciona a cozinha, que cada um lava a louça que sujar e, neste caso, até mesmo depois do café da manhã, que a própria hospedagem oferece. Nos armários da cozinha ou na geladeira, podem ser deixados alimentos, e estes ficam identificados com o nome do hóspede. Havia um cartaz, solicitando que fosse colocado o nome e a data do check-out nesses alimentos. Deixei meus biscoitos lá, identificados, e no dia seguinte lá estavam, no mesmíssimo lugar. Sim, eu tinha certo medo que sumissem! Havia apenas uma mesa na cozinha, mas bem longa. Num espaço logo ao lado, havia televisão, jogos e espaço de leitura, tudo integrado. Durante os dias que ali estive, conversei com algumas pessoas, no quarto e na cozinha, mas não mantive contato depois.

Eu já havia ido para Nova Iorque antes, mas não conhecia os lugares turísticos e, por isso, queria fazer turismo. Para tanto, comprei um tour, pela internet, ainda quando estava em Boston. O tour era bem barato – 10 dólares que, na época, seriam 23 reais. Para ter acesso ao ônibus desse tour, eu precisava chegar ao centro de Manhattan, em endereço específico, que era o local de partida. Parecia descomplicado, uma vez que tinha as direções anotadas em um papel. Depois de pegar ônibus e metrô, me vi completamente perdida. O plano de emergência, em meus pensamentos, sempre foi: “Em último caso, desço e procuro um táxi”. Foi o que eu fiz. Escolhi uma estação qualquer do metrô e desci. Quando saí para a rua, percebi que estava bem deserto naquela região. Era domingo de manhã, não havia carros passando, muito menos táxis. Andei um pouco e comecei a perceber uma movimentação de homens nas ruas. Homens com grandes casacos e chapéus pretos, barbas e uns cabelos estranhos. Muitos deles. O que era aquilo? Depois de um tempo, percebi que estava no meio de um bairro de judeus e que eles estavam se deslocando para um mesmo local, provavelmente uma cerimônia religiosa. Mesmo depois de constatar o que era, a situação ainda me levava a ter medo, pois eu continuava perdida e sozinha. A solução que encontrei foi entrar novamente no metrô e tentar descer em outra parada, à procura de um táxi. Nesse momento, recebi uma ligação, em meu celular, e percebi que o número era da empresa do tour, pois já era hora de partir. A língua inglesa não era algo que eu dominava ainda, então eu bloqueei e, pelo medo de não conseguir me comunicar, não atendi a ligação. Desci do metrô em outra estação e consegui um ‘amarelinho’, que me levou até uma área central, que eu já conhecia um pouco. É claro que, nesse momento, eu já havia perdido o tour. Então, em praticamente todas as esquinas, havia pessoas vendendo passeios turísticos, naqueles ônibus vermelhos de dois andares e, claro, bem mais caro do que previamente eu havia comprado. Comprei o tour que, dava direito a 48 horas de passeios e, assim, passei dois dias conhecendo a cidade.

Figura 13 – Nova Iorque: cenas



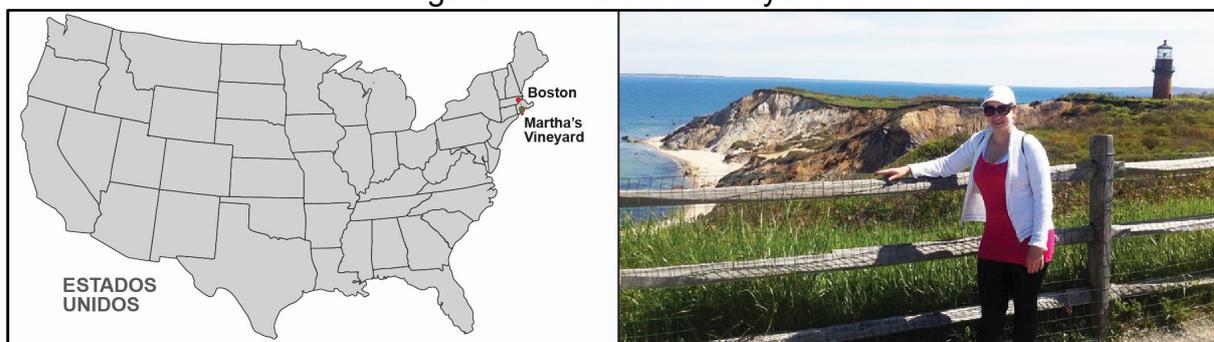
Fonte: Registros da autora (2013).

Foi interessante, mas também sofrida, a maneira que eu me localizava nas ruas de Manhattan, para chegar nos locais que queria. A maioria das ruas lá tem números como nomenclatura. Então, por exemplo, digamos que eu precisasse ir para a rua 20 e que eu saísse do metrô e encontrasse a rua 18. Nesse momento, sabia que estava perto, mas não sabia para qual lado eu deveria ir, direita ou esquerda. Então eu escolhia um dos lados. Se encontrasse a rua 19, sabia que estava no caminho certo, se visse a 17 sabia que era o lado errado e retornava. Fazia isso tudo me localizando pelas placas de rua. O problema era que cada quadra era uma longa caminhada até encontrar a próxima placa. Às vezes acertava. Na maioria das vezes, não.

5.1.2 Episódio Dois: Martha's Vineyard (Estados Unidos), maio de 2013.

Uma pequena ilha de Massachusetts, Martha's Vineyard é cheia de belezas naturais e formas de entretenimento, é romântica, tem arte, cultura e deliciosa comida local. A população da ilha fica próxima de 17 mil pessoas, mas no verão, pode chegar a 200 mil (MARTHA'S VINEYARD CHAMBER OF COMMERCE, 2019).

Figura 14 - Martha's Vineyard



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2013).

Essa foi uma aventura de carro, com três amigas (duas brasileiras e uma alemã). Não sabíamos bem o que iríamos encontrar naquela ilha simples e histórica. Recordo que tentamos buscar informações na internet, mas encontramos pouco sobre o local. Utilizamos uma balsa, para atravessar e chegar à ilha, deixando o carro do outro lado, pois lá não era permitido, para turistas, entrar com o automóvel. Os ônibus da cidade, muito simples e cheios de areia, conduziam as pessoas entre bairros da pequena ilha.

Na praça central, havia um centro de informações turísticas onde encontramos as direções que precisávamos. Era final da tarde. Utilizamos um ônibus e chegamos ao hostel que havíamos reservado. A primeira impressão foi um pouco assustadora, pois o hostel ficava longe de outras residências, em meio a um mato fechado. Era grande, de madeira, similar a uma casa típica americana. Imaginamos como seria a noite nesse lugar, como um filme de terror. Estávamos brincando, mas, ao mesmo tempo, com medo. Entramos.

Já na recepção, a primeira imagem mudou. Fomos tão bem atendidas, que toda aquela impressão passou. O casal que nos atendeu comentou em fazer o cartão fidelidade, pois, se fizéssemos, já ganharíamos desconto naquela hospedagem mesmo e, dali por diante, toda vez que utilizássemos a mesma rede de hostel. O computador da recepção estava sem sistema no momento, e eles aceitaram que pagássemos as diárias no dia seguinte. A mulher nos acompanhou até o quarto, que ficava no andar de cima, e nos mostrou como tudo funcionava. Era um quarto bem grande, com 10 ou mais camas. No momento, não havia mais hóspedes, além de nós quatro, dormindo ali naquele cômodo.

Dia seguinte. O sol nasceu. Descemos para o café da manhã e tivemos mais uma surpresa boa. O próprio casal estava fazendo panquecas típicas americanas, com todo carinho para os hóspedes. Eles estavam fazendo na hora, conforme as pessoas desciam para o café, para que ficassem quentes. Eles nos mostraram também a maneira do preparo e conversamos sobre a receita. Cada uma de nós recebeu, no prato, quentinhas, as panquecas. Que forma de começar o dia!

Figura 15 – Martha's Vineyard: *hostel e panquecas*



Fonte: Registros da autora (2013).

Ainda cedo, pagamos as diárias na recepção e nos entregaram os números dos cartões fidelidade. Além disso, nos indicaram alguns lugares para visitar e responderam perguntas que tínhamos sobre a região. Para nos deslocarmos entre os lugares que queríamos, utilizamos, todas as vezes, os ônibus locais.

Durante os dois dias que ficamos lá, fomos a restaurantes, bares, pontos turísticos e fomos ao porto, onde se percebe a principal atividade econômica da ilha, a pesca. Em meio a caminhadas, avistamos um enorme display da Havaianas, em uma loja que vendia os chinelos. Parecia, de certa forma, que era um pedacinho do Brasil e, de casa, lá naquele local. Homesick!

5.1.3 Episódio Três: Washington D.C. (Estados Unidos), maio de 2013.

Washington D.C. é a capital dos EUA e atrai muitos visitantes em busca de cultura, como dos famosos museus e monumentos e também pelos parques nacionais e áreas naturais. Além disso, a cidade é o lar dos três ramos do governo federal, bem como a residência do presidente (a Casa Branca), o Supremo Tribunal e o Edifício do Capitólio. A população é de aproximadamente 600 mil habitantes (CAPITAL REGION USA, 2019).

Figura 16 - Washington D.C.



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2013).

Viagem partindo de Boston, de ônibus, com duas amigas (uma brasileira e uma colombiana), para alguns dias de passeio. A escolha do hostel foi devido ao desconto oferecido pelo cartão fidelidade e também pela boa localização. Tínhamos apenas três dias para conhecer a capital dos Estados Unidos. Procurando por passeios para fazer, antes da viagem, vimos que o próprio hostel oferecia tours diurnos e noturnos, e isso também influenciou na escolha.

Passamos a noite no ônibus, viajando, e chegamos de manhã cedo na estação. Começamos a caminhar ali por perto, para conhecer. Como estávamos perto de um dos principais lugares turísticos da cidade, resolvemos ir até lá e já conhecer. Não era possível entrar com as mochilas. Então minha amiga brasileira ficou do lado de fora para que eu e a colombiana pudessemos entrar. O plano era,

depois, revezar. Depois de visitar, quando saímos, a rua estava bloqueada e com muitos policiais na rua. Não podíamos atravessar a rua para encontrar nossa amiga, no ponto de encontro pré-combinado. Perguntei a um policial porque não podíamos atravessar, e ele respondeu: “Suspicious package”. Pernas amoleceram. Ah, sério? Pacote suspeito justo comigo lá? Depois de algumas horas e com comunicação restrita por mensagens de texto, conseguimos encontrar nossa amiga, que, com a confusão, teve que se deslocar do lugar que havíamos combinado.

Fomos para o hostel. Descansamos um pouco do pequeno “agito” do primeiro dia. Depois, fomos para o primeiro tour com o hostel, para um ponto turístico da cidade e depois para alguns pubs. O ponto de encontro era a calçada, em frente ao hostel mesmo. Pessoas de muitos lugares do mundo, Inglaterra, Austrália, Alemanha e muitos outros, cerca de 25 pessoas, já estavam ali em completa interação, mesmo antes do passeio começar. Utilizamos um ônibus, para chegar ao local. Depois, fomos a dois bares. Conversamos com muita gente diferente. Havia um guia – que era a cara do Tom Cruise! –, que era um morador da cidade e, de forma voluntária, tem espécie de “parceria” com o hostel e leva as pessoas para fazerem passeios. No final do tour, dá-se a ele gorjeta. A parte mais interessante desse passeio é que não se formaram grupos de pessoas, todos ficaram juntos. Bem mais tarde, voltamos ao hostel, também reunidos.

No dia seguinte, conhecemos o café da manhã do hostel, que era muito bom. A cozinha era muito grande, com muitas mesas pequenas e cerca de quatro pias. Fomos para o centro e compramos um tour, de ônibus, para conhecer a cidade. Além dos pontos turísticos na cidade, fizemos também um passeio de barco maravilhoso. De volta ao hostel, o tour noturno oferecido era o Memorial Day Concert. Então, fomos até o Capitol, e, ao lado de fora, havia um concerto em homenagem aos que já serviram nas forças armadas, pelos Estados Unidos. Após o evento, retornamos ao hostel e lá pedimos pizza junto com outros hóspedes.

Ao lado da recepção do hostel, havia uma área ampla, com sofás e uma mesa de sinuca. No subsolo, tinha lavanderia e armários. No dia três, e, último, fizemos o check-out, liberando o quarto no início do dia, guardamos nossas bagagens nos armários do subsolo e fomos aproveitar o resto do dia na cidade, pois nosso ônibus de volta à Boston era somente à noite.

Pegamos novamente o ônibus turístico e fomos até o zoológico. Na volta, o ônibus atrasou. Então isso levou mais tempo do que havíamos planejado. Mesmo

assim, à tarde, tivemos tempo para pegar outra linha, do mesmo tour, para conhecer uma parte da cidade que faltava. Voltamos ao hostel para buscar nossas coisas e fomos para a rodoviária. De volta à Boston.

5.1.4 Episódio Quatro: Vancouver (Canadá), agosto de 2013.

Vancouver é uma cidade localizada no oeste do Canadá, na fronteira com os EUA, e possui cerca de 600 mil habitantes. A cidade combina a vida urbana com a natureza e é conhecida, ao redor do mundo, por ser uma popular atração turística e, ao mesmo tempo, um dos melhores lugares para viver. Possui vistas incríveis, clima ameno, praias, aventuras, arte e cultura (CITY OF VANCOUVER, 2019).

Figura 17 – Vancouver



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2013).

Aqui começam as minhas três semanas de férias, partindo de Boston, de avião, para o lado leste dos Estados Unidos, sozinha. Quando procurei pelo hostel onde iria me hospedar, optei por um do qual já conhecia a rede. Entrei no website e lá encontrei um quadro com passeios pré-programados, diurnos e noturnos, para todos os dias da semana. Imediatamente, pensei que como eu estava viajando sozinha, isso seria bem interessante.

Em Vancouver, havia dois hostels dessa mesma rede, bem próximos um do outro. Um era no centro – pelo qual optei – e outro próximo à praia. Cheguei no aeroporto de Vancouver próximo a uma hora da madrugada. De lá, eu iria utilizar um táxi até o hostel, mas vi uma movimentação de pessoas se deslocando para um ponto de ônibus. Pedi informação, as pessoas me disseram que era bem simples, que era preciso apenas um ônibus para chegar ao meu destino. Eu havia impresso um mapa da parte central da cidade, que envolvia os arredores do hostel. Quando cheguei a um ponto da cidade que aparecia no meu mapa, fui acompanhando o

deslocamento com o dedo, pelo mapa, observando as placas com os nomes das ruas, que conseguia enxergar. Pedi informação para o motorista do ônibus, para ter certeza de onde descer. Cheguei à acomodação. Já eram duas da manhã. Mesmo em se tratando de primeiro mundo, penso que foi arriscado. Ao chegar no quarto coletivo, apenas me acomodei para dormir, o mais silenciosamente possível.

O hostel era enorme. No térreo, recepção e hall com alguns sofás. Nos outros andares, eram os quartos, como um prédio, com elevador. O café da manhã era no primeiro andar. Não havia muitas mesas para sentar, apenas umas duas ou três pequenas. Havia, porém, sofás ao lado da cozinha, com mesa de centro e uma sala com televisão, também com sofás, onde os hóspedes sentavam para tomar café. Os banheiros estão entre os melhores que já vi, para hostel. Em cada corredor, havia quatro banheiros, todos individuais, com chuveiro, privada e pia. Tudo sempre muito limpo. Mesmo no quarto compartilhado, com oito camas, onde dormi, havia um pia de banheiro. Então, ficava muito prático escovar os dentes ou lavar as mãos, sem precisar ir até o banheiro do corredor.

No dia seguinte, mesmo sem ter dormido o suficiente, saí para o primeiro tour diurno oferecido pelo hostel, logo cedo. Bowen Island e Sunset Beach. Fomos em cinco pessoas – uma alemã, um italiano, uma asiática, eu, brasileira, e nosso guia canadense. Durante o passeio, muitas caminhadas, conversas e admirações aos lindos locais. Para chegar até os locais, utilizamos ônibus.

Já no terceiro dia, saí para um passeio de bicicleta pelo Stanley Park com a garota alemã, que havia conhecido no dia anterior, e sua amiga francesa. Esse passeio foi feito por conta. À noite, tour Pub Crawl, organizado pelo hostel.

No quarto dia, fiz o Walking Tour e Canyon Lynn. Esse tour era com os hóspedes dos dois hostels da mesma rede juntos. Então o ponto de encontro foi o outro hostel, que ficava próximo à praia. Cheguei lá sozinha, mas todos foram muito receptivos e logo comecei a conversar. Conheci muitas outras pessoas naquele dia.

No dia cinco, fui conhecer o Grouse Mountain, local que eu havia pesquisado, antes mesmo de chegar em Vancouver, e que despertou a curiosidade de conhecê-lo. O hostel não oferecia esse tour. Comentei com as duas garotas (a alemã e a francesa), que eu iria, e elas foram comigo. Foi um passeio muito interessante, que, não teria sido tão bom sem a companhia delas. Para a noite, um casal suíço, que conheci no hostel, convidou para dançar salsa em uma casa noturna próxima ao hostel e fui com eles.

Figura 18 – Vancouver: cenas



Fonte: Registros da autora (2013).

No sexto dia, caminhei pela cidade sozinha, admirando e registrando as imagens, por meio de fotografias. Depois, fui até a praia. No sétimo e último dia, fiz um passeio oferecido pelo hostel, para o Capilano Canyon and Suspension Bridge, um dos pontos turísticos mais famosos de Vancouver.

No oitavo dia, acordei cedo, tomei café e fui para a rodoviária. Havia pesquisado que não era tão longe. Como eu tinha apenas uma mochila e uma malinha pequena de rodinhas, decidi ir a pé. No meio do caminho, percebi que as rodinhas da mala não estavam rodando e, por isso, se gastando ao arrastar no chão. Imagine, todos me olhando por onde eu passava, por causa do barulho. Depois de um cansaço enorme, consegui chegar na rodoviária, já sem rodinhas.

5.1.5 Episódio Cinco: Seattle (Estados Unidos), agosto de 2013.

Seattle é uma cidade urbana cercada de belezas naturais. A população é de cerca de 700 mil habitantes, mas a área metropolitana de Seattle tem mais de 3,5 milhões de pessoas. No centro da cidade pode-se ver arranha-céus, construções históricas, restaurantes e diversas atrações turísticas (VISIT SEATTLE , 2019).

Figura 19 – Seattle



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2013).

Saindo de Vancouver, em cinco horas de ônibus, estava em Seattle. Como eram dois países diferentes, houve a passagem pela alfândega. Esqueci que tinha uma maçã e um sanduíche na minha mochila e, no formulário, não declarei. Quando minha mochila passou pela checagem, um policial, com feição nada agradável, me chamou. Ele começou a me dizer, em alto tom de voz e inglês enrolado – nesse momento minhas pernas tremiam – muitas coisas em relação ao fato de eu estar portando comida e não ter declarado. Disse, ainda, que eu deveria pagar uma multa de 300 dólares. Essa quantia era tudo que eu tinha para gastar, nas duas semanas de férias que restavam. Pedi desculpas ao agente e, juntamente com a cara de pobre e triste, disse que havia esquecido. Ele, então, disse que, daquela vez, iria me liberar sem pagar a multa. Pernas voltaram ao estado normal.

Consegui chegar bem ao hostel, que ficava em meio ao Chinatown, o bairro chinês. A recepcionista foi muito atenciosa. Para o acesso aos quartos, no andar de cima, havia uma porta com leitor de cartão. Então, cada hóspede recebia um cartão e só entrava para a área dos quartos quando passasse esse cartão pelo leitor.

Para chegar até a cozinha, havia um corredor, e, em meio disso, sala de televisão com sofás de um lado, lavanderia e armários de outro. A cozinha era bem grande, convidativa e bem organizada. Havia uma bancada quadrada bem ampla, com fogões e pias. Muitas mesas pequenas. Algumas um pouco maiores.

Já no primeiro dia, fui ao supermercado comprar algo para cozinhar lá. Entre as coisas que comprei, estava uma dúzia de ovos. Acabei não comendo nenhum ovo e deixei na geladeira devidamente etiquetada com meu nome. No dia seguinte, quando abri a caixa dos ovos para usar, estava faltando um ovo. No lugar, havia uma nota de um dólar, sendo que o valor que foi pago pela dúzia toda era pouco mais que esse. Eu fiquei surpresa. À noite, aproveitei o Pub Crawl, tour noturno oferecido pelo hostel, e conheci outros hóspedes.

No dia seguinte, encontrei-me com uma conhecida que morava lá. Juntas, fomos fazer um passeio turístico pela cidade. No episódio anterior, em Vancouver, eu havia conhecido três ingleses. Eles haviam me dito que iriam também para Seattle depois, no mesmo hostel que eu. Quando voltei ao hostel, do passeio com essa conhecida, os vi e conversei um pouco. Depois jantamos juntos.

No terceiro dia, fui explorar Seattle a pé e depois aluguei uma bicicleta para ir a alguns locais um pouco mais afastados. Para variar, eu me perdi. Mesmo assim,

consegui conhecer a famosa torre que sempre aparece na série Grey's Anatomy. À noite, fiquei socializando no hostel, na sala de televisão, junto com outros hóspedes.

Ao lado do hostel, havia uma agência de viagens. Comprei com eles, um tour para o Mount Rainier, onde fui sozinha, no quarto dia. Um dos lugares mais lindos que já vi na vida!

Figura 20 – Mount Rainier e Seattle: cenas



Fonte: Registros da autora (2013).

No quinto e último dia, fiz o check-out, para liberar o quarto, e fiquei na sala com televisão, até o horário de partir. Então, fui a pé até a estação do metrô e, de lá, fui para o aeroporto. Nesse momento, estava começando a chover. Como a cidade é famosa pelo volume de chuva, posso dizer que eu tive muita sorte.

5.1.6 Episódio Seis: Washington D.C. (Estados Unidos), agosto de 2013.

Figura 21 – Washington D.C.



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Fotografia de grupo do hostel (2013).

De Seattle para a Filadélfia. Chegando lá, usei um ônibus para Washington D.C. Fiz o trajeto dessa forma porque era mais barato do que se fosse de avião, diretamente. Como a primeira experiência na cidade (episódio três) tinha sido muito boa, resolvi voltar. E para o mesmo hostel, pois já conhecia, sabia que era bom e tinha uma boa localização. A sensação de chegar em um lugar que eu já conhecia e

sabia – mais ou menos – me localizar foi incrível. À noite, nesse mesmo dia, fiz um tour noturno com o hostel. Conheci e conversei com muita gente legal.

No dia um, fiz um Walking Tour pela capital americana com o pessoal do hostel. Foi um passeio feito a pé, por alguns pontos turísticos. Gente do mundo inteiro. Passamos o dia juntos, tiramos fotos, uns dos outros, almoçamos. No final do dia, resolvemos jantar juntos. O grupo que não havia se dispersado durante o passeio. Era uma mesa multicultural, em um restaurante chinês.

No segundo dia, fui conhecer um museu. Mais tarde, fiz o mesmo passeio do dia anterior, só que, agora, à noite. Um guia voluntário – o Tom Cruise – nos levou a vários lugares famosos pela cidade. O passeio todo foi caminhando mesmo e muito divertido. Na volta, decidi ir a um lugar que oferecia aula e prática de salsa. Comentei com o pessoal do hostel, mas ninguém se interessou. Então, fui sozinha.

No dia três, estava chovendo muito. Então não pude fazer nenhum passeio. Esperei, no hostel, a hora de sair para entrar no trem com destino a Williamsburg.

5.1.7 Episódio Sete: Cusco (Peru), janeiro de 2015

Cusco é conhecida como a Capital Histórica do Peru, é Patrimônio Histórico da Humanidade reconhecida pela UNESCO e ponto de partida para Macchu Picchu e para o Vale Sagrado dos Incas. A cidade possui em torno de 300 mil habitantes e está à 3.300 metros acima do nível do mar. Há ótima infraestrutura para o turismo, com hotéis, restaurantes e serviços para atender turistas que a visitam. (NC TRAVEL CUSCO, 2019).

Figura 22 – Cusco



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2015).

Minha primeira estada em hostel da América Latina. De construção simples, arquitetura típica local e bem colorido, a hospedagem tinha uma vista panorâmica

incrível de Cusco, do espaço onde era servido o café da manhã – fotografia da figura 22. O café era bem simples, servido por mesa, quantidade limitada, mas tudo muito bom. Estávamos com uma excursão, que saiu de ônibus de Porto Alegre, com mais de 30 brasileiros. Todos ficaram hospedados no mesmo local.

O dono do hostel era quem nos atendia, quando precisávamos alguma coisa, e também ia junto conosco em alguns passeios. Um grupo que estava conosco nos contou que foram em um bar e que a cerveja lá, se toma quente. Eles nos contaram sobre o esforço do atendente do bar, colocando álcool e gelo em um recipiente para fazer ficar gelada. Os passeios diurnos, durante os dias que ficamos em Cusco, eram pelos vales sagrados dos incas. Muita caminhada! As noites foram quase todas em um local onde havia aulas de salsa e bachata para turistas.

No hostel, havia um banheiro por quarto e mais banheiros nos corredores, com privada e chuveiro separado. Três andares de dormitórios. No topo, havia um espaço com jogos, sinuca e um bar. Eram dias um tanto frios e tivemos problemas com a falta de água quente, diversas vezes, e com a falta de água também.

Havia uma cozinha, mas, aparentemente, poucos a usavam, pois era muito precária. Mesmo assim, resolvi utilizá-la, pois queria fazer apenas um Miojo. Encontrei uma panela limpa e coloquei a água ferver. De repente, um cachorro começa a latir do lado de fora da cozinha. Eu tenho trauma e medo de cachorros. Então, com toda calma, fechei a porta da cozinha e foi aí que o cão se irritou mais e continuou a latir, mais alto ainda. Fiquei ali, paralisada. Até que, depois de um tempo, ele se foi. Comi minha refeição com colher, pois não encontrei garfo, e lavei a louça apenas com água e as mãos, pois não encontrei esponja, nem sabão.

5.1.8 Episódio Oito: Porto Alegre (Brasil), janeiro de 2016

Porto Alegre é a capital do estado do Rio Grande do Sul, localizado no sul do Brasil. A cidade é multicultural por natureza, terra de grandes escritores, intelectuais, artistas e políticos que marcaram a história do Brasil. Sua população é de cerca de 1,4 milhões de habitantes, mas a região metropolitana possui mais de 4 milhões de pessoas (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2019).

Figura 23 – Porto Alegre



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora, no hostel (2016).

Vale ressaltar aqui que, a partir desse episódio, eu já tinha a ideia da pesquisa sobre hostels em mente. Eu era hóspede, mas, da mesma forma, já começava a observar com olhar de pesquisadora.

Porto Alegre foi o local de um reencontro dos viajantes ao Peru em 2015 (episódio anterior). Pessoas de vários lugares do Brasil foram naquela viagem, e, através do contato, que ainda mantínhamos, resolvemos nos encontrar para passar o final de semana juntos. Foram poucos: eu e mais uma garota de Caxias do Sul, duas pessoas do Rio de Janeiro, uma garota de São Paulo. Havia, ainda, pessoas de Porto Alegre, que iriam nos encontrar lá. Chegamos na sexta-feira à noite na hospedagem. Na recepção, o staff foi muito educado.

Havia diversos espaços de convivência, amplos, internos e externos. Sofás de pallets por todos os lados. Tudo bem colorido. Em um dos dias, lembro-me que havia pessoas reunidas, tocando violão e cantando do lado de fora. Além desses espaços, havia uma cozinha, com algumas mesas. O quarto privativo era naquele mesmo andar, no térreo, onde ficou uma carioca que estava conosco. Os dormitórios compartilhados eram no andar de cima, onde todos os outros ficaram. Os quartos eram nomeados por cores, em inglês.

Naquela noite, fomos para um bar. Foi exatamente na noite em que ocorreu um temporal horrível, que destruiu parte de Porto Alegre. No momento da tempestade, estávamos no bar e só nos demos conta do estrago causado, quando saímos de lá. Árvores derrubadas, cidade sem energia elétrica, poucos carros e pessoas nas ruas, mesmo na Cidade Baixa – local geralmente muito movimentado.

Chegando no hostel, estava sem luz também. O recepcionista foi bem atencioso, nos ajudou a chegar nos quartos com a luz do seu celular. Não havia energia elétrica para carregar o celular e, no outro dia, fomos caminhar até encontrar

um bairro que tivesse luz. Eu precisava avisar minha mãe que estava tudo bem. Entramos em um sebo (loja de livros usados), pedi para carregar o celular e consegui avisá-la.

5.1.9 Episódio Nove: Buenos Aires (Argentina), fevereiro de 2016

Capital da Argentina, Buenos Aires tem aproximadamente 3 milhões de habitantes, mas se incluir toda a área metropolitana, tem-se 14 milhões de pessoas. É uma cidade que deixa muitos turistas fascinados pois, além de sua beleza, oferece atividades culturais, restaurantes, museus, passeios, compras, vida noturna, etc. (BUENOS AIRES GUIA DE VIAGEM, 2019).

Figura 24 – Buenos Aires



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2016).

O destino dessa viagem, de uma amiga e eu, foi Buenos Aires, mas não foi a primeira parada. Como mostra o mapa da imagem anterior, saímos de Caxias do Sul, de ônibus até Porto Alegre, onde saem os ônibus com destino a Montevidéu, no Uruguai. Em Montevidéu ficamos alguns dias na casa de um amigo e, de lá, partimos para Colônia do Sacramento, onde saem as balsas que atravessam o Rio da Prata até Buenos Aires. De lá, pegamos um taxi até o hostel.

Chegamos em Buenos Aires em meio a uma chuva torrencial. Chegando no hostel, o recepcionista argentino foi muito atencioso conosco. Nesse episódio, a negociação com minha amiga, para que ela aceitasse se hospedar em hostel foi que ficássemos em quarto duplo, ao invés do quarto compartilhado. Isso privou um pouco o contato com outros hóspedes. Então, procurei ficar nas áreas comuns boa parte do tempo, para ter esse contato.

O café da manhã era servido na sala de computadores do hostel. Não havia muitas mesas com cadeiras para sentar. As mesas eram as da área comum do lado

de fora e algumas do lado de dentro. Sendo assim, os hóspedes precisavam compartilhar as mesas, na hora do café. Conhecemos algumas pessoas assim, pois sentávamos juntos e logo começávamos a conversar. O espaço externo era bem grande, com algumas mesas, cadeiras e dois puffs grandes, além de plantas. Outra área de lazer interessante era no corredor, em meio a diversas portas para quartos, em determinados andares, em que havia sofás também.

Na cozinha, enquanto cozinhávamos, conhecemos duas inglesas, que estavam fazendo um tour pela América Latina e já combinamos de ir, juntas, ao show de tango na noite seguinte.

Em um dos dias em que voltamos cansadas de um passeio, à tarde, minha amiga foi para o quarto dormir e eu desci para a área comum. Lá estavam dois recepcionistas, um holandês e duas alemãs, num papo muito descontraído. Eu estava tentando praticar o espanhol com o holandês e então conversei muito tempo com ele. Depois minha amiga desceu, e combinamos de todos irmos a um bar à noite. Depois do bar, voltamos ao hostel, onde ficamos na recepção, conversando por mais um tempo, e depois, fomos dormir.

Para fazer os passeios pela cidade, utilizamos, na maioria das vezes, o metrô. Nos dias que ficamos lá, a temperatura não baixou de 40 graus, e a sensação térmica era de mais calor ainda. Algumas vezes até pensamos em não sair do quarto para ficar no bom do ar condicionado, mas encaramos o calor, para turistar. No metrô, não havia ar condicionado, então o calor era insuportável – ainda mais sempre lotado. As janelas ficavam abertas, mas, mesmo assim, entravam fios de ar. Estávamos no meio da população local, que estava indo ou voltando do trabalho. Percebemos pessoas com bolsas de gelo no pescoço, para refrescar.

Além disso, compramos também um tour de ônibus para conhecer pontos mais afastados da cidade.

5.1.10 Episódio Dez: São Paulo (Brasil), setembro/outubro de 2016.

São Paulo é a capital do estado de mesmo nome e possui cerca de 12 milhões de habitantes. A cidade oferece história, arquitetura e cultura. Além disso, um passeio pela Avenida Paulista pode mostrar a pluralidade de São Paulo, com pessoas de todos os cantos do país e do mundo e com diversas manifestações artísticas que há por lá (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2019).

Figura 25 – São Paulo



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2016).

Congresso Anptur. Lá estava eu, em meu primeiro evento como aluna do mestrado, apresentando um trabalho sobre hostels e, hospedada em um deles. Quando chegamos em São Paulo (eu e duas colegas), fomos muito bem tratadas por um motorista de Uber, que nos levou até o hotel de uma delas e, depois, para o hostel onde eu e outra colega ficaríamos. Dizia o motorista: “Querem ouvir uma música? Querem bala? O ar está bom?” Como até aquele momento não havia o serviço de Uber funcionando na nossa cidade natal, ficamos encantadas com o serviço da empresa e atendimento do motorista.

A escolha do hostel foi baseada em pesquisa na internet. Chegando lá, fomos recebidas pelo próprio dono do hostel. Ficamos em um quarto misto, ou seja, homens e mulheres. Lá conhecemos um funcionário do hostel, que estava iniciando um trabalho lá, em troca de hospedagem. Conversei com o proprietário sobre a minha pesquisa e ele ficou bastante interessado em ler e conversamos um pouco sobre a temática. Nesse dia, fomos para a abertura do evento.

Não havia muitas pessoas no hostel, pois, era durante a semana. Tomamos café da manhã com o dono do hostel e mais aquele funcionário. Depois apareceram duas garotas, que, coincidentemente, estavam trabalhando no mesmo evento que fomos. Passamos o dia todo no evento. Para ir, utilizamos o metrô. Na volta, Uber. Lá descobrimos que o Uber pode ser compartilhado com mais pessoas, tudo pelo aplicativo, que identifica trajetos semelhantes.

À noite, quando voltamos ao hostel, chegou um rapaz em nosso quarto, garoto do Mato Grosso do Sul. Quando percebi, estávamos todos conversando e interagindo no grande quarto. Na mesma noite, saímos todos juntos e fomos até outro hostel, bem próximo, a convite de um dos rapazes. Depois, voltamos para a nossa acomodação e ficamos na área comum conversando.

No dia dois, à noite, estávamos juntos na recepção do hostel e pedimos pizzas. Permanecemos ali um tempo, comendo e conversando, muito alegremente. O dono do hostel chegou do meu lado e disse “Eu estou muito feliz hoje”. Perguntei: “É? Por quê?” Ele respondeu “Porque hoje isso aqui está com clima de hostel”. Então, ele me explicou que apesar disso ser o ideal, nem sempre acontece, que às vezes as pessoas são mais reservadas e ficam no seu canto, sem interagir.

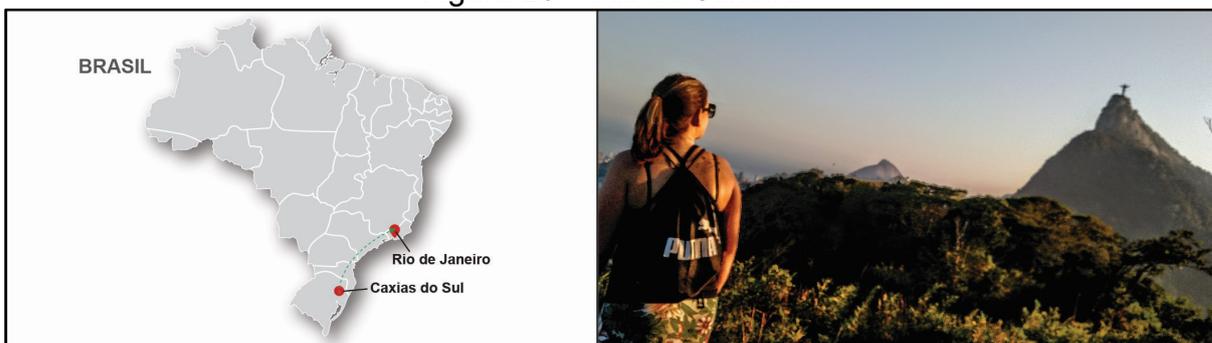
Em um dos momentos em que estávamos sentadas, na área comum (eu e minha colega), conversamos com outro funcionário do hostel. Depois de muita conversa informal, falei da minha pesquisa. Ele nos contou que eles são orientados, tanto para fazer um bom trabalho, como para socializar com os hóspedes, ou seja, para sentar lá e ficar conversando também.

Dia três, era domingo. Minha colega partiu cedo e o meu voo estava marcado para as 20h. Durante o dia, aproveitei para conhecer alguns pontos da cidade. Perto das 18h, quando eu estava deixando o hostel, estava acontecendo um pocket show na entrada do hostel mesmo. Uma dupla, um francês e um argentino estavam tocando. Muitas pessoas estavam ali curtindo o som e interagindo, hóspedes do próprio hostel, pessoas que passavam na rua e paravam e, também, hóspedes do hostel vizinho. Tive que me despedir na segunda música.

5.1.11 Episódio Onze: Rio de Janeiro (Brasil), julho de 2017

A “cidade maravilhosa” é a capital do Estado do Rio de Janeiro e o centro social e cultural do país. É famosa por suas praias, ilhas e outras belezas naturais. A área metropolitana, que inclui 17 municípios, possui mais de seis milhões de habitantes (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2019).

Figura 26 – Rio de Janeiro



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2017).

Nessa viagem, aproveitei para ‘turistar’ e rever amigos, mas o principal motivo era ficar uma semana em um hostel, fazendo observação direta.

Um dia antes de partir, tive problemas com a minha garganta e um resfriado. Como eu havia reservado um quarto compartilhado no hostel, no Rio de Janeiro, fiquei com receio de passar para alguém o vírus. Então, busquei atendimento médico na noite anterior a minha ida.

Meio dia. Solicitei um Uber até o aeroporto de Caxias do Sul. Do aeroporto Santos Dumont (RJ) até a hospedagem, utilizei o Uber Pool, que é compartilhado com outras pessoas, e a tarifa fica ainda mais barata.

Chegando à acomodação, percebi que havia mesas e cadeiras do lado de fora do hostel, em um espaço cercado. Subindo alguns degraus, a recepção. A primeira impressão foi de pessoas muito receptivas. A recepcionista logo me disse: “Olha ela, super chique de cachecol”. Respondi que não era “chiquesa”, e sim, o frio de quatro graus que fazia na terrinha natal. Ela me explicou algumas questões práticas sobre hostel. Perguntei se havia passeios promovidos pelo hostel, ela me passou que não, mas indicou alguns com agências de viagens, me entregando alguns panfletos. Disse também que se eu quisesse fazer por conta ela poderia me explicar e me dar tudo “mastigadinho”.

Ela me indicou onde era o quarto e então subi. Na escada errada. Encontrei um outro hóspede e disse que estava perdida, ele me indicou o caminho certo. Subi na escada certa e encontrei o quarto. Feminino. Bem ajeitadinho. Havia dois banheiros internos. Oito camas. Escolhi a minha, a qual deveria identificar, colocando um ímã na beirada da cama.

Na parte inferior das camas de baixo estavam os armários, que poderiam ser trancados com cadeado. Porém o único armário restante para mim, não fechava. Pensei por um instante, resolvi dar um voto de confiança e coloquei minhas coisas ali, sem cadeado mesmo. Primeiro quarto de hostel em que fico hospedada e que há varal de chão, para estender roupas, algo muito útil. Primeiro também com dois banheiros internos, mesmo que um deles fosse minúsculo e sem janela.

Havia duas cozinhas. A que era destinada ao uso dos hóspedes estava em reforma, e, por isso, todos estavam utilizando a cozinha do staff. Era um espaço pequeno, que eles tiveram que adaptar durante esse período de reforma. Preparando o meu jantar, encontrei chilenos e argentinos. Como havia o pessoal que preparava e servia o café da manhã e precisava ocupar a cozinha, de manhã, a

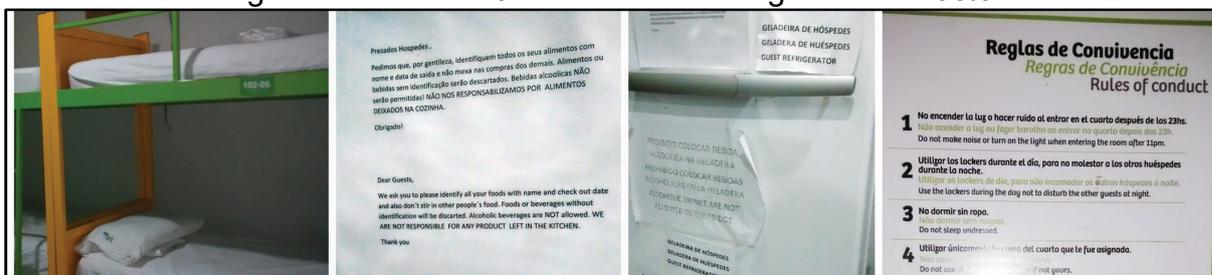
cozinha não estava liberada para uso dos hóspedes. Todas as vezes que fui à cozinha, me deparei com mais pessoas lá. Deixei algumas comidas na geladeira, identificadas com meu nome.

Quanto aos outros ambientes do hostel, além do balcão da recepção, havia um balcão do bar ao lado – onde era servido o café da manhã também – mesas e cadeiras, sofá, mesa com três computadores, telefone público, televisão. Tudo ali integrado, sem divisórias.

A camiseta, uniforme de todos os funcionários do hostel, tinha a seguinte escrita na estampa: "Smile, you are travelling" (Sorria, você está viajando) e o desenho de um sorriso logo abaixo. Todas da mesma cor vibrante.

Os recepcionistas foram muito gentis e me auxiliaram a pensar qual a melhor forma de transporte – ônibus ou metrô – para fazer os passeios que eu queria pela cidade. Entre as dicas deles, olhando para o Google Maps: "Ah, daí ali você vai por cima, porque se você for por baixo vai cair dentro da favela, e isso não é legal". Quando eles perceberam que eu gostava de trilhas, começaram a sugerir outros passeios, que poderiam me interessar também.

Figura 27 – Rio de Janeiro: cenas e registros no hostel



Fonte: Registros da autora (2017).

Havia um cartaz no quarto, com regras de convivência. Entre elas, quando entrar no quarto depois das 23h, não acender a luz e nem fazer barulho. No meio da madrugada, meninas chegaram ao quarto. Como os armários eram de metal, faziam muito barulho. Uma das meninas fez muito barulho com o armário, com a mala e com uns plásticos. Até que parou de mexer neles e eu adormeci novamente.

Em outra noite, mais um caso. Era duas e meia da madrugada, duas meninas entraram no quarto, acenderam a luz, falaram alto uma com a outra e ainda conversaram com um amigo delas no corredor, com a porta do quarto aberta. Tomaram banho e mexeram muito nos armários barulhentos. Uma das outras garotas que já estava dormindo se cobriu e colocou o travesseiro sobre a cabeça e

eu, ali, sem saber o que fazer. Aí uma delas deitou na sua cama e começou a assistir vídeos no celular. Alto e sem fone. Pensei “falo, não falo”, “falo, não falo”. Achei conveniente usar da linguagem não verbal. Levantei minha cabeça e, com apenas um olhar, ela entendeu e parou.

Do sofá, na recepção, eu observava. Vi os recepcionistas falando português, espanhol, inglês. Vi muitos hóspedes franceses também. Estava eu no sofá, próximo à tomada e uma estrangeira sentou-se ao meu lado e colocou seu tablet carregar. Trocamos poucas palavras. De repente, ela se foi, e deixou o aparelho ali carregando. Outra noite, eu resolvi testar da mesma confiança. Estava na recepção e precisava subir ao quarto. Como voltaria logo, deixei meu celular carregando, bem como minha bolsa ao lado. Quando voltei, tudo estava lá no mesmo lugar.

Eu estava dormindo, na parte de cima do beliche, e não havia tomada próxima. A maioria das tomadas ficava no chão, próximo à porta. Então, toda noite eu tinha que deixar o celular lá embaixo carregando, para que tivesse bateria no dia seguinte para o dia todo. Isso era bem ruim, porque, se eu acordasse no meio da noite, só poderia olhar a hora, se descesse. Ou então quando o despertador tocava, de manhã, até descer e desligar, demorava um pouco.

Na sexta-feira, o hostel começou a ficar mais movimentado. Check-in a todo momento e a recepção sempre cheia de pessoas, com malas ou mochilas grandes. Observei uma das recepcionistas ajudando um francês que estava tentando usar o telefone público, dentro do hostel. Ela percebeu que o cartão que ele havia comprado para utilizar o telefone estava sem créditos, sendo que ele tinha recém comprado na banca da esquina. Ela imediatamente fala pra outra funcionária: "Venderam um cartão sem crédito pra ele, vou lá na banca com ele trocar".

O café da manhã era bem completo. Não era necessário o hóspede lavar a louça, apenas levá-la até o balcão. Não sei se isso era pelo fato de a cozinha dos hóspedes estar em reforma, ou se é sempre assim.

Em um dos dias, quando cheguei, às 18h, duas garotas de Buenos Aires estavam entrando no quarto onde eu estava, e começamos a conversar. Elas anotaram meu contato, porque gostaram da ideia do passeio para Arraial do Cabo, mas, no final, eu já tinha fechado para ir no dia seguinte, e elas não poderiam.

No outro dia, parti para Arraial do Cabo com uma agência que realizava esse passeio. Eu era a única do hostel que iria. Veio uma van me buscar. Já haviam pessoas dentro e passamos em mais alguns hotéis buscar outras pessoas. Houve a

coincidência de encontrar uma garota de Caxias do Sul e começamos a conversar. Ela, também sozinha, havia comprado um pacote de viagem e estava hospedada em um hotel no centro. Quando falei que eu havia comprado tudo por conta e que estava hospedada em um hostel, ela abriu um sorriso e disse: "Ah, um amigo me falou disso aí! A próxima vez que eu viajar, vou ficar num negócio desses".

Do total de sete noites que eu estaria no Rio de Janeiro, fiz reserva prévia para apenas quatro naquele hostel, pois pensei em ficar esses dias ali e talvez trocar de acomodação nos últimos dias. Depois de dois dias, porém, decidi ficar e fiz uma nova reserva. Não havia mais quartos femininos disponíveis, então fiz a reserva para um quarto misto. Conversei com a recepcionista sobre a possibilidade de me trocar para um quarto feminino, e ela disse que tentaria. No outro dia, ela apenas me enxergou e disse: "Teve uma menina que fez a reserva e cancelou, tô tentando aqui te colocar num quarto feminino". No que seria a última noite antes de eu precisar trocar de quarto, desci para ver com ela se tinha conseguido. Quando ela me viu, já abriu um sorriso e disse: "Ah, moleque, consegui colocar você num quarto feminino!", ao mesmo tempo em que ergueu a mão para fazer um "high-five" comigo. Respondi o cumprimento. Ela ainda disse: "Mara, me diz qual a tua cama que vou manter você no mesmo quarto!". No fim, não precisei trocar de quarto, nem de cama.

Minha primeira reserva tinha sido feita diretamente pelo site do hostel, e isso incluía café da manhã. A segunda, fiz pelo Booking.com, e este não incluía café – o que só fui descobrir depois. Foi bem estranho quando, nesses últimos dias, precisei sair do hostel sem café da manhã, enquanto todos os outros estavam ali o fazendo.

Para me deslocar na cidade, utilizei ônibus, metrô, bicicleta, moto taxi e caminhei muito também. No morro Dois Irmãos, foi onde fiz uma trilha – ou melhor, uma subida – de duas horas, com uma amiga que mora no Rio. A trilha começa onde termina a Favela do Vidigal, ou seja, tivemos que "subir o morro". Lá de cima, do final da trilha, a vista da Lagoa Rodrigo de Freitas, que – até então eu não sabia – tem formato de coração. Pareceu uma recompensa por ter chegado até lá, por estar no Rio fazendo pesquisa. Não sei, foi um bom sentimento que eu tive naquele momento. Na descida, utilizamos moto taxi, e eu, com muito medo, me agarrei no motorista. Ele disse que iria devagar, e eu pensei: "Qual seria então o modo rápido?". O almoço foi de boteco, no "pé" do morro.

5.1.12 Episódio 12: Balneário Camboriú (Brasil), setembro de 2017

Balneário Camboriú é uma das principais cidades de Santa Catarina. Sua região de praia é um dos maiores destinos turísticos do Sul do país. Sua população fica em torno de 120 mil habitantes, mas próximo ao Natal e Ano Novo chega a 800 mil (PORTAL DE IMÓVEIS VIVA BALNEÁRIO, 2019).

Figura 28 – Balneário Camboriú



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2017).

A busca por um hostel nesse município foi através do Booking. Para uma das opções disponíveis, enviei uma mensagem via WhatsApp para tirar uma dúvida sobre o quarto, antes de fazer o reserva. Alguém visualizou minha mensagem, mas não respondeu. Recebi uma resposta duas semanas depois, o que foi tempo demais, pois eu já havia feito a reserva numa outra acomodação, a qual havia me respondido prontamente, também por WhatsApp.

Partimos de Caxias do Sul, colegas e professores, para um congresso da pós-graduação, de ônibus. Da rodoviária de Balneário Camboriú até o hostel, fomos eu e mais uma colega do mestrado, caminhando por 20 minutos, de mochila nas costas. Era bem cedo pela manhã, mas eu já havia feito contato com o hostel e sabia que poderíamos fazer o check-in antes do horário regular.

Tocamos a campainha e veio alguém nos atender. Havia um painel digital para abrir a porta, e ele logo nos mostrou a senha para abrir. Subindo a escada, a recepção. Um pequeno balcão, sofá, cadeira de balanço amarelo vivo, freezer com bebidas para vender. Uma entrada para corredores com quartos e uma escada para mais cômodos no andar de cima.

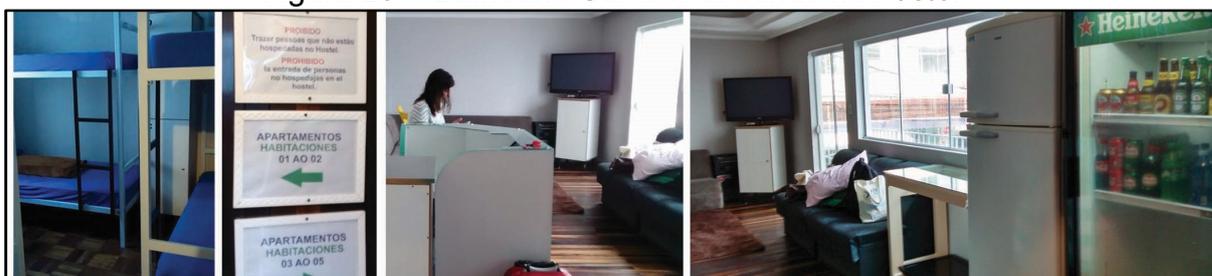
Solicitamos toalha de banho – pois sabíamos que eram pagas – e ele já pegou também cobertores, pois, apesar de ser praia, não eram dias muito quentes. Ele nos levou até o quarto, com dois beliches (quatro camas), e nos mostrou como

funcionavam os armários e o banheiro compartilhado. Mais tarde, chegou outra colega do mestrado. Com ela, dividimos o quarto, onde ficamos apenas nós três.

O quarto era simples e pequeno, com ar condicionado, janela grande com cortina blackout, diversas tomadas espalhadas pelo quarto, armários bem grandes com chave fornecida pela acomodação. Lençóis e travesseiros das quatro camas vermelhos, dando vida ao quarto. O quarto ao lado, que foi possível avistar pelo corredor, seguia o mesmo padrão, mas na cor azul.

Acima do nosso quarto, mais andares com quartos e uma cozinha, não muito equipada e um tanto desorganizada, mas grande. Nos corredores, espelhos grandes nas paredes. Era baixa temporada e no meio da semana, provavelmente, por isso, vimos poucos outros hóspedes e apenas de passagem.

Figura 29 – Balneário Camboriú: cenas no *hostel*



Fonte: Registros da autora (2017).

Conversamos com um dos donos do hostel, que falou sobre locais na cidade, para conhecer. Aproveitei para perguntar o que era aquele prédio antes e ele me disse que era um conjunto de quatro apartamentos. Isso explica os banheiros grandes que havia em outro corredor, e o banheiro pequeno, sem janela, próximo ao nosso quarto, que, provavelmente, foi improvisado. Também conversamos sobre o tempo que o hostel está ali, que é de apenas um ano e meio, desde que ele reformulou tudo. Falamos também sobre os hóspedes do estabelecimento, que, na baixa temporada, segundo ele, 50% são brasileiros e 50% são estrangeiros. Já na alta temporada – dezembro a fevereiro – 70% são estrangeiros.

No momento do check-out, o outro dono do estabelecimento, pai do primeiro rapaz, sentou-se para conversar conosco na recepção, até nos despedirmos.

5.1.13 Episódio 13: Canela RS (Brasil), novembro de 2017

A cidade de Canela dispõe de parques e atrativos turísticos em meio a cenário de belezas naturais. Com sua população de pouco mais de 40 mil

habitantes, faz parte da Região das Hortênsias, marca turística no Estado do Rio Grande do Sul. Pode ser local de tranquilidade, descanso, com muitas opções de lazer e gastronomia (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANELA, 2019).

Figura 30 – Canela



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Imagens de Canela (REVISTA VIAGEM E TURISMO, 2019).

O motivo dessa viagem foi novamente um congresso sobre Turismo. Fui de carro, com uma colega, até o local do evento, que ficava próximo ao hostel onde eu ficaria. Eu já estava no evento e queria ir até o hostel para conhecer e deixar minha mochila. Então, logo após o almoço, uma colega foi comigo até lá. Fomos de Uber e depois voltamos a pé. Estava um dia lindo.

Chegando no hostel, era uma casa grande, toquei a campainha. Uma mulher desceu para abrir e pediu desculpas que o interfone não estava funcionando. Subindo a escada, tinha a recepção, alguns sofás com televisão. Ela conferiu a reserva e avisou que a minha havia sido feita sem café da manhã e que, se eu quisesse, teria um valor de 15,00. Perguntei se eu tinha cadeado, eu disse que havia esquecido. Então ela abriu uma gaveta e pegou um para mim, sem cobrar. Mostrou-nos a parte de cima do hostel, incluindo a cozinha, que era bem grande, e nos levou para o andar de baixo, onde ficavam os dormitórios. Mostrou os banheiros e o quarto misto. Quando entramos no quarto feminino, onde eu iria ficar, ligou a luz e foi verificar quais camas estavam vagas. Havia quatro beliches; portanto, oito camas. Então, viu que tinha uma pessoa dormindo e logo pediu mil desculpas, por ter ligado a luz. Mostrou os armários que estavam vagos. Exteriorizou: “Hum... deixa eu ver o que tem mais...” E logo me disse a senha da internet e me mostrou que ali embaixo também tinha televisão e sofás. Antes de sair, olhou para minha colega, que estava junto, e viu que ela carregava uma mateira (porta chimarrão) e imediatamente perguntou: “Precisa de alguma coisa para o chima... água quente?”. Ela agradeceu.

A primeira impressão foi de um lugar bem calmo e tranquilo, principalmente por ter áreas verdes próximas. Este foi o primeiro hostel que estive que havia cortina na cama para fechar, já havia visto em fotos antes, mas nunca me hospedado em um que tivesse. As cortinas dão muita privacidade ao hóspede, principalmente na hora de dormir. Quando estava guardando minhas coisas no armário, a dona do hostel voltou ao quarto, com sua irmã e sócia, para mostrar a ela como tinha ficado as novas cortinas nas camas. E elas começaram a nos contar, que elas tinham visto isso em hostels na Europa. Acharam a ideia boa e quiseram fazer ali também.

Subimos para sair e, antes disso, uma das proprietárias nos perguntou o que iríamos fazer em Canela. Quando falamos do evento, ela disse que outras duas meninas que estavam no hostel também estavam nesse mesmo evento. E ainda nos disse que, na igreja, havia show de luzes à noite, caso quiséssemos ir.

À noite, quando voltei, reparei em algumas comodidades que tinha no quarto. Havia um balcão grande, com espelho e tomadas. Os armários eram grandes, de madeira. Eu estava na cama de baixo do beliche e, além das cortinas dos dois lados, havia luzinhas, como as de natal, que, no caso, quando as cortinas estão fechadas, é possível que o hóspede fique com sua luz acesa, sem incomodar os demais. Havia também um tecido, preso na cama de cima, como porta objetos. E também duas tomadas na cabeceira da cama.

Nessa mesma noite, subi para olhar o artesanato que elas tinham para vender. Uma das donas perguntou se estava tudo bem e se precisava de algo. Ofereceu um chá e eu disse que não precisava. Ela insistiu, disse que estava fazendo pra ela, que não custava nada, mas eu agradei e desci para dormir.

Figura 31 – Canela: cenas no hostel



Fonte: Registros da autora (2017).

No outro dia, no café da manhã, havia somente eu e mais uma pessoa, tomando café. As duas irmãs estavam na cozinha, mas que era interligada com a

área onde os hóspedes se sentavam para comer. Comecei a conversar com elas e perguntei há quanto tempo estavam com o hostel. Elas responderam: um ano.

Quando perguntei sobre o público, se eram mais os jovens que vinham para se hospedar, uma delas respondeu: “Por muito tempo os hostels foram lugar de mochileiro, agora não são mais”. Ela disse também que, no hostel delas, hoje tem muitas famílias que procuram também, tanto que estão planejando fazer um espaço kids no local. A outra complementou, contando que, havia duas semanas, tinha sido feita uma reserva para um grupo. Então, elas os estavam esperando, pensaram em cardápio especial e, na cabeça delas, era um grupo de jovens. Quando o ônibus chegou, para a surpresa delas, era um grupo da terceira idade. Elas contaram que logo se olharam e pensaram como iriam acomodar as senhoras nos beliches, já que metade do número total de camas ficava na parte de cima. “Quando a gente viu, a mais velha de 80 e poucos anos já estava na parte de cima do beliche”. Contaram que, apesar da preocupação das proprietárias com esses hóspedes, que esse grupo nem ligou para a simplicidade, ficaram ali uma semana e adoraram.

As proprietárias também me disseram que elas dormem no quarto ao lado da cozinha e que, quando tem muitas reservas, elas cedem o quarto para os hóspedes e dormem no mesmo colchão, em outro quarto apertado. Disse também que algumas vezes não dormem muito, como no Natal Luz, considerado período de alta temporada. “O pessoal sai pra ver, volta pro hostel à 1h, outro grupo às 3h, outro às 6h... e 6 e pouco já levanto pra fazer o café”.

Quando terminei o café da manhã – sensacional, diga-se de passagem – descii para me arrumar e ir para o congresso. Sentada no sofá, estava uma garota, com seu computador. Começamos a conversar, e ela também estava no mesmo evento. Então, fomos juntas, de Uber, para o local. Realizei o check-out e já levei minhas coisas, pois eu não voltaria.

5.1.14 Episódio 14: Brumadinho (Brasil), dezembro de 2017

Brumadinho é um município do Estado de Minas Gerais. Possui cerca de 35 mil habitantes e muitas características de cidade pequena. Fica a 60 km de Belo Horizonte e é sede do maior museu de arte contemporânea a céu aberto do mundo: Inhotim (CIDADE BRASIL, 2019).

Figura 32 – Brumadinho



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Imagem de Brumadinho (INSTITUTO INHOTIM, 2019).

Eu e meu esposo embarcamos em um avião de Porto Alegre a Belo Horizonte. Planejamos tudo por conta própria. Chegando lá, alugamos um carro para conhecer algumas cidades em Minas Gerais. Os próximos quatro episódios, portanto, aconteceram nessa condição. Do total de seis hospedagens, quatro foram em hostels e todas as reservas foram feitas pelo Booking.com.

Antes da ida a Brumadinho, confirmei a reserva do hostel por um número de WhatsApp que encontrei na internet. Quando enviei o comprovante de depósito de 50% do valor, uma mulher respondeu algumas horas depois, com o pedido de desculpas por ter demorado a responder. Ela, muito atenciosa, confirmou a reserva, respondeu minhas dúvidas e disse que qualquer dúvida poderia chamar por ali.

Quando estávamos a caminho do hostel, recebi uma mensagem dela, perguntando que horas iríamos chegar. Respondi que próximo das 16h. Na chegada, tocamos a campainha. Veio um homem atender, se apresentou, cumprimentou com aperto de mãos. Logo atrás veio a mulher dele e nos recebeu com um abraço caloroso. Ela disse que eles não estavam no hostel e por isso perguntaram que horas chegaríamos, para garantir que estivessem ali na nossa chegada. Pagamos o restante do valor em dinheiro, pois eles não aceitavam cartão. Eles conversaram bastante conosco e nos mostraram todo o hostel.

O hostel era uma casa. Havia espaço externo com sofás, puffs, redes, televisão e uma mesa grande. Na parte de dentro, havia sofá de pallets, alguns livros, lembrancinhas artesanais para venda. Uma cozinha, três quartos privativos e um compartilhado, além dos banheiros. Tudo muito colorido e com elementos místicos pendurados, como filtro dos sonhos e mandalas. Nosso quarto era privativo, com banheiro compartilhado. O café da manhã estava incluso, para os dois dias.

No lado externo, perto da mesa, havia um grande quadro – na parede, pintado de preto para escrita com giz – com ideias de locais próximos para visitar e havia também um cartaz de PubCrawl, para a noite seguinte. Logo perguntei se havia aquele passeio. Eles responderam que sim e que era muito legal.

Figura 33 – Brumadinho: cenas no hostel



Fonte: Registros da autora (2017).

A proprietária do hostel nos disse também que, no momento, só tinha uma hóspede, mas que iriam chegar mais pessoas naquele dia. Quando falamos que estávamos de carro e que poderíamos dar carona para até três pessoas para algum passeio, ela disse que isso acontece frequentemente e acrescentou: “Aqui no hostel é legal que as pessoas fazem amizade, assim, na hora”.

Os donos não moravam ali. Ficavam até o horário que sabiam que iria chegar gente para o check-in. Depois, cada hóspede teria sua chave. Então eles iam para sua casa e retornavam de manhã para fazer o café. Eles nos contaram que faz oito meses que eles assumiram o estabelecimento, que já era um hostel antes, e nesse mesmo modelo. A hospitalidade do casal era impressionante.

Então chegou uma mulher paulistana que estava hospedada lá e conversamos um pouco com ela. Ela perguntou se pretendíamos ir a Inhotim e respondemos que no dia seguinte. Como ela já havia ido naquele dia e iria novamente no outro dia, começou a nos dar dicas de como otimizar o tempo do passeio, pois havia muita coisa para ser vista.

Nós dois saímos para conhecer a cidade e jantamos em um local que a dona do hostel havia indicado. Na volta, sentamos na área externa e ficamos ali conversando. Então chegou um casal de São Paulo, que também ficaria no hostel naquela noite. O casal sentou-se conosco e começamos a conversar. Perguntaram de Inhotim, pois eles também iriam no dia seguinte. Ela perguntou como iríamos, respondemos que estávamos de carro e que eles poderiam ir conosco.

No dia seguinte, na hora do café, estávamos todos sentados na mesa externa, incluindo o casal dono do hostel. Quando o assunto voltou a ser Inhotim a mulher paulistana perguntou como iríamos. Logo respondi: “De carro, e você vai com a gente também”. Todos riram, e ela concordou.

Na volta desse passeio, era final da tarde, chegaram mais três paulistas no hostel (duas mulheres e um homem). Quando conversamos sobre as cidades que já tínhamos passado e aonde iríamos depois, descobrimos que os três também iriam a Capitólio depois. Combinamos de nos encontrar lá. Os proprietários passaram café para nós, com muito carinho.

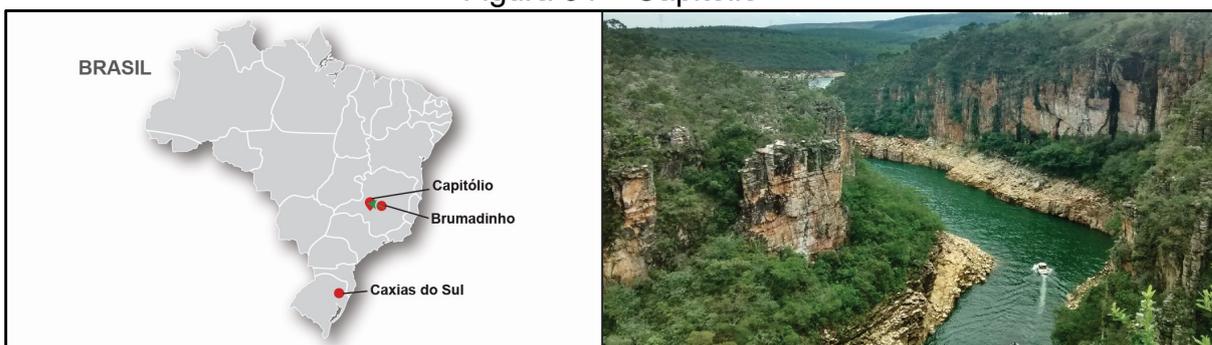
Aquela era a noite do PubCrawl em Brumadinho, que envolvia nosso hostel e mais um outro. No horário combinado, chegaram dois táxis para buscar as oito pessoas do nosso hostel. Foi uma noite muito divertida. Fiquei observando, durante a ida aos bares, as conversas e os assuntos que predominavam, que envolviam relacionamento, filhos, religião, comportamento das novas gerações, entre outros. Quando voltamos ao hostel, cada um se direcionando aos seus quartos e eu ouvi: “Vamos nos ver amanhã para dar tchau?”. “Sim”. “Ah, então, boa noite”.

Na hora do café da manhã, todos saltaram da cama com o cheiro bom de bolo quentinho, que se espalhava pelo hostel. Após o café do segundo dia, o pessoal foi para seu passeio e nós estávamos arrumando as coisas para ir embora. Um a um, vieram dar abraços de despedida, sendo que um dos três paulistas disse: “Nos vemos em Capitólio!”. Anotamos os contatos. O tchau para os donos também foi com abraço. Enquanto saíamos com o carro da garagem, eles nos olhavam partir, como se fôssemos amigos de longa data. Partimos para Capitólio.

5.1.15 Episódio 15: Capitólio (Brasil), dezembro 2017, janeiro 2018

Capitólio é um município de Minas Gerais e que faz parte do Parque Nacional da Serra da Canastra. As diversas atividades de lazer, incluindo as belezas naturais, como as diversas cachoeiras e as vistas dos cânions, têm feito o turismo crescer, no município com cerca de 8 mil habitantes (CIDADE BRASIL, 2019).

Figura 34 – Capitólio



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2017).

No momento da escolha pela acomodação, na busca pelo booking.com, havia algumas opções um pouco mais baratas que hostel, como pousadas e também algumas possibilidades pelo AirBnB. Ouvi de meu marido: “Mas no hostel vai ter mais gente, a gente vai poder passar o ano novo com mais pessoas”. Então, optamos por pagar um pouco mais caro e ficar em um hostel.

Contatei o hostel pelo Facebook, para confirmar a reserva e estava tudo certo. Perguntei também se havia alguma programação de final de ano. Ele me respondeu que iriam enviar um e-mail com essas informações.

Chegando lá, percebemos a ótima localização do hostel, ao lado da praça central da cidade. O dono do hostel foi quem nos recebeu, explicou os procedimentos e nos entregou um kit, numa caixinha de plástico com o nome do quarto (que era um dos pontos turísticos da cidade), número da cama, um cadeado com chave, o cartão magnético para entrar no hostel, um plug com três entradas USB e uma mini-lâmpada, que também se conectava na entrada USB.

No quarto compartilhado, onde ficamos, havia seis camas, cada uma com cortina, tomada e dois ganchos, bem úteis para pendurar roupas ou toalhas. No quarto, havia ar condicionado, armários e também um banheiro. Tudo parecia muito novo. Pelo que o proprietário nos disse, reformaram todo o hostel havia pouco tempo. Tínhamos algumas dúvidas sobre passeios – os quais já havíamos pesquisado antes. Então, ele nos levou até uma parede onde estavam todos os passeios, com fotos e descrição. Ele nos explicou quase todos – estamos falando de cerca de 25! Depois nos mostrou o resto do espaço, cozinha muito bem equipada, com um armário com divisões por quarto, para colocar a comida. Área comum com mesas e cadeiras, mesa de sinuca, espaço para fazer churrasco, varais para roupas.

Ele nos falou também sobre os planos para ampliação. A estrutura do hostel era excelente, a melhor que já fiquei, incluindo os de fora do Brasil.

Figura 35 – Capitólio: cenas no *hostel*



Fonte: Registros da autora (2017).

Enquanto ele nos mostrava o lugar, todas as pessoas que passavam diziam “Oi, tudo bem?”. Logo depois dissemos que queríamos fazer um dos passeios oferecido, que era com o irmão dele, que trabalhava com passeios turísticos na cidade. Ele reservou para nós.

Uma mulher que estava conosco no mesmo quarto, convidou para um churrasco que iriam fazer naquela noite. Como estávamos esperando os três paulistas que conhecemos no outro hostel, agradecemos. Saímos a pé para conhecer um pouco o local. Fomos ao supermercado para comprar o que seria nosso almoço do dia seguinte. Quando estávamos no caixa, ouvimos um barulho de acidente de carro. O carro que havia batido atrás do outro, saiu em disparada, fugindo, e o veículo que havia sido atingido saiu atrás em perseguição. Senti medo. Em seguida, encontramos os paulistas, sem querer, na rua mesmo. Eles estavam cansados, então jantamos em um restaurante só nós dois. Quando voltamos ao hostel, havia algumas pessoas na cozinha e nos ofereceram arroz, pois disseram que tinham feito muito e havia sobrado bastante. Agradecemos.

No outro dia, fomos para o passeio de lancha. No final da tarde, quando voltamos, havia uma mulher na recepção. Ela estava fazendo o check-in de um hóspede, mas quando nos viu perguntou: “E aí gente, conseguiram fazer alguma coisa hoje?”. A pergunta dela foi porque o tempo estava chuvoso. Contamos a ela.

No café da manhã de todos os (quatro) dias conversamos com bastante gente, principalmente porque as mesas do espaço externo eram para muitas pessoas. Todos os dias saímos de manhã cedo e voltamos só no final da tarde. Geralmente os passeios eram no meio do mato, em cachoeiras. Então, todos os dias

fomos ao mercado e, de noite, preparávamos sanduíches no hostel, utilizando a torradeira, para levar no dia seguinte.

No outro dia, fomos conhecer outros lugares, nós dois e os três paulistas, no mesmo carro. Eles estavam hospedados bem próximos, pelo AirBnB. À noite, estava acontecendo um pequeno show ali na praça. Uma dupla estava cantando e tocando violão, e havia muita gente ali, cantando junto, muito animados.

Nesse hostel, a recepção também não funcionava durante a noite e madrugada. Na noite do Ano Novo, o proprietário já havia deixado o hostel e faltou luz, perto das 22h. Outros hóspedes entraram em contato, e ele voltou para solucionar o problema. Depois despediu-se: “Feliz Ano Novo, pessoal!”. Passamos a virada do ano ali, na praça central, com os paulistas, assistindo um show ao vivo.

Na manhã seguinte, fizemos o check-out e partimos para a próxima cidade.

5.1.16 Episódio 16: Tiradentes (Brasil), janeiro de 2018

O município possui cerca de sete mil habitantes. O turismo se desenvolveu por lá depois dos anos 80 e hoje é uma das cidades históricas mais bem-preservedas do Brasil. As ruas estreitas e calçamento de pedra conduzem por entre o casario colonial e igrejas barrocas cheias de história (TIRADENTES.NET, 2019).

Figura 36 – Tiradentes



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2018).

A reserva foi feita pelo Booking.com. Contatei previamente a hospedagem via WhatsApp, enviando o comprovante de depósito de 50% do valor total, o qual foi solicitado. A mulher que respondeu, muito atenciosa, respondendo todas as minhas dúvidas e também oferecendo outros serviços e passeios oferecidos por eles. Disse também que, se quisesse olhar mais fotos do espaço, estava disponível no Facebook e no Instagram.

Chegando na acomodação, havia um portão aberto. Entramos. O proprietário nos recebeu, juntamente com sua esposa – a mulher que havia respondido minhas mensagens. Parecia tudo muito simples. Ele nos disse que estava sem computador e perguntou: “Você já pagou tudo, né, Mara?”. Respondi: “Não, só a metade”. E fizemos o pagamento da parte que faltava, com dinheiro em espécie, pois não aceitavam cartão.

Ele nos mostrou o espaço do hostel e nosso quarto, que era privativo, com banheiro compartilhado. Ele disse: “Se quiserem usar a cozinha, a piscina, fiquem bem à vontade”. A área externa era grande, espaço para carros, piscina e, ao lado, um bar. Ambiente bem tranquilo, com área verde.

Figura 37 – Tiradentes: cenas no hostel



Fonte: Registros da autora (2018).

No café da manhã do outro dia, conversamos com eles. A mulher nos disse que fazia apenas cinco meses que eles assumiram o hostel. Era uma mesa grande para o café da manhã, que foi bem simples. Conversamos com outro casal, que estava hospedado ali também. Éramos os únicos quatro hóspedes naquele dia. Conversando com esse casal, descobrimos que eles iriam para a mesma cidade que nós, Ouro Preto, posteriormente. Trocamos informações sobre as duas cidades, falamos sobre alguns passeios e sobre nossas cidades natais.

5.1.17 Episódio 17: Ouro Preto (Brasil), janeiro de 2018

Ouro Preto é um município localizado em um vale das montanhas mineiras, com cerca de 70 mil habitantes. É possível fazer uma viagem no tempo lá e em 1980, a Unesco declarou a cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. O local é rico em ouro, mas é também uma aula de história (TURISMO DE OURO PRETO, 2019).

Figura 38 – Ouro Preto



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2018).

A reserva dessa hospedagem foi feita por meio do Booking. Contatei a acomodação previamente por meio do Facebook. A pessoa, muito educada, atenciosa, confirmando a reserva, respondeu ao meu questionamento sobre garagem, informou que não havia garagem privativa, mas que, na rua ou próximo ao hostel, havia várias possibilidades para deixar o carro.

Quando chegamos ao hostel, tocamos a campainha. Veio um rapaz bem jovem nos atender. Fizemos o check-in com ele. O pagamento poderia ser feito apenas em dinheiro. Chegou outro hóspede. Quando o recepcionista começou a nos dar algumas instruções, esse outro rapaz chegou mais perto e disse carinhosamente sorrindo: “Vou ouvir aqui junto, que daí ele não precisa repetir depois tudo pra mim”. Concordamos e sorrimos. Depois das instruções, o recepcionista disse: “Deixem as mochilas aqui que eu mostro pra vocês a parte aqui de baixo”. E nos levou até a cozinha, área comum externa e o banheiro. Voltando, ele pegou nossas duas mochilas, sem nem perguntar se precisávamos de ajuda e disse: “Agora venham ver o quarto de vocês”. Subimos a escada de degraus altos. Era um quarto misto, onde havia 12 camas, sendo 4 treliches.

Naquele quarto grande, havia apenas duas tomadas. Havia áreas comuns nesse andar de cima também, e lá havia muitas tomadas. Descemos para a área comum do andar de baixo. Não conseguia conectar a Wi-fi do local, então um hóspede que estava lá sentado me ajudou.

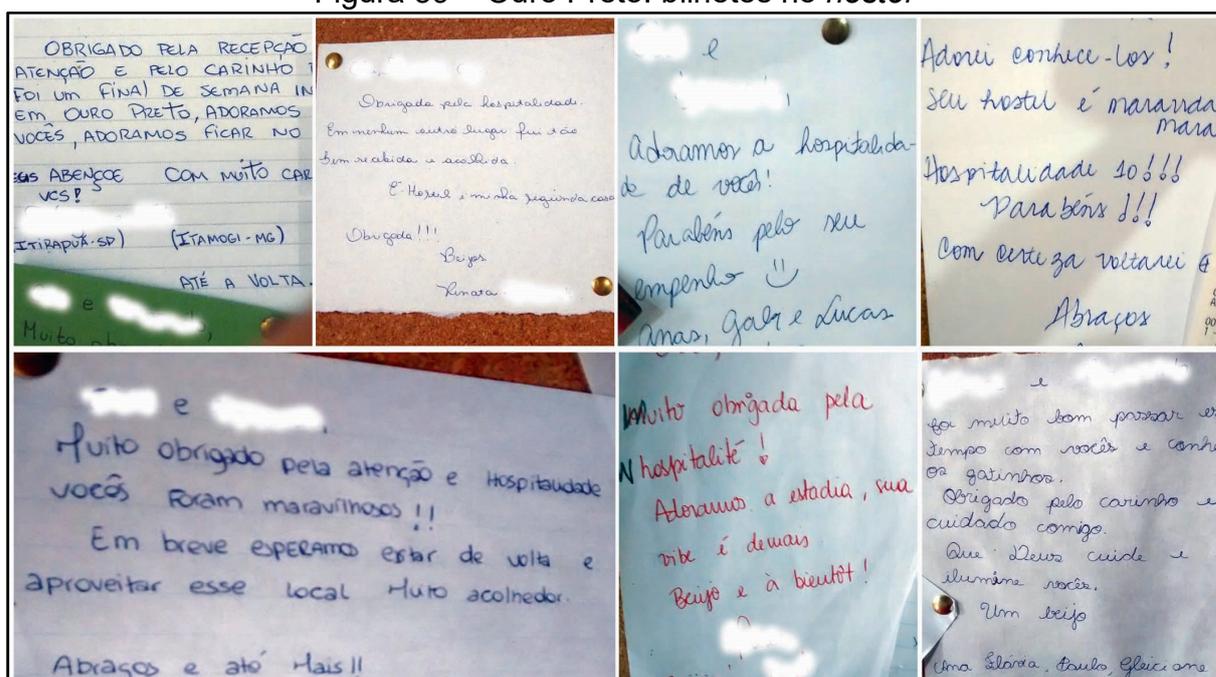
No outro dia, quando descemos para o café da manhã, o proprietário estava na recepção. Ele estava atendendo outra pessoa. Então, íamos passar reto, quando ele nos abordou: “Vocês são...”. Respondi: “Mara”. Ele já retrucou: “Ah, Mara Regina, né?” Apertou minha mão e: “Pablo”... “Prazer, gente!” Se apresentou pelo nome e apontou: “Esta é minha esposa”, também dizendo o nome dela.

O café da manhã era muito farto. Havia muitas pessoas ali. Sentamos à mesma mesa em que estava aquele hóspede que chegou junto com nós, lá no check-in. Conversamos bastante com ele. Quando falávamos sobre a cidade de Tiradentes (que era o próximo destino dele) em meio à conversa, ele virou para trás e disse para um casal que estava na outra mesa: “Ah, vocês também já foram pra Tiradentes, né, gente, me dêem dicas, por favor”. E assim seguimos a conversa.

Sáímos para passeios. Quando voltamos, passado do meio dia, estava chovendo torrencialmente. Descemos para perguntar se na recepção sabiam de algum lugar que tivesse tele-entrega. Ele disse que era difícil algum ter tele-entrega ao meio dia, mas imediatamente ligou pra mulher dele: “Amor, Mara e Pablo estão procurando um lugar que entregue comida...” e nos auxiliou. Mais tarde, quando saímos, encontramos na rua, com o casal que conhecemos lá de Tiradentes. Paramos para conversar um pouco, mas, como estava chovendo, logo seguimos.

No espaço comum, havia um mural, com diversos recados, em papéis diferentes, escritos à mão, todos elogiando o casal. Nos bilhetes havia também o nome dos proprietários e depois assinatura de quem escreveu. Eles citavam palavras como hospitalidade, carinho, dedicação, cuidado. Alguns deles podem ser visualizados na figura 39.

Figura 39 – Ouro Preto: bilhetes no hostel



Fonte: Registros da autora (2018).

Numa noite, estávamos sentados no sofá, na área comum e o recepcionista disse que estava encerrando o trabalho e indo embora. O horário de check-in, que constava em um cartaz colado do lado de fora da porta, indicava até 23h, mas eram apenas 21h. Pouco tempo depois que ele saiu, bateram na porta. Não abrimos. Na terceira vez, decidimos abrir. Então, Pablo foi até lá e logo me chamou. Era um francês, falando inglês, dizendo que havia feito reserva para aquela noite. Como estava chovendo, dissemos para ele entrar. Ele nos mostrou, no celular, a reserva feita por meio de uma plataforma. Não sabendo o que fazer, tentamos contato com os proprietários, mas não respondiam. Então chegou um hóspede – o que havia me auxiliado com a wi-fi – e ele tinha um outro número do proprietário e ligou para ele. Eles atenderam e falaram que já viriam. Enquanto eles não chegavam, fiquei conversando com o francês, para não deixá-lo ali sozinho.

Quando o casal chegou, com feições muito sérias, ele disse: “Não dá pra ir abrindo a porta assim...”. Então fiquei intrigada, pois só estávamos tentando ajudar. Voltei pra área do sofá onde os rapazes estavam. Enquanto o proprietário resolvia o problema do francês, na recepção, a mulher dele veio até nós e explicou que eles haviam encerrado as reservas naquela plataforma online na parte da tarde ainda, e, que não estavam esperando mais ninguém, por isso liberou o funcionário mais cedo. Explicou também que eles estavam sem carro, então, tiveram que vir de taxi, de longe. Pediu desculpas e desabafou que esse tipo de situação já aconteceu outras vezes com essa mesma plataforma de reserva, de eles encerrarem a possibilidade de reservas, e, no site, não encerrar. Por isso, nos deu a dica: “Sempre confirmem com a acomodação depois de fazer uma reserva online!”. Disse ainda que faz cinco meses que transformaram o espaço em hostel, e que não estava sendo fácil. Ela disse ter trabalhado com pousada antes e que era muito mais fácil de administrar. Encontrando uma cama para o francês, eles nos agradeceram e foram embora.

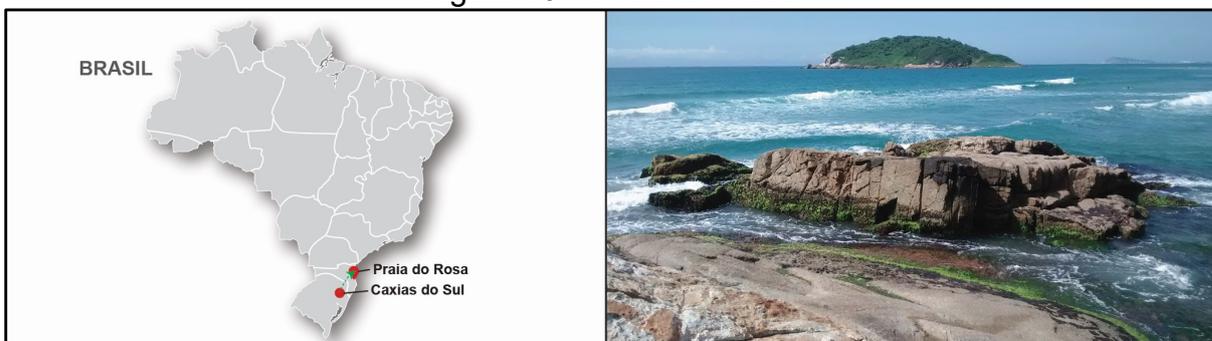
No outro dia, partimos. Quando fomos entregar a chave, os proprietários estavam sentados, tomando café, e se levantaram, para nos dar um abraço de despedida. Agradeceram por tudo e pediram desculpas por qualquer coisa.

5.1.18 Episódio 18: Praia do Rosa, (Brasil), março de 2018

A Praia do Rosa faz parte do município de Imbituba, localizado no sul de Santa Catarina. Com 40 mil habitantes, é um destino voltado para contato com a

natureza, seja esportes ou mesmo descanso. É considerada uma das praias mais bonitas e agradáveis do litoral catarinense (GUIA VIAGENS BRASIL, 2019).

Figura 40 – Praia do Rosa



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora (2018). Registro da autora (2018).

Quando eu e meu esposo pensamos em passar um dia nessa praia, pesquisamos, previamente pela internet, diversas acomodações: hotel, Airbnb, pousada. Mas, quando vimos fotos de um nascer do sol espetacular, optamos por aquele hostel.

Estávamos de carro. Entrando na Praia do Rosa, já percebemos a tranquilidade do local, também porque já era baixa temporada. Passamos no centrinho, onde tinham mais carros, lojas e movimento de pessoas. Entra em uma ruela, outra, e vai, mais longe. Com o GoogleMaps, chegamos ao hostel. Havia uma grande área externa, com piscina, bar, cadeiras, sofás. Na recepção, o recepcionista só confirmou nossos nomes e nos levou para mostrar o quarto privativo.

No caminho até o quarto, ele nos disse que havia hóspedes da Argentina, Alemanha e Finlândia naquele final de semana. O local tinha muita área verde próxima, o hostel era todo de madeira, tranquilo, cada quarto (compartilhado ou privativo) com varanda para o mar.

Fizemos algumas trilhas em meio ao mato e areia, durante o dia. À noite, o recepcionista estava no bar, preparando uns drinks. Ficamos ali no sofá da área externa; outros hóspedes estavam em uma mesa.

Acordamos às 5:30 para ver o nascer do sol prometido pelas fotos que vimos online. Subimos, ao lado do bar, onde a vista era melhor. Já havia um hóspede lá e, conforme passaram uns minutos, foram chegando mais. Todos com suas câmeras ou celulares em mãos. Era 6:08 e ele saiu de trás das nuvens.

No café da manhã, fomos ao local, mas ficamos do lado de fora, decidindo se iríamos tomar café naquele momento, ou se iríamos fazer uma trilha e, na volta,

tomar café. Então, o anfitrião veio até nós e disse: “Gente, ali tá cheio, mas se vocês quiserem eu coloco uma mesa só pra vocês”. Respondi: “Não, imagina, só estamos decidindo se vamos agora ou depois”. Decidimos entrar. Sentamos em uma mesa grande e conversamos com dois argentinos. Depois saímos para fazer algumas trilhas. Voltamos para o hostel para fazer o check-out, momento em que pagamos o valor da diferença. Estávamos preparando o chimarrão, quando o recepcionista começou a conversar conosco e nos contar sobre os planos de vida dele. Ficamos ali mais do que o planejado para conversar com ele.

5.2 ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Nesta parte, são analisados os dados coletados com os 18 relatos de experiências da pesquisadora. Esses dados são os principais sinalizadores da Trama Turístico-Comunicacional que aparecem nas situações vividas nos *hostels*, considerando que a trama envolve o percurso do sujeito antes, no caminho e durante a hospedagem no *hostel*. Foi considerado, como sinalizador, aspectos que apareceram em, pelo menos, dois episódios. Não foram destacados como sinalizador, portanto, casos em que houve registro apenas uma vez, em um episódio em particular. Esses sinalizadores foram agrupados em categorias conforme foi identificado semelhanças entre eles. Ao final deste texto, apresenta-se uma ‘trama-síntese’ desses sinalizadores.

Motivo da viagem – Dos episódios relatados, 14 deles foram viagens realizadas por **motivo de lazer**. Já os episódios 10, 12 e 13 foram **viagens de estudo**. O episódio 11 engloba ambos os motivos, pois foi realizado com o intuito de observação direta, mas também ocorreu o lazer.

Parceria de viagem – Foram 13 episódios em que se viajou **com mais pessoas**, enquanto cinco episódios (1, 4, 5, 6, 11) foram viagens que a pesquisadora realizou **sozinha**.

Transporte – O transporte utilizado durante essas viagens foi variado, sendo que, em muitos casos, foi utilizado mais de um tipo na mesma viagem. Os episódios em que se utilizou **avião**, para chegar na cidade de hospedagem, foram cinco (4, 6, 10, 11, 14). **Ônibus** foi mencionado em 10 relatos (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 12). **Metrô** foi citado em cinco (1, 5, 9, 10, 11) e **táxi** também em cinco episódios (1, 7, 8, 9, 14). **Uber** apareceu em quatro relatos (10, 11, 12, 13) e **carro alugado**

também em quatro (14, 15, 16, 17). **Carro particular** sendo próprio, ou carona, foi registrado em três (2, 13, 18). **Balsa** em dois episódios (2, 9). **Bicicleta** alugada, para se locomover na cidade, em dois (5, 11). Além disso, a locomoção **a pé**, seja para chegar ao *hostel* ou para se deslocar pela cidade, foi mencionada, exceto no episódio 10, em todos os outros. O que prevaleceu, portanto, foi o deslocamento a pé e de ônibus.

Uso (ou não) de tecnologia – O fato do **celular sem internet** para pesquisa, principalmente de localização, foi registrado em quatro relatos (1, 4, 5, 6) – episódios que aconteceram em 2013 e em que a viajante estava sozinha. Isso dificultou muito a localização na cidade, que aconteceu por meio de anotações e/ou mapas impressos. Aliás, viajar com **informações anotadas em papel** ocorreu em quase todos os episódios, independente de se ter ou não acesso a internet no novo território. Isso ocorreu pelo próprio perfil da viajante, que considera apropriado ter as anotações em papel, mesmo tendo consigo informações salvas no celular, prontas para acesso. Anotações para chegar na hospedagem foi feita em 14 episódios (1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17). Anotações registradas para locomoção pela cidade ocorreram 13 vezes (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 15, 16, 17).

O **uso da internet** também apareceu com intensidade nos relatos de experiência. A reserva da acomodação feita pela internet ocorreu em todos os episódios, exceto no relato 7, pois, na viagem em grupo, a agência havia feito a reserva. Em quase todos os relatos houve a pesquisa prévia, na internet, pela cidade e os pontos turísticos – isso somente não ocorreu nas cidades de Porto Alegre e Canela, municípios próximos ao de origem da viajante, e, até mesmo, por ela já conhecer anteriormente.

Além disso, o contato prévio com a acomodação, por alguma ferramenta online, foi registrado em seis episódios (12, 13, 14, 15, 16, 17). Assim, no momento em que o hóspede está fazendo a reserva da acomodação por meio da internet, a tecnologia pode ser uma aliada para os estabelecimentos. Se bem utilizada, o hóspede pode contatar a hospedagem previamente, tirar dúvidas, confirmar reserva, enviar comprovante de pagamento quando solicitado, etc. Pode, porém, prejudicar, se não for bem utilizada. Existem, aqui, conexões com a trama comunicacional midiática, com o uso da internet para reserva e o contato prévio com a acomodação.

Sentimentos – Foram registrados sentimentos e sensações, por parte da viajante, que foram mencionados nos relatos. O sentimento de **acolhimento**, no

hostel, foi o mais mencionado, em 11 episódios (2, 4, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17). O sentimento de **medo**, no geral, em algum momento da viagem, foi registrado em oito episódios (3, 4, 5, 7, 8, 9, 15, 17). A sensação específica de **medo por estar perdida**, no novo território, ocorreu em cinco episódios (1, 4, 5, 11, 18). O sentimento de **estar em casa**, que aconteceu no *hostel* ou na cidade visitada, foi registrado em seis relatos (2, 6, 10, 13, 14, 15). Houve, como **primeira impressão negativa**, o pensamento sobre o *hostel* ser diferente ou assustador, no primeiro momento, que aconteceu em dois episódios (2 e 17).

Encontro com cenas da cidade – Há, por muitas vezes, o encontro com cenas da cidade, que foi percebido em todos os relatos, de alguma forma. Por exemplo, uma passarela escura, cemitério, metrô lotado, muito calor, batida de automóvel, moradores caminhando, etc. Nesse sentido, também houve a **observação e atenção quanto a atitudes das pessoas**, que foi percebido, de forma mais intensa, em 11 episódios (1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 14, 15), sendo esses, principalmente, os internacionais ou em lugares que mais se diferenciavam da cultura de origem da viajante.

O registro das memórias por meio de **fotografias** ocorreu em todos os episódios, sendo no caminho, já no destino, e/ou na volta. Mesmo quando a viajante estava com outras pessoas, obteve seus próprios registros. Pode-se pensar que as fotografias são algo significativo, em geral, para os viajantes que querem deixar registradas essas memórias.

Foi também percebida **diferença cultural** em alguns episódios. O encontrar com o território do outro pode significar o encontro e, muitas, vezes, confronto, devido a diferença cultural. Pode-se dizer que é comum, de certa forma, haver essa percepção em um território diferente do que o sujeito está acostumado, portanto, foram 12 episódios em que a diferença cultural foi intensa (1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 14, 15, 16, 17). Esse parece ser um aspecto muito interessante de experiência, ainda que também seja um sinalizador de necessidade de atenção, já que é preciso ter consciência que se está em outro território, de regras nem sempre conhecidas e percebidas, no primeiro momento. Trata-se, efetivamente, de outro ecossistema.

Contato com outras pessoas – O contato com outras pessoas durante a viagem foi algo recorrente, que aconteceu de diversas formas. As **informações no check-in** do *hostel*, foi provido por todas as acomodações. O **pedido de informações para pessoas nas ruas ou motoristas**, somente não aconteceu nos

episódios 16 e 18, tendo ocorrido, portanto, em 16 relatos. Houve a **conversa com outros hóspedes**, que ocorreu em 15 episódios – somente não foi registrado nos episódios 7, 8 e 12. A **conversa com anfitriões**, sendo funcionários ou proprietários do *hostel*, considerando falas que foram além do *check-in*, *check-out* ou pedido de informações, ocorreu em 12 episódios (2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18). O **contato com moradores locais** foi registrado nove vezes (1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 16). Viagens em que houve o **encontro com pessoas já conhecidas**, fora do *hostel*, foram cinco (5, 8, 10, 11, 12). **Contato com pessoas que foram conhecidas em outros hostels**, geralmente um episódio anterior, foram quatro (5, 15, 16, 17).

Foram mencionadas também duas **situações de desconforto**, sendo essas com outros hóspedes (episódio 11) e com proprietários (episódio 17). Da mesma forma que, nesse tipo de hospedagem, é possível criar vínculos e fazer amizades, um dos riscos é encontrar, ou mesmo, compartilhar o quarto, com pessoas inconvenientes, que não praticam o respeito e o bom senso. É preciso lembrar que há pessoas e turistas de todos os tipos.

Elementos do sistema turístico – A observação das **placas de sinalização** no novo território – o que auxilia o turista a se localizar – aconteceu em todos os episódios. O **cartão fidelidade** foi utilizado em quatro viagens (2, 3, 4, 6).

Estrutura do hostel – Em relação à **estrutura** dos *hostels*, a viajante hospedou-se em **dormitório compartilhado** 14 vezes (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 17), enquanto em **privativo** foram apenas quatro vezes (9, 14, 16, 18). **Espaços compartilhados** variados foram registrados nos 18 episódios, sendo destacada a presença de **bar** em quatro (10, 11, 16, 18), **mesa de bilhar** em dois (3, 15) e **piscina** em dois episódios (16, 18). Em todos os *hostels* havia **cozinha**, mesmo que em dois deles tenha sido mencionada a cozinha como muito precária (episódio 7) ou desorganizada e suja (episódio 12).

Foram 10 vezes em que foram deixados alimentos, identificados, na cozinha do *hostel* (1, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 14, 15, 17), o que também remete a **confiança** no outro. Confiança é, portanto, outro valor que merece ser considerado neste ponto, quando se fala em convivência entre pessoas desconhecidas, pois é um valor que, geralmente, se cria entre pessoas, depois de certo tempo de comunhão. No caso da hospedagem em *hostel*, porém, é necessário, confiar no desconhecido que está dividindo os mesmos ambientes.

Ainda na questão da estrutura, nota-se, também, que muitos *hostels* são improvisados em prédios já construídos. Prédios antigos, que podem ter passado por muitas mudanças, até virar a hospedagem que é agora. Isso também explica o fato de, às vezes, existir banheiros muito pequenos e/ou sem janelas.

Houve **surpresa positiva** em relação à estrutura do local três vezes (4, 13, 15). É muito interessante quando o *hostel* apresenta elementos úteis e diferentes dos que o hóspede já conhece. Algumas comodidades como cortinas nas camas, kit com *plug* e entradas USB ou tomada ao lado de cada cama, mostra que há certa preocupação com o hóspede.

Além disso, percebe-se que quando o *hostel* faz parte de uma grande rede, parece haver uma padronização, em que os ambientes seguem certo modelo arquitetônico. Isso também quer dizer que há uma sistematização, como no atendimento dos funcionários, nas normas e o próprio sistema de negócio. Já quando se fala em um empreendimento pequeno e independente, nota-se certa desregulamentação de estrutura de hospedagem, que não se verifica conforme padrões. Nesses casos, pode ser que o atendimento seja mais próximo e personalizado; pode haver mediação da família na gestão e serviços agregados; e a validação e valorização do local se transferem para a comunicação rede midiática, onde essa hospedagem é avaliada pelos hóspedes.

Alimentação – Quanto à questão da **alimentação** durante a viagem, o **café da manhã no *hostel*** foi registrado em 17 episódios - somente não ocorreu no relato 12, pois o *hostel* não oferecia. Todos os outros ofereciam café da manhã – a maioria muito farto –, mesmo que com valor agregado. Vale ressaltar que, no episódio 11, como foram feitas duas reservas diferentes, os primeiros dias havia café da manhã e os outros, não. Houve o registro de **alimentação em restaurantes e/ou bares** em todos os episódios, considerando que, muitas vezes, dependendo do local da cidade onde se está, a opção de alimentação é definida pela proximidade. Episódios em que ocorreu pelo menos uma refeição (almoço ou jantar) utilizando a **cozinha do *hostel*** foram 11 (1, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 17).

Houve também dois casos em que a própria alimentação foi compartilhada dentro do *hostel*, com outros hóspedes (10 e 15). Compartilhar a cozinha é algo diferenciado no *hostel*, mas, nesses episódios, aparece também outro elemento, que é o **compartilhamento da própria alimentação**, algo que demonstra intimidade, extrapolando o próprio momento da refeição.

Outro ponto importante é a **ida ao supermercado** que, por mais simples que a atividade pareça, traz consigo diversos aspectos inerentes a esse outro tipo de negócio. É o que se pode constatar, porque, além do contato na cozinha do *hostel*, enquanto o turista prepara sua comida e se alimenta, com a ida ao supermercado ele conhece um pouco mais da cultura local, os preços da região, as pessoas que ali frequentam. A ida ao supermercado foi registrada em 11 episódios (4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 14, 15, 18) e, com essa experiência, o hóspede pode se inserir na cidade como um morador temporário.

Lazer – Independente do motivo da viagem, houve lazer em quase todos os episódios – exceto no episódio 13, em que a viagem foi exclusivamente de estudos e não se fez passeios pela cidade. As opções de lazer para “turistar” pela cidade, mencionadas nos episódios foram muitas, sendo que, muitas vezes, aparece mais de uma no mesmo episódio. Passeios para conhecer o local **por conta** só não foi registrado no episódio 1, sendo que cinco vezes (4, 6, 7, 14, 17) o *tour* foi feito por conta com pessoas que foram conhecidas no próprio *hostel*. Foram registrados nove **passeios realizados com o *hostel***, naquele esquema em que o *hostel* oferece passeios turísticos aos hóspedes (3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 14, 15). Houve a **compra de passeio turístico** também em nove relatos (1, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 15, 17). Foram observados **vendedores de passeios turísticos nas ruas** em três episódios (1, 7, 17).

Percebe-se, portanto, a maioria dos passeios realizados por conta própria ou com os promovidos pelo *hostel*. Nesse sentido, é possível pensar que o sujeito que busca o *hostel* como meio de hospedagem também busque explorar o novo território de maneiras alternativas.

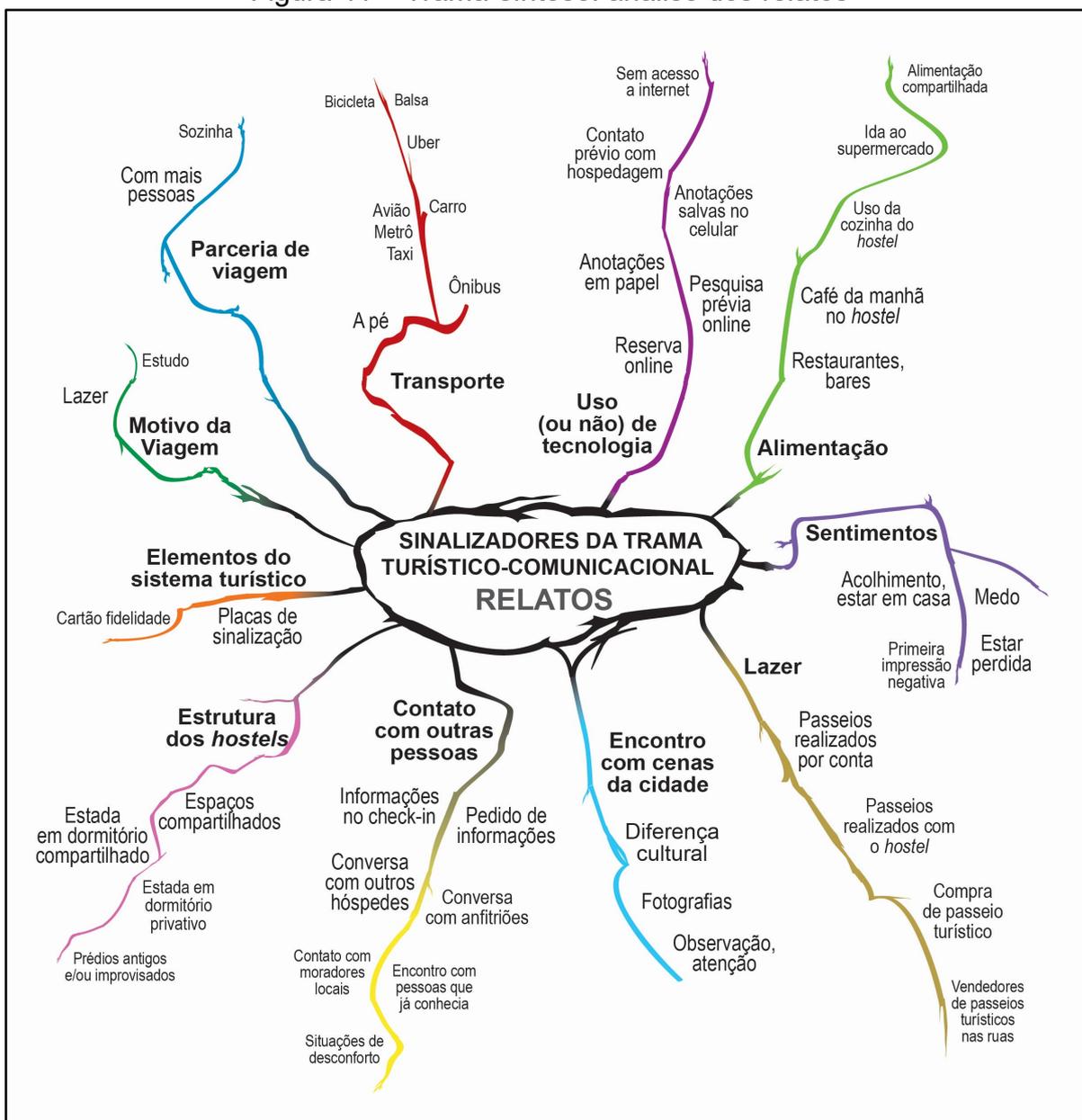
Além de todos esses aspectos relatados, há mais um que merece ser mencionado. Nos últimos *hostels* em que a pesquisadora se hospedou, e que questionou os proprietários do tempo em que estavam na administração do *hostel*, as respostas incluíram períodos sempre menores que um ano. Isso parece ser uma pista, relacionada ao caráter recente deste tipo de estabelecimento, que vem se delineando como modelo de negócio contemporâneo, no ramo da hotelaria; ou pode sinalizar para a dificuldade de administração desse tipo de negócio.

Não foram localizadas pesquisas no Brasil que mostrem a razão disso. Entretanto, uma pesquisa feita em Budapeste, por Hory et al. (2017, p. 162), revelou que os *hostels* na capital da Hungria não duram muito, 30% dos albergues, na data

da pesquisa, estavam operando há menos de três anos. Os autores dizem que isso ocorre devido as mudanças constantes nas condições de locação e interesses comerciais.

Assim, apresenta-se, na figura 41, a trama-síntese com os principais aspectos da trama turístico-comunicacional envolvendo os 18 relatos de experiência.

Figura 41 – Trama-síntese: análise dos relatos



Fonte: Desenvolvido pela autora (2019).

5.3 ENTREVISTAS

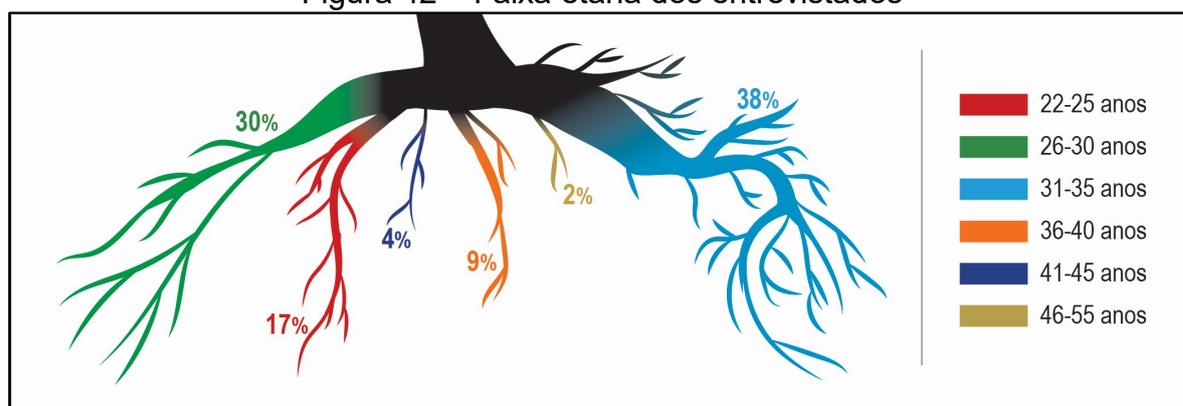
Outra parte do processo das ações investigativas foi a realização de 47 entrevistas, nos meses de outubro e novembro de 2018. As entrevistas, que foram transcritas na íntegra, são apresentadas no apêndice, ao final do trabalho. Essas entrevistas são apresentadas em forma de quadros, que separam cada tópico, sendo eles: caracterização do entrevistado; vínculo do entrevistado com *hostels*; as perguntas relativas à comunicação-trama e, por fim, da trama turístico-comunicacional.

5.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O primeiro quadro das entrevistas buscou traçar o **perfil dos entrevistados**, com o sexo, a profissão, a idade, a cidade natal e onde a pessoa vive atualmente.

Das 47 pessoas entrevistadas, 20 são homens e 27 são mulheres. A **idade** dos entrevistados varia entre 22 e 55 anos. Foram oito pessoas na faixa etária entre 22 e 25 anos; 14 pessoas entre 26 e 30 anos; 18 entrevistados com idades entre 31 e 35 anos; quatro entre 36 e 40 anos; dois entre 41 e 45 anos e uma pessoa entre 46 e 55 anos. A maior parte dos entrevistados, portanto, tem idades entre 26 e 35 anos, o que representa um total de 68%. A figura 42 mostra a faixa etária dos entrevistados, em porcentagem.

Figura 42 – Faixa etária dos entrevistados



Fonte: Desenvolvida pela autora (2019)

As **profissões** dos entrevistados são bastante variadas e se diversificam entre eles. Em sua maioria, quatro são estudantes, quatro professores, dois publicitários, duas engenheiras agrônomas, dois bancários. O quadro 11 mostra, em

ordem alfabética, a profissão atual dos pesquisados:

Quadro 11 – Profissão atual dos entrevistados

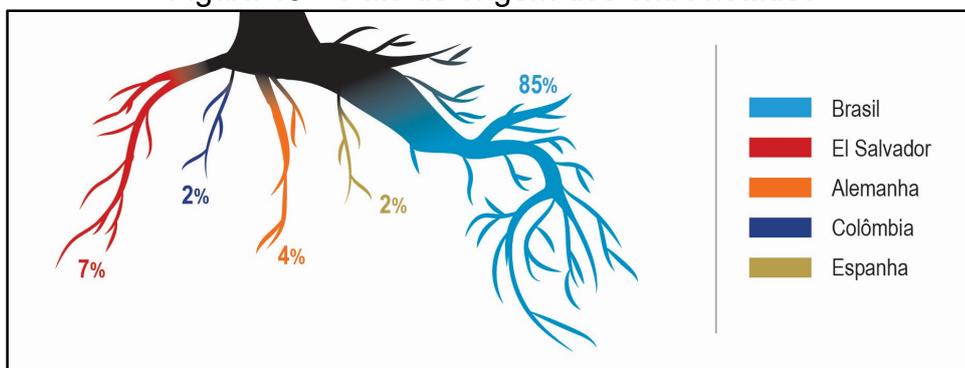
Profissão	Número de entrevistados
Administrador de Sistemas	1
Administradora	1
Agente de viagens	1
Analista Comercial	1
Analista de Gestão / Dados	1
Analista de Telecomunicações	1
Analista de TI	1
Arquiteta	1
Assistente Administrativo	1
Assistente de Comunicação	1
Assistente Social	1
Auxiliar Administrativo	1
Bancário (a)	2
Bióloga	1
Cabeleireira	1
Confeiteira	1
Consultora de Recursos Humanos	1
Designer Gráfico	1
Editora de Filmes	1
Engenheira Agrônoma	2
Engenheiro Civil	1
Engenheiro Eletrônico	1
Engenheira Industrial	1
Estagiária em Exportação	1
Estudante	5
Expedidor	1
Fotógrafa	1
Geógrafa	1
Guia de Turismo	1
Líder de Produção	1
Médica residente	1
Pesquisador	1
Professor (a)	5
Psicóloga	1
Publicitário (a)	2
Regente	1
Secretária	1
Técnico de Informática	1
Turismólogo	1

Fonte: Desenvolvido pela autora (2019).

Em relação ao **país de origem**, foram dois entrevistados da Alemanha, 40 do Brasil, uma pessoa da Colômbia, três de El Salvador e um entrevistado da Espanha.

A maioria, portanto, são brasileiros – o que é demonstrado na figura 43.

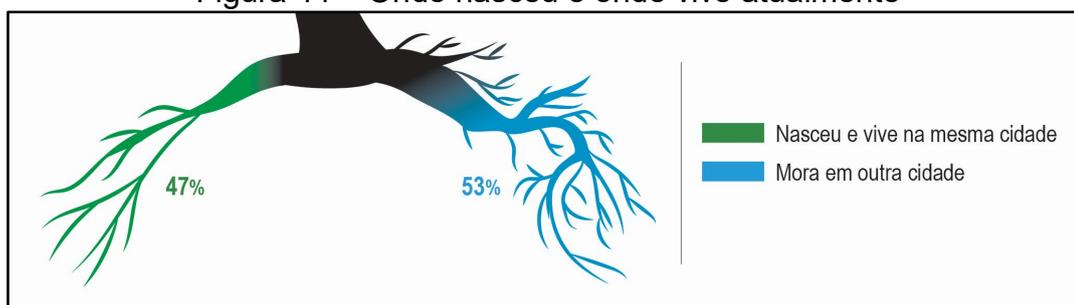
Figura 43 – País de origem dos entrevistados



Fonte: Desenvolvida pela autora (2019).

Pensava-se, antes da realização das entrevistas: que esse tipo de turista, que busca o *hostel* como meio de acomodação, talvez não residisse mais na mesma cidade onde nasceu. Isso foi uma percepção, no sentido de pensar que há, nesses sujeitos, características próprias, um perfil mais viajante e certa disponibilidade à adaptação em um território com alguns diferenciais. Por isso, nas entrevistas, os sujeitos foram questionados sobre o local de nascimento e onde vivem atualmente. Das 47 pessoas, 25 nasceram e ainda residem na mesma cidade (53%), enquanto 22 moram em cidades diferentes das que nasceram (47%) – o que pode ser visualizado na figura 44. Desses 22 pesquisados que vivem em cidades diferentes, quatro deles vivem, inclusive, em países diferentes.

Figura 44 – Onde nasceu e onde vive atualmente



Fonte: Desenvolvida pela autora (2019).

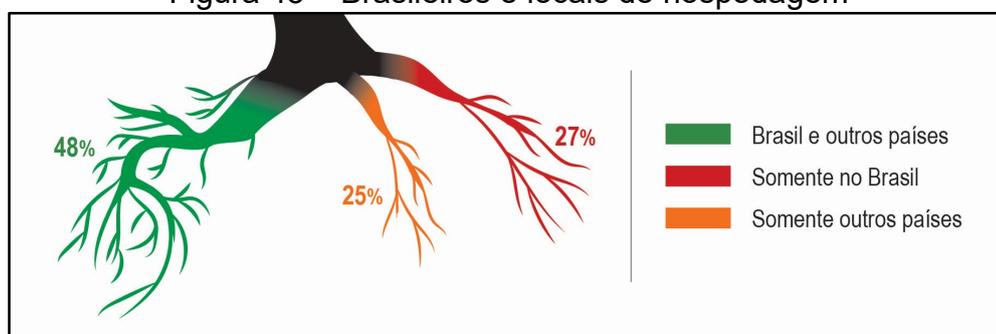
O segundo quadro das entrevistas considerou o **vínculo do entrevistado com hostels**. O primeiro questionamento deste quadro foi *Em quantos hostels você já se hospedou?*. Seis entrevistados disseram ter se hospedado em apenas um *hostel*. 30 pessoas se hospedaram entre um e nove *hostels*. Aos sujeitos que diziam não recordar do número exato, foi questionado, na entrevista, se era menos de 5,

entre 5 e 10, ou mais de 10, para facilitar a lembrança. Com isso, nove das respostas foram: “Mais ou menos 10”, “Acho que uns 10”, “Por volta de 10 ou mais”, “Uma média de uns 10”. Entrevistados que se hospedaram entre 12 e 20 *hostels* foram quatro. Além disso, três dos entrevistados disseram: “Acho que mais de 20”, “Em torno de 20 ou 25” e “Em torno de 25”. Houve, ainda, uma pessoa que respondeu: “Acredito que mais de 30”. Percebe-se, portanto, a maior parte das pessoas tendo se hospedado em menos de 10 *hostels*.

A segunda pergunta desse quadro era *Onde foram esses hostels?*, para identificar os locais onde essas pessoas já haviam se hospedado. Do total de sete não-brasileiros entrevistados, seis deles se hospedaram em *hostels* apenas fora do seu país de origem, enquanto um já se hospedou no país natal, mas também, no exterior.

Com essa pergunta, buscava-se identificar, principalmente, a questão dos brasileiros – que já se imaginava que seria a maior parte da amostragem – se haviam se hospedado apenas fora do Brasil, já que no Brasil, o *hostel* ainda não é um conceito tão disseminado e, ainda, com certos preconceitos. Os resultados, porém, mostraram que, parte dos brasileiros entrevistados (11 pessoas) somente se hospedou em *hostels* no Brasil; 19 brasileiros já se hospedaram no Brasil e em outros países e 10 deles somente se hospedaram no exterior. Os outros países citados, pelos brasileiros, são, em sua maioria, localizados na América do Sul e na Europa. A figura 45 mostra os brasileiros entrevistados e locais onde já se hospedaram.

Figura 45 – Brasileiros e locais de hospedagem



Fonte: Desenvolvida pela autora (2019).

O terceiro quadro das entrevistas abrange a questão da **Comunicação-Trama**. A primeira pergunta desse quadro foi *Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em hostel?*.

As respostas para esse questionamento, em sua maioria, foram similares: por indicação de amigos, conhecidos ou, então, por meio da internet. Alguns dos entrevistados disseram que ficaram sabendo por mais de uma forma, e todas foram consideradas. Foram 26 vezes em que a indicação aparece e 16 vezes em que a internet foi mencionada. Dois dos entrevistados disseram que não lembravam e, depois, deram uma resposta que, pareceu, que não tinham certeza, por isso não foram consideradas. Quatro dos entrevistados responderam que, na primeira vez que se hospedaram em *hostel*, embarcaram com um grupo de colegas, amigos ou com pacote de viagem fechado e foi aí que conheceram o *hostel*.

A maioria dos entrevistados, portanto, ficou sabendo da existência de *hostel* por meio de indicação, o conhecido boca-a-boca. Algumas falas exemplificam isso:

Eu fiquei sabendo através de amigos que já tinham se hospedado em hostels e me passaram essa informação [...]. (Freya Stark)

Como eu morei na Austrália, muita gente já tinha feito o mesmo tipo de viagem e aí foram sugerindo hostels [...]. (Mabel Sharman Crawford)

Eu fiquei sabendo por duas pessoas, um grande amigo [...] e também uma amiga minha que tinha feito uma viagem pra Europa e também tinha comentado de hostel [...]. (Pedro Álvares Cabral)

[...] então foi assim, através das pessoas que já viajam e me indicaram". (Olive Hoover)

A segunda pergunta era *Como você fez a reserva da acomodação?*. e as respostas foram bem variadas, sendo que alguns dos entrevistados disseram ter reservado de formas distintas nos diferentes locais em que se hospedaram. Em geral, o que prevalece é o uso da internet para fazer a reserva, que do total de 47 entrevistados, foram 43 respostas. Especificamente, considerando a reserva pela internet, o *Booking* foi citado 22 vezes, site do próprio *hostel* 11 vezes, o *HostelWorld* oito vezes, o *HI Hostel* três vezes, reserva via e-mail três vezes e *AirBnb* duas vezes. Foram também citados o *Hostel.com*, *Gumtree*, *WhatsApp*. E, ainda, houve a descrição genérica da reserva online:

[...] ou alguma outra página de hospedagem em hostel. (Thomas Cook)

[...] e outros sites de hospedagem de hostel. (Freya Stark)

[...] pelos sites de reserva mesmo. (Annie Peck)

[...] eu joga no Google hostel em tal lugar e aí vem [...]. (Isabela Lucy Bird)

Embora o uso de *websites* seja recorrente, dois entrevistados disseram não

utilizar site de reserva ou intermediário porque há uma taxa, que a hospedagem paga para o *website* e o usuário acaba pagando mais se reservar por esses meios.

Essas duas respostas foram:

Eu não gosto muito de intermediário, até quando eu compro passagem aérea eu compro direto pra não ter que pagar comissão, taxa pra site. Diretamente eu consigo até negociar um valor mais barato. (Bartolomeu Dias)

[...] várias vezes eu liguei, principalmente depois que eu fiquei sabendo que o Booking cobra um taxa bem grande em cima da hospedagem, aí quando eu vejo que o hostel é menor, eu ligo diretamente pro hostel. (Egéria)

A reserva da acomodação também foi realizada pelos entrevistados de outras formas, como de forma pessoal, diretamente no *hostel*, que foi mencionado oito vezes. A reserva por telefone foi citada três vezes. Além disso, alguns mencionaram não fazer reserva antecipada. Assim, realizaram quando chegaram ao *hostel*, ou, então, olharam antes, pela internet, os *hostels* que existem e, depois, fizeram a reserva no próprio local. Algumas falas para exemplificar:

A reserva, a maioria das minhas reservas eu fiz chegando mesmo no local, que eu costumo dar uma mapeada nos hostels que existem na cidade que eu vou né + dou uma mapeada de preço e chego no dia lá e vou tentando pechinchar o valor pra escolher o melhor também [...]. (Marco Polo)

[...] outras vezes eu cheguei no hostel, outras vezes eu mesma liguei [...] várias vezes eu liguei [...]. (Egéria)

[...] e a segunda aí eu fiz a reserva pessoalmente. (Nellie Bly)

[...] mas no Uruguai foi de chegar e procurar. Eu até olhei na internet antes e anotei, mas chegamos na hora, fomos ver preço e fiquei lá. (Chihiro)

É interessante também mencionar as vezes em que apareceu, nas respostas, que quem fez a reserva foi o amigo, o colega, o evento, o grupo com o qual viajava. As falas a seguir demonstram:

Minas e Fortaleza foram os alunos que fizeram [...]. (Chichiro)

Em Amsterdã e em Berlin foi o professor que reservou [...]. (Sophie Hall)

Então o de São Paulo eram os caras do evento mesmo que indicaram qual hostel [...]. (Carmen Lowell)

Apesar das diversas formas de reserva citadas nas entrevistas, o que predomina, ainda, é a reserva por meio da internet. Vale destacar, porém, o comentário de um dos entrevistados:

Por esses sites aí que eu te falei. Mas com muito medo sabe, porque a gente houve muitas histórias de gente que fez a reserva e chegou lá e não tá, o maior medo é esse, cê tá num local que você não conhece ou país que

you don't speak the right language and get there and it's not reserved and you have to pay a lot + then it's praying to get it right. (Robyn Davidson)

Esse depoimento relaciona-se com o que, em conversa informal, foi sugerido por proprietário de *hostel*: que sempre que se fizer a reserva pela internet, que seja confirmado com o *hostel*, previamente.

A quarta parte das entrevistas envolveu a **Trama Turístico-Comunicacional**. A primeira pergunta foi *O que fez você optar por hostel, na primeira vez que se hospedou?*

Do total de 47 entrevistas, 43 respostas abrangeram as palavras “preço”, “custo”, “custo-benefício”, “economia”, “mais barato”, “questão financeira”, “valor” ou “mais em conta”. Alguns fragmentos:

Na primeira vez foi porque o custo era mais baixo e eu ia ficar duas noites apenas, então já tinha ouvido falar bastante [...]. (Maria Graham)

Eu escolhi pela primeira vez porque era mais barato. (Amelia Earhart)

Pelo custo do hostel, porque comparado com hotel e pousada saía mais em conta. (Hans Staden)

O principal fator foi a questão financeira, por ser mais barato [...]. (Pero Vaz de Caminha)

Dessas 43 respostas envolvendo preço, 16 entrevistados citaram apenas a questão monetária, enquanto 27 se referiram a preço e também outro fator. Os outros motivos citados foram: possibilidade de conhecer pessoas ou estar em contato com pessoas (10 respostas), localização (oito), indicação de outras pessoas (seis), liberdade (duas), informalidade (duas), clima jovem/jovial (duas respostas).

Assim, as respostas referentes ao que motivou, na primeira vez, a se hospedar em *hostel*, revelou que a maioria dos pesquisados considerou o fator preço como algo relevante, seguido de conhecer pessoas, localização e pela indicação de conhecidos.

A segunda pergunta era *Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao hostel?* As respostas, para esse questionamento, foram bem variadas. Muitas vezes, o mesmo entrevistado respondeu ter utilizado formas distintas de transporte, dependendo o local. Alguns deles disseram que depende a localização, que meios de transporte a cidade oferece ou, então, por questão de segurança, escolhem um determinado meio de transporte, como por exemplo:

Ah, transporte público, ônibus ou trem, metrô, dependendo da cidade. Eu

viajo econômico. Ah, ultimamente também Uber. (Yone Trotta)

Normalmente, quando a cidade tem, é metrô, e dependendo do lugar se é muito difícil o acesso, é Uber ou taxi. (Grace Marguerite)

[...] se é uma cidade perigosa, como o Rio de Janeiro, procuro um táxi, mas se não eu procuro transporte público. (Gertrude Bell)

Embora o questionamento fosse para identificar como a pessoa se localiza, já no destino, o avião foi citado seis vezes, pois foi a forma que o entrevistado utilizou para chegar no país ou cidade de destino. Transporte público foi citado 29 vezes, sendo ônibus e/ou metrô; táxi foi mencionado 20 vezes; Uber, Cabify ou outros aplicativos 17 vezes; 13 pessoas mencionaram carro, sendo próprio, alugado ou carona; o deslocamento a pé apareceu oito vezes; trem, quatro; duas pessoas citaram moto taxi.

A terceira pergunta era *Que aspectos você destaca como diferenciais do hostel em relação aos outros meios de hospedagem?* As respostas que mais apareceram foram agrupadas por similaridade. 37 das respostas eram relacionadas à pessoas, como por exemplo:

O principal é estar em contato com pessoas de culturas diferentes + é:: e a possibilidade de conhecer outras pessoas, outras culturas, fazer amigos [...]. (Isabela Lucy Bird)

O hostel pra mim é um possibilidade de socialização, eu costumo muito viajar sozinha, então em função disso eu prefiro opções que me permitam conhecer outras pessoas, então o hostel é com certeza a melhor possibilidade pra isso. (Egéria)

O fato de poder compartilhar com outras pessoas, pessoas lugares comuns, áreas comuns, como cozinha e áreas de lazer te propicia que tu conheça mais pessoas [...]. (Freya Stark)

[...] possibilidade de conhecer gente de outros lugares e a interação entre as pessoas. (Kira Salak)

A principal diferença são as pessoas, porque eu sinto elas mais abertas mentalmente, amigáveis, descontraídas, são bem próximos uns dos outros [...]. (Amelia Earhart)

Além disso, 18 dos entrevistados citaram preço como fator diferencial. Respostas relativas ao ambiente, espaço, áreas do *hostel* foram 15. Informalidade, liberdade, menos burocracia ou mais independência somam 10 respostas.

A hospitalidade, atendimento, o fato de parecer mais familiar, se sentir acolhido ou se sentir em casa, também foi citado, oito vezes, como nos exemplos:

[...] em alguns hostels eu me sinto em casa, pela hospitalidade, isso é bem importante, e é como se fosse assim, uma grande família né [...]. (Egéria)

O grande diferencial eu achei a característica de ser mais parecendo que a gente tá na nossa casa [...]. (Chihiro)

O fator boa localização e a facilidade de pagamento apareceram duas vezes cada um. A questão da privacidade foi citada três vezes, como algo negativo, como nas falas:

Mas tem um aspecto negativo, na minha opinião, que é a privacidade, que se perde em relação a um hotel, por exemplo, e principalmente no caso dos banheiros compartilhados que eu não curto muito. (Sophie Hall)

Claro, tudo tem seus pós e contras né, como a questão da privacidade, mas eu tenho muito mais ganhos do que perdas. (Bartolomeu Dias)

É também importante mencionar que a palavra “experiência” foi citada nove vezes, sendo cinco delas com os termos “troca de experiência(s)”. Algumas falas para exemplificar:

[...] pra viajar mesmo, pra se divertir, pra conhecer pessoas, pra experiência, acho que essa seria a palavra correta, experiência. (Thomas Cook)

[...] e tá todo mundo no mesmo lugar né, então acho que os objetivos são bem próximos, acho que dá pra fazer uma troca de experiências muito boa. (Pero Vaz de Caminha)

Mesmo que essa pergunta feita pela pesquisadora não demandasse que o entrevistado se referisse a outro tipo de hospedagem, muitos deles fizeram comparação, citando outros meios. Ao comparar, 27 pessoas se referiram ao hotel. Outros meios como pousada, *camping*, AirBnb e *Couchsurfing* foram mencionados uma vez cada um. É importante destacar algumas falas em relação ao hotel:

[...] em hotel tu chega, vai pro teu quarto, fica na tua e parece que tu te fecha no teu mundinho. (Grace Marguerite)

[...] talvez a gente não teria se ficasse trancadinho no nosso quarto de hotel. (Lena Kaligaris)

[...] num hotel eu jamais teria feito porque eu teria ficado no meu quarto assistindo TV e tal [...]. (Nellie Bly)

[...] num hotel que cada um fica trancado no seu quarto [...]. (Sophie Hall)

[...] num hotel, que é uma coisa mais reservada, um pouco mais fechado. (Pedro Álvares Cabral)

A quarta pergunta desse quadro – e última da entrevista – era: *Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em hostels*. Respostas relacionadas a pessoas, como o fato do entrevistado citar conhecer pessoas ou fazer amigos, ocorreu 23 vezes, como por exemplo, nas falas:

Eu conheci uns dos meus melhores amigos em hostel, na divisão dos

quartos + esse é um fato que me marca bastante, importante porque dou muito valor a amizade [...]. (Isabela Lucy Bird)

[...] porque você sempre tá conhecendo pessoas diferentes, culturas diferentes [...]. (Marco Polo)

[...] a gente pegou uma amizade que perdura até hoje e acho que fazem uns 10 anos já. (Thomas Cook)

A atenção dos proprietários foi mencionada seis vezes, como por exemplo:

O que me impressionou, assim, é a atenção da dona né, a pessoa que recebeu a gente, ela é muito atenciosa [...]. (Vasco da Gama)

A atenção dos proprietários, eu acho que fica mais humano. Como quem me atendeu foi o dono e o dono também trabalha no hostel, ele chama pelo nome, ele acaba sendo mais atencioso [...]. (Pero Vaz de Caminha)

Casos amorosos foram citados três vezes e dois entrevistados mencionaram que o fato marcante foi ter sido melhor do que esperavam.

Além desses aspectos positivos, 11 pesquisados citaram fatos negativos. Em algumas dessas respostas, houve a impressão que, os entrevistados contaram o que aconteceu não valorizando demasiadamente o episódio negativo em si, mas como se estivessem contando uma aventura ou uma história. É como se a ida para este tipo de hospedagem já exigisse uma predisposição à aceitação de certas situações, o que talvez não seria identificado em um hotel. Os exemplos a seguir demonstram essa reflexão:

Teve outras anedotas também [...] Mas, enfim, são essas experiências que fazem do hostel um lugar legal [...]. (Cristóvão Colombo)

[...] só achei engraçado, a gente não se importou [...]. (Grace Marguerite)

[...] Aí não fica aquele negócio de birra, sabe, acaba se empolgando todo mundo junto, é ambiente comum. (Cheryl Strayed)

Esses foram os aspectos percebidos de acordo com as respostas que respondiam as questões específicas. Ainda, intrinsecamente, foi possível perceber que os entrevistados citaram bastante a questão de **viajar sozinho**, como nas falas:

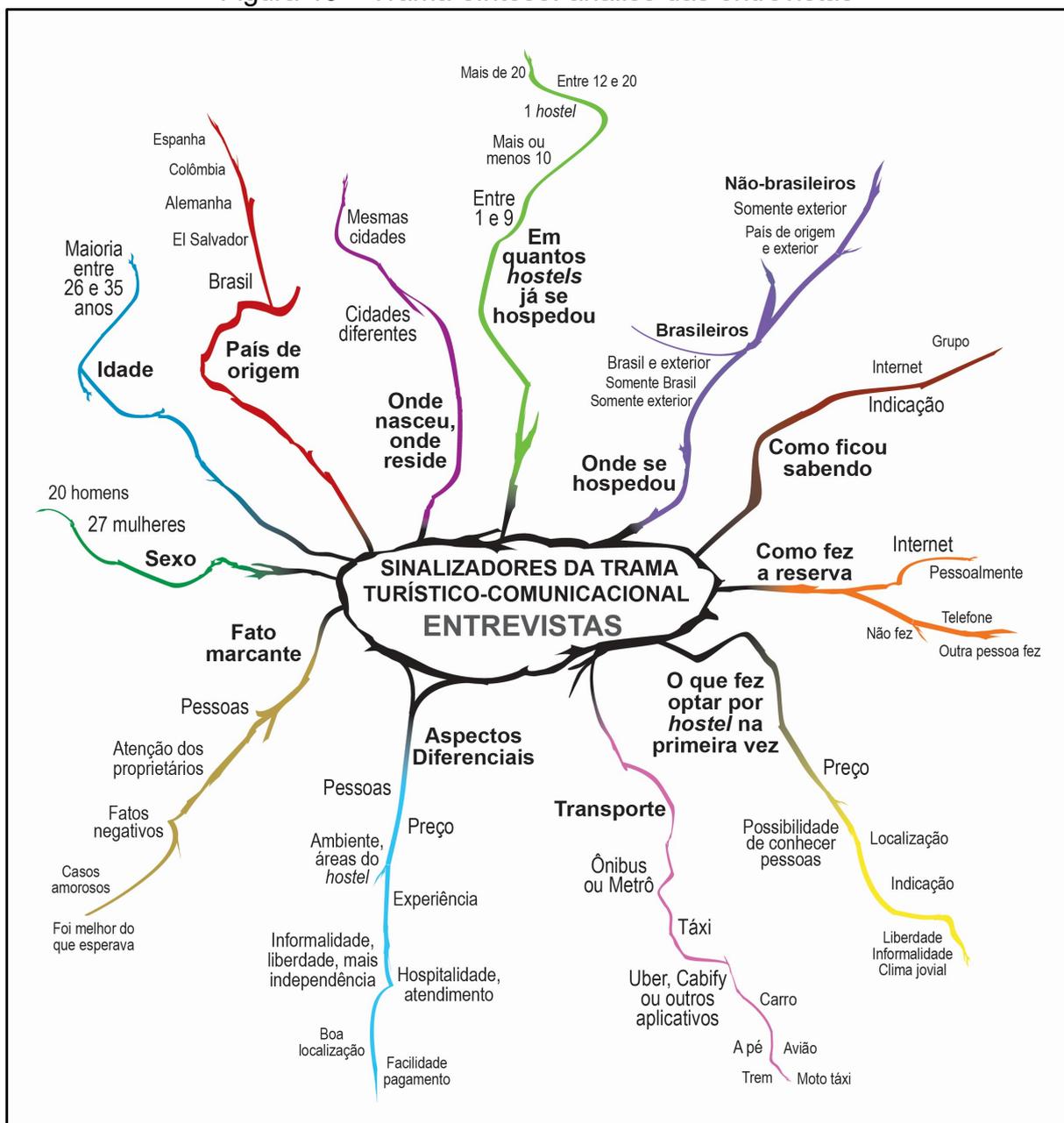
[...] como eu viajava sozinha, com certeza foi pela possibilidade de socialização [...]. (Egéria)

[...] quando eu fui começar a viajar sozinha [...]. (Ida Pfeiffer)

[...] e tava começando a viajar sozinha [...]. (Isabela Lucy Bird)

Com os sinalizadores de Trama Turístico-Comunicacional encontrados a partir dos dados das entrevistas, desenvolveu-se uma matriz-síntese, figura 46:

Figura 46 – Trama-síntese: análise das entrevistas



Fonte: Desenvolvido pela autora (2019).

5.5 ANÁLISE GERAL

A partir da primeira análise que foi dos relatos de experiência e da segunda que foi das entrevistas, se percebeu sinalizadores comuns. Neste ponto, deste texto, se faz o encontro desses resultados, apresentando os elementos que foram percebidos em ambos, em relação também com alguns autores já mencionados.

Relativo ao **transporte** que o sujeito utiliza, percebe-se que os meios públicos são muito mencionados, tanto nos relatos e nas entrevistas, assim como

em pesquisas já apresentadas de Murphy (2001) e O'Regan (2010). Assim, percebe-se que, se o sujeito busca um meio não convencional de hospedagem, com preço mais baixo, existe, do mesmo jeito, uma tendência de que ele busque recursos alternativos para se locomover no novo território.

A questão do **preço** é mencionada diversas vezes nas análises. O valor monetário aparece como fator importante que fez o sujeito optar por *hostel* na primeira vez que se hospedou, embora também sejam indicados outros aspectos. Além disso, é visto como aspecto diferencial do *hostel* em relação aos outros meios de hospedagem, apreciado pelos hóspedes, assim como já aparecia em pesquisas, como de Oliveira (2008) e Voko (2015).

Quanto à **idade** desse sujeito viajante, percebeu-se que, nos relatos, a idade da pesquisadora variou entre 25 e 29 anos e, nas entrevistas, a maior parte dos pesquisados tinha entre 26 e 35 anos. Além disso, nos episódios mais recentes, houve a percepção de público, que estava freqüentando os *hostels*, em torno dos 30 anos. Isso parece estar coerente com a literatura, já que, algumas das pesquisas apresentadas (BOURGET, 2012; HANNAM; DIEKMANN, 2010; HECHT; MARTIN, 2006), revelavam número significativo de hóspedes nessa faixa etária – os denominados *flashpackers*. Mostra, assim, o mesmo público que costumava frequentar *hostels* – os *backpackers* – agora mais maduro, não se importando em gastar um pouco mais com conforto, mas, ainda assim, preferindo aspectos que o *hostel* oferece.

Outro sinalizador que apareceu, em comum, foi a questão de **viajar sozinho** que, apesar de também serem mencionadas viagens com outras pessoas, as viagens que o sujeito fez sozinho prevalecem.

Há também **elementos do sistema turístico** mencionados nos relatos e nas entrevistas, como o cartão fidelidade que é oferecido, principalmente, por uma rede específica de *hostels*. O *hostel*, apesar de romper, de certa forma, com algumas práticas do sistema tradicional, ao mesmo tempo, pode manter alguns elementos. A oferta do cartão fidelidade mostra que a atividade profissional, no *hostel*, também é pensada pela lógica comercial, de sobrevivência do negócio, assim como a própria franquia ou rede, que também é observada por esse viés. Assim, dá-se motivação ao turista, por meio do cartão que oferece desconto, para que o sujeito busque hospedagem em *hostels* da mesma rede, mesmo em cidades ou países diferentes.

O **uso da internet** é outro sinalizador relevante, pois, como já foi observado em pesquisas que falavam dos *flashpackers* (BOURGET, 2012; HANNAM; DIEKMANN, 2010), na contemporaneidade, o sujeito busca meios rápidos e fáceis de fazer os procedimentos que precisa nesse processo da viagem. A maior parte das reservas, por exemplo, tanto nos relatos como nas entrevistas foi feita previamente, pela internet.

O uso de *websites* específicos para pesquisa e reserva de hospedagem é algo que também pode ser considerado elemento do sistema turístico. Parece que o sujeito, havendo o desejo de busca por hospedagem, já sabe para que plataforma recorrer. Isso foi percebido, também, porque grande parte dos sujeitos entrevistados conseguiu se lembrar do nome específico do *website* que pesquisaram ou costumam entrar para encontrar e/ou reservar acomodação. É relevante mencionar que, além dos *websites* para busca geral de hospedagem, há também os específicos para busca de *hostel*, também bastante citado nos relatos e entrevistas. Embora o uso da internet para reserva seja fácil e rápido, é indicado confirmar essa reserva antes da chegada na hospedagem.

Há outro sinalizador importante que é a questão da **indicação** ou o boca-a-boca. Como os *hostels* não são meios de hospedagem de massa, não utilizam, em geral, meios de comunicação de massa para divulgar seus serviços. A divulgação acaba sendo, espontaneamente e, de forma intensa, por meio de indicação de outras pessoas. A indicação pode ser em relação a *hostels* específicos, em cidades particulares, ou então para que o outro sujeito fique sabendo da existência desse meio de hospedagem. Nas entrevistas a indicação foi bastante citada, assim como a pesquisadora, que também ficou sabendo dessa hospedagem por meio de indicações. Isso também está coerente com algumas pesquisas já apresentadas (KOTLER, 2000; RUSCHMANN, 2001).

Outro sinalizador observado é o fato de que, parece, que o sujeito do *hostel* não se importa com algumas questões, que há certa **predisposição** por parte dele. Como, por exemplo, se necessita de esforço físico para chegar ao local, se tem que caminhar bastante durante os passeios, se precisa sair sob o sol forte, etc. Questões de desgaste físico, ou mesmo internos, relacionados ao ambiente *hostel*, como, por exemplo, se o sujeito precisa esperar para tomar banho, pois o banheiro está ocupado, ou então, se não tem lugar para sentar e tomar seu café, ele se senta junto a outros hóspedes ou, então, aguarda. Com isso, nota-se a valorização da

convivência, do individual para o coletivo, pois o hóspede aprende a dividir o espaço e também o seu tempo naquelas situações de convivência. Pode haver, também, uma disponibilidade maior, por parte do hóspede, para a flexibilização e simplicidade. O fator preço, na relação custo-benefício, contribui para a ambientação de outro sistema de interações, usos e partilha dos espaços.

Essa questão também tem relação com a importância mencionada, tanto nos relatos como nas entrevistas, do **contato com outras pessoas**, de forma a haver conversas informais, troca de informações ou, mesmo, o fato de fazer amizades que permanecem depois da hospedagem – o que também foi citado com nas pesquisas de Borovskaya e Dedova (2014), Murphy (2001) e Rezende (2008). Percebe-se, também, que, além de espaço de convivência, o *hostel* pode ser um espaço de partilha de informações sobre destinos turísticos, sobre a própria cidade em que se está ou outras localidades, tanto entre hóspedes como com funcionários e/ou proprietários do *hostel*.

Pode-se pensar que o *hostel* é um elemento de possibilidade de conexões na experiência turística. Nota-se certa ‘descerimonialização’ nas relações, em que há uma ‘abertura’ e aproximação entre as pessoas que ali estão. O próprio ambiente cria essas condições para que a socialização aconteça, por meio dos espaços compartilhados. É interessante observar as diversas vezes em que, nas análises, aparece a palavra *pessoas*, sinalizando para a importância vista pelos sujeitos sobre esses encontros. Além disso, nas entrevistas, a palavra *experiência*, bastante citada, remete ao pensamento de que a vivência prazerosa de viagem acontece, principalmente, porque esses sujeitos têm contato com outras pessoas e culturas, o que também engrandece a experiência da viagem.

Tendo em vista essa experiência, com percepção de sentidos através das interações sociais, troca de cultura e aprendizados, bem presente nos *hostels*, é importante acrescentar uma citação, de Moesch (2002, p. 15):

[...] para permitir novos modos de sensibilidade humana, de relação com o outro que coincidam aos desejos, ao gosto de viver, à vontade de conhecer o mundo, com a instauração de dispositivos capazes de desterritorializar, criando novas relações, sentidos e representações na busca da transversalidade entre os grupos humanos.

Esse processo de estar em contato com outras pessoas parece ser diferente do que geralmente acontece nos hotéis. Embora possa acontecer, se percebe, por meio das falas dos sujeitos, muitas vezes, que há uma imagem de que, o hotel, é um

espaço mais privativo (se fica “trancadinho”), onde praticamente não há socialização com outras pessoas.

Outro sinalizador que aparece em comum nos relatos e nas entrevistas é o sentimento de **acolhimento**, por parte dos hóspedes. Nesse sentido, é importante definir, brevemente, o conceito. Perazzolo, Santos e Pereira (2013, p. 6) descrevem acolhimento como hospitalidade turística e relatam que não envolveria apenas o ato de acolher, mas sim, “Para que ocorra acolhimento, ambos os sujeitos têm que se ajustar mutuamente às necessidades do outro, o que exige, de cada um, o olhar do olhar do outro”. Pode-se referir, aqui, também a noção proposta por Isabel Baptista, quando esta define hospitalidade como “[...] um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro [...]” (ISABEL BAPTISTA, 2002, p. 157). Trata-se, portanto, neste momento, acolhimento e hospitalidade como sinônimos.

O que se percebe, até este ponto, é que as próprias características do *hostel* remetem ao aprendizado e à descoberta de práticas diferenciadas em relação ao que se tem tradicionalmente na maioria dos hotéis, principalmente, nas grandes redes. Isso se verifica, porque, ali, naquele universo do *hostel*, pode haver, a retomada de práticas domésticas de hospedagem. Nas experiências da pesquisadora, a hospitalidade foi percebida principalmente na relação anfitrião-hóspede. O carinho e a atenção – mencionados também nas entrevistas –, muitas vezes, é personalizado e remete a um ambiente familiar, caseiro, em contato mais íntimo com o outro, o que pode proporcionar ao hóspede esse sentimento de acolhimento.

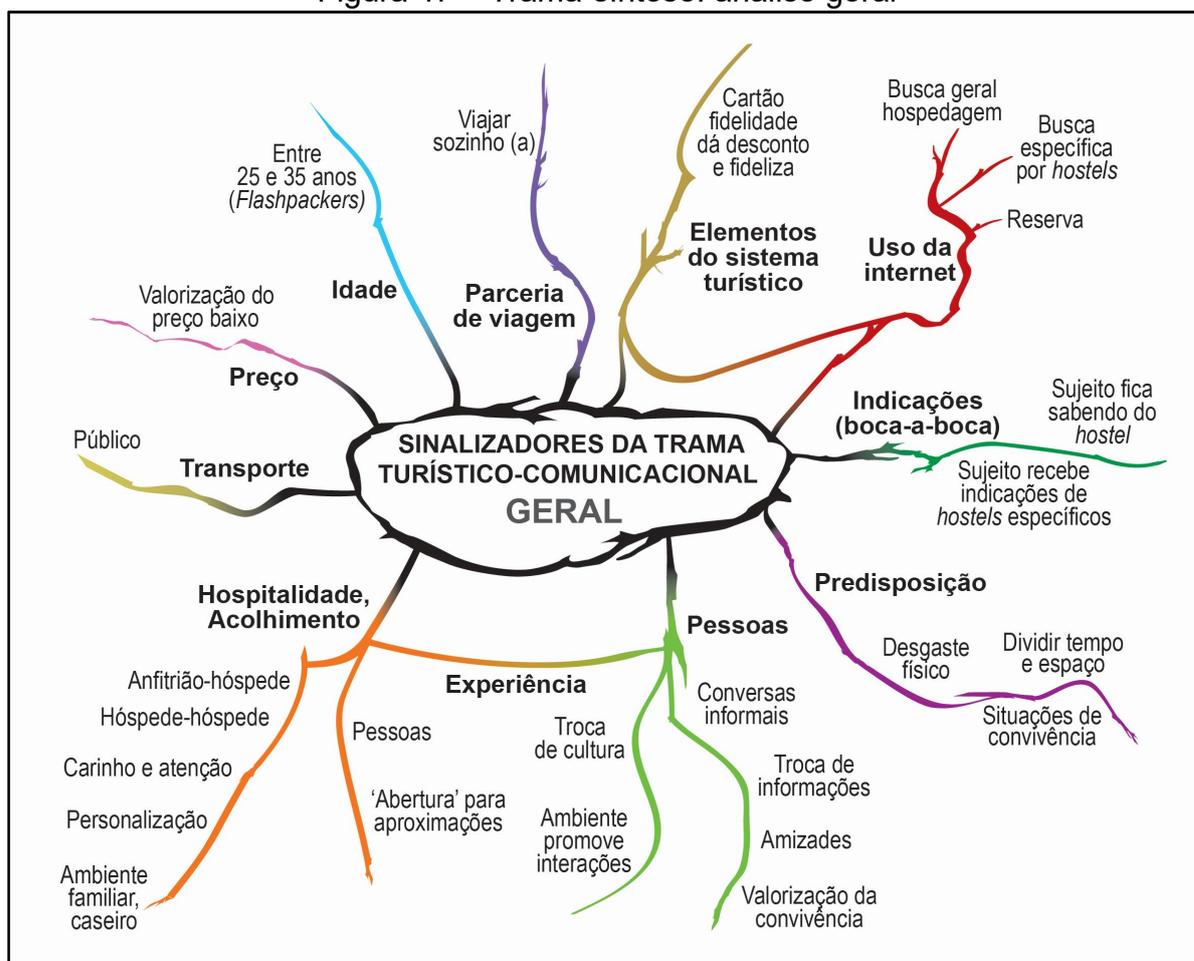
Álvaro Augusto Bahls, no Brasil, já tem pesquisas sobre a hospitalidade em *hostels*. Embora seus estudos (BAHLS, 2015, 2018) compreendam Florianópolis como local de pesquisa, ele percebe que a hospitalidade propõe a união entre as pessoas e que isso, nos *hostels*, promove trocas entre anfitrião e visitante. Além disso, “Essa relação permite ao ser acolhido se aproximar mais facilmente e profundamente na cultura local e de outros viajantes que se encontram no estabelecimento” (BAHLS, 2018, p. 304).

Importante também dizer que a hospitalidade ou o acolhimento não acontece somente entre anfitrião-hóspede, mas pode ocorrer entre os hóspedes, pois, afinal, é um fenômeno que pode se transversalizar entre os sujeitos. Uma vez que há esse sentimento mútuo, as relações se potencializam, no momento em que compartilham

espaço e tempo no *hostel*. Talvez por isso, sejam memórias tão marcantes dos sujeitos entrevistados.

Com esses sinalizadores, se fez uma trama-síntese, figura 47, para representar os aspectos comuns observados.

Figura 47 – Trama-síntese: análise geral



Fonte: Desenvolvido pela autora (2019).

HORA DO CHECK-OUT (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

É chegado o momento do *check-out*, hora de seguir em frente. Para isso, é importante refletir sobre toda a viagem, o percurso, os desdobramentos e verificar se atendeu as expectativas.

O interesse pela pesquisa, que surgiu a partir de vivências e aprendizados, se transformou, ao longo desses três anos de 'hospedagem', em uma "paixão-pesquisa", fazendo jus ao termo cunhado pela orientadora. O início da investigação foi marcado pela procura bibliográfica sobre as temáticas e, a partir daí, houve um processo intenso de busca, de construção do conhecimento, de reflexão, de amadurecimento, de geração de vida.

Ao longo dos capítulos, acredita-se ter atingido o objetivo geral da pesquisa: *Apresentar sinalizadores de relação do hostel, como território de hospedagem, com a trama turístico-comunicacional.*

O primeiro objetivo específico *Apresentar o hostel como território de hospedagem* foi apresentado no capítulo 3, que buscou entender como surgiu o setor de hospedagens turísticas, apresentar o *hostel*, seu surgimento e expansão, bem como algumas características específicas desse meio. A partir desses textos, nota-se que o *hostel* não é um meio de acomodação novo, mas ainda é pouco explorado cientificamente. Foi possível perceber, também, que o *hostel* se diferencia das outras hospedagens – e, principalmente, do hotel –, em diversos aspectos.

O segundo objetivo específico, que era *Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo, à Comunicação e ao hostel*, foi atendido pelo capítulo 4, em que foram abordados os pressupostos conceituais da dimensão trama, para, depois, relacionar o Turismo e a Comunicação-Trama ao *hostel*. Foi possível perceber que o *hostel* é território – e também sujeito – de hospedagem, que promove mudança e transforma os outros sujeitos envolvidos; que o sujeito viajante que busca o *hostel* como acomodação possui algumas características específicas; que a Comunicação está entrelaçada ao sujeito durante todo o desdobramento da sua viagem, desde a interação direta com outros sujeitos, até sua trama rede-midiática, marcada pelo uso da tecnologia; que as singularidades dos *hostels* estão em sintonia com a mutação contemporânea da Ciência, do Turismo e da Comunicação.

Os outros dois objetivos específicos, que eram *Identificar sinalizadores da trama turístico-comunicacional em hostels, a partir de aproximações e ações*

investigativas, e *Discutir a relação do hostel com a trama turístico-comunicacional*, foram trabalhados no capítulo 5. Nesse ponto, além de todo o trabalho de resgate das experiências da pesquisadora, foram feitas entrevistas junto a outros hóspedes. Foi possível verificar que muitos dados obtidos se alinham, nos dois momentos, também em coerência com a cartografia bibliográfica.

Como resultados, foi possível perceber, em síntese, os seguintes sinalizadores: proximidade e contato com outras pessoas; sentimento de acolhimento/hospitalidade; predisposição do sujeito a certas situações e, assim, valorização do compartilhamento de tempo e espaço; uso intenso da internet; as indicações (boca-a-boca); a informalidade; simplicidade (em muitos casos); personalização; preço baixo e caráter singular (não padronizado) dos *hostels*. Parece que, de certa forma, o *hostel* atende ao encontro em processo de criação e que tem como base a reinvenção associada às condições existentes.

Além da importância para o preço baixo oferecido pelos *hostels*, outro elemento que aparece, de forma intensa, nas análises, é a valorização das **pessoas** – palavra que é muito mencionada tanto nos relatos como nas entrevistas. É bastante citado, como diferencial do *hostel*, a possibilidade de contato com outras pessoas, de fazer amizades, de troca de experiências, informações e cultura. Muitos desses aspectos parecem expressar a importância dos relacionamentos, da interação, da socialização, aspectos promovidos pelo *hostel* e que, pode-se dizer, não são contemplados pela maioria dos outros meios de hospedagem, principalmente, se tratando das grandes redes do setor.

Toda essa discussão convida a refletir sobre as relações humanas que envolvem os sujeitos do turismo, quando esses estão em contato com outros. No caso da hospedagem, quando o hóspede pratica a convivência, coloca seus valores pessoais à mostra, e, com isso, entende-se que ele não está sozinho e precisa aprender a compartilhar o ambiente, a cultura e a respeitar os limites do próximo. Assim, se constroem e se reinventam laços sociais, em condições autopoiéticas e amorosas de viver o turismo.

Por fim, é relevante mencionar que este estudo, em coerência com seus pressupostos, segue em construção. Para futuras pesquisas, além de continuar a investigação, em geral, sobre *hostels*, pode-se estudar a hospitalidade e acolhimento em *hostels*, já que foi identificado como sinalizador forte, nesta pesquisa. Pode-se também avançar, fazendo um estudo comparativo entre

hospitalidade em hotéis e *hostels* ou, ainda, envolvendo outros meios de acomodação.

O significado desta dissertação, para mim, é intenso. É o trabalho final de um longo processo de tentativas, de testes, de sentimentos aflorados, de ansiedade e noites não tão bem dormidas, de tempo e esforço despendido, de 'hospedagem', de 'gestação'. É pesquisa intensa com entrelaçamentos da vida, resultado de uma etapa, que agora se finda, e nasce para o mundo.

Até breve!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2000.

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

AOQUI, Cássio. **Desenvolvimento do Segmento Backpacker no Brasil sob a Ótica do Marketing de Turismo**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo, SP, Brasil, 2005.

AZEVEDO, Vanessa; CARVALHO, Margarida; COSTA, Flávia; MESQUITA, Soraia. Interview transcription: conceptual issues, practical guidelines, and Challenges. **Revista de Enfermagem**. IV(14),159-168, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/319996575_Interview_transcription_conceptual_issues_practical_guidelines_and_challenges>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BAHLS, Álvaro Augusto. **Hostel**: Proposta conceitual, análise socioespacial e panorama atual em Florianópolis (SC). Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria). Universidade do Vale do Itajaí, 2015.

BAHLS, Álvaro Augusto; Pereira, Raquel Maria. Hostel, uma proposta de revisão conceitual para a abordagem de futuras pesquisas. **Turismo Visão e Ação**, 20 (2), 2018.

BAILEY, Julia. First steps in qualitative data analysis: transcribing. **Family Practice**, Vol 25 (2), 127–131, 2008. Disponível em: <<https://academic.oup.com/fampra/article-abstract/25/2/127/497632>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2002.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional**. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Revista Rosa dos Ventos**. Caxias do Sul, RS, 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf_273>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Sujeito-trama do turismo: Reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo. **Revista Pasos**, 14 (5), 1083-1091, 2016.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Matrizes Rizomáticas: Proposição de Sinalizadores para a Pesquisa em Turismo**. Seminário ANPTUR (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo), Balneário Camboriú, Santa Catarina: Universidade do Vale do Itajaí, 2017.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Ecosistemas turísticos, desterritorialização caosmótica e ciberterritorialidades. **Anais...** 2018a. Disponível em: <<https://www.uces.br/site/midia/arquivos/anais-coloquio-cenarios.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **ETC - Ecosistemas Turístico-Comunicacionais Subjetivos**: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica (projeto de pesquisa). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018b (cópia).

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BARRETO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao Turismo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

BELTRÃO, Otto di. **Turismo**: a indústria do século 21. Osasco: Editora Novo Século, 2001.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998.

BENI, Mário Carlos. **Entendendo o Novo Turismo na Economia Colaborativa e Compartilhada**. CONGRESSO ANPTUR, São Paulo. Anais... São Paulo, 2017.

BENI, Mário Carlos; MOESCH, Marutshka. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Revista Turismo - Visão e Ação**, 19 (3), set. - dez. 2017. Disponível em: Disponível em: <www.univali.br/periodicos> Acesso em: 20 set. 2018.

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria dos Sistemas**. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 1976.

BOROVSKAYA, Irina; DEDOVA, Mariya. Creativity in hospitality industry: study of hostels in St. Petersburg. **Coactivity: Philosophy, Communication**, 22 (2), 137-144. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3846/cpc.2014.12>> Acesso em: 08 fev. 2019.

- BOURGET, Karine. Trendy hostels emerge as budget busters. **Hotel News Now**. 2012. Disponível em: <<http://www.hotelnewsnow.com/articles/17231/Trendy-hostels-emerge-as-budgetbusters>> Acesso em: 16 out. 2017.
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Os dez melhores albergues do Brasil**, 2012. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/1277-os-dez-melhores-albergues-do-brasil-eleitos-em-2011.html>> Acesso em: 12 ago. 2018.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem**. 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/aceso-a-informacao/63-aco-es-e-programas/5021-sistema-brasileiro-de-classificacao-de-meios-de-hospedagem-sbclass.html>> Acesso em: 01 abr. 2019.
- BUENOS AIRES GUIA DE VIAGEM. **Turismo em Buenos Aires**. Disponível em: <www.buenosairesturismo.com.br>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- CAPITAL REGION USA. **Washington, DC**. Disponível em: <<http://www.capitalregionusa.org/washington-dc>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra Ltda, 1999.
- CIDADE BRASIL. **Município de Brumadinho**. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-brumadinho.html>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- CIDADE BRASIL. **Município de Capitólio**. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-capitolio.html>>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- CITY OF VANCOUVER. **About Vancouver**. Disponível em: <<https://vancouver.ca/about-vancouver.aspx>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- COMUNICAÇÃO. Dicionário online Michaelis, 06 set. 2018. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunica%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 06 set. 2018.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, CONSELHO DE TURISMO. **Breve História do Turismo e da Hotelaria**. Rio de Janeiro, 2005.
- COSTA, Rogério, H. da. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COSTA, Rogério, H. da. **Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais...** Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em:

<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o Barroco. Campinas: 1988.

DELEUZE, Gilles. In: HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, Vol. 4, No 7. 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74>>. Acesso em: 23 out. 2017.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Número de hostels no Brasil cresce mais de cinco vezes**, 2016. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/tur/online/numero-de-hostels-no-brasil-cresce-mais-de-cinco-vezes-1.1549168>>. Acesso em: 16 out. 2017.

DIÁRIO DO TURISMO. **Número de albergues cresce 32,2% em 2014, 2015**. Disponível em: <<http://diariodoturismo.com.br/numero-de-albergues-cresce-322-em-2014/>>. Acesso em: 16 out. 2017.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

DOUGLASS, Harry. The sharing market: commercial hostels in Europe. **HVS Global Hospitality Services**. 2013. Disponível em: <<http://wysetc.files.wordpress.com/2013/07/hvs-the-sharing-market-e28093-commercial-hostels-in-europe-1.pdf>> Acesso em: 16 jan. 2017.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602004000200011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 21 jul. 2017.

EGALI INTERCÂMBIO. **Mulheres Viajantes | 12 filmes que vão inspirar sua viagem**, 2016. Disponível em: <<https://www.egali.com.br/blog/mulheres-viajantes-12-filmes-que-vaio-inspirar-sua-viagem/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

ENCRUZILHADAS: Dores de Parto de Uma Nova Visão Mundial (*CROSSROADS: Labor Pains of a New Worldview*). Direção: Joseph Ohayon, 2012. 63'58". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OFrPpTo9IT0>>. Acesso em 27 nov. 2017.

FIORIN, José Luís. Comunicação e Linguagem In: CITELLI, Adilson (Org.) et al. **Dicionário de comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014. Disponível em: <<https://ucsvirtual.ucs.br/startservico/PEA/>>. Acesso em: 13 out. 2016

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Astrônomo Marcelo Gleiser ganha 'Nobel' do diálogo da ciência com espiritualidade**, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/03/astronomo-marcelo-gleiser-ganha-nobel-do-dialogo-da-ciencia-com-espiritualidade.shtml>>. Acesso em: 22 de março de 2019.

GASTAL, Susana de Araújo. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio : tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da juventude**. Barueri, SP: Manole, 2003.

GLOBO NOTÍCIAS. **Albergues e hostels se espalham pelo país de olho nos turistas jovens**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/01/albergues-e-hostels-se-espalham-pelo-pais-de-olho-nos-turistas-jovens.html>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br>>. Acesso em 18 jan. 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GUIA VIAGENS BRASIL. Disponível em: <<https://www.quiaviagensbrasil.com/blog/praias-do-rosa-sc-dicas-fotos-o-que-fazer/>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, 4 (7), 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74>>. Acesso em: 23 out. 2017.

HANNAM, Kevin; DIEKMANN, Anya (Eds.), **Beyond backpacker tourism: Mobilities and experiences**. Publication City/Country Bristol, United Kingdom, 2010.

HECHT, Jo-Anne; MARTIN, David. Backpacking and hostel-picking: an analysis from Canada. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, 18 (1), 69-77, 2006. Disponível em: <<https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/09596110610641993>> Acesso em: 13 fev. 2018.

HORY, Gergely; MAJOR, Zoltán; MÜLLNER, Péter; BENKO, Melinda. Exploration of spatial design issues at backpacker hostels in Budapest's historic center: Informality, density, and adaptability. **Frontiers of Architectural Research**, 6, 157-168. 2017. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2095263517300080>> Acesso em: 13 fev. 2018.

HOTEL MANAGEMENT. **Targeting millennials, investors flock to hostel market**, 2017. Disponível em: <<https://www.hotelmanagement.net/transactions/targeting-millennials-investors-see-value-hostel-market>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

INSTITUTO INHOTIM. Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/blog/brumadinho-mais-verde/>>. Acesso em 16 fev. 2019.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

KOWAL, Sabine; O'CONNELL, Daniel C. Transcription as a Crucial Step of Data Analysis. In: FLICK, Uwe. **The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis**. SAGE Publications, 2014. Disponível em: <<http://mr.crossref.org/iPage?doi=10.4135%2F9781446282243.n5>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

LOKER-MURPHY, Laurie; PEARCE, Philip. L.. Young budget travelers: Backpackers in Australia. **Annals of Tourism Research**, 22 (4), 819-843, 1995. Disponível em: <https://www.academia.edu/24655265/Young_budget_travelers_Backpackers_in_Australia?auto=download> Acesso em: 13 fev. 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina**: O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2007.

MARTHA'S VINEYARD CHAMBER OF COMMERCE. **Island Information**. Disponível em: <<https://www.mvy.com/island-information.html>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTÍNEZ, Patricia. **Hostels: a revolutionary new concept**. Versão Eletrônica Kindle, 2016. Disponível em: <www.amazon.com>.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 12.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 9. ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MLODINOW, Leonard. **O andar do bêbado**: como o acaso determina nossas vidas. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana de Araújo; Congresso Internacional de Turismo Rede Mercocidades 4, Porto Alegre, RS. **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emilia de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza. **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Ufam, 2012.

MOREIRA, Jaqueline; SCHWARTZ, Gisele. Sintonizando Sensações e Emoções com Roteiros de Turismo Alternativo: um estudo com praticantes de atividades físicas na natureza. **Revista Turismo em Análise**, 17 (1), 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/68283>> Acesso em: 13 fev. 2018.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4.ed. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2003.

MURPHY, Laurie. Exploring social interactions of backpackers. **Annals of Tourism Research**, Vol. 28, No. 1, pp. 50-67. 2001. Disponível em: <<https://eurekamaq.com/pdf/003/003442311.pdf>> Acesso em: 16 jan. 2018.

NC TRAVEL CUSCO. **A cidade de Cusco**. Disponível em: <<https://www.pacotesperu.com/cidatecusco.php>>. Acesso em 18 jan. 2019.

NYC TOURIST. **New York City Tourist Guide**. Disponível em: <<https://www.nyctourist.com/tourist-info.php>>. Acesso em 18 jan. 2019.

O ESTADÃO. **Segundo estudo, setor de hostels tem forte crescimento no Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/releases-ae,segundo-estudo-setor-de-hostels-tem-forte-crescimento-no-brasil,70001699136>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

OLIVEIRA, Rui José. **Turistas estrangeiros backpackers em viagem pelo Brasil: perfil dos viajantes e características da viagem**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, SP, Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Rui José. Turismo Backpacker/Mochileiro. In TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Ed.) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**, São Paulo: Roca, 2005.

OLIVEIRA, Rui José. Turismo backpacker: estudo dos viajantes internacionais no Brasil. **CULTUR - Revista de Cultura e Turismo**, ano 02, n. 01, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/230/239>> Acesso em: 16 jan. 2018.

O'REGAN, Michael. Backpacker Hostels: place and Performance. In Hannam, K., Diekmann, A. (Eds.), **Beyond backpacker tourism: Mobilities and experiences**. Publication City/Country Bristol, United Kingdom, 2010.

PANOSSO NETTO, Alexandre; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

PARIS, Cody, Morris. Flashpacking: A Discussion of Independent Travel in a Digital World. In Fuchs M., Ricci F., Cantoni L. (eds). **Information and Communication Technologies in Tourism**. Springer, Vienna, 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-7091-1142-0_17> Acesso em: 18 jan. 2018.

PEARCE, Philip. **The Backpacker Phenomenon**: Preliminary Answers to Basic Questions. Townsville: Department of Tourism, James Cook University, Townsville, Austrália, 1990.

PERAZZOLO, Olga Araujo; SANTOS, Marcia Maria Cappellano; PEREIRA, Siloe. **O acolhimento – ou hospitalidade turística – como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização**. Vol. 11 N.º 1 págs. 45-55. 2013.

PEREIRA, Francisca Félix; COUTINHO, Helen Rita M. Hotelaria: da era antiga aos dias atuais. **Revista Eletrônica Aboré**. Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo. Edição 03/2007. Disponível em: <http://www.vitrineturismo.com.br/images/arquivos/Historico_da_Evolucao_Hoteleira.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017.

PEREIRA, Mirna Feitoza. Ecossistemas comunicacionais: uma proposição conceitual In: MALCHER, SEIXAS, LIMA E FILHO (Org.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

Pesquisa de serviços de hospedagem: 2016 / IBGE, Coordenação de Serviços e Comércio. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100623.pdf>>. Acesso em 19 fev. 2017.

PIMENTEL, Maurício Ragagnin; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Geografia e Turismo: Em Busca de uma Interação Complexa. **Revista Rosa dos Ventos**. 7(3) 440-458, jul-set, 2015.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil**: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002.

PORTAL DE IMÓVEIS VIVA BALNEÁRIO. Disponível em: <www.vivabalneario.com.br>. Acesso em 18 jan. 2019.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <www.portoalegre.rs.gov.br>. Acesso em 18 jan. 2019.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br>>. Acesso em 18 jan. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANELA. Disponível em: <<http://canela.rs.gov.br>>. Acesso em 18 jan. 2019.

QUINTANA, Mário. Pensador: Frases e Pensamentos. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTM1NzM5Nw/>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

REJOWSKI, Mirian; YASOSHIMA, José Roberto (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Aleph, 2005.

REVISTA EXAME. **Primeiro relatório mundial sobre tendência de hostels mostra que geração “Y” alimenta uma revolução no setor**, 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/primeiro-relatorio-mundial-sobre-tendencia-de-hostels-mostra-que-geracao-y-alimenta-uma-revolucao-no-setor-dino89092644131/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. **Por que ninguém viaja para o Brasil?**, 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/por-que-ninguem-viaja-para-o-brasil/>>. Acesso em: 29 out. 2017.

REVISTA VIAGEM E TURISMO. Disponível em: <<https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/canela/>>. Acesso em 01 fev. 2019.

REZENDE, Camilla Paranhos. **Hospitalidade no Albergue da Juventude**. Estudo de Caso: Che Lagarto Budget Hostel/Copacabana – RJ. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal Fluminense (UFF), 2008.

RODRIGUES, Carlos M. L.; CHAGAS, Paulo C.; CORRÊA, Claudia, R. Pesquisa mediada pela internet: possibilidade de aplicação de entrevista online nas ciências da gestão. **Negócios em Projeção**, 6 (2), 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/25214157/rolnik-suely-cartografia-sentimental-transformacoes-contemporaneas-do-desejo>>. Acesso em: 12 out. 2017.

ROMERO, Hugo. Ciência ambiental para o turismo e o desenvolvimento sustentável. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana de Araújo; Congresso Internacional de Turismo Rede Mercocidades 4, Porto Alegre, RS (Org.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

ROSS, Glenn F. **Psicologia do turismo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Marketing turístico**: um enfoque promocional. 7.ed. São Paulo: Masson, 2001.

RUSCHMANN, Doris van de Meene; SOLHA, Karina Toledo (Org.). **Turismo**: uma visão empresarial. Barueri, SP: Manole, 2004.

SALMONS, Janet. **Cases in Online Interview Research**. SAGE Publications, 2012. Disponível em: <<http://methods.sagepub.com/book/cases-in-online-interview-research/n1.xml>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SANTAELLA, LÚCIA. **Cultura das mídias**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Experimento, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 12.ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 2004.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHEYVENS, Regina. Backpacker tourism and Third World Development. **Annals of Tourism Research**, Vol. 29, No. 1, pp. 144-164. Massey University, Nova Zelândia, 2002.

SIMPSON, Duncan M. **Richard Schirrmann**: the man who invented youth hostels. Versão Eletrônica Kindle, 2015. Disponível em: <www.amazon.com>.

SIMPSON, Duncan M. **Open to All**: How youth hostels changed the world. 3. ed. Versão Eletrônica Kindle, 2016. Disponível em: <www.amazon.com>.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SOUSA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5.ed. São Paulo: Polis, 1987.

THOMAZI, Mara Regina. Comunicação-Trama em Hostels: Reflexões a partir do Relato de Experiências. **Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2017a. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/lista_area_DT08.htm>. Acesso em 07 fev. 2019.

THOMAZI, Mara Regina. **Hostel como território de Hospitalidade-Amorosidade e sua vinculação à Comunicação-Trama**. Relatório de Qualificação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2017b.

THOMAZI, Mara Regina; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale Baptista. Sinalizadores Cartográficos para Investigação em Hostels. **Anais do IX SeminTur e do II Colóquio em Hospitalidade: Pesquisa e Ensino**, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2017c. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/bbfecb_40ab4afc281646a5b76797dba6876d2b.pdf>. Acesso em 06 mar. 2019.

THOMAZI, Mara Regina; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale Baptista. Meios de Hospedagem no Turismo: um resgate histórico. **Revista Iberoamericana de Turismo (RITUR)**, Penedo, v. 8, n. 2, dez. 2018, p. 216-229. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/5048>>. Acesso em 06 mar. 2019.

THOMAZI, Mara Regina; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. *Hostel e o Sujeito Turista*. **E-book Turismo, Negócios e Lazer**, Editora Atena, 2019, p.195-208. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/05/e-book-Turismo-Lazer-e-Negocios.pdf>>. Acesso em 08 mai. 2019.

TIRADENTES.NET. Disponível em: <<http://www.tiradentes.net>>. Acesso em 19 jan. 2019.

TRAN, Nga Linh; VO, Nhu Thien. **Developing a European Youth Hostel Concept in Vietnam**. Bachelor's Thesis in International Business. Lahti University of Applied Sciences, Ho Chi Minh, Vietnam, 2014.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **América e outras viagens**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

TURISMO DE OURO PRETO. Disponível em: <www.ouopreto.org.br>. Acesso em: 19 jan. 2019.

UOL NOTÍCIAS. **Propagandas 'perseguem' você na web? Saiba como esses anúncios funcionam**, 2014. Disponível em: <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/18/propagandas-perseguem-voce-na-web-saiba-como-esses-anuncios-funcionam.htm>>. Acesso em: 07 set. 2018.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. SISTEMA DE BIBLIOTECAS; QUADROS, Carolina Machado (Org.) et al. **Guia para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 5. ed. 2018. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/guia-trabalhos-academicos_2.pdf>. Acesso em: 06 mar 2019.

VAN VAALS, Ferda. **The future of Backpacking**. European Tourism Futures Institute, 2012. Disponível em: <<http://toerismenoordnederland.nl/wp-content/uploads/The-Future-of-Backpacking.pdf>>. Acesso em 07 fev. 2019.

VISIT SEATTLE. Disponível em: <www.visitseattle.org>. Acesso em 18 jan. 2019.

VOKO, Tim. **Hostels: Lodging for the backpacker**. Versão Eletrônica Kindle, 2015. Disponível em: <www.amazon.com>.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2008.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Nome	
Idade	
Profissão	
Cidade natal	
Onde vive atualmente	

VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM <i>HOSTELS</i>	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	
Onde foi?	

COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	
Como você fez a reserva da acomodação?	

TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem.	
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens.	

APÊNDICE B – ENTREVISTAS

Alexandra David-Néel

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	34
Profissão	Consultora de Recursos Humanos
Cidade natal	São Paulo (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Uns cinco”.
Onde foi?	“Litoral Norte e Floripa”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Pela internet”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pelo site do hostel mesmo”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“O custo-benefício e o fato de conhecer pessoas”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Carro mesmo”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Tem jovens de diversos lugares”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Em Floripa fiz amizade com um americano e dei carona pra ele de Floripa até São Paulo”.

Amber Tamblyn

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	39
Profissão	Psicóloga
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu me hospedei em um mesmo hostel em duas ocasiões diferentes”.
Onde foi?	“Em Buenos Aires, na Argentina”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Uma amiga que já tinha ficado em hostel falou dessa possibilidade, aí a gente pesquisou no site do HI Hostel e encontramos o hostel que nós precisávamos”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pelo site no hostel mesmo”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Preço”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Nós fomos até a Argentina de avião e do aeroporto até o hostel a gente foi de taxi”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Eles oferecem alguns passeios ali com o próprio pessoal do hostel que leva, diferente de hotel, que é uma outra empresa que leva. Eu acho que é mais família assim, é mais informal os atendimentos, me

	parece interessante + e sem contar que daí tu fica em contato com outros hóspedes do hostel, tendo um networking bacana ali”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Nós conhecemos um menino que <i>tava</i> viajando, dos Estados Unidos, e ele resolveu vir pro Brasil conosco, ele <i>tava</i> fazendo um mochilão. Da Argentina a gente foi <i>pra</i> Santa Catarina <i>pra</i> terminar nossas férias e ele ficou com nós, ficou uma semana com nós em Santa Catarina. Foi bem bacana, pena que depois acabamos nos distanciando e perdemos contato com ele. De Santa Catarina ele resolveu ir <i>pro</i> nordeste do Brasil, foi bem legal, foi bem interessante a experiência”.

Amelia Earhart

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	28
Profissão	Assistente Social
Cidade natal	Alpen (Alemanha)
Onde vive atualmente	Duesseldorf (Alemanha)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu acho que fiquei em torno de 25 <i>hostels</i> , desde que viajo”.
Onde foi?	“A maioria foi nos Estados Unidos, como Nova Iorque, Miami, Washington D.C., Florida, Los Angeles, Seattle, Las Vegas, São Diego, Bolívia, Chapada Diamantina no Brasil, Peru, Chile, Mexico, Colômbia, Panamá e + também na Europa, por exemplo Holanda, Bélgica, Barcelona, Madri, Portugal.”
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Eu soube por comerciais e amigos”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Eu sempre reservo pelo HostelWorld, ou pelo Booking, mas na maioria pelo HostelWorld”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Eu escolhi pela primeira vez porque era mais barato”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Sempre vou de ônibus, 90% de ônibus. Às vezes de taxi, mas não é comum.”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“A principal diferença são as pessoas, porque eu sinto elas mais abertas mentalmente, amigáveis, descontraídas, são bem próximos uns dos outros, o que você não tem em outros lugares, por exemplo no hotel”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Em geral, não tenho um fato específico, mas relaxar na piscina com uma cerveja, uma das melhores memórias, e isso aconteceu em muitos <i>hostels</i> diferentes”.

Annie Londonderry

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	37
Profissão	Agente de viagens
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Aproximadamente 15 <i>hostels</i> ”.
Onde foi?	“Em diversos países como Argentina, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e outros países da

	Europa”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Quando eu fui AuPair nos Estados Unidos a minha <i>host mother</i> me indicou essa possibilidade de hospedagem, isso aconteceu no ano de 2005”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Eu reservei através da internet”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Quando eu morava nos Estados Unidos, não era possível programar uma viagem com as minhas amigas, era difícil de coincidir as nossas datas, então a minha <i>host mother</i> me indicou esse tipo de hospedagem, que era mais em conta e o ambiente mais descontraído”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Eu utilizava taxi”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“São ambientes mais descontraídos e tem diversas atividades para integração das pessoas”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Um fato marcante foi na minha primeira hospedagem, como eu não conhecia o funcionamento, me chamou atenção a organização, por exemplo, quando usava a geladeira, colocávamos etiquetas nos nossos pertences. E também no quarto, sempre dividia o quarto com mais pessoas e nunca tive problema com barulho, ou que mexessem nas minhas coisas. As pessoas que utilizam esse meio de hospedagem já estão acostumadas e respeitam as regras”.

Annie Peck

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	38
Profissão	Administradora
Cidade natal	Rio de Janeiro (Brasil)
Onde vive atualmente	Rio de Janeiro (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu não sei o número exato, mas acho que me hospedei em uns seis ou sete <i>hostels</i> ”.
Onde foi?	“A primeira vez que me hospedei foi no Peru, depois me hospedei em alguns países pela Ásia, foi Tailândia, Camboja, Vietnam e depois uma viagem que eu fiz <i>pra</i> Belém”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Fiquei sabendo quando fiz uma viagem <i>pro</i> Peru e como lá a gente se hospedou em <i>hostel</i> , e como eu fechei um pacote e eu não sabia o que era a hospedagem, quando cheguei lá era um <i>hostel</i> , <i>aí</i> o meu primeiro contato, não fazia ideia que existia esse meio de hospedagem e isso já tem alguns anos”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pela internet, fiz a reserva pelos sites de reserva mesmo”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Na primeira vez mesmo, não foi uma opção minha, o pacote já <i>tava</i> incluso a hospedagem, e <i>daí</i> fui. Mas da segunda vez, foi pelo contato, que eu achei legal, contato com outras pessoas, o preço, até porque é mais barato e a informalidade do <i>hostel</i> eu gostei”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para	“Carro privado, ou Uber, ou taxi”.

chegar ao <i>hostel</i> ?	
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Pra mim o maior diferencial é o contato com outras pessoas, a interação, você se integra com outras pessoas, você conhece, você convive, diferente da formalidade do hotel, você entrou, fechou a porta do seu quarto, acabou, você não vê ninguém, o que mais me chamou a atenção foi o coletivo”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Bem, agora não me ocorre nenhum fato que tenha me marcado. Só eu acho que me marcou em relação ao <i>hostel</i> foi que eu gostei mesmo de você acabar tendo contato com outras pessoas, outras culturas, outros + o diferente mesmo, o diferente de você, <i>cê</i> encontra ali. E ali todo mundo se fala, acho que foi a coisa que mais me marcou mesmo. Eu tava acostumada a viajar e sempre me hospedar em hotel onde você + eu viajo só, então num hotel você continua só, você não vai conhecer pessoas. Num <i>hostel</i> , <i>cê</i> pode viajar só, <i>cê</i> chega lá parece que <i>cê</i> foi em grupo, porque <i>cê</i> acaba conversando, interagindo, <i>aí</i> <i>cê</i> descobre que tem pessoas que fizeram a mesma coisa que você, então faz junto ou faz separado, ou tem dicas mais legais do que as de papel que <i>cê</i> encontra no lugar onde <i>cê</i> tá”.

Bartolomeu Dias

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	31
Profissão	Publicitário
Cidade natal	São Paulo (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM <i>HOSTELS</i>	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“De cabeça, acho que foram mais de 20 <i>hostels</i> pelo mundo”.
Onde foi?	“O primeiro <i>hostel</i> que eu fiquei na minha vida foi aqui no Brasil, em Florianópolis. <i>Aí</i> eu decidi conhecer outros pelo mundo. Cusco, Suíça, Nova Iorque, Rio de Janeiro, Parati + nossa minha memória tá fraca. Te mando essa lista mais completa mais tarde, preciso dar uma olhada nos meus diários de bordo”.
Posteriormente enviou:	“Tá, vamos lá, Mendonça, Buenos Aires, Santiago, Rio de Janeiro, Cusco, Nova Iorque, Suíça, Alemanha, Amsterdã, Inglaterra, Irlanda. Aqui no Brasil eu já fiquei no Rio de Janeiro, em Caxias e em Floripa”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Eu tinha vontade de conhecer um <i>hostel</i> , <i>aí</i> pesquisei na internet ‘ <i>hostel</i> Brasil’ e <i>daí</i> apareceu. Era Carnaval, eu <i>tava</i> solteiro, resolvi ir e foi a melhor experiência da minha vida, de estar sozinho e conhecer uma galera muito legal, tinha poucos brasileiros, isso há 10 anos atrás. Até uma das poucas brasileiras que tinha lá virou minha melhor amiga, até hoje é minha melhor amiga. E depois que eu senti isso, eu quis conhecer lá fora, e lá fora a cultura de <i>hostel</i> é totalmente diferente da daqui do Brasil, <i>sabe</i> . Aqui no Brasil o pessoal ainda tem preconceito de ficar em <i>hostel</i> , eu sinto isso, eu ouço isso de amigos, principalmente de mulheres, ‘ah eu não vou ficar <i>num</i> <i>hostel</i> , ficar com desconhecidos+’ ”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Eu prefiro reservar diretamente com o <i>hostel</i> . Eu não gosto muito de intermediário, até quando eu compro passagem aérea eu compro direto <i>pra</i> não ter que pagar

	comissão, taxa <i>pra</i> site. Diretamente eu consigo até negociar um valor mais barato”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	Foi respondida anteriormente.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Eu não penso duas vezes, taxi ou Uber, eu odeio me perder e andar por onde eu não conheço. Então no primeiro momento taxi ou Uber”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Acho que uma das principais coisas que eu prefiro um <i>hostel</i> é conhecer gente nova, <i>sabe</i> , quando você tá num hotel você vai pro seu quarto, fica trancado, você não tem a socialização com ninguém, mas no <i>hostel</i> se você quiser, você vai conhecer gente nova, você vai conhecer culturas novas, você vai tá na cozinha, <i>cê</i> vai cozinhar com alguém diferente que você, <i>cê</i> vai assistir TV com alguém diferente, de outro estado, outro país, então é uma troca de culturas muito interessante, <i>sabe</i> , acho que você aprende muito mais num <i>hostel</i> que num hotel. Claro, tudo tem seus pós e contras <i>né</i> , como a questão da privacidade, mas eu tenho muito mais ganhos do que perdas”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Acho que a coisa mais marcante que aconteceu comigo num <i>hostel</i> , foi quando eu fui com uns amigos brasileiros, eu morava na Inglaterra, e a gente ficou num <i>hostel</i> na Irlanda. Tinham dois rapazes que <i>tavam</i> lá dividindo o quarto com a gente, eles eram árabes, viraram muito nossos amigos. Depois a gente descobriu que o pai deles era o príncipe do Qatar. Depois eles vieram aqui pro Brasil, ficaram na nossa casa, então eu sou amigo do príncipe do Qatar + (risos) + mas o cara mais humilde que <i>cê</i> pode imaginar”.

Bridget Vreeland

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	23
Profissão	Estagiária em Exportação
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Hostel mesmo foi um só”.
Onde foi?	“Foi em Chicago”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Foi por indicação de amigos, não sabia dessa possibilidade antes”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Fiz tudo pela internet, pelo site deles. A única coisa que eu fiz no <i>hostel</i> mesmo foi o pagamento”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i>, nessa vez que se hospedou?	“O custo-benefício, era um preço bem acessível com café da manhã. Eu só queria passar a noite, então foi a melhor opção. E praticidade também, porque ele era bem localizado”.
Que meio de transporte você utilizou para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Eu utilizei o Uber <i>pra</i> chegar até lá”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O que eu acho interessante é a possibilidade de dividir o quarto com outras pessoas eu acho que é uma experiência de troca de cultura bem legal. Eu não tive muito tempo <i>pra</i> fazer isso, mas acho que quando tu

	fica mais tempo me parece uma opção bem legal <i>pra</i> conhecer outras pessoas. E também pela praticidade, eu achei muito menos burocrático fazer a reserva no <i>hostel</i> do que num hotel, foi bem fácil, bem tranquilo, foi uma experiência bem positiva”.
Descreva algum fato marcante que tenha acontecido nessa hospedagem em <i>hostel</i>.	“Quando eu me hospedei em <i>hostel</i> foi logo que eu tinha chegado nos Estados Unidos, então pra mim era um fato muito marcante eu estar fazendo aquela viagem inteira + (risos) + mas eu acho que + o <i>hostel</i> que eu fiquei lá tinha uma vista muito legal e eu lembro de sentar pra tomar o café da manhã e eu ficava observando a cidade ao redor. E ter as outras pessoas no quarto comigo também, eu não <i>tava</i> esperando que fosse tão legal. E a organização também, era tudo bem limpinho, bem organizadinho, ninguém invadindo espaço de ninguém, então foi uma experiência bem legal”.

Carmen Lowell

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	28
Profissão	Professora
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM <i>HOSTELS</i>	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Em três”.
Onde foi?	“São Paulo, Porto Alegre e na Espanha”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Uma amiga disse que tinha como ficar num <i>hostel</i> , que podia ficar todo mundo junto e pagava mais barato”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pela internet, pelo site do <i>hostel</i> mesmo. Todos foram que eu fui <i>pra</i> eventos de dança. Então o de São Paulo eram os caras do evento mesmo que indicaram qual <i>hostel</i> , o de Valência também, era fechado só pro evento”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“O preço”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Carro particular, o outro uma van e Uber”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Ficar com mais pessoas no quarto, dividir os banheiros, cozinha comunitária e o cheiro e a limpeza. Porque em qualquer lugar que eu vou eu olho a limpeza e o cheiro. E nos <i>hostels</i> , normalmente, tem muito cheiro de Quiboa, de limpeza, porque precisa, é muita gente, <i>daí</i> acho que eles passam uns produtos mais fortes”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Ah, esse <i>hostel</i> de São Paulo que tem um bar na frente, então às pessoas que estão no <i>hostel</i> já ficam ali no bar, então tem sempre gente circulando dentro do <i>hostel</i> , tem sempre barulho, mas era legal, porque tinha bastante gente diferente. Ah, e o recepcionista também era de outro lugar, ele falava meio inglês com português, o cara da recepção era um cara de fora do país, isso me marcou”.

Cheryl Strayed

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	35
Profissão	Cabeleireira
Cidade natal	Rio de Janeiro (Brasil)
Onde vive atualmente	Rio de Janeiro (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Esse é o primeiro <i>hostel</i> . Tô curtindo a <i>vibe</i> ”.
Foi aqui em Caxias, então?	“Isso, aqui”.
E quando vocês chegaram?	“Ontem”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Onde eu moro tem muito <i>hostel</i> , no centro do Rio”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Foi pelo Booking. Depois entrei em contato pra acrescentar mais uma cama”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i>, nessa vez que se hospedou?	“A gente <i>tava</i> vindo pra Caxias, com a grana curta e vimos que tinha esse <i>hostel</i> ”.
Que meio de transporte você utilizou para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Viemos de avião até Porto Alegre. E depois com um micro ônibus com os músicos do festival mesmo”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“É uma realidade diferente de um hotel, de uma pousada. Num hotel você fica muito isolado do resto das pessoas + no <i>hostel</i> não, ele agrega as pessoas, ele tem esse diferencial, se tem muito contato com as pessoas. Você divide espaços, <i>né</i> . Essa situação de você ir lá na geladeira, fazer comida, essa coisa, você se sente acolhida, se sente em casa e você acaba sendo ‘obrigado’ (sinais de aspas com as mãos), <i>né</i> , de certa forma, não de uma forma negativa, <i>tô</i> dizendo de uma forma positiva, de socializar com as outras pessoas, dividindo espaços em comum, então é normal puxar uma conversa, ou então às vezes até se meter no assunto dos outros + (risos) + porque o ambiente é assim, o ambiente é informal, mas tem respeito, tem harmonia”.
Descreva algum fato marcante que tenha acontecido de ontem para cá.	“Houve um caso hoje de manhã, as meninas <i>tavam</i> no quarto do lado, acabaram se empolgando de manhã, acordou a gente. <i>Aí</i> depois a gente se encontrou aqui embaixo, acabou se conhecendo. Ela veio falar comigo, pedir se elas tinham feito muito barulho e pediu mil desculpas. <i>Aí</i> não fica aquele negócio de birra, <i>sabe</i> , acaba se empolgando todo mundo junto, é ambiente comum”.

Chihiro

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	55
Profissão	Secretária
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Bom, a primeira vez foi em Minas Gerais, que foi Belo Horizonte e Ouro Preto, dois <i>hostels</i> da mesma rede e foi uma visita técnica aqui com os alunos. Depois eu fiquei em Fortaleza, também foi visita técnica e numa viagem pro Uruguai, que <i>aí</i> foi em Punta Del Diablo, Punta Del Este e Montevideú”.
Onde foi?	Foi respondida anteriormente.

COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Foi através dos alunos aqui, naquela visita técnica em Minas Gerais, eu não sabia o que era”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Minas e Fortaleza foram os alunos que fizeram. Mas no Uruguai foi de chegar e procurar, eu até olhei na internet antes e anotei, mas chegamos na hora, fomos ver preço e fiquei lá”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Foi basicamente o valor, que era bem mais em conta que hotel”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Minas Gerais e Fortaleza a gente foi de avião e <i>pra</i> chegar no <i>hostel</i> foi com <i>transfer</i> . E <i>pro</i> Uruguai a gente foi de moto daqui”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O grande diferencial eu achei a característica de ser mais parecendo que a gente tá na nossa casa, aquele pessoal assim + porque no hotel você só toma café e você nem se sente a vontade de ficar ali na recepção, mas o <i>hostel</i> parece aquela casa, você vai conhecendo outras pessoas, eles te convidam pra fazer uma janta compartilhada, essa característica que eu gostei, de se sentir em casa”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Foi em Montevidéu que tinha um grupo de jovens que eles tinham toda a noite um evento, de música, show, foi isso que me marcou. Eles faziam de noite uma programação, sempre com música, violão. A gente ia <i>pra</i> dormir e não, <i>daí</i> descia e ia com esse pessoal lá”.

Cristóvão Colombo

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	31
Profissão	Professor
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Londres (Inglaterra)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“ <i>Bah</i> , vários, a maioria dos lugares que eu viajava na Europa eu ficava em <i>hostel</i> . Acho que mais de 10.
Onde foi?	“Escócia, Inglaterra, Itália, Amsterdã + e vários países da Europa + Argentina e Uruguai também”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Antes de viajar foi pela internet, por sites de mochileiros e coisa e tal, e depois também pesquisando por acomodações, lugares <i>pra</i> ficar”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Internet, principalmente pelo Booking”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Preço, principalmente preço e <i>pra</i> descobrir uma coisa nova”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Varia bastante, depende muito da localização, já fui a pé, já fui de taxi, já fui de ônibus”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Acho que é o clima é mais amistoso, é muito mais fácil de conhecer gente diferente, fazer amizades e sempre tem opções mais divertidas de coisas tanto dentro como fora do <i>hostel</i> , de conhecer um ambiente mais interessante para conhecer coisas a se conhecer, ou pessoas”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas	“Tem vários. Teve um na Argentina que os quartos não tinham chave, eram todos os quartos abertos, achei

hospedagens em <i>hostels</i> .	diferente e foi super tranquilo. Nesse foi engraçado que, meu espanhol é uma porcaria e muitas vezes era difícil de entender alguma coisa e também porque a menina não entendia muito o português, mas daí depois descobri que ela era professora de inglês também, então toda a comunicação foi em inglês, então isso foi engraçado. Teve um em Londres que os chuveiros eram unissex, também foi diferente. Tinha um no Uruguai, que era no meio do mato também bem diferente. Tinha um que tinha um bar junto <i>né</i> , que dava pra fazer várias amizades. Teve outras anedotas também, na Itália me deram a chave, era separado a ala feminina e masculina + me deram a chave do lado feminino, mas como eu já tinha ficado em outros que era misturado não percebi e <i>tava lá</i> , passei uma tarde ali no quarto com as gurias, dormi e tal e depois quando cheguei na recepção tinha uma menina reclamando que tinha um cara dormindo no quarto (risos) + até eu entender que tinham me dado a chave errado eu já tava sendo xingado de tudo que era coisa. Teve um vez que eu errei o banheiro também, tinha uma indicação muito simples, não era bem nítido, e tinha pouca gente no <i>hostel</i> , eu acabei indo tomar banho no banheiro feminino, só descobri depois que na saída que a menina da recepção perguntou se tinha sido eu que tinha ido, porque alguém tinha reclamado. Mas, enfim, são essas experiências que fazem do <i>hostel</i> um lugar legal, sem falar das amizades que a gente faz <i>né</i> , tem gente que eu conheci numa noite, saí junto no outro dia e to conversando até hoje”.
Quando estávamos saindo da sala o entrevistado ainda disse:	“Ah, eu tem outro caso também, num <i>hostel</i> na Itália que me deram a chave do próprio <i>hostel</i> , assim, achei muito legal”.

Egéria

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	33
Profissão	Geógrafa, professora e guia de turismo
Cidade natal	Porto Alegre (Brasil)
Onde vive atualmente	Lençóis (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Suponho que mais de 10”.
Onde foi?	“Rio de Janeiro, Gramado, Canela, Florianópolis, Curitiba, Ponta Grossa, Manaus, Mato Grosso do Sul, Belo Horizonte, Ouro Preto, Bolívia, Peru, Equador, Panamá, Costa Rica, acho que é isso”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Não me lembro + talvez tenha sido pelo boca-a-boca de amigos, ou pela internet, ou pelos dois”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Em algumas vezes foi pelo <i>Booking</i> e outras vezes eu cheguei no <i>hostel</i> , outras vezes eu mesma liguei, acho que eu devo ter usado o HostelWorld também + acho que é isso + várias vezes eu liguei, principalmente depois que eu fiquei sabendo que o <i>Booking</i> cobra uma taxa bem grande em cima da hospedagem, <i>aí</i> quando eu vejo que o <i>hostel</i> é menor, eu ligo diretamente pro <i>hostel</i> ”.

TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Na primeira vez, como eu viajava sozinha, com certeza foi pela possibilidade de socialização e pelo custo ser mais baixo também”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Essa resposta, eu tava pensando nesses dias, inclusive, em função de praticar o turismo nos lugares aqui, como eu <i>tô</i> mais sedentária, hoje em dia, na maior parte das vezes pra chegar em um <i>hostel</i> eu uso um Uber, mas já fiz isso a pé, já foi de táxi, já foi de ônibus, de carro alugado, mas bem poucas vezes”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O <i>hostel</i> pra mim é um possibilidade de socialização, eu costumo muito viajar sozinha, então em função disso eu prefiro opções que me permitam conhecer outras pessoas, então o <i>hostel</i> é com certeza a melhor possibilidade pra isso. E meu perfil de viajante é que eu gosto também de ficar em <i>campings</i> , como outro meio de hospedagem, <i>né</i> , então a possibilidade de socialização, em alguns <i>hostels</i> eu me sinto em casa, pela hospitalidade, isso é bem importante, e é como se fosse assim, uma grande família <i>né</i> , então isso eu acho muito relevante e muito diferente de ficar em um hotel, por exemplo. A opção hotel eu escolho só quando eu <i>tô</i> muito cansada, fim de viagem, <i>tô</i> precisando ficar sozinha porque preciso fazer correria no outro dia e preciso tomar um banho descansada, é nesse sentido. E as vezes essas questões de mais tranquilidade o <i>hostel</i> não promove <i>né</i> , porque se tem muitas pessoas e muita gente às vezes querendo usar o mesmo banheiro, então é meio agitado nesse sentido. Então é pela socialização, pelo custo ser mais barato e por eu me sentir em casa”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Um fato marcante + um bom foi numa viagem pra Ponta Grossa, no Paraná, que todas as pessoas do <i>hostel</i> estavam, coincidentemente, no mesmo evento que eu estava participando e <i>aí</i> a gente ficou realmente como uma grande família e todo mundo ficou amigo. Dessas pessoas que eu conheci no <i>hostel</i> eu tenho pessoas que até hoje são amigos e que eu converso muito frequentemente. E a dona do <i>hostel</i> era a dona XXX, ela era como uma mãe pra nós, teve uma vez que ela fez, numa manhã, um menino pediu um bolo e ela fez um bolo de morango com nata no café da manhã, impressionante, muito legal, esse <i>hostel</i> foi ótimo. Me lembrei também de um outro no Peru que eu fiquei quase um mês no <i>hostel</i> e era um <i>hostel</i> gigantesco, mas que eu fiz vários amigos, que até hoje são meus amigos também. E um fato ruim foi num <i>hostel</i> de Curitiba, esse acho que foi o pior que eu fiquei, fiquei no quarto com, era quarto misto, eu fiquei com mais três homens e eu me senti bem intimidada nessa situação, tanto que eu tinha vontade de dormir com o canivete embaixo do travesseiro, <i>pra</i> se eles viessem encher meu saco eu dava um canivetada neles, foi meio que um situação bem desagradável, então eu não me senti segura ali nesse <i>hostel</i> . Ah, e aqui em Lençóis eu fiquei num <i>hostel</i> também, quase um mês, me senti em casa, conhecia todas as pessoas do <i>hostel</i> e até hoje, agora que eu moro aqui, amigos que eu fiz nessa estada no <i>hostel</i> , encontro com eles todos os dias e converso com eles todos os dias”.

Fernão de Magalhães

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	30
Profissão	Assistente Administrativo
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Cork (Irlanda)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Foram 10 <i>hostels</i> ”.
Onde foi?	“Dois em Londres e oito na Nova Zelândia – Auckland, Rotorua, Queenstown e Christchurch”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Foi através de boca-a-boca mesmo, na primeira vez”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Foi diretamente pelo site do <i>hostel</i> ”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Como eu estava viajando na primeira vez pela minha empresa, eles me colocaram num <i>hostel</i> por ser mais em conta e também com um clima mais jovem, aventureiro”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Depende do país, mas na Europa, transporte público. Na Nova Zelândia foi de carro mesmo”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O <i>hostel</i> geralmente tem um custo-benefício muito bom, tipo, é perto do centro, com valores mais em conta que um hotel por exemplo. Outro diferencial bacana de ficar num <i>hostel</i> que eu considero, é a oportunidade de interagir com pessoas de outros países e pegar dicas com o pessoal”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“No primeiro <i>hostel</i> que eu fiquei na vida em Londres, quando cheguei no <i>hostel</i> para fazer o <i>check-in</i> , já era tarde da noite, depois das 11 horas. Então ao chegar no <i>hostel</i> , nos deparamos com o primeiro andar, na recepção, com uma festa rolando e achei aquilo bastante peculiar”.

Frances Mayers

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	23
Profissão	Assistente de Comunicação
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Em fiquei em aproximadamente 9 <i>hostels</i> , no percurso da minha viagem pela Europa”.
Onde foi?	“Os quatro primeiros foram no Marrocos, depois em Londres, outros dois em Portugal, em Barcelona e o último foi na Itália”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“A indicação veio por parte dos meus amigos intercambistas que já tinham utilizado isso e me comentaram que tinham gostado”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“A reserva sempre foi por algum portal da internet. Na maioria das vezes eu usei o Booking e em outros era Hostel.com ou outro portal, mas sempre pela internet mesmo”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	

O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Na primeira vez o que mais pesou foi a indicação mesmo, dos meus amigos e também por ser um tipo de hospedagem mais econômica”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Na maioria das vezes era transporte público da cidade, ônibus ou metrô. Exceto Marrocos que nós tínhamos alugado um carro”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O primeiro diferencial é o valor, é uma das opções mais econômicas quando você está fazendo uma viagem com baixo orçamento. E o segundo ponto é a possibilidade de relacionamento com outros viajantes, então o fato que foi muito positivo nas minhas experiências era compartilhar quarto com pessoas, que acabei trocando contato, viraram meus amigos, pessoas que eu tenho contato até hoje e que só conheci e tive oportunidade de criar relacionamento pelo fato de me hospedar em <i>hostel</i> ”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“O primeiro fato marcante foi numa cidade muito pequena do Marrocos, o <i>hostel</i> tinha uma imagem de albergue mesmo, bem caseiro, bem humilde, bem simples, mas um atendimento incomparável, que eu nunca recebi em lugar nenhum do mundo e muito atenciosos com os visitantes, desde o recebimento, o pagamento, mostrar as acomodações, estar disponível 24 horas para o que os hóspedes precisassem. Talvez por essa característica de ser uma cidade pequena, de não receber tantos turistas, mas eu fui tratada como uma rainha, é um <i>case</i> que eu levo até pra minha vida profissional de forma que foi o melhor <i>hostel</i> que eu me hospedei, com certeza. E o segundo caso foi em Londres, que eu não sou fluente em inglês e eu cheguei no <i>hostel</i> e eu pensei que nada ia dar certo porque <i>tava</i> bem difícil a comunicação nessa cidade, mas novamente eu fui surpreendida não só pelos atendentes do local, mas também pelos colegas de quarto, pessoas que me auxiliaram em tudo que eu necessitei, tanto de idioma, quanto em instruções e indicações de locais pra conhecer, então me possibilitou trocar contatos com várias pessoas de vários locais da Europa e foi uma experiência muito rica também”.

Freya Stark

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	34
Profissão	Engenheira Agrônoma e Doutoranda
Cidade natal	Tapes (Brasil)
Onde vive atualmente	Porto Alegre (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu acredito que já me hospedei em mais de 30 <i>hostels</i> ”.
Onde foi?	“Aqui no Brasil em Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, em Tocantins, e também no Uruguai, Argentina, Chile, Peru e nos Estados Unidos”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Eu fiquei sabendo através de amigos que já tinham se hospedado em <i>hostels</i> e me passaram essa informação, me disseram que era uma acomodação mais barata e que facilitava a convivência e troca de experiência”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Geralmente eu uso o Booking, mas além do Booking eu já utilizei o HostelWorld e outros sites de hospedagem”.

	de <i>hostel</i> ".
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	"A primeira vez que eu me hospedei foi por causa do preço, primeiro, e porque outros amigos iam se hospedar nesse mesmo hostel + então preço mais acessível e a companhia dos meus amigos".
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	"Geralmente eu utilizo o transporte público e aplicativo".
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	"O fato de poder compartilhar com outras pessoas, pessoas lugares comuns, áreas comuns, como cozinha e áreas de lazer te propicia que tu conheça mais pessoas e aumente a tua rede, troca de experiências e até indicações de outros <i>hostels</i> pra visitar, ou outros lugares pra ti conhecer, acho que esse pra mim é um dos principais fatores que me levam a optar por ficar em <i>hostel</i> ".
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	"Tem vários + acho que os principais são as novas amizades que a gente faz, pessoas que a gente conhece, que por serem viajantes como a gente, acabam sendo pessoas que a gente leva pra vida. Além disso eu conheci o meu namorado num <i>hostel</i> e visitei lugares que eu provavelmente eu não teria visitado se não tivesse a oportunidade de conversar com pessoas no <i>hostel</i> que me indicaram: 'Ó, vai em tal lugar que é legal, vale a pena' + e até fiz outras viagens por indicação de pessoas que conheci em <i>hostel</i> ".

Gertrude Bell

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	27
Profissão	Engenheira Industrial
Cidade natal	San Clodio (Espanha)
Onde vive atualmente	Madri (Espanha)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	"Eu me hospedei em três <i>hostels</i> ".
Onde foi?	"O primeiro <i>hostel</i> foi no Rio de Janeiro, o segundo em San Sebastián, aqui na Espanha, e o terceiro foi La Coruña, também na Espanha".
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	"Eu fiquei sabendo por que procurava na internet, procurando hospedagem e tem a possibilidade de hotel, <i>hostel</i> , <i>ai</i> eu fiquei sabendo".
Como você fez a reserva da acomodação?	"A reserva eu faço através da internet, sempre faço por Booking, porque acho muito fácil e eu faço por Booking tudo".
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	"A razão é basicamente o preço, muitas pessoas procuram conhecer outras pessoas, mas eu vou simplesmente pelo preço".
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	"Eu normalmente se chego a um aeroporto, se é uma cidade perigosa, como o Rio de Janeiro, procuro um taxi, mas se não eu procuro transporte público".
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	"As diferenças é que os quartos são mais pequenos, normalmente você tem que compartilhar, às vezes não mas outras vezes sim. Normalmente tem um espaço de cozinha onde você pode fazer a sua comida ou pode ser um espaço comum, uma sala para ver TV com outras

	<p>peças. Normalmente a qualidade das instalações são algo piores que num hotel, são mais pequenos normalmente”.</p>
<p>Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i>.</p>	<p>“Um fato marcante foi em San Sebastián, eu viajava com uns amigos meus e éramos cinco e tínhamos que compartilhar o quarto com outras duas pessoas. Nos instalamos no quarto, fomos jantar fora e não tinha ninguém no quarto, mas quando nós voltamos, estavam eles dormindo, mas estavam com todas as portas e janelas abertas. Fazia muito frio e nós chegamos e fechamos e começamos a dormir. Eles acordaram, porque tinham calor e abriram outra vez. Nós voltamos a acordar porque tínhamos frio e voltamos a fechar as portas e janelas, eles voltaram a abrir e foi, assim, uma disputa”.</p>

Giovanni da Pian del Carpine

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	31
Profissão	Mestrando em Oncologia
Cidade natal	Capão Bonito (Brasil)
Onde vive atualmente	Sertãozinho (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Já me hospedei em uns 10 <i>hostels</i> diferentes”.
Onde foi?	“Rio de Janeiro e outros nos Estados Unidos”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Pela internet”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pela internet também”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“O preço e a localização”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Já fui de metrô, ônibus, Uber ou mesmo a pé”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O preço, a informalidade, o público, maior interação entre as pessoas que se hospedam lá”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Eu conheci pessoas incríveis de vários países, já me apaixonei + já consegui guias da cidade, caronas, tudo de graça. Conheci nova culinária e tem amigos que mantenho até hoje”.

Grace Marguerite

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	24
Profissão	Redatora publicitária
Cidade natal	São Marcos (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Foram oito <i>hostels</i> que eu já me hospedei”.
Onde foi?	“Os primeiros foi quando eu fui pro intercâmbio, então o primeiro foi em Paris, depois na costa do Algarve, não lembro a cidade + Hamburgo, Berlim, Amsterdã foram dois, e depois teve um que eu fiquei em Montevideú e o

	último em São Paulo”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Eu realmente não me lembro. Eu acho que foi pelo aplicativo HostelWorld”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Quase todos os <i>hostels</i> a reserva eu fiz pelo aplicativo do HostelWorld, e a gente fez a reserva um dia antes da viagem. O <i>hostel</i> no Algarve, a gente <i>tava</i> fazendo uma <i>trip</i> , dormindo no carro e a gente <i>tava</i> muito cansada de dormir no carro, <i>daí</i> a gente parou naquela cidadezinha e achou esse <i>hostel</i> . Em Montevidéu também foi assim. Em São Paulo é um <i>hostel</i> de uma amiga da minha mãe, então a minha mãe fez a reserva direto com ela. Esse é interessante que é bem diferente dos outros, é um <i>hostel</i> mas com aspecto de casa, parecia mais um lar, ele era mais acolhedor, tanto é que ele era menor”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“A questão de preço e de não me importar em dividir o quarto com outras pessoas”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Normalmente, quando a cidade tem é metrô, e dependendo do lugar se é muito difícil o acesso, é Uber ou taxi. Em Montevidéu eu tive uma carona. Na Europa todos foi de metrô”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Eu acho o <i>hostel</i> mais humano, ele tem muita troca, tu conhece gente diferente, ele tem essa pegada mais dinâmica, mais jovial, é muito global e tudo pode acontecer, tu não sabe quem vai ficar no mesmo quarto que tu, se tu não vai ficar sozinha e às vezes tu acaba fazendo amizade com outras pessoas + eu acho que ele proporciona novas experiências dentro da viagem. Eu lembro num <i>hostel</i> em Berlim que a gente ficou num quarto com um menino e a gente descobriu que ele também era do Brasil, de Minas Gerais, <i>daí</i> rolou conversa, a gente fez amizade, começou a ir visitar os lugares juntos a gente fez o <i>walking tour</i> juntos e até em compensação em Hamburgo a gente ficou num <i>hostel</i> com uma alemã, que ela era muito mau educada assim, muito grossa, muito estúpida e não houve nenhuma troca com ela. Mas independente das pessoas, é sempre uma surpresa, essa troca de experiências. Sem falar que o <i>hostel</i> sempre oferece uma ambiente muito bacana porque como o quarto é só pra dormir, geralmente as pessoas ficam todas no <i>hall</i> , numa sala conversando, às vezes tem <i>pubs</i> , então o <i>hostel</i> é muito mais vivo. Eu gosto muito mais de ficar em <i>hostel</i> do que em hotel, porque em hotel tu chega, vai pro teu quarto, fica na tua e parece que tu te fecha no teu mundinho e no <i>hostel</i> tu se abre pra outros mundos”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Eu acho que são vários fatos que aconteceram. Esses dois que eu citei + ah, e uma coisa que eu também nunca foi esquecer, em Amsterdã, que o cara colocou a gente num quarto errado, com quatro camas porque o quarto com oito camas <i>tava</i> ocupado, tudo bem, a gente não se importou, até porque o de quatro camas seria mais caro e ele não cobrou nada a mais. No dia seguinte, quando a gente <i>tava</i> voltando, vimos um pessoal com as nossas malas, levando pro quarto de oito camas, porque os meninos que <i>tavam</i> no quarto com oito camas tinham reclamado porque eles tinham pedido o de quatro camas. E <i>daí</i> eu achei interessante

	porque isso nunca aconteceria num hotel, deles tirarem as malas, eles cobrariam mais, só achei muito engraçado, a gente não se importou, chegamos e ajudamos e bem tranquilo, e ninguém roubou nada, até porque quando a gente tá num <i>hostel</i> a gente tem um pouco de confiança nas outras pessoas né”.
--	---

Hans Staden

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	30
Profissão	Analista de TI
Cidade natal	São Paulo (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Em seis <i>hostels</i> ”.
Onde foi?	“Florianópolis, Arraial d’Ajuda, João Pessoa, Natal, Pipa e Maresias”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Através de amigos”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Primeiramente foi por depósito em conta corrente, falando antecipadamente com os proprietários e depois foi por reserva pelo site da internet mesmo tipo Booking.com, essas coisas”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Pelo custo do <i>hostel</i> , porque comparado com hotel e pousada saía mais em conta”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Bem, antes era taxi, agora é Uber”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Primeiro deles o custo né, que é significativamente mais baixo do que um hotel ou uma pousada. Segundo é:: a informalidade né, ambiente mais descontraído e o fato de você conhecer outras pessoas, eu destaco essas três qualidades aí como acho que principais pra mim”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Tem vários fatos marcantes, mas um que eu destacaria foi agora na última vez que eu fiquei num <i>hostel</i> , e eu conheci um rapaz e ele chegou a trabalhar na mesma empresa que eu trabalhava, quando eu comecei a minha carreira profissional. Então isso marcou bastante porque foi uma coincidência muito grande”.

Henry Koster

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	31
Profissão	Expedidor
Cidade natal	San Salvador (El Salvador)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Em quatro”.
Onde foi?	“Paris, Madri, Colômbia (Pereira)”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Por amigos, que me indicaram”.

Como você fez a reserva da acomodação?	"Pela internet mesmo e o pagamento pela internet também".
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	"Por causa do preço".
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	"De taxi".
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	"A facilidade de pagamento e o preço".
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	"Foi tentar combinar algo com gente que não fala o mesmo idioma que você".

Huckleberry Finn

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	26
Profissão	Estudante
Cidade natal	San Salvador (El Salvador)
Onde vive atualmente	San Salvador (El Salvador)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	"Em quatro".
Onde foi?	"Em Barcelona duas vezes, Paris e San Andrés na Colômbia".
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	"Por páginas de internet".
Como você fez a reserva da acomodação?	"Pela internet, com cartão de crédito".
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	"Pela economia".
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	"Metrô".
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	"A facilidade de pagamento que o <i>hostel</i> apresenta e o tipo de comida que se pode provar em diferentes <i>hostels</i> ".
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	"Não lembro de nenhum".

Ida Pfeiffer

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	30
Profissão	Confeiteira
Cidade natal	Fortaleza (Brasil)
Onde vive atualmente	Lisboa (Portugal)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	"Eu já fiquei em sete <i>hostels</i> ".
Onde foi?	"Em Recife, Buenos Aires, Montevideu, Punta Del Este, Colônia do Sacramento, Nova Iorque e Boston".
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa	"Inicialmente, quando viajo + eu sempre viajava com os

possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	meus pais e a gente sempre ficava em hotéis. Eu soube da possibilidade de <i>hostels</i> quando eu fui começar a viajar sozinha que eu precisava de hospedagem barata e aí eu pesquisei na internet, encontrei alguns e recebi indicações de amigos também”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Todas as reservas foram feitas online, pelo Booking ou pelo site do próprio estabelecimento”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“O valor, por ser mais barato era o que eu podia pagar”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“90% das vezes eu utilizo ônibus, metrô ou trem, dependendo do lugar, mas geralmente é transporte público, porque é mais barato”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Eu acho que o <i>hostel</i> é sempre um ambiente mais descontraído, mais barato e onde você tem a oportunidade de conhecer várias pessoas. Mesmo que não tenha café da manhã, ou restaurante, ou essas coisas, como num hotel eu acho que a experiência de muitas vezes dividir o quarto com outras pessoas, é um ambiente mais informal, tem festas, é mais divertido e engrandece a experiência da viagem”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Foi no <i>hostel</i> em Buenos Aires e eu tava no quarto compartilhado misto, eram oito pessoas. E aí tinha um rapaz que eu acredito que ele era inglês e ele sempre chegava muito bêbado e acabava dormindo nu e daí a gente saía de manhã pra conhecer a cidade e ele tava lá, dormindo nu + (risos) + foi a situação mais engraçada que eu me lembro”.

Isabela Lucy Bird

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	31
Profissão	Bancária
Cidade natal	Itamaraju (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu acho que por volta de 10 ou mais, assim. Considerando os diferentes <i>né</i> , que muitas vezes eu fico em alguns da mesma rede”.
Onde foi?	“Fiquei em Morro de São Paulo, Salvador, alguns no litoral norte aqui de São Paulo, no Rio (Arraial do Cabo), Parati, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Minas Gerais (Ouro Preto, Tiradentes e Serra do Cipó), Santiago, Peru, acho que é só”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Foi em 2009. Quem me apresentou foi uma amiga que falou dessa categoria de hospedagem, que era mais barato e que tinha a possibilidade de conhecer pessoas e como eu queria muito e tava começando a viajar sozinha, pra mim era mais interessante estar em contato com pessoas e fazer amigos, além de economizar, do que ficar num hotel e não ter contato com outras culturas, outras pessoas”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“A reserva a maioria eu faço pelo <i>Booking</i> ou então eu joga no Google <i>hostel</i> em tal lugar e aí vem, aí eu olho + é:: a nota, em geral, que faz muita diferença pra mim. Quando eu já conheço o <i>hostel</i> , por exemplo a rede XXX que eu gosto muito, eu vou direto no site do <i>hostel</i> e faço a reserva. E tem um site chamado HI Hostel e eu

	entro por ali, vejo todos que estão cadastrados que, em geral, ali já são reconhecidos e tudo mais e faço a reserva também por ali”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“A primeira vez foi preço e possibilidade de conhecer pessoas”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Na maioria das vezes eu vou de carro e outras de avião”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O principal é estar em contato com pessoas de culturas diferentes + é:: e a possibilidade de conhecer outras pessoas, outras culturas fazer amigos e dali ter outras possibilidades, tanto de relacionamento quanto tudo que cê possa imaginar. Outro aspecto que pra mim é bem importante é o preço, principalmente pra mim que não vou num hotel pra ficar o dia inteiro no hotel, pra curtir o hotel, vou pra curtir a cidade e o local em si, então pra mim é interessante ter o local onde passar a noite, onde dormir e com café, isso basta pra mim + então o custo benefício nesse caso me atende melhor um <i>hostel</i> do que um hotel”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Eu conheci uns dos meus melhores amigos em <i>hostel</i> , na divisão dos quartos + esse é um fato que me marca bastante, importante porque dou muito valor a amizade. Já tive alguns relacionamentos amorosos que foram bem marcantes que eu conheci em <i>hostel</i> , pessoas que me ensinaram muito sobre a vida em si. E outros fatos engraçados, que não sei se conta aí no caso, já passei casos inusitados assim de + é:: ser quase expulsa com amigas porque fizeram algazarra, levaram pessoas que não deviam pra dentro do <i>hostel</i> + já atolei o carro e fechei o <i>hostel</i> inteirinho, ninguém conseguia entrar com os carros, ã:: não tô lembrando agora fora isso algo marcante”.

James Cook

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	34
Profissão	Líder de Produção
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Foram cinco”.
Onde foi?	“Quatro foram em Minas Gerais e um na Praia do Rosa, Santa Catarina”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Com a indicação da minha esposa”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Através de site da internet, o Booking”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“A minha esposa disse que seria legal, porque ela já conhecia”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Foi de carro. Na primeira foi carro alugado e o segundo carro próprio”.
Que aspectos você destaca como	“A integração entre as pessoas, as áreas de convivência

diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	em grupo, isso é diferente de um hotel, faz com que a gente tenha mais convivência com outras pessoas”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Ah, acho que foi em Brumadinho, quando a gente fez amizade com um pessoal, que depois foi para Capitólio com nós e a gente fez uma amizade legal e a gente se fala ainda”.

James Henderson

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	33
Profissão	Designer Gráfico
Cidade natal	Vacaria (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Apenas um <i>hostel</i> ”.
Onde foi?	“Em Curitiba”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Foi procurando pela internet mesmo”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pela internet também”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , nessa vez que se hospedou?	“O valor da hospedagem e a localização”.
Que meio de transporte você utilizou para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Foi de ônibus, e talvez um taxi”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Os espaços de convivência, tem mais interação com os outros hóspedes”.
Descreva algum fato marcante que tenha acontecido nessa hospedagem em <i>hostel</i> .	“Não lembro de fato marcante, foi bem tranquilo, não teve problema nenhum”.

Jean de Léry

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	27
Profissão	Analista de Gestão/Dados
Cidade natal	Paranaíba (Brasil)
Onde vive atualmente	Curitiba (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“17, que eu consigo lembrar”.
Onde foi?	“BH, Ouro Preto, Serra do Cipó, Joinville, Floripa, São Paulo, Goiânia, Sucre, La Paz, Montevideú”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Internet e um amigo me falou sobre na faculdade, faz tempo pra cacete”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Quando faço reserva é pelo Booking”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Preço e possibilidade de interação com novos amigos”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Uber ou transporte público”.

Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Mesma resposta de antes, foi preço e possibilidade de interação com novos amigos”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Fato marcante + acho que não tem nada muito marcante assim. Nenhuma experiência ruim ou péssima, graças a Deus”.

Jeanne Baré

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	23
Profissão	Estudante
Cidade natal	Munich (Alemanha)
Onde vive atualmente	Marburg (Alemanha)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu já estive em nove <i>hostels</i> ”.
Onde foi?	“Tailândia, Laos, Camboja, Inglaterra, França e Marrocos”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Através de amigos meus”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Eu reservei todos pelo Booking e um quando estava passando mesmo”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Foi porque era mais barato e esses meus amigos falaram que seria legal ficar em <i>hostel</i> ”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“A maioria das vezes eu peguei ônibus e algumas vezes fui caminhando também”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“ <i>Hostel</i> é mais livre e mais barato que um hotel. É só uma acomodação. E a melhor para conhecer outros viajantes”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Foi com o meu irmão, em Laos, numa pequena vila sem sinal de celular ou wi-fi + nós fizemos um passeio de elefante + como um ônibus, veio ao <i>hostel</i> e depois nos deixou lá novamente”.

Joaquim Trotta

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	22
Profissão	Turismólogo
Cidade natal	Porto Alegre (Brasil)
Onde vive atualmente	Porto Alegre (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“No total mesmo, de todos que eu já fiquei não saberia te dizer, mas uma média de uns 10”.
Onde foi?	“Em Caxias do Sul, em Goiânia, em São Paulo e <i>num</i> aqui em Porto Alegre”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Por causa da minha formação em turismo, porque anteriormente, quando eu viajava, eu me hospedava em hotéis, claro, geralmente era com a minha família + enfim, e aí depois durante a graduação e depois da graduação eu passei a optar por hospedagem em <i>hostel</i> ”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Eu geralmente faço a reserva por telefone. Eu sempre prefiro ligar e conversar, no caso. Teve o caso de um <i>hostel</i> que eu fiquei que não tinha recepção, assim, de

	uma forma tão ativa, <i>sabe</i> + então eu liguei umas duas vezes e não consegui, aí reservei pelo site mesmo do <i>hostel</i> ".
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	"A primeira vez foi realmente por curiosidade, porque como eu nunca tinha me hospedado, eu sempre tive essa curiosidade por conhecer e acredito que também seja uma acomodação que vá mais ao encontro das coisas que eu gosto de fazer e com os meus princípios, assim. Não costumo gostar de coisas muito rígidas, como um padrão muito tradicional de hotelaria, aquele atendimento muito engessado e até na forma que tu pode ocupar o espaço de um hotel, eu acredito que nesse sentido o <i>hostel</i> me dá mais liberdade, <i>sabe</i> , me deixa mais a vontade e me coloca em contato com mais pessoas também".
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	"Nas vezes que me hospedei, percebi agora que foram bem variadas, já peguei taxi, já peguei ônibus, já peguei carro particular também, mas agora com a utilização do Uber, Cafiby e esses aplicativos de transporte, eu normalmente pego um Uber até o <i>hostel</i> ".
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	"Eu acredito que o principal do <i>hostel</i> é a possibilidade de estar ali em contato com outras pessoas, então eu acho que se eu fosse viajar sozinho, eu com certeza ia optar por um <i>hostel</i> porque há a possibilidade, claro se você é uma pessoa mais comunicativa, assim, de tu conhecer pessoas novas, fazer amizades e <i>ai</i> tu já não está mais viajando sozinho, <i>né</i> , então acho que esse seja o principal diferencial. Eu acredito que os meios de hospedagem mais tradicionais eles sejam muito individualistas assim, acredito que o <i>hostel</i> ele te coloca em diversos espaços de: + comunicação mesmo, <i>sabe</i> , com outros indivíduos que tão ali hospedados no <i>hostel</i> . E acho também que o que me atrai no <i>hostel</i> é a questão do atendimento que é prestado, acho que é um diferencial, acho que geralmente é um atendimento mais cordial e é um atendimento que não te prioriza de uma forma tão engessada, eu geralmente sou muito bem recebido em <i>hostels</i> , mas como se eu tivesse conversando com um colega, com um amigo e não como se eu tivesse num atendimento que precisasse seguir tanto o protocolo, <i>sabe</i> , como por exemplo num hotel, que tem todo um protocolo de atendimento e a pessoa ta ali e é um profissional, claro que pra pessoa que <i>tá</i> na recepção de um <i>hostel</i> também é um profissional, mas o atendimento ele é mais livre, assim + ele te deixa livre e acredito que o profissional que <i>tá</i> ali trabalhando também fique mais livre, mais a vontade e posso também muitas vezes estar te fazendo alguma pergunta de caráter mais informal, desde perguntar da tua cidade natal, como é o clima na tua cidade natal, ou na cidade que tu reside".
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	"Eu sempre menciono essa história conversando com outras pessoas, que em Caxias do Sul eu ficava no <i>hostel</i> da dona XXX, e ela, desde o atendimento por telefone, ela foi muito simpática comigo e quando eu chegava no <i>hostel</i> ela vinha, me dava um abraço, <i>sabe</i> , algo bem como se recebesse alguém em casa mesmo e a gente conversava bastante, ocupava os mesmos espaços, assim, e ela residia no <i>hostel</i> . Eu ficava nesse

	<p><i>hostel</i> por causa da minha aula, que era semanal. <i>Aí</i> teve uma situação uma vez, que tava muito frio e eu peguei um pouco de chuva porque eu ia de ônibus até o <i>hostel</i> e cheguei molhado lá e tava um frio bem forte assim, e fui pro quarto, dei boa noite pra ela, conversei com ela, disse que eu tinha me molhado, enfim, subi, tomei um banho e fui pro quarto, e ela foi no quarto levou pra mim um copo de chocolate quente e um potinho com pinhão que ela tinha colocado pra cozinhar, falou 'Eu fico preocupada de tu ficar gripado ou adoecer porque tu tem aula o dia inteiro amanhã' + e aí eu pensei assim, nossa <i>né</i>, que em nenhum outro meio de hospedagem, pelo menos não os mais tradicionais, de repente num <i>couchsurfing</i> ou AirBnb se eu alugasse um quarto essa relação até pudesse acontecer, mas em um hotel dificilmente, <i>sabe</i>, então essa história foi a que mais me marcou, porque eu achei muito legal da parte dela, eu fiquei muito feliz com a preocupação dela, não pelo insumo <i>né</i>, pelo chocolate quente e pelo pinhão, mas pela preocupação dela em preparar aquilo porque viu que eu tive um dia difícil, viu que eu tava visivelmente muito cansado e se preocupar porque no outro dia eu saia cedo e tinha aula o dia inteiro então não podia ficar gripado ou adoecer".</p>
--	--

Kira Salak

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	30
Profissão	Professora
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	"Em sete".
Onde foi?	"Firenze, Roma, Paris, Berna, Viena, Buenos Aires e Porto Alegre".
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	"Fiquei sabendo do <i>hostel</i> por uns colegas que já tinham viajado e ficado em <i>hostel</i> e feito a carteirinha + na época, tinha uma carteirinha de albergue".
Como você fez a reserva da acomodação?	"Pelo Booking".
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	"Pelo preço".
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	"Metrô ou táxi".
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	"Preço e possibilidade de conhecer gente de outros lugares e a interação entre as pessoas".
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	"Como fato marcante + fazer amigos no <i>hostel</i> , tipo em Buenos Aires fiquei umas três horas conversando com um rapaz no café da manhã".

Lemuel Gulliver

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	27
Profissão	Estudante

Cidade natal	San Salvador (El Salvador)
Onde vive atualmente	San Salvador (El Salvador)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Em quatro”.
Onde foi?	“Madri, Paris, Varadero em Cuba e Medellin na Colômbia”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Por páginas de internet”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pela internet”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Comparado com o preço de hotel, é mais barato o <i>hostel</i> ”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Por Uber ou táxi”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“A interação com outras pessoas de outros países, penso que é importante”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Não me recordo de nenhum”.

Lena Kaligaris

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	25
Profissão	Editora de filmes
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Porto Alegre (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu acredito que em torno de 20 ou 25”.
Onde foi?	“Como eu me hospedei quando tava fazendo intercâmbio na Inglaterra, então eu fiquei em vários lugares dentro da Inglaterra mesmo, Escócia + na verdade vários outros países da Europa”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Acredito que quando comecei a fazer pesquisa de lugares que fossem com valor mais acessível pra poder me hospedar, então procurando na internet”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Todas as vezes eu fiz a reserva online, exceto uma que eu fiz pessoalmente. Eu usei muito o HostelWorld, mas também já fiz pelo site do <i>hostel</i> mesmo ou pelo Booking”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Nas primeiras vezes que eu me hospedei em <i>hostel</i> o principal fator foi o valor mesmo. Minhas viagens eram super econômicas, então tanto eu quanto meus amigos que viajavam comigo a gente queria algo que fosse mais em conta. Mas aí com o passar o tempo a gente foi gostando mesmo de ficar em <i>hostel</i> porque a gente passa bastante tempo com pessoas e tudo mais”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Depende da cidade, claro, o que tem disponível, já fiz trajetos a pé, quando era pertinho, já fiz trajeto de ônibus, de metrô. Muito raramente, acho que uma vez só eu peguei um taxi, mas o resto transporte público ou

	a pé”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Eu acho que o principal fator positivo pra mim do <i>hostel</i> é o encontro com outras pessoas, eu acho isso muito rico porque a gente acaba conhecendo pessoas de vários países, de várias regiões, de vários lugares, com cultura diferente, com <i>background</i> diferente e a gente troca experiências, conta histórias e acaba levando essas histórias pro resto da vida. Então acho muito rica essa troca que se tem quando fica em <i>hostel</i> justamente por poder conhecer e ter contato com tantas pessoas que talvez a gente não teria se ficasse trancadinho no nosso quarto de hotel”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Teve uma vez que eu <i>tava</i> fazendo uma viagem com a minha família e a gente resolveu se hospedar num <i>hostel</i> + então estávamos eu, meu pai, minha mãe e minha irmã que na época tinha 10 anos. A gente tinha feito uma reserva num <i>hostel</i> , na verdade a gente tinha ficado em vários <i>hostels</i> em mais de uma cidade, e a gente fez essa reserva nesse <i>hostel</i> e quando a gente chegou lá eles começaram a dizer que tinha problema, que a gente não ia poder se hospedar e tal. <i>Aí</i> eu fiquei pensando, ‘Droga, será que é porque a gente <i>tá</i> com criança?’ <i>Aí</i> quando eu fui ver era um <i>hostel</i> só pra jovens e eles não queriam hospedar os meus pais (risos). Foi uma coisa muito engraçada, porque eu esperava encontrar problemas por causa da criança, no caso, mas esse lugar não hospedava adultos, assim, acima de 30 ou 35 anos, alguma coisa assim. <i>Aí</i> eu tive que sair procurando um lugar pra gente ficar. Agora eu dou risada, mas no dia foi uma situação bem ruim”.

Liz Gilbert

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	31
Profissão	Médica residente
Cidade natal	Arauca (Colômbia)
Onde vive atualmente	Bogotá (Colômbia)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Em dois <i>hostels</i> diferentes”.
Onde foi?	“O primeiro foi em Washington D.C e o segundo em Glasgow”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Eu ouvi falar + por outros viajantes. Na primeira vez foi uma amiga que me indicou”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Eu reservei online”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Na primeira vez, foi porque era uma viagem econômica então pensamos em usar o dinheiro para turismo ou outras atividades”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Por transporte público, as duas vezes”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Acho que privacidade, porque no <i>hostel</i> você tem que compartilhar o quarto com estranhos, ou a cozinha, ou o banheiro. E também o preço, acho que é mais caro ficar em um hotel, então você pode economizar dinheiro. E

	também, claro depende o lugar e o preço que você escolhe, mas a maioria das vezes é mais confortável ficar em um hotel”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Eu tive só experiências boas em <i>hostel</i> . Na primeira vez, o <i>hostel</i> tinha diferentes atividades, nós fomos em diferentes bares e conhecemos muitas outras pessoas. Ao contrário, acho que não teríamos isso, porque o <i>hostel</i> é um espaço que você pode compartilhar com pessoas de diferentes países”.

Mabel Sharman Crawford

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	23
Profissão	Professora
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Mais ou menos 10”.
Onde foi?	“Tailândia, Vietnam, Malásia, Singapura e Indonésia”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Como eu morei na Austrália, muita gente já tinha feito o mesmo tipo de viagem e aí foram sugerindo <i>hostels</i> pra ficar e <i>daí</i> tem um aplicativo que é o HostelWorld que a gente fazia as procuras mais ou menos por ali”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pelo aplicativo HostelWorld, ou pelo Booking”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Ser mais barato”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Algum barco, alguns avião pra chegar até o país, alguns ônibus, alguns tuc-tuc”.
O que é “tuc-tuc”?	“São aquelas motinhos que tem um banco atrás, tipo um moto-taxi”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Ser bem mais em conta, dividir o quarto, às vezes com muita gente e pessoas que tu não conhece, mas o bom era que tinha feminino, masculino e o misto. Ah, e às vezes o fato de ter um <i>pub</i> dentro do <i>hostel</i> e daí você conseguir fazer várias amizades e conhecer muita gente porque <i>tá</i> todo mundo ali geralmente fazendo mochilão”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Em Singapura nós nos hospedamos em um quarto que era pra 30 pessoas, eu estava com dois amigos e 27 indianos, o cheiro era horrível (risos)”.
Algum fato bom?	“Ah, vários, fiz várias amizades, conheci pessoas que <i>tavam</i> fazendo a mesma viagem pela Ásia e a gente se encontrava em um <i>hostel</i> numa cidade e depois se encontrava em outra cidade. As pessoas que já tinham passado por cidades que a gente não tinha ido ainda e sugeriam um <i>hostel</i> e aí a gente já reservava, porque a gente sempre reservava na cidade anterior, não com muita antecedência”.

Marco Polo

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	33
Profissão	Pesquisador
Cidade natal	São Paulo (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)

VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Vixe, não vou saber um número exato não + mas deve estar entre 18 e 20”.
Onde foi?	“Todos eles na América do Sul. Uma boa parte no Brasil mesmo, e <i>aí</i> regiões variadas, e <i>aí</i> também outros países como Chile, Bolívia, Colômbia e Peru”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Eu fiquei sabendo através de sites de viagens e blogs mesmo + alguns sites especializados <i>né</i> , como O Mochileiro, tal + e mais lendo relatos de viajantes que fazem esse tipo de viagem pelo mundo”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“A reserva, a maioria das minhas reservas eu fiz chegando mesmo no local, que eu costumo dar uma mapeada nos <i>hostels</i> que existem na cidade que eu vou <i>né</i> + dou uma mapeada de preço e chego no dia lá e vou tentando pechinchar o valor pra escolher o melhor também + e também pra não ter aquela surpresa de achar que é uma coisa e quando <i>cê</i> chega lá é outra, pro lado negativo <i>né</i> ”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Além do preço atrativo <i>né</i> , também a possibilidade de dividir quarto com outras pessoas desconhecidas, como eu me hospedei a primeira vez em <i>hostel</i> foi uma viagem que eu fiz sozinho, pela primeira vez, então eu quis ficar em locais que eu iria ter uma troca de relacionamentos com pessoas próximas <i>pra</i> poder fazer uma amizade e tal e conhecer pessoas novas”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Se contar desde o momento que eu saio da minha casa geralmente é um avião e depois mais um taxi, algum Uber, alguma coisa assim, já na cidade de destino”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Então foi o que eu citei, que é justamente você ter mais pessoas hospedadas junto, porque geralmente um hotel cada um se tranca no quarto, vai se <i>vê</i> só no café da manhã e já era, quando <i>tá</i> comendo não dá nem tempo de conversar, se conhecer. O <i>hostel</i> já desde o ambiente do quarto até o ambiente duma sala de espera, do café, já é um local mais amistoso já, é:: pra todo mundo se confraternizar, então acho que o ambiente já é propício pra que você conheça pessoas e faça amizade”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“ <i>Ah</i> , eu creio que hospedagem em <i>hostel</i> quando a pessoa vai aberta assim a conhecimento, a diálogo, acho que tudo é marcante <i>né</i> , porque você sempre <i>tá</i> conhecendo pessoas diferentes, culturas diferentes, é:: além de aprender você passa um pouco de como você é e de como é a cultura do país e do lugar que você vive, então acho que pra mim tudo isso é meio que marcante <i>né</i> , essa troca de experiência, troca de cultura com as outras pessoas”.

Maria Graham

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	34
Profissão	Engenheira Agrônoma
Cidade natal	Porto Alegre (Brasil)
Onde vive atualmente	Porto Alegre (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Já me hospedei em três <i>hostels</i> ”.

Onde foi?	“Um foi no Rio de Janeiro, outro em Belém do Pará e outro em Lisboa”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Buscando na internet lugares que tivessem um bom custo-benefício, geralmente no site do <i>Booking</i> ou pelo Facebook mesmo”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“O do Rio de Janeiro foi direto com eles, via e-mail e os outros dois foi via <i>Booking</i> ”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Na primeira vez foi porque o custo era mais baixo e eu ia ficar duas noites apenas, então já tinha ouvido falar bastante e resolvi testar pra ver o que eu achava. E além do custo era uma boa localização e as comodidades <i>né</i> , pode-se dizer, estavam favoráveis”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“No primeiro eu cheguei a pé, porque era perto do aeroporto, o segundo eu utilizei um transporte particular como Uber ou Cabify e no terceiro foi de ônibus”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Ah, acho que dá mais independência pra quem <i>tá</i> se hospedando, não fica dependendo tanto de recepcionista e essas coisas assim, e geralmente, ultimamente, os <i>hostels</i> que eu estive ou que eu vi, assim, anúncios na internet, eles apresentam assim + comodidades mais novas, mais bem cuidadas <i>né</i> , atualizadas do que até hotéis que a gente tem visto por <i>aí</i> ”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“No <i>hostel</i> de Belém do Pará o quarto era até um tamanho bom, mas tinha dois triliches, que eu fiquei na cama mais de cima, que a princípio não ia ter problema nenhum, mas no meio da noite quando eu fui tentar descer, quase caí e <i>aí</i> eu percebi que talvez não seja uma boa ideia um triliche num quarto de <i>hostel</i> , eu entendo que às vezes eles querem acomodar mais pessoas <i>né</i> , mas às vezes não é tão bom assim <i>né</i> ”.

Neil Armstrong

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	30
Profissão	Bancário
Cidade natal	Santos (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Me hospedei em dois <i>hostels</i> ”.
Onde foi?	“Um foi em Santiago, no Chile, e o outro em Buenos Aires, na Argentina”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Pela internet”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Fiz a reserva pela internet”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Foi por conta do preço e da localização”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Taxi ou Uber”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“A possibilidade de ficar hospedado em uma boa localização, com preço mais baixo”.

Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“É: eu percebi que é possível ficar bem hospedado pagando pouco e que o <i>hostel</i> também é possível + eu sempre tive a impressão que era muita bagunça, som, essas coisas né, mas não é todo <i>hostel</i> que é assim, nos dois <i>hostels</i> que eu fiquei foram bem tranquilos, deu pra descansar, que era o que eu tava procurando”.
--	---

Nellie Bly

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	27
Profissão	Analista Comercial
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Foram em três”.
Onde foi?	“Foram todos em Portugal, um em Lisboa que eu me hospedei duas vezes no mesmo período, um em Porto e um em Cascais”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Na verdade através de amigos né, tem alguns amigos que já se hospedaram em um <i>hostel</i> em Porto Alegre e daí quando eu fui viajar + a minha irmã já tinha usado o <i>hostel</i> que eu fiquei a primeira vez, eu acabei optando por escolher o <i>hostel</i> ”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“O de Porto a gente fez a reserva através do AirBnb, o de Lisboa a primeira vez eu fiz através do Booking e a segunda aí eu fiz a reserva pessoalmente. E o de Cascais eu fiz pelo HostelWorld”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Na verdade eu optei pelo custo, porque entre um <i>hostel</i> ... porque eu tava sozinha quando fui viajar e daí pegar um hotel ou até mesmo um quarto pelo AirBnb acabava sendo mais caro do que o <i>hostel</i> ”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Pra chegar até o <i>hostel</i> a gente usou metrô, comboio e Uber também”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“O que eu achei muito incrível do <i>hostel</i> é que tu se relaciona com muitas pessoas, que por exemplo, se tu tivesse em um hotel tu provavelmente tu não iria ter um contato mais com outras pessoas que <i>tão</i> fazendo o mesmo tipo de viagem que tu. E tu acaba conhecendo outras culturas, porque tem os ambientes também comum né, que nem os que eu fiquei a maioria tinha + dois deles tinha barzinho, pessoal se reunia lá, então eu acho que esse é um grande diferencial, principalmente pra viajante assim e galera mais nova que gosta de um agito”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Olha, na verdade uma coisa que eu fiquei encantada foi que eu tive que pegar um quarto com 10 pessoas né, como eu nunca tinha ficado num <i>hostel</i> eu fiquei com um pouco de medo, receio e até vergonha de dormir com outras pessoas, mas eu achei incrível, porque até nesse que eu fiquei eram pessoas + cada pessoa era de um país diferente, então tu acaba se comunicando, tu acaba conhecendo outras culturas, fazendo amizade que num hotel eu jamais teria feito porque eu teria ficado no meu quarto assistindo TV e tal e no <i>hostel</i> não, tu fica ali, tu conversa com as pessoas, tu tem a

	tua intimidade, sim, porque tem os <i>lockers</i> , eles tinham cortinas nas camas, então era bem privado, assim, e ao mesmo tempo possibilitava conhecer muita gente nova então eu achei incrível + conheci gente da Itália, dos Estados Unidos, da China, foi incrível mesmo, foi uma das coisas que mais me encantou e eu não tenho dúvida que quando eu for viajar de novo eu vou optar por <i>hostel</i> ".
--	--

Olive Hoover

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	43
Profissão	Fotógrafa
Cidade natal	Rio de Janeiro (Brasil)
Onde vive atualmente	Rio de Janeiro (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	"Esse é o primeiro" (em Caxias do Sul).
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	"Como eu gosto muito de viajar, essa possibilidade de viajar e pagar menos pela hospedagem já é muito comum no grupo de quem gosta de viajar sem gastar muito, então foi assim, através das pessoas que já viajam e me indicaram".
Como você fez a reserva da acomodação?	"Internet, pelo Booking".
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	"Foi pagar menos pela hospedagem mesmo".
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	"Viemos de micro ônibus com o pessoal do evento".
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	"Acho que a confraternização entre as pessoas <i>né</i> , é como se a gente tivesse dividindo uma casa e não cada um no seu quarto de hotel".
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	"Ainda não. Só a questão de conviver com o barulho alheio <i>né</i> . Quando você está num hotel, a estrutura até de construção mesmo é um pouco diferenciada, a acústica, aqui você compartilha muito mais, a conversa no seu quarto todo mundo escuta +".

Pedro Álvares Cabral

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	37
Profissão	Administrador de Sistemas
Cidade natal	São Paulo (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	"Pelas contas que eu fiz eu fiquei em 12 <i>hostels</i> ".
Onde foi?	"Basicamente em quatro países, na Itália, na Escócia, um aqui no Brasil e os demais nos Estados Unidos".
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	"Eu fiquei sabendo por duas pessoas, um grande amigo que tem uns 25 anos a mais do que eu e ele já há bastante tempo usava esse método de <i>hostel</i> e também uma amiga minha que tinha feito uma viagem pra Europa e também tinha comentado de <i>hostel</i> , aí foi onde eu passei a ter noção desse tipo de hospedagem,

	mas isso foi lá atrás, por volta de 2009, 2008”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pelo que eu me lembro todos eles por site, ou site do HI Hostels ou algum outro site de <i>hostels</i> ”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Não vou mentir, foi pelo lado financeiro mesmo, porque é um valor bem mais abaixo que se eu for fazer a reserva num hotel”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Na maioria deles avião, porque foram outros países, mas um deles eu cheguei via carro também, no caso dos Estados Unidos. Agora pra chegar no <i>hostel</i> mesmo já cheguei por trem, outro por metrô, outro por <i>shuttle</i> e outro de carro”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Essa é uma pergunta interessante, porque tem o lado financeiro, óbvio, mas também tem outro lado bem importante. Muitas pessoas têm paixão em viajar e nem sempre tem companhia pra viajar. Então o mais recomendado pra elas, na minha opinião, é que façam um viagem e se hospedem num <i>hostel</i> , porque lá você pode ter interação, interagir com outras pessoas, conhecer outras pessoas, uma forma um pouco diferente que se fosse num hotel, que é uma coisa mais reservada, um pouco mais fechado”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Eu tenho duas situações pra descrever que eu nunca mais vou esquecer. Uma delas foi um <i>hostel</i> que eu havia reservado em Paris e eu não tinha me atentado pra alguns detalhes, eu apenas me atentei pela classificação do <i>hostel</i> e não me atentei, por exemplo, pela quantidade de camas no quarto, que naquela ocasião eram 12. Então depois de ter chegado de uma viagem traumática de trem em Paris, não via a hora de deitar na cama, isso por volta das 5h da tarde, de também usar o banheiro e quando eu cheguei no quarto, o quarto tava todo remexido, muitas garrafas de bebida, não tinha papel no banheiro, uma situação assim bem chata pra quem tava chegando numa viagem realmente traumática porque aconteceram algumas coisas bem desagradáveis. Acabei cancelando a estadia e ficando num hotel próximo e preferi ficar num hotel. Outra situação, essa pra um lado bem positivo, na Escócia, a gente foi sem qualquer tipo de reserva e acabou achando, então inicialmente olhando o <i>hostel</i> do lado de fora ficava numa rua sem saída, daqueles típicos filmes que tem um beco com umas latas de lixo + nesse aspecto, então quando a gente chegou em frente do <i>hostel</i> era muito ruim pensamos: ‘Nossa, isso aqui deve ser uma espelunca’. Quando a gente entrou no <i>hostel</i> , pediu pra ver os quartos, a gente começou a andar no meio do <i>hostel</i> e parecia um labirinto, mas quando a gente abriu o quarto era um quarto excepcional, fenomenal, foi uma hospedagem excelente nesse <i>hostel</i> que a gente ficou, apesar da aparência muito ruim do lado de fora”.

Pero Vaz de Caminha

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	29
Profissão	Engenheiro Civil
Cidade natal	São Paulo (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	

Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu fiquei em dois <i>hostels</i> ”
Onde foi?	“Esses dois foram em Minas Gerais, um em Brumadinho e outro em Belo Horizonte mesmo”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Eu acho que foi uma tendência <i>né</i> , viajar sem grana, mas mesmo assim com objetivo de viajar, então foi através de amigos e com pesquisas na internet que me fizeram chegar ao <i>hostel</i> ”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“A reserva é pela internet e pelo Whatsapp”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“O principal fator foi a questão financeira, por ser mais barato e também pela experiência, amigos meus já tinham ficado e eu nunca tinha tido essa oportunidade, essa vivência, então quis testar e quis conhecer também”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“A gente usou transporte público, ônibus, e Uber”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Eu acredito que dá uma humanizada, porque o quarto de hotel e outras hospedagens, você fica muito fechado naquele ambiente que você está, então se você viaja com um amigo ou em casal, você fica limitado a isso. No <i>hostel</i> , eu acho que o perfil de usuário do <i>hostel</i> é diferente, eles acabam estando mais abertos a conversar, ao diálogo, a fazer amizades e a formar um novo vínculo, pra aquele momento. Talvez amizades fiquem por anos, mas pelo menos naquele momento, aquelas pessoas estão ali dispostas a ser seu amigo, a ajudar, a curtir a viagem junto com você, porque todo mundo <i>tá</i> mais ou menos no mesmo barco, no mesmo conceito, e <i>tá</i> todo mundo no mesmo lugar <i>né</i> , então acho que os objetivos são bem próximos, acho que <i>dá pra</i> fazer uma troca de experiências muito boa”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“A atenção dos proprietários, eu acho que fica mais humano. Como quem me atendeu foi o dono, e o dono também trabalha no <i>hostel</i> , ele chama pelo nome, ele acaba sendo mais atencioso, você não é um número, você não é uma cédula que vai pagar, você é uma pessoa que tem gostos diferentes, que acorda em momentos diferentes, em hora diferente dos outros, que come coisas diferentes e que tem um perfil diferente, e eu acho que houve muito essa personalização, é:: do sorriso, do olhar, do trato, acho que essa questão foi uma das coisas que mais me chamou atenção, no sentido de ser muito bem tratado”.

Phileas Fogg

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	23
Profissão	Auxiliar Administrativo
Cidade natal	Vinhedo (Brasil)
Onde vive atualmente	Vinhedo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Esse é o segundo”.
Onde foi?	“Esse em Caxias do Sul e o outro foi em São Paulo mesmo”.

COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Foi indicação de amigos meus, me indicaram um site, que é o HostelWorld e por lá eu acabei localizando esses dois <i>hostels</i> ”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Pelo HostelWorld as duas vezes”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Com certeza a questão de custo, são acomodações bacanas, acessíveis”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Em São Paulo foi metrô e ônibus e aqui eu vim de avião, e depois de Uber”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Você interagir com as pessoas, porque você <i>tá</i> compartilhando os espaços, você <i>tá</i> sempre conversando com pessoas novas, interagindo com essas pessoas e dá uma atmosfera diferente <i>né, aí</i> você tem mais indicação, mais coisas pra trocar, culturalmente”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Não tive nenhum fato marcante”.

Richard Francis Burton

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	34
Profissão	Analista de Telecomunicações
Cidade natal	Guararapes (Brasil)
Onde vive atualmente	São Paulo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Só tive uma experiência em <i>hostel</i> ”.
Onde foi?	“Foi em Morro de São Paulo, na Bahia”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Através de pesquisas pela internet, achei o valor do <i>hostel</i> muito atrativo, até pelo momento que eu fui era época de Copa do Mundo e tal, tava bem concorrido e o preço tava bem legal, então resolvi partir pro <i>hostel</i> mesmo, até + foi uma experiência, porque eu nunca tinha ficado em nenhum <i>né</i> , foi mais pra conhecer mesmo, até fiquei em quarto particular e não dividi quarto, tive meu banheiro privativo e tal e essas coisas”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Fiz a reserva por e-mail”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , nessa vez que se hospedou?	“Foi o preço e a localização, era bem localizado, era legal”.
Que meio de transporte você utilizou para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Meio de transporte foi o público. Na maioria das minhas viagens só uso público, pego ônibus, metrô, último caso o taxi”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Basicamente o custo-benefício mesmo, o valor tava bem legal”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu nessa vez que se hospedou em <i>hostel</i> .	“Como eu não tive outras experiências em <i>hostel</i> , eu não tive nenhum fato marcante. Tudo saiu conforme o planejado e foi bem válido a estadia. Porém nas outras que eu fiz eu já parti mais pra pousada, acomodações tipo pousada, que onde a cama é melhor, sistema de comida, café da manhã que eles servem são melhores.”

	O <i>hostel</i> que eu fiquei era muito básico, era só cafezinho e um pão com manteiga, então, assim, se eu quisesse algo eu tinha que comprar e fazer lá na cozinha compartilhada, então já que é uma viagem, assim, algumas regalias eu prefiro, então as vezes um café da manhã é bem válido, então eu parto mais pra parte de pousada do que <i>hostel</i> , me sinto melhor em pousada. Então as últimas que eu fiz foram em pousadas, não fiquei em <i>hostel</i> e também utilizei o AirBnb né, a última viagem que fiz utilizei o AirBnb, aluguei uma casa e foi bem legal”.
--	--

Robyn Davidson

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	35
Profissão	Bióloga
Cidade natal	Rio de Janeiro (Brasil)
Onde vive atualmente	Rio de Janeiro (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Foram seis”.
Onde foi?	“Na Austrália, na Indonésia, e esse no Brasil”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Na Austrália se chama Gumtree, que é um site de busca, pelo AirBnb, e no Brasil Cama e Café, Decolar, Booking. Quando eu resolvi fazer o intercâmbio, as primeiras coisas que eu fui procurar foi pessoas que já tinham feito intercâmbio e aí me deram dicas pra entrar no site de buscas de moradias e comunidades no Facebook e lá eu acabava buscando informações sobre os <i>hostels</i> ”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Por esses sites aí que eu te falei. Mas com muito medo <i>sabe</i> , porque a gente houve muitas histórias de gente que fez a reserva e chegou lá e não tá, o maior medo é esse, <i>cê tá</i> num local que você não conhece ou país que você não fala a língua direito e chegar lá e não <i>tá</i> reservado e ter que pagar caro + então é rezando pra dar certo”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“A informalidade. Você estar em contato com pessoas de variedade de cultura, ensinamentos, comida, experiências e aí estar em contato mais próximo e aí estar em contato também com o morador, que aí você vivencia mais ainda as coisas, as dicas da região, diferente de um hotel onde você mal consegue falar com ninguém, aquela coisa muito formal”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Taxi, ônibus foi poucas vezes. Na Indonésia era moto taxi. E, às vezes, a pé”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	Já respondida anteriormente.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Fiquei num <i>hostel</i> em Bali que era uma casa grande que eram os quartos separados, suíte separada, tinha um templo e tinha o jardim e tive um carinho muito grande com o cara, o dono do <i>hostel</i> e ele teve um carinho muito grande com nós, no caso eu fui com meu ex-marido, que ele quis fazer um jantar pra nós, com comida típica de lá. Essa comida é um frango que é

	cozinhado por 24 horas. E eu achei aquilo magnífico, nós ficamos sete dias lá e isso foi no final da viagem e ele recebeu a gente com muito carinho, então isso foi muito marcante pra mim”.
--	--

Sophie Hall

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	28
Profissão	Arquiteta
Cidade natal	Caxias do Sul (Brasil)
Onde vive atualmente	Caxias do Sul (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Eu já fiquei em quatro <i>hostels</i> até hoje”.
Onde foi?	“Foram em Amsterdã, Berlin, Balneário Camboriú e em Gramado”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“A primeira vez foi uma visita orientada da turma de arquitetura, a gente tinha esse grupo da viagem que a gente comprou passagem por agência, mas os hotéis a gente tinha que escolher por conta e foi sugestão desse professor que a gente ficasse em <i>hostel</i> , que <i>daí</i> a gente poderia ficar em quartos compartilhados, como era uma turma grande, e eram 12 meninas, então por exemplo esse primeiro <i>hostel</i> em Amsterdã, era um quarto com 16 camas, então a gente ficou todas no mesmo quarto. Foi a primeira vez que eu ouvi falar em <i>hostel</i> ”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Em Amsterdã e em Berlin foi o professor que reservou e ele fez contato por e-mail com os dois locais. No de Balneário Camboriú e de Gramado eu fui com colegas para eventos científicos e foi uma colega minha que fez a reserva pelo Booking”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“O primeiro que foi em Amsterdã, foram três critérios que fez a gente optar por aquele <i>hostel</i> e não outro. O primeiro foi o preço, o segundo foi que tinha 16 camas, e também pela localização”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Depois que eu cheguei na cidade, em dois deles eu fui de ônibus e outros dois fui a pé mesmo”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Acho que tem dois diferenciais + tem mais integração entre os hóspedes, por exemplo os que eu fiquei em Amsterdã e em Berlin a gente tinha contato com pessoas de outros países, tinha mais essa troca de experiências no refeitório, tinha essa ligação maior entre as pessoas do que num hotel que cada um fica trancado no seu quarto. Mas tem um aspecto negativa, na minha opinião, que é a privacidade, que se perde em relação a um hotel, por exemplo, e principalmente no caso dos banheiros compartilhados que eu não curto muito”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Um fato marcante foi em Amsterdã, então tudo era novidade para mim. Tinha dois rapazes, que trocavam o valor da estadia por trabalhar lá, então eles faziam tipo + a limpeza dos banheiros. <i>Daí</i> eu me lembro que um dia eu ia usar o banheiro e esse menino tava saindo porque ele tinha ido limpar e tal, eu estranhei muito na hora e achei muito curioso essa possibilidade de trocar a hospedagem pelo serviço deles. Achei bem

	interessante e curioso”.
--	--------------------------

Thomas Cook

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	35
Profissão	Engenheiro Eletrônico
Cidade natal	São Bernardo do Campo (Brasil)
Onde vive atualmente	Novo Hamburgo (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Que eu me recordo foram em torno de 10, diferentes <i>tá</i> , teve alguns que eu fiquei mais de uma vez no mesmo lugar”.
Onde foi?	“No Brasil foram dois em Gramado, um em Cambará do Sul, um em Florianópolis, Parati no Rio de Janeiro, outro na Ilha Grande no Rio de Janeiro, e fora do Brasil eu fiquei em Punta Del Este, Montevidéo, Colônia do Sacramento e Buenos Aires”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Foi através de um amigo que abriu um em Florianópolis, então na verdade eu fui visitar ele lá, conheci, gostei do sistema e depois mais pra frente, em outra vez que eu fui eu acabei ficando nesse <i>hostel</i> dele”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Algumas reservas eu liguei no próprio <i>hostel</i> , quando eu já havia ficado, peguei o contato e liguei lá, mas geralmente a primeira vez que eu vou, eu faço pela internet, uso o Booking, ou alguma outra página de hospedagem em <i>hostel</i> ”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Gostei na proposta do lugar, além do custo também, lógico, mas também vai uma galera mais nova, todo mundo <i>tava</i> no mesmo espírito ali de viajar, conhecer lugares diferentes, pessoas diferentes, então foi o clima mesmo, o tipo de acomodação, coisa mais jovial, assim”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Geralmente eu vou de carro mesmo, vou com meu carro próprio, paro, estaciono em algum lugar próximo do <i>hostel</i> e vou. E já fui algumas vezes de ônibus também”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Foi o que citei, custo mais baixo, questão do clima do lugar, as pessoas, todo esse ambiente de: + pra viajar mesmo, pra se divertir, pra conhecer pessoas, pra experiência, acho que essa seria a palavra correta, experiência”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Um fato marcante que posso citar foi a XXX, eu conheci ela nesse <i>hostel</i> do meu amigo em Florianópolis. A gente se hospedou na mesma época, a gente não se conhecia e conversando, fomos descobrindo algumas coisas em comum, os dois de São Paulo, os dois gostavam de viajar, a gente pegou uma amizade que perdura até hoje e acho que fazem uns 10 anos já. Quando eu vou pra São Paulo a gente marca de se ver, a gente já foi viajar junto, já ficamos em outros <i>hostels</i> em outros lugares + então acho que isso aí, a amizade que eu fiz”.

Vasco da Gama

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	32

Profissão	Técnico de informática
Cidade natal	Lençóis (Brasil)
Onde vive atualmente	Joinville (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Essa é a primeira vez que me hospedo em <i>hostel</i> ”. (Guarda do Embaú, Santa Catarina)
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“Na verdade eu embarquei com um grupo de amigos e eles que fizeram toda a questão do aluguel e:: na verdade nesse <i>hostel</i> a gente parou por acaso, porque a gente <i>tava</i> indo pra outro lugar e tal + e <i>daí</i> acabou encontrando uma vaga nesse aqui”.
Como você fez a reserva da acomodação?	Foi respondida anteriormente.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“Primeiramente o custo-benefício <i>né</i> , que é sempre bem em conta em relação ao hotel e até pela questão de liberdade <i>né</i> , a gente consegue fazer coisas que em outro lugar a gente não consegue, fumar maconha, beber, conversar até tarde sem hora pra se recolher, essas coisas de liberdade”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Viemos de carro próprio”.
Vocês estão aqui desde quando?	“Desde ontem de noite”
Algum fato marcante que tenha acontecido de ontem pra cá?	“O que me impressionou, assim, é a atenção da dona <i>né</i> , a pessoa que recebeu a gente, ela é muito atenciosa + geralmente isso não é tão frequente + a questão do bem-estar, preocupar com o bem-estar é sempre louvável + achei legal, assim.”

Yone Trotta

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO	
Idade	45
Profissão	Regente
Cidade natal	São Paulo (Brasil)
Onde vive atualmente	Campinas (Brasil)
VÍNCULO DO ENTREVISTADO COM HOSTELS	
Em quantos <i>hostels</i> você já se hospedou?	“Durante toda a minha vida acho que em uns 10 ou mais”.
Onde foi?	“Já fiquei em Chicago, Inhotim (em dois), em Roma, Madri, Barcelona, Florença, Veneza, Lisboa, esses são os que eu consigo me lembrar”.
COMUNICAÇÃO-TRAMA	
Como você ficou sabendo dessa possibilidade de hospedagem em <i>hostel</i> ?	“A primeira vez que eu viajei pra Europa eu <i>tava</i> de mochila, era uma viagem bem econômica e o meu namorado, na época, me disse que essas eram as opções mais baratas pra gente poder viajar por bastante países”.
Como você fez a reserva da acomodação?	“Ultimamente eu fiz pelo AirBnb, mas naquela época eu tinha aquela carteirinha do HI Hostel, <i>sabe</i> ? Mas acho que eu fiz pela internet mesmo, eu devo ter achado em algum site de HI Hostel mesmo, acho que dos sites dos <i>hostels</i> ”.
TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	
O que fez você optar por <i>hostel</i> , na primeira vez que se hospedou?	“O primeiro <i>hostel</i> que eu fiquei foi em Roma e era caríssimo ficar em hotel, na época não tinha outras opções, mas também alguns outros <i>hostels</i> a localização era mais legal do que hotéis ou lugares com

	o mesmo preço, mas a localização era melhor”.
Que meio de transporte você geralmente utiliza (ou utilizou) para chegar ao <i>hostel</i> ?	“Ah, transporte público, ônibus ou trem, metrô, dependendo da cidade. Eu viajo econômico. Ah, ultimamente também Uber”.
Que aspectos você destaca como diferenciais do <i>hostel</i> em relação aos outros meios de hospedagem?	“Então + num <i>hostel</i> geralmente a localização é o que atrai mais, geralmente são bem centrais perto de tudo e também se você viaja sozinho é mais fácil de você se relacionar com outras pessoas. O <i>hostel</i> geralmente tem programações também, você não fica como num hotel, por exemplo, que você fica ali só descansando <i>né</i> , então o <i>hostel</i> te proporciona outro tipo de atividades na cidade que você <i>tá</i> ”.
Descreva algum fato marcante que aconteceu em alguma de suas hospedagens em <i>hostels</i> .	“Um fato marcante negativo foi que uma vez eu estava num <i>hostel</i> com meu namorado, num quarto com oito pessoas e chegaram estrangeiros falando alto no meio da noite e isso foi bem negativo, falando alto e aí nós brigamos, enfim, foi uma coisa chata. Ou outro que tinha uma máquina de lavar do lado do meu quarto. Um fato positivo foi que num <i>hostel</i> que eu fiquei acho que foi em Veneza, um lugar surpreendente, tinham pessoas bacanas, receptivas, era mais interessante que alguns hotéis que eu fiquei, era um quarto privativo, <i>sabe</i> , a surpresa, você chega no <i>hostel</i> e ele é melhor do que você esperava”.